



Mestrado em Gestão Cultural

# **Estratégias para o desenvolvimento do artesanato contemporâneo na Madeira**

Mirla da Silva Fernandes

Dissertação para obtenção do  
Grau de Mestre em Gestão  
Cultural

Orientador: Professora Doutora  
Maria Isabel da Câmara Santa  
Clara Gomes Pestana

**Funchal, Novembro de 2010**

## **Dedicatória**

A todos os artesãos e designers que, com as suas mãos, coração e mente, criam com muito amor, talento e humildade.

## **Agradecimentos**

Esta dissertação significou o início de uma nova fase da minha vida que implicou muita investigação, trabalho de campo e troca de ideias. A cada descoberta nova aumentava o meu interesse pelo artesanato. Não poderia, no entanto, ter concretizado este projecto sem a preciosa colaboração e apoio de algumas pessoas. Para elas, dedico algumas palavras de agradecimento.

No percurso desta pesquisa, muitas foram as entidades que colaboraram comigo, nomeadamente o Museu Etnográfico, na pessoa da Dr.<sup>a</sup> Lúcia Góes Ferreira; o IVBAM, através da Eng.<sup>a</sup> Paula Cabaço, Eng.<sup>a</sup> Isabel Delgado e Dr.<sup>a</sup> Nádia Meroni; o CRAT, na pessoa da sua Directora, a Dr.<sup>a</sup> Graça Ramos; algumas pessoas com quem tive o prazer de conversar na I Convenção de Artes e Ofícios, o Dr. Miguel Oliveira, que, infelizmente, já não está entre nós, a Dr.<sup>a</sup> Conceição Rios, a estilista Marita Setas Ferro e a Dr.<sup>a</sup> Maria João Pires. As suas contribuições encurtaram e melhoraram os trilhos deste projecto.

Aos artesãos entrevistados nas feiras de artesanato que prontamente responderam às minhas questões, com observações críticas que ajudaram a definir, com maior precisão, a forma e o conteúdo deste trabalho.

Aos artesãos e designers contemporâneos que me mostraram o lado criativo do nosso artesanato: Susana Ornelas, Helena Alencastre, Luz Ornelas, Luísa Spínola, Nelson Henriques, Carmen Molina, Paula e Duarte Gomes; Orlando Góis, Maria Jaime Freitas, Madalena Freitas e Tânia Nóbrega, pela forma afectuosa com que me acolheram, pela disponibilidade e atenção.

Aos meus colegas de trabalho do Município da Ponta do Sol que, neste último ano, ouviram os meus desabafos com muita paciência e carinho: Dr. Norberto Pita e Dr.<sup>a</sup> Maurícia Gabriel. Aos meus superiores hierárquicos, Eng.<sup>o</sup> Rui Marques, Prof. Inácio Silva, Sr. António Ramos e Eng.<sup>a</sup> Ana Vera Cruz pelo apoio e compreensão. Uma palavra especial ao Prof. Inácio que sempre me ouviu com muito interesse, acompanhando a pesquisa, desde o início.

Aos meus colegas da Casa do Povo da Ponta do Sol pela compreensão, aquando das minhas ausências: Dr.<sup>a</sup> Teresinha Santos, Dr.<sup>a</sup> Marlene Alves e Sr.<sup>a</sup> Gracinda Soares.

Agradeço à minha orientadora Prof. Doutora Isabel Santa Clara pelo estímulo, disponibilidade e paciência, no acompanhamento deste trabalho, proporcionando sugestões

muito produtivas. Agradeço, igualmente, à Directora do Mestrado que sempre se mostrou disponível para me ajudar, assim como a todos os professores que tive oportunidade de ouvir ao longo destes dois anos de Mestrado.

Aos meus amigos pela paciência que sempre me dedicaram quando o único assunto que me moldava o espírito era o artesanato. Um reconhecimento especial à Délia, pelas palavras de motivação, atenção e carinho, contribuindo activamente no processo de pesquisa; à Liliana, pelas sugestões produtivas, encorajamento e disponibilidade e à Andreia pela partilha de receios, dúvidas e alegrias.

Um agradecimento particular aos meus pais, Manuel e Maria Ângela, à minha avó Ângela e aos meus irmãos Nelson, Nancy, Miguel e Erika, de quem tenho recebido não só neste ano, mas ao longo de toda a minha vida, muito amor, carinho, apoio e compreensão.

A todas estas mãos que me ajudaram a tecer esta manta de retalhos criativos, expresso o meu mais sincero agradecimento e reconhecimento.

## Resumo

O artesanato, sendo uma componente fundamental da cultura e identidade de uma região, está sujeito à mudança. Esta evolução processa-se através do aparecimento de novas matérias-primas, tecnologias, formas de expressão estética e figurativa, assim como das novas preferências dos consumidores. Nesta perspectiva, a mudança passa por salvaguardar as raízes tradicionais explorando novas potencialidades, através dos caminhos da inovação, criatividade e sustentabilidade.

Este estudo propõe algumas estratégias para desenvolver o artesanato contemporâneo na Madeira. Estas nasceram, porém, de um percurso prévio moldado pelo estudo generalizado da actual situação do sector das artes e ofícios em Portugal e pelo estabelecimento de evoluções e inter-relações entre os conceitos de artesanato; artesanato tradicional; artesanato urbano; artesanato contemporâneo e design.

Neste trabalho são estudadas, também, algumas tendências para o sector das artes e ofícios, nos próximos anos, frutos da actual conjuntura socioeconómica e da necessidade de conjugação da inovação, do design, do respeito pelo meio ambiente e pela tradição. As entidades e a regulamentação pública existente sobre artesanato também têm o seu lugar nesta investigação, uma vez que são a base de muitas das mudanças positivas no sector das artes e ofícios.

Este estudo dá a conhecer alguns dos artesãos contemporâneos da Madeira e alguns projectos de parcerias entre artesãos e designers, exemplos que se revelaram eficazes e que devem ser adoptados cada vez mais. O futuro do artesanato na Madeira e em Portugal, está, segundo esta pesquisa, inteiramente relacionado com a capacidade dos artesãos colorirem as suas ferramentas de trabalho com as seguintes cores: inovação, criatividade, sustentabilidade, diferenciação, interdisciplinaridade e revitalização da tradição. A sociedade actual necessita de alternativas criativas e só atendendo a estes aspectos os artesãos conseguirão triunfar num mundo cada vez mais competitivo, massificado e globalizado.

Palavras-chave: artesanato contemporâneo; artesanato urbano; artesanato tradicional; design; parceria, inovação; sustentabilidade.

## **Abstract**

Crafts, as a key component of a region's culture and identity, are always facing changes. This development takes place through the emergence of new raw materials, technologies, forms of aesthetic and figurative expression, as well as new consumer preferences. In this perspective, the change happens to shield the traditional roots, exploring new possibilities through the paths of innovation, creativity and sustainability.

This study proposes some strategies to develop contemporary crafts in Madeira. However, these strategies were born of a previous study shaped by the current situation in arts and crafts' field in Portugal, and from the establishment and promotion of the relationships between concepts of handicrafts; traditional handicrafts; urban handicrafts; contemporary handicrafts and design.

This work also studies some trends for arts and crafts in the coming years, build on the socio-economic juncture and the need of combining innovation, design, respect for the environment and tradition. Entities and laws governing the handicraft's field also have their place in this research, since they are the basis of some recent positive changes.

This study presents some contemporary craftsmen of Madeira and several partnership projects between artisans and designers, examples that have proved to be effective and which must be adopted increasingly. The future of crafts in Madeira and Portugal in general is, according to this survey, entirely related to the ability of the craftsmen to paint their work tools with the following colors: innovation, creativity, sustainability, differentiation, interdisciplinarity and tradition's revitalization. Today's society requires creative alternatives and only paying attention to these aspects craftsmen will triumph in a competitive and globalized world.

**Keywords:** contemporary crafts; urban crafts; traditional crafts; design; partnership, innovation; sustainability.

# Índice

<b>DEDICATÓRIA .....</b>	<b>II</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>III</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>V</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>VI</b>
<b>ÍNDICE .....</b>	<b>VII</b>
<b>LISTA DE SIGLAS.....</b>	<b>XII</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
Enquadramento.....	1
Objectivos do Trabalho .....	2
Metodologia.....	3
Estrutura da Dissertação .....	4
<b>PRIMEIRA PARTE: CONCEPTUALIZAÇÃO E TEORIZAÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO 1: ARTESANATO.....</b>	<b>5</b>
1.1 Enquadramento Histórico .....	5
1.2 Definição do Conceito.....	7
1.3 Funções.....	9
1.4 Tipologias do artesanato.....	12
1.4.1. Artesanato tradicional .....	12
1.4.2 Artesanato contemporâneo.....	13
1.4.2.1 Algumas notas históricas sobre o artesanato contemporâneo em Portugal.....	16
1.4.3 Artesanato urbano .....	18
1.5 Artesanato ou Arte? Artesão ou artista? .....	20
<b>CAPÍTULO 2. DESIGN.....</b>	<b>24</b>
2.1 Enquadramento histórico.....	24
2.2 Definição do Conceito.....	26
2.3 Considerações finais.....	27
2.3.1 Curiosidade - o Exemplo Brasileiro .....	27
<b>SEGUNDA PARTE: TRADIÇÃO VERSUS INOVAÇÃO.....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO 1. A INFLUÊNCIA DO DESIGN NO ARTESANATO .....</b>	<b>31</b>

CAPÍTULO 2. ACTUALIZAÇÃO/RECUPERAÇÃO DO ARTESANATO TRADICIONAL. ....	34
2.1 Inovação .....	34
2.2 “Refuncionalização” .....	36
2.3 Respeito pelo tradicional .....	37
2.4 Reinventar com Design .....	38
2.4.1 Parcerias de sucesso .....	38
Projecto: “Desenhar a Tradição” .....	39
Projecto: “Velhos Saberes Nova Tendências” .....	39
Projecto: “Velhas Técnicas Novos Conceitos” .....	40
Projecto: “Leveza – Reanimar a Filigrana” .....	40
Marita Setas Ferro e Conceição Rios.....	41
Filipe Faísca e artesãs de Montemuro.....	42
Uma parceria com bonecas de massa.....	45
2.4.2 Artesãos com alma .....	45
Isilda Parente.....	45
Projecto A2 .....	46
2.4.3 Colaboração de artesãos em projectos de artistas plásticos .....	46
Joana Vasconcelos .....	46
CAPÍTULO 3. A CERTIFICAÇÃO.....	47
CAPÍTULO 4. O FUTURO PASSA PELA FORMAÇÃO .....	48
Considerações finais .....	49

**TERCEIRA PARTE: CONJUNTURA CULTURAL E SÓCIO-ECONÓMICA DA  
PRODUÇÃO ARTESANAL ACTUAL ..... 50**

CAPÍTULO 1. A CRISE FINANCEIRA, AS NOVAS TENDÊNCIAS, OS INCENTIVOS AO EMPREENDEDORISMO E A LIGAÇÃO COM O TURISMO E COM A ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA. .....	50
1.1 A crise inspira-nos: o Planeta agradece.....	50
1.1.1 Tendências para 2011 no sector do artesanato e design .....	53
1.1.2 Alma Lusa – Porque o que é nosso é bom .....	55
1.1.3 Subli+ - Estampagem de ideias .....	56
1.1.4 Projecto Remade .....	56
1.2 A Economia Social e Solidária.....	57
1.3 Incentivos ao empreendedorismo – Prémio Nacional de Artesanato .....	59
1.4 O Turismo como motor de desenvolvimento do artesanato .....	60
1.5 A Importância da Internet – “Artesãos Digitais” .....	61

1.6 A Regulamentação Pública do Sector das Artes e Ofícios .....	62
1997 – PPART (Programa para a Promoção dos Ofícios e Microempresas Artesanais) 63	
2001 – Diploma do Estatuto de Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal .....	64
2002 – Republicação do Decreto-Lei nº 41/2001 de 9 de Fevereiro .....	65
2003 – Processo de Reconhecimento de Artesãos e UPA’s .....	65
2004 – Símbolos de qualidade nos produtos artesanais.....	66
1.7 O Papel do Estado e das Entidades nacionais e regionais ligadas ao sector das artes e ofícios .....	67
IEFP – O Instituto do Emprego e Formação Profissional, IP .....	67
CEARTE – Centro de Formação Profissional do Artesanato .....	69
CRAT – Centro Regional de Artes Tradicionais .....	70
AARN – Associação de Artesãos da Região Norte .....	72
FPAO – Federação Portuguesa de Artes e Ofícios .....	72
IVBAM - Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira, I.P. ....	73
Museu Etnográfico da Madeira.....	74
O Centro Regional de Apoio ao Artesanato (C.R.A.A.).....	75
1.7 Encontros Ibéricos e Nacionais no âmbito do artesanato .....	75
EUROARTE’ 97.....	75
1ª Cimeira de artesãos da Europa e América Latina.....	76
Na Expo 98 - um espaço dedicado ao artesanato através da Iniciativa “Nas Margens”.	76
As Assembleias de Artes e Ofícios – 1999/2000.....	76
O I Simpósio de Artes e Ofícios dos Açores, no ano 2000.....	77
Iberiona 2001, 2003, 2005; 2007, 2009 .....	77
Bienal de Artes e Ofícios 2008 .....	77
I Convenção de Artes e Ofícios .....	77
Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios”.....	79
CAPÍTULO 2. LEVANTAMENTO DA SITUAÇÃO DOS ARTESÃOS NA MADEIRA.....	79
2.1 Os artesãos regionais no Registo Nacional de Artesanato.....	81
2.2 Os artesãos regionais na Base de dados do IVBAM .....	83
2.3. Realidade Regional Actual .....	83
2.4 Modalidades de comercialização.....	84
2.4.1 Madeira-in-a-Box.....	85
2.4.1 Feiras de artesanato: Madeira versus Portugal Continental .....	87
2.4.2 Feiras de artesanato na RAM: de 1997 a 2005.....	91
2.4.3 Resultados dos Inquéritos realizados aos “artesãos” das feiras 2009/2010 .....	92

CAPÍTULO 3. ALGUNS DADOS ESTATÍSTICOS SOBRE O SECTOR DO ARTESANATO EM PORTUGAL	96
3.1 Estatísticas - Registo Nacional de Artesanato .....	96
CAPÍTULO 4. PUBLICAÇÕES – ARTES E OFÍCIOS .....	99
4.1 Publicações Regionais: Xarabanda e Folclore.....	99
4.2 Publicações Nacionais: Revista de Artes e Ofícios - Mãos.....	100
<b>PARTE IV - ARTESANATO CONTEMPORÂNEO NA MADEIRA.....</b>	<b>103</b>
1.1 Susana Ornelas .....	105
1.1.1 Notas Biográficas .....	105
1.1.2 Peças e Matérias-Primas .....	106
1.1.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos).....	106
1.2 Helena Alencastre.....	108
1.2.1 Notas Biográficas .....	108
1.2.2. Peças e Matérias-Primas .....	109
1.2.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos).....	109
1.3 Maria Luz Ornelas .....	111
1.3.1 Notas Biográficas .....	111
1.3.2 Peças e Matérias-Primas .....	112
1.3.3. Eventos (Exposições, Feiras e Concursos).....	112
1.4 Carmen Molina .....	114
1.4.1 Notas Biográficas .....	114
1.4.2 Peças e Matérias-Primas .....	115
1.4.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos).....	115
1.5 Maria Jaime Freitas .....	118
1.5.1 Notas Biográficas .....	118
1.5.2 Peças e Matérias-Primas .....	118
1.5.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos).....	119
1.6 Madalena Freitas .....	121
1.6.1 Notas Biográficas .....	121
1.6.2 Peças e Matérias-Primas .....	121
1.6.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos).....	122
1.7 Orlando Góis .....	123
1.7.1 Notas Biográficas .....	123
1.7.2 Peças e Matérias-Primas .....	123
1.7.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos).....	125
1.8 Azul Desejo – Paula e Duarte Gomes .....	127

1.8.1 Notas Biográficas .....	127
1.8.2 Peças e Matérias-Primas .....	128
1.8.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos).....	129
1.9 Auoa Handmade .....	130
1.9.1 Notas Biográficas .....	130
1.9.2 Peças e Matérias-Primas .....	130
1.9.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos).....	131
1.10 Tânia Nóbrega .....	131
1.10.1 Notas Biográficas .....	131
1.10.2 Peças e Matérias-Primas .....	132
1.10.3 Eventos (Exposições, Feiras e Prémios).....	133
Considerações Finais .....	133
<b>PARTE V - ESTRATÉGIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ARTESANATO</b>	
<b>CONTEMPORÂNEO NA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA.....</b>	<b>134</b>
1. Formação - o motor impulsionador do Sector .....	134
2. Marca “Artesanato da Madeira” .....	138
3. Criação de uma Associação de Artesãos da RAM: MatériaPrima.....	141
4. Criação de uma base de dados actual de artesãos regionais .....	142
5. Espaço comercial – Artesanato contemporâneo .....	143
6. Estratégica turística – Guia de artesanato da RAM .....	144
7. Exposição Colectiva de Artesãos Contemporâneos da RAM.....	144
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>147</b>
<b>ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES .....</b>	<b>151</b>
<b>ÍNDICE DE TABELAS .....</b>	<b>152</b>
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS.....</b>	<b>152</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>153</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>167</b>

## **Lista de Siglas**

AARN – Associação de Artesãos do Norte

CEARTE – Centro de Formação Profissional do Artesanato

CRAA – Centro Regional de Apoio ao Artesanato (Açores)

CRAT – Centro Regional de Artesanato Tradicional

FPAO – Federação Portuguesa de Artes e Ofícios

IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional, IP

IVBAM – Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira, I.P.

MEM – Museu Etnográfico da Madeira

PPART – Programa de Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais

# Introdução

## Enquadramento

“Curiosidade, criatividade, disciplina e especialmente paixão são algumas exigências para o desenvolvimento de um trabalho criterioso, baseado no confronto permanente entre o desejo e a realidade.”

Mirian Goldenberg

O fascínio pelo mundo do artesanato e, em especial pelas novas tipologias que têm surgido na contemporaneidade, motivou este estudo. As artes e ofícios têm um papel muito importante na afirmação das identidades locais, mantendo e preservando um vasto espólio de memórias e património etnográfico e dando a conhecer, assim, a realidade social, cultural e económica de uma determinada região. Nas últimas décadas, começaram a surgir intervenções e mudanças cada vez mais frequentes e sistemáticas na produção artesanal, promovidas por alguns organismos públicos mas, na sua grande maioria, por privados. Actualmente, apesar da assimilação comum de uma infinidade de instrumentos tecnológicos, a utilização de objectos artesanais no nosso quotidiano permanece ainda muito expressivo.

A crescente taxa de desemprego, a actual crise económica e sociocultural fizeram com que as pessoas passassem a dar mais importância ao sector do artesanato, representando esta uma oportunidade de ocupação de mão-de-obra. Deste modo, o artesanato é, para muitos, uma opção estratégica para reduzir a pressão social causada pelo desemprego, funcionando, também, como fuga à rotina diária, como ocupação de tempos livres ou até mesmo como realização pessoal. É de salientar o potencial do artesanato e das pequenas empresas no mercado como geradoras de emprego, desenvolvimento e, simultaneamente, como factor-chave de estabilidade económica e social do país. É necessário promover e valorizar a imagem no sector, assim como é importante incrementar a formação e a aposta na competitividade e inovação nas unidades produtivas artesanais.

De um modo geral, o artesanato é encarado como uma profissão menor. Tal ideia advém, em parte, de uma mentalidade que associa os ofícios tradicionais a más condições de trabalho e a baixas remunerações. Esta forma de pensar tem vindo a alterar-se, principalmente, devido ao aparecimento de novos artesãos, dos artesãos contemporâneos, que, através do design, da inovação, da criatividade, do respeito pelo tradicional e pelo

meio ambiente, criam peças surpreendentes, inspiradoras e que contam histórias. Revalorizam, assim, a actividade, vindo ao encontro de uma crescente procura de objectos menos estandardizados e mais personalizados, que trazem em si a presença de matérias menos transformadas e a marca da mão que as trabalhou. Em suma, objectos que respondem a uma nostalgia daquilo a que Walter Benjamin chamou a “aura” própria das peças únicas. No início, este estudo estava mais focado para o artesanato na Madeira, mas à medida que a investigação foi se aprofundando, novos rumos permitiram outras abordagens, nomeadamente aos problemas que afectam o sector não só na Região, mas em Portugal Continental, aos projectos e entidades que vivem com o artesanato no coração.

No âmbito do Mestrado em Gestão Cultural, é elaborado, então, este documento de reflexão que pretende, entre outros aspectos, equacionar o estado da questão relativamente às iniciativas individuais e aos apoios institucionais na nossa Região e no País, no âmbito do sector das artes e ofícios.

### **Objectivos do Trabalho**

Foram definidos os seguintes objectivos para este trabalho:

- Compreender e encontrar uma possível definição para os conceitos de artesanato; artesanato tradicional, artesanato urbano, artesanato contemporâneo e design, as suas evoluções e inter-relações;
- Entender de que forma a conjugação da inovação, do design, do respeito pelo meio ambiente e pela tradição pode ajudar a fomentar o sector das artes e ofícios;
- Perceber como podem os artesãos triunfar na actual conjuntura cultural e socioeconómica;
- Identificar as entidades que têm desenvolvido um papel importante no artesanato e quais têm sido as conquistas das mesmas, no que concerne à regulamentação pública do sector das artes e ofícios;
- Observar em que situação se encontra o artesanato na Madeira e em Portugal, em termos estatísticos;
- Dar a conhecer alguns artesãos contemporâneos da Madeira;
- Propor algumas estratégias para desenvolver o artesanato contemporâneo na Região.

## **Metodologia**

Quando iniciei a minha pesquisa bibliográfica sobre artesanato contemporâneo e a pesquisa pelas feiras regionais comecei a duvidar de que existisse realmente este tipo de artesanato na Região. Os motivos desta procura infrutífera estavam relacionados com dois aspectos. A bibliografia sobre o sector das artes e ofícios é escassa e com a temática artesanato contemporâneo é quase inexistente. E a maioria dos artesãos contemporâneos da Região já não participa tão assiduamente em feiras. Tive de recorrer a outros meios de investigação que implicaram trabalho de campo e contacto directo com os intervenientes no processo, nomeadamente entrevistas a artesãos e participação em eventos da especialidade. A necessidade de clarificar a situação actual do artesanato contemporâneo, dos seus protagonistas e estratégias, obrigou a dar menor peso ao aprofundamento de questões teóricas.

O desenvolvimento deste estudo foi realizado em sete fases:

1. Pesquisa, levantamento, recolha bibliográfica e leitura crítica sobre o artesanato contemporâneo. De salientar que a bibliografia referente a este assunto é deveras escassa.
2. Inquéritos aos artesãos das feiras regionais. Entrevistas aos artesãos que não participam assiduamente nas feiras, a designers e a várias personalidades e entidades do sector das artes e ofícios, a nível nacional e regional, tais como: Graça Ramos (CRAT); Conceição Rios (Artesã); Marita Setas Ferro (designer), Maria João Pires (designer), Miguel Oliveira (presidente da AARN); Paula Cabaço (IVBAM), Lúcia Góes Ferreira (MEM), entre outros.
3. Visitas a feiras regionais (Cores, Mercarte, Made in Caniço...) e nacionais (Artesanatus no Porto), a locais de comercialização (Águas Furtadas no Porto), e visitas a bibliotecas (na Madeira e no Porto).
4. Participação na I Convenção de Artes e Ofícios, nos dias 27 e 28 de Março de 2010 e no Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios”, no dia 21 de Outubro de 2010, sendo que ambos os eventos foram realizados no Porto.
5. Procedeu-se à análise, tratamento e síntese dos dados recolhidos.
6. Estabelecimento de estratégias de desenvolvimento do artesanato contemporâneo na Madeira.
7. Redacção final da tese.

## **Estrutura da Dissertação**

Formalmente este trabalho foi dividido em cinco partes.

A Primeira Parte desta dissertação destina-se à conceptualização e teorização dos conceitos: artesanato; artesanato tradicional; artesanato contemporâneo; artesanato urbano e design. A definição destes conceitos, embora não seja estanque nem definitiva, é importante para evitar confusões entre terminologias.

Na Segunda Parte, será dada importância à actualização e recuperação do artesanato tradicional e à influência do design e da inovação no artesanato contemporâneo. Devemos preservar o tradicional ou revitalizá-lo? Como iniciar um processo sustentado de desenvolvimento do artesanato, preservando as referências culturais, porém moldando os produtos às expectativas do mercado? Proponho uma reflexão sobre as estratégias mais apropriadas para o desenvolvimento da produção artesanal e das contribuições do design neste processo.

A Terceira Parte deste trabalho abordará a conjuntura cultural e socioeconómica da produção artesanal actual, nomeadamente a efectiva crise económica, os incentivos ao empreendedorismo, as novas tendências, a ligação com o turismo e com a Economia Social e Solidária e os apoios que existem ou deveriam existir por parte do Estado e das Associações aos artesãos. O artesanato, enquanto produto com valor de troca, obedece às leis universais do mercado, da oferta e da procura, por isso estar atento às novas tendências de mercado e conseguir adaptar-se à crise e às contrariedades actuais é importante no sector das artes e ofícios.

A Quarta Parte é reservada totalmente aos artesãos contemporâneos na Madeira, abordando as matérias-primas utilizadas, as peças concretizadas, os eventos em que participam e o reconhecimento de que já foram alvo.

Como objectivo final, esta dissertação apresenta algumas estratégias de incentivo à produção de artesanato contemporâneo na Região Autónoma da Madeira, designadamente através das seguintes medidas: criação de uma escola de artes e ofícios e de um espaço comercial dedicado aos artesãos contemporâneos; implementação da marca “Artesanato da Madeira” e uma maior divulgação do sector nos guias turísticos da Região; criação de uma associação de artesãos e de uma base de dados actualizada dos artesãos regionais e, finalmente, a realização de uma exposição de artesãos contemporâneos na RAM.

## **Primeira Parte: Conceptualização e teorização**

Ao longo da pesquisa realizada para a elaboração desta tese, deparei-me com muitas dificuldades, particularmente no que diz respeito à definição de conceitos associados ao artesanato e às suas diferentes tipologias.

As fronteiras e limites entre os binómios “artesanato e arte” e “artesão e artista” confundem-se. As diferentes tipologias de artesanato, nomeadamente artesanato tradicional, contemporâneo, urbano e artístico são conceitos deveras tangentes e que causam muita confusão no mundo das artes e ofícios actuais. Existem muitas noções contraditórias e é urgente regularizar um discurso com que todos se identifiquem.

Nas próximas páginas passarei a expor conceitos, referidos anteriormente, que encontrei ao longo da pesquisa e que me pareceram objectivos, claros e dotados de eficácia operativa. Com estas noções bem assentes, será mais fácil entender a actual conjuntura nacional e regional, no que diz respeito ao artesanato.

### **Capítulo 1: Artesanato**

#### **1.1 Enquadramento Histórico**

Desde a época do homem das cavernas, em que este desenvolvia utensílios para a caça, agricultura, vestuário, entre outros, o artesanato faz parte da vida da Humanidade. Os tempos mudaram e as artes e ofícios foram sobrevivendo aos constantes progressos da sociedade, apesar da tecnologia e da revolução industrial.

Na Antiguidade clássica, os artífices eram os escravos que trabalhavam para os senhores, fabricavam e vendiam os artefactos, não recebendo, no entanto, qualquer retribuição. O artesão era desprezado, porquanto possuía um saber técnico-productivo que ainda não dominava. Nesta altura, o artesanato não detinha ainda, um estatuto organizativo uma vez que não possuía “personalidade social dada a relação de contiguidade entre o corpo de quem trabalha e o produto trabalhado”<sup>1</sup>. Segundo Aristóteles<sup>2</sup>, não era permitido a utilização de maquinaria na actividade artesanal, porque esta era associada à magia, que desviava os indivíduos da procura da verdade e da natureza.

---

<sup>1</sup> BRUSATIN, Manlio – Artesanato. In Enciclopédia Einaudi. Vol. 3. Artes - Tonal/atonal. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, p. 189.

<sup>2</sup> Apud BRUSATIN, Manlio - Enciclopédia Einaudi, p.190.

“A verdadeira “techné” do artesão, mesmo em Aristóteles, relaciona-se com uma constante fidelidade à tradição, e a identidade da obra terá tanto mais valor quanto mais o artesão a realizar na obediência a esta disciplina. Deste ponto de vista, a obra é incomparavelmente mais importante que o artesão, cuja função social quanto à “polis” reside no valor dos seus produtos, no apreço que eles têm no comércio, isto é, na capacidade de se converterem, graças a uma escala de valores convencionais, em riqueza para o Estado”<sup>3</sup>.

Com a formação do Império Romano, os ofícios eram transmitidos hereditariamente e os artesãos eram ambulantes, trabalhando por conta própria, tendo já adquirido um certo estatuto, como é possível observar nas colunas de mármore onde apareciam representados os ferros do ofício ou o artesão no trabalho, no final do período romano<sup>4</sup>. Durante o Baixo-império e a Alta Idade Média desenvolve-se uma economia acentuadamente rural. Nas aldeias aparecem os artesãos, entre a população serva, que começam a trabalhar em troca de uma retribuição. No século IX, a presença de grupos artesanais nas cidades conhece uma reorganização sem precedentes. O exercício das actividades artesanais passa a ser mais valorizado “quando às “artes liberais” se contrapõem as “artes mecânicas”, ou seja, todos os ofícios em que a prestação de serviços dispensa técnicas elaboradas”, eram muito trabalhosas, mas não requeriam uma aplicação especial do engenho<sup>5</sup>. Entre os séculos X e XII, na Europa ocidental, com o desenvolvimento urbano e comercial, o artesão instala-se na cidade e forma corporações denominadas de guildas. O “burgo” é o primeiro espaço urbano escolhido pela comunidade artesanal, característica da história urbanística das cidades, entre os séculos XI e XIV, onde são características as casas-oficinas do artesão<sup>6</sup>. A partir do séc. XII existem na cidade dois tipos de artesanato: aquele que se preocupa em conquistar o comércio local e o que trabalha para o comércio internacional. Enquanto o primeiro conhece o mercado para que trabalha, o segundo está sujeito às instabilidades de um mercado flutuante, colocando-se à mercê dos grandes mercadores internacionais. O séc. XIII é o século do auge do artesanato. Nos séculos XIV e XV, surge o problema da concorrência, que as corporações resolvem dificultando o acesso à categoria de mestre-artesão. Como resposta, forma-se um artesanato rural que aparece fixado nas aldeias ou com as características de artesanato ambulante. No Renascimento, existe a separação entre artesão e artista, sendo que o primeiro repete mecanicamente um modelo de forma

---

<sup>3</sup> BRUSATIN, Manlio – Op. cit. p. 188.

<sup>4</sup> BRUSATIN, Manlio – Op. cit. p. 196.

<sup>5</sup> BRUSATIN, Manlio – Op. cit. p. 197.

<sup>6</sup> BRUSATIN, Manlio – Op. cit. p. 199.

inconsciente e o segundo cria livremente novas propostas. No séc. XVIII, o desenvolvimento tecnológico vai impor a concentração, em fábricas, do trabalho destes artífices que se transformam, assim, em operários. Com a Revolução Industrial, o artesanato sofre algumas alterações, passando a desempenhar um papel secundário na sociedade. Depois da I Guerra Mundial, o artesanato ganha uma nova vida, respondendo a nichos específicos do mercado e aproveitando as falhas da produção industrial. A partir dos anos 70, gradualmente, começa a verificar-se o reaparecimento da actividade artesanal aliada à crescente consciencialização das pessoas para as questões ambientais e patrimoniais, à redescoberta do valor cultural dos objectos e ao interesse pela recuperação e conservação dos mesmos. A partir dos anos 80, o artesanato passa a ser reconhecido pela classe política e pela sociedade, como uma área importante na economia e nos sectores sociais e culturais<sup>7</sup>.

## **1.2 Definição do Conceito**

Como é possível observar com muitos outros conceitos, não existe uma definição única, completa, sucinta e universal de artesanato. Esta definição pode ser realizada tendo em conta diversos aspectos como o enquadramento histórico, social, cultural, ambiental, económico, o tipo de produção, se é característico de uma região, através das matérias-primas utilizadas, entre outros. Ao conceito artesanato também são associados, impreterivelmente, as noções de “artesão” e “unidade produtiva artesanal”.

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003: 399) é possível encontrar a seguinte definição de artesanato:

“1. A arte e a técnica do trabalho manual industrializado, realizado pelo artesão, e que escapa à produção em série; tem finalidade a um tempo utilitária e artística. 2. Conjunto das peças de produção artesanal. 3. Conjunto dos artesãos de um determinado género. 4. Local onde se exerce ou ensina o artesanato. 5. O produto final do trabalho feito pelo artesão.”

Podemos dizer então que artesanato é, essencialmente, uma arte manual com fins utilitários ou artísticos e é concretizada pelo artesão.

O artesanato pode ser o Bilhete de Identidade de uma determinada Região, pode representá-la culturalmente.

“Uma das mais-valias do artesanato é a de se constituir como testemunho das comunidades em que é produzido. Vemos as filigranas e ocorrem-nos verdes

---

<sup>7</sup> Dados recolhidos na Enciclopédia Verbo Luso Brasileira de Cultura (1998: 518-522).

paisagens minhotas, um carro ou um concho em cortiça levam-nos para as planuras alentejanas, luvas tricotadas em lã e são os frios de Montemuro que nos trespassam” (Ana Pires, 2000: 7).

O CRAT (Centro Regional de Artesanato Tradicional) não utiliza a palavra “artesanato”, mas sim a expressão “artes e ofícios”. Graça Ramos<sup>8</sup> explica a razão para esta escolha. No passado, o artesanato era conotado negativamente, estava ligado às questões rurais, ao proteccionismo do Estado. A noção “artes e ofícios” abrange mais áreas artesanais e afasta-se, assim, dessa má conotação.

Em 2001, aquando da publicação do diploma do Estatuto de Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal (Decreto-Lei nº 41/2001, de 9 de Fevereiro), conceitos como actividade artesanal, artesão e unidade produtiva artesanal foram definidos. Segundo o artigo nº 4 do referido Decreto-Lei, a actividade artesanal é definida como

“uma actividade económica, de reconhecido valor cultural e social, que assenta na produção, restauro ou reparação de bens de valor artístico ou utilitário, de raiz tradicional ou contemporânea, e na prestação de serviços de igual natureza, bem como na produção e confecção tradicional de bens alimentares.”

Não é possível falar de artesanato sem referir a pessoa, que com as suas mãos criadoras torna tudo possível: o artesão.

“O artesão foi e é um construtor de artefactos - dotado de uma criatividade especial, a da melhoria progressiva dos produtos na perspectiva do utilizador. A sua obra caracteriza-se pela realização manual com a ajuda de um mínimo de ferramentas e pelo controlo quase absoluto do ciclo que vai da concepção, à realização e utilização” (João Branco, 2005: 10).

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003: 399) encontramos a seguinte definição de artesão:

“Indivíduo que pratica arte ou ofício que dependem de trabalhos manuais. 1.1. Artífice que exerce a sua profissão em oficina própria. Etim. It. “artigiano” que actua numa produção em carácter doméstico e tradicional, não em série, com instrumentos de sua propriedade e com utilização de mão-de-obra pouco numerosa. Fr. “artisan” aquele que exerce uma arte manual.”

De acordo com o artigo nº 9 do Decreto-Lei nº 41/2001, de 9 de Fevereiro, um artesão é um “trabalhador que exerce uma actividade artesanal, dominando o conjunto de saberes e técnicas a ela inerentes, ao qual se exige um apurado sentido estético e perícia manual.” Para serem reconhecidos como tal terão de requerer a “carta de artesão”.

---

<sup>8</sup> Directora do Centro Regional de Artes Tradicionais. Entrevista realizada no dia 25 de Março de 2010, no Porto.

Actualmente, os artesãos estão a passar uma fase menos boa, o que se deve a vários factores. Segundo Graça Ramos<sup>9</sup>, em momentos de crise há a vulgarização. Os artesãos não se identificam com esta nova fase da globalização. Antes, os artesãos eram mestres, tinham um estatuto, respeito, sabedoria. “Agora qualquer um é artesão. Basta fazer uns trabalhos manuais e já é considerado artesão. Isto não dignifica a profissão nem o sector das artes e ofícios.”

Para Peter Dormer (1995: 28), “o século XX assistiu à criação do mito do artesão e redefiniu, se é que não reinventou, o seu papel.” As pessoas gostam de ver alguém a fazer algo com habilidade e dão, cada vez mais valor, apesar do aumento da tecnologia e da indústria, ao trabalho feito à mão. Segundo este autor (1995: 27), muito do sucesso obtido pela nossa sociedade “deve-se ao trabalho colectivo das pessoas, à especialização e à fragmentação coordenada do trabalho. (...) Temos necessidade de acreditar que ainda é possível ganhar a vida fazendo as coisas à mão, de acordo com o nosso próprio ritmo”. Os artesãos são exemplo disto, pois controlam todo o processo de trabalho, bem como a concepção dos seus artefactos.

Para que os artesãos pudessem constituir a sua microempresa e passassem a fazer parte legal e economicamente dos Registos Nacionais, foi criada a UPA (Unidade Produtiva Artesanal). Segundo o artigo nº 12 do Decreto-Lei nº 41/2001, de 9 de Fevereiro,

“considera-se unidade produtiva artesanal toda e qualquer unidade económica, legalmente constituída e devidamente registada, designadamente sob as formas de empresário em nome individual, estabelecimento individual de responsabilidade limitada, cooperativa, sociedade unipessoal ou sociedade comercial que desenvolva uma actividade artesanal, nos termos previstos na secção I do presente diploma.”

Estas são reconhecidas através da “carta de unidade produtiva artesanal”. O Registo Nacional do Artesanato tem a função de inscrever os artesãos e as unidades produtivas artesanais.

### **1.3 Funções**

Segundo a Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II (2003: 1), o artesanato é um “elemento-chave na afirmação da entidade territorial e um motor de desenvolvimento local.”

---

<sup>9</sup> Ibidem.

Actualmente, é possível verificar uma adaptação de funções do artesanato. O que outrora tinha uma função meramente utilitária, hoje é decorativa. Muitos hotéis e pousadas de Portugal utilizam tapetes de Arraiolos e potes de barro para decorar os espaços. “O artesanato pode estar perfeitamente ligado a ambientes nobres e actuais, o que o transporta para a actualidade, conferindo-lhe alguma sustentabilidade e futuro promissor” (Ferreira, 2007: 39).

De acordo com a Célula de Animação da Rede Portuguesa Leader II, o artesanato tem as seguintes funções:

- **Função produtiva utilitária.** Esta é a função mais antiga uma vez que, historicamente, os primeiros objectos artesanais, desde ferramentas agrícolas, a utensílios domésticos, sempre foram produzidos por necessidade;
- **Função estética e decorativa.** Esta função surgiu com o desenvolvimento da indústria, foi uma forma do artesanato se diferenciar da mesma, no entanto, e apesar de as pessoas adquirirem cada vez mais adornos, é dada mais importância ao adorno com utilidade;
- **Função cultural, patrimonial e simbólica.** Esta funcionalidade diz respeito à preservação e recuperação dos valores e saberes tradicionais;
- **Função social.** O artesanato é uma importante fonte de rendimento, principalmente para as pessoas com pouca formação e fraca capacidade de investimento;
- **Função recreativa e pedagógica.** O ensino do artesanato nas escolas é uma forma dos alunos se inteirarem dos valores culturais da sua Região;
- **Função ambiental.** Esta função permite a valorização de produtos importantes para a preservação de paisagens e dos ecossistemas, muito devido ao facto da maioria do artesanato ser realizado sem recurso a maquinarias, não poluindo, portanto, o Planeta. Mário Castro<sup>10</sup> refere um conceito que se assemelha a esta função, “o artesanato de recuperação”, cujos objectos são confeccionados a partir da reutilização de materiais.

Outra função que se observa cada vez mais no mundo artesanal é o lado curativo de criar. Para Ângela Ferreira (2007: 41), o artesanato já não é visto apenas como uma fonte de rendimento, mas também como um processo terapêutico. Criar objectos, produtos

---

<sup>10</sup> Apud FERREIRA, Ângela Augusta de Sá – “Intervenção do design no artesanato: aplicação aos produtos do IMA”, p.37.

artesanais é uma acção que reforça a auto-estima e desenvolve os sentidos visuais e tácteis do artesão, apelando à criatividade e fazendo-o esquecer que existe um mundo lá fora. O artesanato funciona, assim, como um exercício relaxante e anti-stressante. Artesanato é uma terapia ocupacional que exige concentração e dá frutos bonitos e de valor. Como refere Peter Dormer (1995: 150), “o que atrai as pessoas para o artesanato é a promessa de um trabalho que representa um fim gratificante em si mesmo”.

“A actividade artesanal proporciona uma alternativa estética ao design industrial e apresenta uma nova perspectiva num Mundo por vezes excessivamente povoado pelas “realidades” do cepticismo deste fim de século.” O artesanato é uma das formas que permite aos cidadãos esquecerem o cepticismo e acreditarem na esperança (Peter Dormer, 1995: 139). Ruskin e Morris maldiziam os efeitos da produção industrial que degradava a cultura de uma tradição de artesãos, que acabava com a beleza das coisas. Estes autores defendiam a sensibilidade artesanal dos objectos belos que se contrapunham à fealdade dos produtos industriais.<sup>11</sup>

Segundo Baudrillard<sup>12</sup> o fascínio do objecto artesanal provém do facto de ter passado pelas mãos de alguém que nele deixou uma marca com o seu trabalho; é o fascínio de que foi “criado”. Enquanto para Manlio Brusatin,

“a procura do “quente” e do “pitoresco” como algo perdido, algo desaparecido que a indústria não poderia dar, parece suficiente para reservar um destino seguro ao artesanato, com a função de satisfazer uma clientela indiferenciada receptiva à naturalidade, ao genuíno, à qualidade que os produtos e os objectos campestres tiveram outrora graças à carência e à necessidade e que agora reproduzem artificialmente apenas em relação com a procura desse carácter originário”.

Este autor alerta, no entanto, para o facto de esta procura criar

“uma habilidade simplificada sem aprendizagem, que utiliza instrumentos de trabalho completamente diferentes dos originais, modificando ou depurando uma matéria semitrabalhada, quando não falsa e substitutiva (o plástico a passar por metal ou madeira), não adaptada ao carácter qualitativo do ciclo artesanal, originariamente baseado num tempo definido que atesta uma relação de necessidade entre matéria-prima, técnica de trabalho e manufacto acabado”<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> BRUSATIN, Manlio – Op. cit. p. 207.

<sup>12</sup> Apud BRUSATIN, Manlio – Enciclopédia Einaudi. p. 208.

<sup>13</sup> BRUSATIN, Manlio – Op. cit. pp. 181-182

## 1.4 Tipologias do artesanato

### 1.4.1. Artesanato tradicional

“Numa época de cultura massificada e globalizada, as singularidades locais, traduzidas pelas artes tradicionais, têm um papel de diferenciação cultural cada vez mais relevante, que importa não só manter mas acentuar. Em torno de uma tradição cria-se e desenvolve-se todo um conjunto de práticas sociais e de conteúdos simbólicos, verdadeiras âncoras de uma maneira particular de ver e de estar no mundo. Tradição é a memória colectiva que reforça a apropriação individual dessas referências.”

Graça Ramos <sup>14</sup>

Artesanato tradicional é o conceito menos problemático, no que concerne à sua definição, porque é aquele que é mais comum. Está ligado a um território, a uma cultura específica, à ancestralidade, a matérias-primas. Quando falamos em artesanato, a primeira palavra que nos vem à cabeça é “tradicional”.

De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003: 3555), tradição é:

“O acto ou efeito de transmitir ou entregar; (...) comunicação oral de factos, lendas, ritos, usos, costumes etc. de geração para geração; herança cultural, legado de crenças, técnicas etc. de uma geração para outra; conjunto dos valores morais, espirituais, etc. transmitidos de geração em geração. (...); aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; recordação, memória, eco; tudo o que se pratica por hábito ou costume adquirido; uso, costume.”

Artesanato tradicional é, portanto, a arte do saber fazer que é, geralmente, transmitida de pais para filhos e cuja concretização depende das matérias-primas, técnicas e ferramentas utilizadas no processo da produção, assim como das quantidades produzidas e da comercialização dos produtos finais.

A procura pelos signos de identidade cultural é cada vez maior, hoje em dia. Os consumidores estão saturados dos produtos, que à primeira vista são atraentes e fascinantes, no entanto são vazios de sentido. Segundo Luiz Barros (2006: 16):

“O artesanato tradicional exprime um valioso património cultural acumulado por um artesão ou comunidade, ao lidar com técnicas tradicionais transmitidas, muitas vezes, de geração em geração, e com matéria-prima regional. Por isso, o artesanato é um dos grandes meios de identificação cultural de uma comunidade.”

A força do artesanato tradicional reside no conjunto de saberes que o “transforma numa maravilhosa máquina do tempo”. Traz para o presente as técnicas do passado e constitui a “possibilidade de projectar no futuro aquilo que fomos”, permitindo a

---

<sup>14</sup>ALMEIDA, Carlos A. Brochado (coordenador) - Rendas de Bilros de Vila do Conde. 1994, p.7

reabilitação do nosso património. Os produtos tradicionais constituem, geralmente, imagens de marca das localidades, convertendo-se em importantes recursos turísticos. As actividades artesanais significam ainda emprego, valorização de pessoas e das economias locais (Ana Pires, 2000: 9).

Segundo Tânia Nóbrega<sup>15</sup>, artesanato tradicional é um artesanato que se identifica com um lugar, com um grupo de pessoas e que possui determinadas regras. “É mais de todos do que só de um, tem uma história, um tempo”. As pessoas já estão cansadas de produtos sempre iguais, por isso estão a regressar às raízes, ao tradicional, às coisas mais seguras. Os produtos com raízes tradicionais apelam a uma certa nostalgia, transmitem calor, são associados a algo bom, fazendo lembrar coisas agradáveis.

### **Perfil do artesão tradicional**

O artesão tradicional pertence, geralmente, a um estrato social e cultural com pouco ou nenhum grau de escolaridade e formação. Exerce uma arte manual numa oficina ou não. São artesãos profissionais, porque a sua única fonte de rendimento provém da actividade artesanal. Esta arte está, de uma forma geral, em vias de extinção, uma vez que o saber é transmitido de geração em geração e se não existem jovens interessados em aprender e continuar, nem existe a vontade por parte do Estado ou das Associações, em registar esse determinado saber, este desaparece, quando o artesão morre. Qualquer tentativa de revitalização terá de ter em conta as profundas e irreversíveis alterações nas bases socioculturais desta actividade e para poder equacionar a sua adaptação a novas condições e necessidades.

#### **1.4.2 Artesanato contemporâneo**

Ao contrário do artesanato tradicional, o contemporâneo é muito difícil de definir, de especificar. Artesanato contemporâneo tem a ver com a época em que vivemos, não é algo industrial, mas utiliza processos e matérias-primas inovadoras. Para Susana Correia (2003: 10), o artesanato contemporâneo (ou urbano) aborda temas mais universais, (ao contrário do artesanato tradicional, mais local), apesar de utilizar os mesmos métodos manuais comuns a qualquer outra vertente do artesanato. Segundo Peter Dormer (1995:

---

<sup>15</sup> Artesã. Entrevista realizada no dia 11 de Junho de 2010, no Caniço.

139), “o artesanato contemporâneo é uma invenção do século XX”. Este não se limita ao conteúdo popular, é mais ecuménico e abrangente, possui maior liberdade para enveredar por trilhos inesperados e surpreendentes.

Se pesquisarmos a palavra “contemporâneo” no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003: 1059), encontraremos a seguinte definição: “1. Que ou o que viveu ou existiu na mesma época. 2. Que ou o que é do tempo actual (...)”. Podemos então afirmar que artesanato contemporâneo é aquele que é produzido agora, actualmente, que não tem um passado nem história.

Segundo Eduardo Barroso<sup>16</sup>, artesanato contemporâneo ou conceitual são “artefatos criados e produzidos por indivíduos com maior grau de escolaridade, em geral do meio urbano. Estes produtos são determinados por uma demanda de mercado com motivos, inspirações, iconografias e materiais influenciados pela moda ou pelas expressões artes”.

Para Ana Pires<sup>17</sup>, tudo é contemporâneo no sentido em que é feito neste tempo. Segundo esta autora, não nos devemos preocupar com a definição de conceitos. Não há urbano, nem contemporâneo, mas sim artesanato “autorado”, com uma autoria, com um cunho pessoal. Para existir artesanato contemporâneo, o tradicional une-se à inovação, originalidade e criatividade. Portugal ainda tem poucos artesãos contemporâneos. Muitos copiam do estrangeiro ou inovam mal e o que fazem pode ser definido como artesanato artístico. Segundo Ana Pires, um dos grupos de referência no artesanato contemporâneo é o Espaço Anthrop<sup>18</sup>.

Graça Ramos<sup>19</sup> prefere falar em “novas expressões das artes e ofícios”, em detrimento de artesanato contemporâneo. Para a Directora do CRAT, estas novas expressões são, essencialmente, evoluções do artesanato tradicional, uma vez que muitos dos produtos tradicionais perderam a funcionalidade, com o passar dos tempos, forçando os artesãos a encontrar outros caminhos de afirmação. “Refuncionalização” e revitalização são as palavras-chave para encontrar novas funcionalidades para as funções perdidas dos produtos tradicionais. De acordo com esta autora, o artesanato contemporâneo não tem o

---

<sup>16</sup>BARROSO, Eduardo - Design, identidade cultural e artesanato. Disponível em WWW: <URL: <http://www.eduardobarroso.com.br/artigos.htm>

<sup>17</sup> Directora da Revista Mãos – Conversa telefónica no dia 24 de Março de 2010.

<sup>18</sup> Cf. [Http://anthroploja.blogspot.com/](http://anthroploja.blogspot.com/)

<sup>19</sup> Directora do Centro Regional de Artes Tradicionais. Entrevista realizada no dia 25 de Março de 2010, no Porto.

valor patrimonial que o tradicional tem. Não existe nada que identifique e associe o artesanato contemporâneo com o seu país, neste caso com Portugal.

De acordo com Mário Neves Castro (1999: 5), é na adaptação do artesanato aos nossos dias que surge o artesanato moderno ou urbano, “partindo das mesmas raízes comuns não se opõe ao tradicional, antes o complementa e ambos acentuam o seu lugar na sociedade actual. (...) Isto é saber manter a tradição com inovação”. Apesar de existir muita resistência à mudança, este autor acha que a chave para a inovação está na formação académica dos artesãos. As técnicas tradicionais passadas de geração em geração já não chegam. As áreas, os materiais e as técnicas também terão de sofrer algumas alterações. Para este autor “as novas tecnologias aplicadas ao artesanato (...) não devem ultrapassar o uso de alguma maquinaria mais moderna que substitua um forno a lenha”, por exemplo, no entanto estes meios mais sofisticados deverão ser utilizados apenas como complemento, nunca poderão interferir na imaginação do artista.

Miguel Oliveira<sup>20</sup> concorda com a expressão “artesanato contemporâneo” e é a favor do seu desenvolvimento, porque o artesanato tradicional tem muitos problemas de comercialização. Enquanto o artesanato tradicional vende em feiras com limitados stands e com a problemática da repetitividade; os artesãos contemporâneos têm capacidades inovadoras e criativas, procuram caminhos diferentes, vendem em lojas, galerias, através da internet, procuram novos mercados, não desistem facilmente. Este autor acredita que o futuro passa pelo contemporâneo.

Segundo Lúcia Góes Ferreira<sup>21</sup>, artesanato contemporâneo é o artesanato actual, é aquele que se inspira no traje, por exemplo, mas que cria algo novo. Relativamente ao artesanato urbano, a directora refere que “existem muitas definições que só confundem, porque artesanato é artesanato!”

Para Carmen Molina<sup>22</sup>, artesanato contemporâneo é a expressão genuína, actual, das nossas raízes. Orlando Góis<sup>23</sup> refere que um artesão contemporâneo não tem limites, passa para as mãos aquilo que o cérebro dita, muitas vezes reinventando a tradição, abre um caminho, independentemente do material que tem em mãos. Este artesão salienta que

---

<sup>20</sup> Presidente da AARN e da FPAO. Entrevista realizada no dia 28 de Março de 2010, no Porto. Infelizmente faleceu cerca de um mês depois.

<sup>21</sup> Directora do Museu Etnográfico da Madeira. Entrevista realizada no dia 28 de Setembro de 2010, na Ribeira Brava.

<sup>22</sup> Artesã. Entrevista realizada no dia 6 de Novembro de 2010, no Caniço.

<sup>23</sup> Artesão. Entrevista realizada no dia 12 de Novembro de 2010, no Caniço.

não lhe interessa definir que tipo de artesanato faz, o que realmente o entusiasma é colher a satisfação final quando as pessoas gostam das suas peças.

Helena Alencastre<sup>24</sup> refere que o artesanato contemporâneo distingue-se do artesanato tradicional porque utiliza o critério sedução, ao contrário do artesanato tradicional que utiliza o critério utilidade. Enquanto o artesanato tradicional tem a ver com um saber fazer, o artesanato contemporâneo diz respeito ao saber criar, às ideias novas e inusitadas.

Poderíamos sintetizar este tipo de artesanato através das palavras: criatividade; revitalização; inovação; adaptação; empreendedorismo; competitividade; diferenciação; parceria; interdisciplinaridade; interactividade; alternativa. São estes os seus atributos positivos e marcantes.

### **Perfil do artesanato contemporâneo**

O artesanato contemporâneo pertence, regra geral, à classe média, tem um grau de escolaridade médio / elevado e formação na área artesanal. Este artesanato começou a criar por diversas razões: desemprego e necessidade de obter rendimentos complementares ou sazonais, artesanato como forma de terapia, passatempo. As fronteiras entre este tipo de artesanato e o artista nem sempre são claras e consensuais, trata-se de um assunto polémico, que adiante abordaremos, mas cujo aprofundamento transcende o âmbito deste estudo.

#### ***1.4.2.1 Algumas notas históricas sobre o artesanato contemporâneo em Portugal***

Nos anos 70, em Portugal, o artesanato estava intrinsecamente ligado à produção de objectos em estruturas de núcleo familiar ou pequenas oficinas no meio rural. A Revolução do 25 de Abril trouxe consigo algumas mudanças. O Mercado da Primavera deu lugar ao Mercado do Povo e, conseqüentemente, a uma crescente movimentação de artistas plásticos com expressões artesanais mais revitalizadas e menos tradicionais, criando, por exemplo, peças decorativas e utilitárias. Este movimento permitiu que se realizasse, em 1976, o 1º Salão de Artesanato Rural e Urbano, possibilitando assim que se conjugassem criações dos dois mundos – campo e cidade. Em 1982, realizou-se em Lisboa a AU-82, uma Feira de Artesanato Urbano, que contou com o apoio do Ministério do Trabalho, do

---

<sup>24</sup> Artesã. Entrevista realizada no dia 4 de Novembro de 2010, no Funchal.

IEFP (Instituto de Emprego e Formação Profissional) e da Câmara Municipal de Lisboa, onde participaram oitenta artesãos, em áreas como a cerâmica, o ferro, o esmalte, a madeira, o vidro, a tecelagem, o batik, a bijutaria, os brinquedos, os instrumentos musicais, o couro e as peles. Este evento fez com que o Artesanato Urbano merecesse uma atenção especial por parte da comunicação social e da sociedade portuguesa da altura. Em 1988, é fundada a MESTER, uma associação de profissionais de artesanato criativo, com o apoio do IEFP e de muitos artesãos. Esta colectividade tinha como intuito essencial a formação e a divulgação dos saberes artesanais, através da promoção de conferências e exposições, feiras em Portugal e no estrangeiro. Três anos depois, por falta de apoios, a MESTER finda a sua actividade<sup>25</sup>.

Para nos apercebermos da importância que o artesanato tinha, nesta altura, em 1986 a Câmara Municipal do Porto solicitou um estudo com o objectivo de descrever e definir o artesanato e os artesãos urbanos e com vista a regulamentar as vendas na rua. Com a denominação “Novos Artesãos Portugueses: Quem são, o que fazem?”<sup>26</sup>, este estudo foi editado em 1989 pelo CRAT, no Porto, na Colecção Relatório, nº 13.

A partir deste estudo puderam evidenciar-se as seguintes conclusões:

- O grupo dos novos artífices distingue-se dos artesãos tradicionais, porque é constituído por jovens adultos com formação escolar ou profissional artística e residem em áreas urbanas. Apesar de reproduzirem, muitas vezes, técnicas e motivos tradicionais, estes novos artesãos adoptam outra linha que não é característica dos artistas e dos artesãos tradicionais.
- Este grupo é heterogéneo e divide-se em subgrupos. Um deles aproxima-se mais da arte do que do artesanato tradicional, valorizando as artes decorativas e as artes aplicadas. Valorizam artes como a cerâmica, a ourivesaria, a joalheria, a tapeçaria e tecelagem, mas não se consideram menos criadores do que os artistas das áreas “mais académicas” como a pintura e a escultura. Alguns destes artífices afastam-se da denominação “artesão”, que tem uma conotação negativa, em muitos meios e insistem no seu estatuto como artistas. Outros preferem ser chamados de “artesãos criativos” ou de “arte”, uma vez que são responsáveis pela criação das formas e pela produção de objectos.

---

<sup>25</sup> PORTUGAL. Ministério do Trabalho e da Solidariedade. IEFP – As Idades do futuro: formas e expressões de raiz contemporânea, pp. 6-8

<sup>26</sup> PORTUGAL. Ministério do Trabalho e da Solidariedade. IEFP. Op. cit. pp. 16-18

- Os novos artesãos debatem-se com um problema de difícil solução. Como forma de sobreviverem, porque para muitos deles o artesanato é a única fonte de rendimento, fabricam dois tipos de produtos: peças únicas ou de pequeníssima série, criativas harmoniosa e tecnicamente, e dispendiosas; e peças de série para uso do quotidiano, pouco aperfeiçoadas técnica e esteticamente, mas baratas e, por isso, muito mais rentáveis do que as outras. Parte-se do pressuposto de que aqui o consumo também é distinguido e poderá ser utilitário-decorativo e lúdico e um consumo diferente, de fruição da arte.
- Este estudo conclui que os inquiridos não possuem a qualificação técnica dos artesãos tradicionais. Apesar de se denominarem “artistas”, “criativos”, “modernos” ou “urbanos”, as pessoas inquiridas não são artífices, ou seja “trabalhadores altamente qualificados em técnicas de produção manual pouco difundidas”<sup>27</sup>.

### **1.4.3 Artesanato urbano**

Artesanato urbano foi o conceito que mais me suscitou dúvidas. Não faz muito sentido caracterizar um tipo de artesanato como sendo urbano, uma vez que esta palavra é associada às cidades. Significa então que este tipo de artesanato é produzido, apenas, nos centros urbanos?

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003: 3638), podemos encontrar a seguinte definição de urbano: “1. Dotado de urbanidade; afável, civilizado, cortês. 2. Relativo ou pertencente à cidade, ou que lhe é próprio. 3. Que tem carácter de cidade. 4. Que ou o que vive na cidade, tem ocupação e hábitos típicos da vida da cidade, opos. a rural (...).”

Segundo Conceição Rios<sup>28</sup>, artesanato urbano foi uma designação “infeliz” apropriada pelos licenciados em Belas-Artes, nos anos 80 (uma vez que já era utilizada anteriormente na História e na Arquitectura), que não queriam seguir o caminho clássico das Artes Plásticas (pintura, escultura...) e começam a criar objectos em oposição ao tradicional. Designaram este tipo de artesanato de “urbano” porque o estavam a criar nas cidades e assim opunham-se ao tradicional que era identificado com as aldeias, com as

<sup>27</sup> PORTUGAL. Ministério do Trabalho e da Solidariedade. IEFPP. Op. cit. p.18

<sup>28</sup> Artesã e Coordenadora do sector de formação e animação do CRAT – Entrevista realizada no dia 28 de Março de 2010, no Porto.

zonas rurais. Estes artesãos distinguem-se dos tradicionais, porquanto são escolarizados, têm formação. Conceição Rios prefere dar o nome de trabalhos manuais ou manualidades a este tipo de objectos.

Graça Ramos<sup>29</sup> afirma que definir o artesanato como urbano porque é feito nas cidades não faz sentido. Em último caso, poderá falar-se deste tipo de artesanato se nos referirmos ao consumo, que poderá ser urbano.

No primeiro número da Revista Mãos (1997: 7), Helena Santos refere que o novo artesanato também era designado de artesanato urbano exprimindo um “lugar simbólico de referências, que cruzam a carga do artesanato original transmutando em novos valores sociais e culturais de resistência e contestação à sociedade industrial, consumista e anti-ecológica”. Considero que este tipo de artesanato, referido como “urbano”, era, na verdade, o actual artesanato contemporâneo.

O nº 9 da revista Mãos é dedicado aos ofícios tradicionais urbanos. Dois adjectivos que se unem para caracterizar as oficinas de molduras, cabeleiras, pintura de publicidade, calçada portuguesa. A palavra “urbano” aqui é utilizada para localizar as oficinas, que estão nas cidades e não no campo.

Aquando desta pesquisa, encontrei uma dissertação datada de 1988, de Leila Sollberger Jeolás, denominada “Artesanato urbano: do objecto alternativo à alternativa económica”. Esta autora (1988: 2) definia artesanato urbano como uma forma de expressão dos jovens que procuravam na década de 1970’, “uma alternativa de vida e subsistência contra a produção em série e a mecanização do trabalho daí decorrente.” A Feira Hippie foi a principal base de estudo de Leila. Esta autora questionava-se, inclusive, “como tratar o artesanato urbano como um objecto indiferenciado e homogéneo, cabível numa categorização do tipo cultura erudita x cultura popular, dada a diversidade de estilos, gostos, técnicas e materiais usados pelos artesãos e exibidos na feira?” É curioso observar como neste período já existia a confusão entre conceitos.

Segundo Jean-Yves Durand (2006: 30), o conceito de “artesanato urbano” é ainda mais “indefinido do que o de artesanato por assim dizer “simples”, soa como um oximoro, uma conjunção paradoxal de duas ideias antinómicas”. A fotografia foi durante muito tempo considerada indigna da qualidade de “arte”, porque os seus processos mecânicos, ópticos e físicos pareciam deixar muito menos margem à expressão individual, ao contrário

---

<sup>29</sup> Directora do Centro Regional de Artes Tradicionais. Entrevista realizada no dia 25 de Março de 2010, no Porto.

da pintura. Esquecendo o artesanato urbano e utilizando a analogia de Durand, tenho a expectativa de que o artesanato contemporâneo acabará por conquistar o seu lugar no mundo do artesanato, assim como a fotografia acabou por alcançar no mundo da arte.

### **Perfil do artesão urbano**

O artesão urbano pertence, geralmente, à classe média, tem um grau de escolaridade médio e alguma formação em artes decorativas e em bordados. Inicia esta actividade por diversas razões: por hobby, como terapia, mas e sobretudo por dificuldades financeiras. Artesanato urbano tem a ver também com a utilização de determinados materiais na elaboração dos trabalhos. Em suma, faz aqueles produtos que qualquer pessoa, com alguma destreza manual, podia executar.

#### **1.5 Artesanato ou Arte? Artesão ou artista?**

Se solicitarmos a um leigo que nos dê um exemplo de arte e outro de artesanato, ele provavelmente nos responderá: uma pintura de Picasso e um pote de barro. Porque será que acontece esta distinção? Um objecto artesanal não poderá ser uma obra de arte? E uma obra de Picasso não poderá ser considerada artesanato, no sentido em que foi feito manualmente?

Para Peter Dormer (1995: 144), o mundo do artesanato pode ser dividido entre as pessoas “que fazem objectos que podem ser utilizados, ou que parecem poder ser utilizados, e as que produzem objectos que são manifestamente não utilizáveis e que têm ambições de serem levados a sério como peças de arte.” Mas assim, estamos a dizer que uma peça de arte nunca poderá ser utilitária. Uma toalha bordada que tem uma função específica, para além da decorativa, não poderá ser tratada como arte?

Uma das formas frequentemente referidas para distinguir arte de artesanato é através da assinatura, ou seja, da afirmação da autoria. No entanto, actualmente, muitos são os artesãos que assinam as suas obras. Segundo uma definição Kantiana<sup>30</sup>, “as artes ditas livres, como a pintura, a escultura, as performances, as instalações entre outras manifestações mais ou menos contemporâneas de arte (...) são finalidade sem fim”. A

---

<sup>30</sup> Apud FELGUEIRAS, Magda Manso Gigante – “Interacção design-artesanato: criação de uma interface”, p.25.

actividade artesanal, pelo contrário, é uma finalidade com fim. Este poderá ser um critério de distinção mais aceitável e prático.

O final do século XX liberta o artesão, oferecendo-lhe um ambiente económico diferente para trabalhar. O artesanato da cerâmica, da tecelagem ou da marcenaria deixam de ser misteres (ofícios, artes, serviços), deixam de ser executados pelas classes trabalhadoras, pelos artesãos tradicionais e tornam-se numa actividade criativa, aparentada com a arte, realizada pela classe média (Dormer, 1995: 147).

Relativamente à distinção entre artesão, artífice e artista, numa entrevista de Susana Correia (2003b: 16-18) a Francisco Providência, este designer refere que, em rigor etimológico, não há quase diferenças nenhuma entre esses três conceitos, uma vez que

“artesão, artista e artífice são evoluções do mesmo radical “arte” (ars, artis) palavra latina para definir habilidade técnica ou conhecimento sobre o fazer. (...) Tomando em conta a raiz helénica da cultura ocidental (anterior à latina), percebemos que a origem do conhecimento artístico ocidental, é do domínio da poiesis, denominador comum a todas as produções, a todos os “saber fazer”, reportando-se ao universo da técnica (tékhne para os gregos, ars para romanos ou arte) como ciência aplicada, que é originalmente a da arte.”

Para Francisco Providência o artista “é o técnico superiormente qualificado num certo fazer, que é antes de mais um saber”; o artífice (também designado de artista em meios mais rurais) “é aquele que domina artesanalmente uma tecnologia” e, finalmente, o artesão é “uma espécie de artífice com menos repertório, já que domina uma tecnologia totalmente aplicada à produção dos mesmos modelos de artefactos, herdados e repetidos.”

Numa entrevista de Maria João Pereira (1999: 9) a Filomeno Pereira de Sousa (um dos nomes mais conceituados da joalheria contemporânea), Filomeno distingue artesão de artista. Para ele, “um artesão limita-se a aplicar os conhecimentos técnicos que possui. O artista aplica a técnica, guiado pela criatividade que o inspira. Sem o factor criatividade o artesão não pode aspirar a artista.”

A fronteira entre artesão, artífice e artista é, de facto, muito ténue, mas a partir destas definições um aspecto parece ficar assente. O artesão tradicional não poderá ser considerado um artista, porque este tipo de artesanato exige determinadas regras que o inibem, muitas vezes, de inovar; no entanto um artesão contemporâneo já poderá ser considerado um artista, porque para além de ter uma formação especializada, utiliza, frequentemente, a inovação e a criatividade na criação de objectos.

Rosa Ramalho exemplifica muito bem esta problemática, porque para além de ter sido uma exímia artesã e artífice foi, sem dúvida, uma artista, na medida em que transformou completamente a cerâmica tradicional, inovando, criando peças nunca antes vistas em Portugal. Segundo Isabel Maria Fernandes (2007: 20-21) o figurado de Rosa Ramalho é simultaneamente “imitação e originalidade”. Imitação porque mantém as raízes herdadas pelos seus antepassados bonequeiros e “originalidade, na medida em que traz para o seu mundo figurado, o toque de magia, o rasgo criativo que não encontramos nas peças de outros artistas”. Rosa Ramalho criava peças alusivas à vida de Cristo, dos Santos, mas também alusivas ao Diabo. Na sua colecção, podem observar-se bichos homens, sereias, mulheres com corpo de animais, porcos com cornos ou cabeças de lobo. De acordo com Alexandre Alves Costa<sup>31</sup> Rosa Ramalho passava “claramente para o campo da artisticidade pura.” O arquitecto caracteriza, inclusive, esta artesã como sendo "uma artista surrealista", no modo como deixa voar a sua imaginação fértil e desbragada.”

Para John Howkins (2007: 97), o artesanato desenvolve-se em dois mercados distintos: no mercado de arte, onde as peças estão em exposição e são vendidas em galerias de arte e no mercado do turismo. No mercado de massas, as pessoas fazem e compram artesanato sem dar importância à autoria da peça e valorizam-nas pelo preço, utilidade e qualidade. Para este autor, algumas culturas debatem-se sobre as diferenças entre arte e artesanato. Os britânicos dão mais valor a um objecto de prata do século XIV, mas olham com desconfiança para o artesanato contemporâneo. A maioria das culturas está mais interessada na utilidade do artesanato. Para os árabes e asiáticos, o artesanato é mais importante e mais caro do que uma obra de arte, enquanto outros povos como os indianos, africanos, mexicanos, misturam arte e artesanato de uma forma natural. Para John Howkins (2007: 97) o trabalho artesanal tem uma função “and an individual work may be so well-made and beautiful to qualify as art.”

Segundo Octávio Paz<sup>32</sup> (Prémio Nobel da Literatura em 1991), o artesanato é o meio-termo entre o objecto industrializado e a obra de arte. A utilidade e a beleza ditam o trabalho do artesão. “O artesanato satisfaz uma necessidade não menos imperativa que a fome ou a sede: a necessidade de se encantar com as coisas que vemos e tocamos,

---

<sup>31</sup>Cf. ANDRADE, Sérgio C. Rosa Ramalho, a artesã de Barcelos. Disponível em: [http://www.snpcultura.org/vol\\_rosa\\_ramalho.html](http://www.snpcultura.org/vol_rosa_ramalho.html)

<sup>32</sup>O Uso e a Contemplação. Disponível em: [http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&task=view&id=102&Itemid](http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=102&Itemid)

quaisquer que sejam seus usos diários.” Esta necessidade não pode ser reduzida ao ideal matemático que rege o desenho industrial nem aos rituais ortodoxos da religião da arte. Para este autor, a relação do Homem com o objecto industrial é funcional; com a obra de arte é semi-religiosa; com a peça de artesanato é material, que implica contacto, sensação. “O objeto feito à mão é um signo que expressa a sociedade humana de uma forma própria: não como ferramenta (tecnologia), não como símbolo (arte, religião), mas como uma forma de vida física e simbiótica.”

Segundo Campanella<sup>33</sup> a arte está directamente associada à figura do artista do Renascimento, na medida em que é efectivada a partir dos conhecimentos do ceramista e do escultor enquanto “artesãos perfeitos” e dos criadores das máquinas, “inspiradas numa ciência necessária.”

A arte e o artesanato juntas trazem “consequências que se reflectem nas bem delimitadas fronteiras do gosto, da ordem e do estilo. Mas quando a arte passa a afirmar um rigor disciplinar baseado na necessidade das “funções a assumir” (...), é a vez da física e da mecânica, ciências práticas, conduzirem pela mão o artesanato retirando-o das influências da arte.” A criação do tear mecânico é um dos exemplos que provam esta nova relação com estas disciplinas<sup>34</sup>.

“O artesanato da Grécia, diversamente do de Roma, define-se (...) como arte, exactamente como no século XVI o artesanato artístico se define como ciência”<sup>35</sup>. O relógio e o instrumento musical são duas máquinas artesanais com um vasto espaço representativo nos séculos XVIII e XIX que sugerem a “genialidade” do artista e do cientista<sup>36</sup>.

O artista moderno<sup>37</sup> deseja conquistar a eternidade, o designer pretende conquistar o futuro; o artesão deixa-se conquistar pelo tempo. O artesanato está ligado ao passado, ao presente e ao futuro, uma vez que não o podemos associar a uma determinada data, é como se fosse de todos e não fosse de ninguém, é como se sempre tivesse existido na vida humana. O artesanato é indiferente a fronteiras, a governos. Sobrevive a tudo. Preserva as diferenças e a sua própria história, existindo.

---

<sup>33</sup> Apud BRUSATIN, Manlio – Enciclopédia Einaudi. p. 187.

<sup>34</sup> BRUSATIN, Manlio – Op. cit. p. 202.

<sup>35</sup> BRUSATIN, Manlio – Op. cit. p. 191.

<sup>36</sup> BRUSATIN, Manlio – Op. cit. p. 205.

<sup>37</sup> O Uso e a Contemplação. Disponível em:

[http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&task=view&id=102&Itemid](http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=102&Itemid)

Segundo Duarte Gomes<sup>38</sup>, o artesanato é o parente pobre das Artes Plásticas. Talvez. Mas deve partir dos artesãos a vontade de mudar o sistema e de tentar alterar determinados pontos de vista relativamente a esta questão.

William Morris “defendia o artesanato criativo como alternativa à mecanização e à produção em massa”. Este movimento sustentava, igualmente, o fim da distinção entre artesão e artista. Tal fusão não se verificou e têm-se verificado, ao longo do tempo, casos de maior afastamento e casos de maior aproximação. Ainda que, na linguagem corrente, artesão, artífice e artista sejam, por vezes, considerados sinónimos, reservaremos para a designação de artista aquele que acrescenta, aos critérios de autoria e de criatividade, a ausência de funcionalidade imediata (a kantiana “finalidade sem fim”).

## Capítulo 2. Design

“Being a designer means being an optimist”<sup>39</sup>.  
Ezio Manzini

### 2.1 Enquadramento histórico

Tal como o artesanato também o design existe desde sempre, se pensarmos que o homem ao moldar a madeira ou a pedra, nos primórdios da humanidade, já estava a fazer design. “Sendo que o artesanato é entendido, na sua essência e génese, como resultado da necessidade do Homem pensar e construir objectos que respondam às suas necessidades, podemos dizer que o artesanato foi a primeira forma de ensaiar um pensamento de design e, por isso, pode ser entendido como seu antecessor” (Susana Correia, 2003a: 9).

A origem do conceito design, associado ao projecto e à indústria, data da Revolução Industrial iniciada, em Inglaterra, no séc. XVIII. Esta revolução significou a passagem da manufactura, para a maquinofactura. Simultaneamente, ocorre a revolução demográfica, a deslocação de pessoas para regiões industrializadas, o que exige a construção de edifícios para novas funções e carências. Estes fenómenos sociais têm repercussões nas formas, nos espaços e nos conceitos. No fim do séc. XIX e início do séc. XX, na Europa e nos Estados Unidos, surge a Arte Nova, uma arte que conjuga a tecnologia, a indústria, motivos naturalistas e integração de novos materiais como o ferro, o vidro e o betão.

---

<sup>38</sup> Artesão. Entrevista realizada no dia 11 de Novembro de 2010, no Paul do Mar.

<sup>39</sup> Disponível em: <http://www.sustainable-everyday.net/manzini/>

Também foi muito importante o contributo do movimento Arts and Crafts fundado por William Morris. Este movimento surgiu na Inglaterra, no séc. XIX, para dar uma nova vida aos excedentes da industrialização e à estandardização da produção que limitava a criatividade. Dá-se a separação entre arte e indústria e a crescente valorização da manufatura, estética, saberes e técnicas artesanais.

A influência mais importante no design contemporâneo foi a Escola “Bauhaus” de Arte e Design, que surgiu na Alemanha, em 1919, fundada por Walter Gropius. Esta escola agregou as artes aplicadas, as actividades artesanais consideradas inferiores e as belas artes, consideradas superiores. Deste conflito, surgiu o design moderno. Gropius propõe a ligação das artes à técnica, valorizando a relação entre artesãos e artistas, arte e indústria, forma e função, utensílio e máquina, com o objectivo de criar produtos funcionais e com características artísticas, aproximando a arte e a tecnologia e abolindo as barreiras entre o artesanato e a arte. Esta escola valorizava o trabalho em equipa e a interligação entre várias disciplinas. A Bauhaus foi o mais importante centro de criação artística da Europa até 1933, quando é fechada pelos nazis. Após o encerramento desta escola, observa-se o crescimento do design industrial e do design gráfico e a exaltação da máquina acima de tudo.

Na década de 40, desenvolve-se na Europa o funcionalismo. A Escola de *Ulm* baseia-se na eliminação de tudo o que é acessório e desnecessário ao normal funcionamento do produto. Nos anos 60 e 70, o design é influenciado pela *Pop Art* (arte popular), que se caracteriza pelo desenho simplificado e pelas cores fortes, principalmente no mundo da publicidade. A funcionalidade do produto já não é o mais importante, mas sim o visual, a estética, os objectos passam a ser meramente decorativos.

A partir da década de 80, tendências antifuncionalistas valorizam o styling, mas por outro lado, o design passa a ter preocupações com o meio ambiente e o planeta, questionando o consumismo desmedido das sociedades capitalistas e valorizando o uso de materiais recicláveis, os produtos mais duradouros e a poupança de energia. Nos anos 90, tem-se intensificado a consciência ecológica com o eco-design, e incrementa-se o design universal, numa filosofia de inclusão, procurando soluções adequadas a todos, independentemente da sua idade e condição física. Devido aos avanços tecnológicos, o design tem sido crescentemente solicitado para a solução de problemas de relação homem-máquina, bem como para a webdesign. Para o nosso tema, interessam sobretudo as

problemáticas associadas ao design de produto e a cultura de projecto inerente à prática do design. Nos anos 90, devido aos avanços tecnológicos, o design é um misto de arte e tecnologia, forma e função, método e intuição, criação e produção.

Em Portugal, já é possível observar uma preocupação em promover, divulgar e sensibilizar para o trabalho desenvolvido pelos profissionais na área do design. De acordo com a Direcção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho “os designers geram novos conceitos, ideias e relações entre elementos, com base na sua criatividade. Este é, todavia, condicionada por uma série de factores, tais como a utilidade ou a finalidade dos produtos, a sua viabilidade tecnológica, as tendências existentes, os prazos impostos, os requisitos do cliente, a aceitabilidade do mercado, as exigências técnicas, o orçamento financeiro estipulado e os critérios de manutenção, segurança e fiabilidade” (Profissões - Guia de Caracterização Profissional, 2005).

Existem em Portugal entidades que promovem e valorizam o design, tais como o Centro Português de Design (CPD); a Associação Nacional de Designers (AND) e a Associação Portuguesa de Designers (APD).

## **2.2 Definição do Conceito**

Não existe uma definição única e consensual para o conceito “design”. Segundo Ângela Ferreira (2007: 70) o termo pode associar-se a duas ideias: à profissão (designer) e ao próprio objecto repleto de design.

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003: 1290), é possível encontrar a seguinte definição de design:

“a concepção de um produto (máquina, utensílio, mobiliário, embalagem, publicação, vestuário...), esp. no que se refere à sua forma física e funcionalidade. 2. O produto desta concepção. 3. Desenho industrial. 4. Desenho de produto. 5. Programação visual. 6. Desenho (forma do ponto de vista estético e utilitário e representação de objectos executada para fins científicos, técnicos, industriais, ornamentais) ”.

Em suma, design é criar, através do desenho, objectos utilizando métodos industriais ou artesanais, é uma ferramenta que permite adicionar valor aos produtos, de modo a dar resposta às necessidades do consumidor.

Peter Dormer (1995: 7) estuda as razões que levam as pessoas a adquirir coisas: os equipamentos e objectos tornam a vida das pessoas mais fácil, proporcionam conforto e são também formas de lazer. As pessoas gostam, igualmente, de estar rodeadas por coisas

classificadas como arte ou como peças de artesanato, pois estas transmitem “cor, variedade ou expressividade” à vida. Segundo este autor, o consumismo “contribui para o êxito da indústria e do design.”

O design é uma actividade indispensável ao desenvolvimento económico e social de um país. O consumidor é cada vez mais exigente, a concorrência aumenta de dia para dia. As empresas procuram atrair clientes através de produtos de qualidade, inovadores, projectados a pensar no gosto do cliente e no valor que estes lhe proporcionam em função do preço que paga. O design é cada vez mais fundamental para as empresas, que o deverão utilizar com o intuito de produzir mais e melhor, tendo em atenção o preço, o mercado e a conjuntura económica (Araújo, 1995: 9). Esta disciplina está em constante mutação e é influenciado pelas áreas com que interage. “O design é um sistema aberto, é um sistema de comunicação que pode interagir, simultaneamente, com a ciência, a indústria, a tecnologia e a estética” (Felgueiras, 2006: 2).

O designer preocupa-se com a função e a viabilidade do projecto, “havendo um controlo racional do processo criativo e um distanciamento físico do processo produtivo”, apesar de, actualmente, o designer ser, também, cada vez mais, um artista, um criador (Felgueiras, 2006: 8). A função do designer é compreender e antecipar as necessidades do utilizador. Para Dormer (1995:7), o designer é “um intermediário entre fabricantes, engenheiros e cientistas, por um lado, e o consumidor, por outro.” De acordo com o mesmo autor (1995: 167), “o designer passa a vida a responder à questão: Porque é que as coisas não funcionam melhor?”

O design nunca pode ser demasiado vanguardista, pois se estiver “muito avançado relativamente à compreensão das pessoas, deixará de corresponder às suas expectativas enquanto consumidores”, em relação aos gostos e ao que os preocupa. Isto não significa que os designers e fabricantes não possam fazer experiências, nem tentar criar coisas novas (Dormer, 1995: 8).

## **2.3 Considerações finais**

### **2.3.1 Curiosidade - o Exemplo Brasileiro**

No Brasil existe um organismo denominado SEBRAE. Este é o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, um serviço social autónomo, que tem como

objectivo essencial auxiliar o desenvolvimento de micro e pequenas empresas, estimulando o empreendedorismo no país.

Para concretizar este objectivo, o SEBRAE elaborou um Termo de Referência denominado “Atuação do Sistema SEBRAE no Artesanato” (Brasília 2010) que facilita o planeamento e a execução de projectos e acções a partir da definição das categorias artesanais, estratégias e orientações de intervenção e indicadores de desempenho. Atendendo à sua importância no Brasil, o PPART (Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais), através do IEFP podia redigir um documento semelhante a este com vista à uniformização de conceitos e práticas artesanais.

No Termo de Referência do SEBRAE (2010: 11), as categorias dos produtos artesanais são definidas de acordo com seu processo de produção, origem, uso e propósito. Existem três tipos de produtos artesanais: arte popular, artesanato e trabalhos manuais. Arte Popular (2010: 12) é definida como um “conjunto de atividades poéticas, musicais, plásticas e expressivas que configuram o modo de ser e de viver do povo de um lugar.” O Artesanato é “toda a atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade.” E trabalhos manuais (2010: 13), também denominados de “artesanato doméstico” são os produtos que “exigem destreza e habilidade, porém utilizam moldes e padrões predefinidos, resultando em produtos de estética pouco elaborada. Não são resultantes de processo criativo efetivo”, sendo, geralmente, uma ocupação secundária. Esta última definição pode ser equiparada à noção de artesanato urbano portuguesa.

Segundo o mesmo Termo de Referência (2010: 14), existem também alguns tipos de artesanato, dos quais destaco o artesanato de referência cultural:

“produtos cuja característica é a incorporação de elementos culturais tradicionais da região onde são produzidos. São, em geral, resultantes de uma intervenção planejada de artistas e designers, em parceria com os artesãos, com o objetivo de diversificar os produtos, porém preservando seus traços culturais mais representativos”.

E o artesanato conceitual:

“Objetos produzidos a partir de um projeto deliberado de afirmação de um estilo de vida ou afinidade cultural. A inovação é o elemento principal que distingue este artesanato das demais categorias. Por detrás desses produtos existe sempre uma proposta, uma afirmação sobre estilos de vida e de valores, muitas vezes explícitos por meio dos sistemas de promoção utilizados, sobretudo àqueles ligados ao movimento ecológico e naturalista”.

Estes dois tipos de artesanato têm características que se assemelham ao conceito de artesanato contemporâneo português.

Manlio Brusatin<sup>40</sup> distingue artesanato doméstico do artesanato verdadeiro. O primeiro é uma espécie de passatempo, que ocupa a economia familiar, o bricolage, o do-it-yourself, geralmente, durante todo o tempo individual disponível. O artesão verdadeiro, ao inverso, exerce a sua actividade através do exercício manual num tempo bem determinado que lhe pertence, não programável, onde a técnica, o talento e a inteligência constituem o sucesso do artesão. “Por isso, o resultado é entregue a quem o encomendou ou à sociedade, que o recebe como valor cultural completo e definido, pelas implicações não só funcionais que consegue assumir e transferir.” Este artesanato doméstico pode ser equiparado ao artesanato urbano e aos trabalhos manuais, enquanto o artesanato verdadeiro assemelha-se ao artesanato tradicional e ao contemporâneo.

Quando se pensava que a globalização poderia uniformizar tudo e todos no mundo, começamos a observar um movimento de defesa do local, do tradicional, do regional. O artesanato é uma das formas de um povo se expressar representando a sua cultura e localidade. Por mais que a tecnologia avance, o homem não se consegue desligar dos objectos do passado, guarda-os com uma nostalgia surpreendente. Temos necessidade de pertencer a um sítio específico, de procurar a identidade perdida. É por isso que o artesanato sobrevive, apesar de todas as tentativas de destruição.

Durante muito tempo, o sector das artes e ofícios foi marginalizado. Na última década, porém e felizmente, foi objecto de um processo de reconhecimento e valorização oficial através da publicação do Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal e implementação de diversos instrumentos de enquadramento legal do sector. No entanto, a heterogeneidade que caracteriza o grupo dos novos artesãos, juntamente com a inexactidão das fronteiras entre conceitos, constitui um dos elementos de bloqueio estrutural deste sector e a particular resistência à afirmação destes artesãos. Segundo Conceição Rios<sup>41</sup>, as palavras na área do artesanato estão todas em crise, o que é possível observar quando tentamos definir conceitos tangentes como artesanato tradicional/urbano/contemporâneo, artesanato/arte e artesão/artista, que confundem o consumidor e os próprios artesãos que

---

<sup>40</sup> BRUSATIN, Manlio – Op. cit. pp. 179-180

<sup>41</sup> Artesã e Coordenadora do sector de formação e animação do CRAT – Entrevista realizada no dia 28 de Março de 2010, no Porto.

não sabem definir com exactidão os objectos que produzem. A utilização crescente do design no artesanato também transformou e reformulou muitos destes conceitos.

Ao mesmo tempo que se aponta para a extinção de muitos saberes tradicionais, em muitas regiões, é possível observar um surto de interesse geral pela actividade artesanal, tanto pelos produtores, como pelos consumidores. As entidades públicas e privadas ainda não estão no mesmo patamar, infelizmente e, por isso, ainda não apostam, como seria esperado, no sector das artes e ofícios.

## **Segunda Parte: Tradição *versus* Inovação**

“E se todo o mundo é composto de mudança, troquemos-lhe as voltas, ainda o dia é uma criança.”  
Luís de Camões

Os consumidores estão cansados dos produtos massificados, estandardizados, procuram produtos raros, distintos, genuínos que sejam capazes de contar uma história, que constituam uma alternativa criativa à inércia, que caracteriza a produção e o consumo nacionais, demasiado formatados e homogéneos. O consumidor procura, cada vez mais, novos produtos ou produtos reinventados. E actualmente, a melhor forma para criar objectos desejados é através da junção de saberes.

Transformar “um produto sistematicamente mais competitivo é uma tarefa cada vez mais difícil, que passa essencialmente por uma óptica de inovação, comunicação e gestão”. A genuinidade, memória e identidade “conferem ao produto artesanal a originalidade e o romantismo que se perde na fabricação industrial” (Ferreira, 2007: 2). Uma das formas de rentabilizar estes produtos é através do estabelecimento de parcerias entre artesãos e designers. É através do diálogo entre artesanato e design, que deve ser planificado o futuro. Esta dualidade pressupõe a manutenção e continuidade do artesanato tradicional e a introdução de aspectos inovadores que interliguem a mudança com a natureza do produto, adaptando-os ao progresso das novas imposições da sociedade actual (Ferreira, 2007: 62).

A introdução de aspectos inovadores nas produções artesanais contribuirá para desenvolver o sector das artes e ofícios, evitando assim, a estagnação do mesmo. O designer produz, o artesão projecta. O artesão interpreta e dá vida ao trabalho do designer. O diálogo, parceria, sintonia entre estas duas áreas é muito importante. Artesanato e Design, Tradição e Modernidade podem e devem andar de mãos dadas.

## Capítulo 1. A influência do design no artesanato

“Primeiro estranha-se, depois entranha-se.”

Fernando Pessoa.

O trabalho conjunto do designer e artesão poderá revelar-se crucial para a criação de produtos modernos, ambicionados, práticos e competitivos, que poderão ser comercializados no âmbito do mercado global. O design é um excelente instrumento para introduzir diferenciação e inovação nos produtos. Os artesãos devem apostar cada vez mais nas novas tendências, sempre de mãos dadas com o design, uma ferramenta essencial para a criação de produtos que acompanhem a actualidade e as novas necessidades dos cidadãos. Peter Dormer (1995: 139) identifica, inclusivamente, o artesão do século XX, como sendo um designer-artesão, que desenha, concebe o produto e concretiza-o com as suas mãos. Tem a ideia, projecta, desenha e produz o objecto desejado.

Com o avanço da economia portuguesa, o artífice evoluiu para pequeno e médio empresário e este, apesar de responder às exigências dos mercados nacional e internacional, não venceu pela marca, pelas estratégias de comercialização. Numa entrevista de Susana Correia (2003b: 18) a Francisco Providência, este designer salienta que este factor deve-se à falta de desenho, um importante instrumento para planear e produzir produtos inovadores.

Segundo Magda Felgueiras (2006: 105-106), para a realização de uma interface entre design e artesanato é necessário criar unidades ou núcleos de apoio às produções artesanais que, para além de preservarem os objectos, também deveriam incentivar e apoiar as actividades artesanais com dinamismo, “explorando ao máximo a ideia de “museu vivo”. Estes mecanismos de apoio à produção artesanal deveriam incluir equipas multidisciplinares, constituídas por artesãos, designers, profissionais de marketing e de gestão, trabalhando assim em grupo. De acordo com Felgueiras, estes projectos teriam como lema “o investimento nos valores culturais, recuperando a auto-estima e reforçando a identidade da comunidade.” Um projecto desenvolvido por uma equipa multidisciplinar permite encontrar soluções e estratégias de mudança, de uma forma mais célere e produtiva

(Felgueiras, 2006: 112). “A aliança deverá passar pela troca de experiências (...) o design é a única saída sustentada do artesanato”<sup>42</sup>.

O designer pode criar e inovar, melhorando a forma e a função dos produtos, mas conservando a tradição. Pode colaborar com o artesão “na inovação de técnicas, materiais e desenhos.” Por outro lado, “o artesão tem um trabalho simultâneo de interpretação e de recriação do trabalho do designer, executando com a sua mestria e enorme saber-fazer os produtos finais”, desempenhando “sempre um papel chave em todo o processo dado que detém o domínio da técnica, aspecto que o designer nem sempre conhece.” Deve existir, no entanto, uma interacção salutar entre designers e artesãos, pois “só esta união de esforços, de competências e de saberes pode levar à renovação e inovação” desejadas no mundo do artesanato (Luís Rocha, 2003: 33).

Segundo Graça Ramos<sup>43</sup>, relativamente à problemática da relação designer/artesão, o designer tem tendência para ficar com a autoria do produto, o que é incorrecto. Ainda não está bem resolvida esta questão. O artesão sente-se penalizado, porque não vê reflectido o resultado final do seu esforço, uma vez que o designer fica com todos os créditos. Para que esta interacção tenha frutos positivos, é necessário existir uma ponte/intermediário entre o designer e o artesão, que fale as duas línguas, que estabeleça linhas de comunicação eficazes.

Felgueiras (2006, 114) salienta a importância do designer neste processo: “o designer não pode ser um simples criador de produtos, mas um decodificador de necessidades sociais e culturais, propondo novos estilos de vida e compromissos sociais respeitadores da cultura e do meio ambiente, proporcionando um desenvolvimento sustentado por oposição ao desperdício e consumo excessivo de produtos descaracterizados e massificados.”

Naulila Luís é uma designer exemplar neste campo, porque criou, em colaboração com um grupo de mulheres reclusas do Estabelecimento Prisional de Tires, a mala “Just beg” em 2002, (projecto de fim de curso). Esta mala é produzida com canetas de feltro gastas recolhidas nas escolas e tem tido muito sucesso, nomeadamente em exposições e na sua comercialização. Isto demonstra que o designer também pode colaborar na sociedade junto dos mais necessitados e, neste caso, proporcionando mais uma razão de viver a estas

---

<sup>42</sup> Apud CORREIA, Susana – Das Relações entre Design e Artesanato. In A Alma do Design, p.21.

<sup>43</sup> Directora do Centro Regional de Artes Tradicionais. Entrevista realizada no dia 25 de Março de 2010, no Porto.

mulheres que se deixaram levar pelo mundo da droga. Para além disto, a criação desta mala é, também, uma forma de reciclagem, de reutilização dos materiais em fim de vida, uma forma de salvaguardar o planeta<sup>44</sup>.

Para Francisco Providência<sup>45</sup>, “o poder económico do design e a sua falta de procura pelas indústrias, deu origem em alguns países mais desenvolvidos a uma nova tipologia de artesanato, urbano, em que designers concebem, produzem e distribuem os seus produtos.”

A actuação conjunta de designers e artesãos deve ter como objectivo comum, acumular “valor comercial aos produtos artesanais, otimizando os seus processos de produção, comercialização, divulgação e manutenção, visando a auto-sustentabilidade do segmento artesanal” (Barros, 2006: 12).

Segundo Luiz Barros (2006: 102), estas são algumas das acções que os designers devem implementar para melhorar o escoamento dos produtos artesanais no mercado: pesquisa da oferta e procura de artesanato; recuperação de técnicas e processos artesanais do passado; criação conjunta de novos produtos; adequação dos produtos existentes ao mercado; definição das embalagens para venda e transporte; determinação de uma linha de produtos; definição de modelos de produção e a optimização dos processos produtivos; projecto e produção de catálogos de produtos, de material de divulgação e de exposição de produtos e montagem de stands em feiras de artesanato.

É importante estabelecer uma ligação entre o artesanato e o design e distinguir os vários tipos de artesanato que existem. João Branco (2005: 11) aponta alguns benefícios que advêm da aproximação do design ao artesanato, seja ele tradicional ou urbano. Relativamente ao artesanato tradicional, desta parceria podem surgir objectos mais adequados aos nossos tempos e com identidade; pode ser uma forma de recuperar um passado onde as artes e ofícios foram substituídos pela industrialização nacional; poderá ser uma forma de dar importância a um passado muito dedicado ao artesanato, um património único e potenciador de uma diferenciação assinalável. Por outro lado, o design poderá trazer grandes benefícios ao artesanato urbano e contemporâneo na exploração de novas formas, materiais e técnicas, na actualização das linguagens de consumo nas áreas da comunicação, gestão, comercialização, criatividade, inovação, diferenciação, autenticidade e competitividade, no mundo dos negócios. O design funciona como uma

---

<sup>44</sup> Disponível em: <http://naulilaluisdesign.blogspot.com/> e [http://www.sushidesign.com.pt/justbeg\\_bag.swf](http://www.sushidesign.com.pt/justbeg_bag.swf)

<sup>45</sup> Apud CORREIA, Susana – Das Relações entre Design e Artesanato. In A Alma do Design, p.21..

ferramenta multiplicadora das vantagens singulares do artesanato. Os artesãos urbanos e contemporâneos produzem, simultaneamente, os artefactos que podem ser utilizados e os que têm a ambição de serem considerados como peças de arte. Falta-lhes, no entanto, o "know-how" da distribuição da comercialização e o da comunicação. O design pode ajudar a resolver muitas destas questões. Contrariamente ao artesanato, o design preocupa-se com a competitividade das empresas e das instituições.

Este autor refere que se as linhas de intervenção dos cruzamentos interdisciplinares não interferirem com a preservação dos patrimónios, poderá existir um espaço de aprendizagem e de realização, o que beneficiará o artesanato e o design. A troca é possível, as mãos que actuam em conjunto para o mesmo fim, a comunhão de saberes, todos estes aspectos beneficiam a qualidade.

“O design não deve ser exclusivo dos designers, assim como a medicina não é exclusiva dos médicos<sup>46</sup>”, pelo que o artesanato pode e deve utilizar esta disciplina para progredir e crescer.

## **Capítulo 2. Actualização/Recuperação do artesanato tradicional.**

“E as bilhas tornam-se objectos decorativos, as cestas de vindima seguram lenha dos fogões de sala e a tecelagem tradicional converte-se em moda urbana. Entre uma e outra realidade, há, nalguns casos, a necessidade de incorporar o design, que se torna o instrumento de uma mudança que é vital” (Ana Pires, 2000: 6).

### **2.1 Inovação**

A sociedade muda a cada dia que passa e os cidadãos exigem produtos que acompanhem essa evolução. Os artesãos devem apostar na inovação, na diferenciação, na autenticidade e no que é realmente português, renovando com novos conceitos os objectos e as técnicas tradicionais. Segundo Francisco Providência<sup>47</sup>, “uma cultura tradicional, não evolutiva, está condenada à morte. A cultura é tão dinâmica quanto o processo da sobrevivência humana, em permanente mutação. O artesanato que não percebe isto, já morreu”. O artesanato tradicional tem de projectar a identidade dos cidadãos actuais, tem de questionar criticamente a sua participação na comunidade, tem de progredir, integrar o novo, actuar criativamente.

---

<sup>46</sup> Apud CORREIA, Susana – Das Relações entre Design e Artesanato. In A Alma do Design, p. 22.

<sup>47</sup> Apud CORREIA, Susana – Op.cit. p. 20

Segundo o artigo nº 6 do Decreto-Lei nº 41/2001, de 9 de Fevereiro, “a fidelidade aos processos tradicionais (...) deve ser compatibilizada com a inovação, nos seguintes domínios e nas seguintes condições:

- a) Adequação do produto final às tendências do mercado e a novas funcionalidades desde que conserve um carácter diferenciado relativamente à produção industrial;
- b) Adaptação dos processos produtivos, equipamentos e tecnologias de produção, por imperativos de ordem ambiental e de higiene e segurança no local de trabalho e por forma a diminuir a penosidade do processo produtivo ou a rentabilizar a produção desde que, em qualquer caso, seja salvaguardada a natureza e qualidade do produto ou serviço final;
- c) Substituição das matérias-primas, de forma a respeitarem-se as exigências ambientais e de saúde pública e os direitos dos consumidores ou ainda por razões de maior adequação ao resultado final pretendido.”

Este artigo refere, assim, que é possível adaptar os processos produtivos e equipamentos através da inovação e da tecnologia, de forma a rentabilizar a produção, desde que seja salvaguardada a qualidade artesanal do produto. “Tradição e modernidade não devem ser vistos como opostos, mas como aspectos complementares e em tensão produtiva. As actividades de carácter artesanal podem coexistir com as indústrias e com os modos de vida da sociedade moderna” (Simões, 1999: 141). Entre tradição e inovação, só os artesãos que trabalharem com criatividade, empenho, imaginação, paixão, persistência, subsistirão.

Para José Portela (2005: 52), “os termos inovação e desenvolvimento gozam de juventude conceptual e andam amiúde associados.” O desenvolvimento é associado à ideia de ter e ao poder, enquanto a “inovação não é dom celeste, nem sorte terrena, cultiva-se.” Para este autor inovar é mais do que imaginar e gerar novas ideias. “Inovar reclama intuição e vivacidade do olhar para, entre outras coisas, detectar a oportunidade de mudança.” Segundo Portela, “em Portugal há inventores mas não há uma cultura de inovação. Inovar é sobretudo conhecer e dar alento à tradição. (...) Uma novidade radical e repentina é coisa rara.” A inovação deve ser “gradual e contínua ao longo do tempo. Porque será que nós temos na frente aos montes, aos molhos, tantas coisas que não vemos nem mesmo perto dos olhos?”

Um dos projectos mais inovadores nos últimos anos, neste campo, foi o trabalho de reinterpretação levado a cabo por artistas, designers e artesãos, aquando da exposição “Pop Portugal: Reinterpretação criativa de símbolos, técnicas e materiais tradicionais portugueses”, organizada pelo espaço YRON, em 2008. O YRON propôs, assim, a redescoberta da identidade iconográfica portuguesa, valorizando o património cultural e

popular, recuperando e actualizando a memória, através da mostra de objectos resultantes da reinterpretação criativa de símbolos, técnicas e materiais tradicionais portugueses. Esta exposição percorreu o país de norte a sul, passando pela Ilha da Madeira e até em Nova Iorque. Nesta iniciativa, participaram “criativos e marcas que, inspirados na tradição, ousaram criar objectos inovadores de design, moda, arte e artesanato contemporâneos”. João Videira, através da sua marca Água de Prata, transformou as lãs de Arraiolos aplicando-as em mobiliário, mesas, cadeiras e banquetas muito originais e coloridas, desenvolvidas em torno de nomes de aldeias, vilas e cidades portuguesas. Os lenços de namorados do Minho assumiram, também, novos formatos e aplicações, em forma de t-shirts. O arquitecto Dino Gonçalves (madeirense) também se inspirou nos tradicionais lenços do Minho e criou uma peça de mobiliário. Hugo Santos, estilista madeirense, criou uma colecção de roupa através da reinterpretação do bordado Madeira. Os galos monocromáticos de Rute Arnóbio (Águas Furtadas) também estiveram presentes na exposição. A cortiça foi, igualmente, alvo de uma metamorfose nesta iniciativa, pelas mãos de Bleach Design (Marisa Guedes e João Sousa) e pelo talento do designer industrial nova-iorquino, Daniel Michalik. A marca Bleach Design, oriunda da Marinha Grande, utilizou a cortiça para criar um candeeiro, um banco em forma de rolha, pegas de cozinha em forma de mãos, entre outros. Enquanto Daniel Michalik usou este material para fazer bancos, taças e pratos inspirados no tradicional recipiente que os apanhadores de cortiça portugueses usam para beber água durante a apanha nos campos<sup>48</sup>. Estes foram alguns dos artistas que tornaram possível esta inovação da tradição em objectos julgados por muitos, decadentes, ultrapassados, sem futuro.

## 2.2 “Refuncionalização”

Uma das funções que mais caracteriza o artesanato tradicional é a utilidade dos objectos. Esta função tem de ser adaptada aos tempos modernos. Os objectos que outrora eram apenas úteis, hoje transformam-se em fins decorativos, por exemplo.

“Quando uma, sempre valiosa, colcha de Castelo Branco deixa de se pôr em cima de uma cama, para ir ornamentar a parede de uma sala ou ocupar, num átrio, um lugar de destaque, perde a sua primitiva função/utilidade (a celebração dos esponsais), mas ganha uma outra. Símbolo de um bom gosto bem português, essa colcha que

---

<sup>48</sup> Pop Portugal: a tradição já não é o que era. Time Out Lisboa. Disponível em WWW: <URL: [http://timeout.sapo.pt/news.asp?id\\_news=1469](http://timeout.sapo.pt/news.asp?id_news=1469)

agora se pendura diz-nos que ali, naquela casa, há dinheiro, bastante, e posição social como se demonstra desse modo requintado” (Ana Pires, 2000: 9).

O sector das artes e ofícios opera como qualquer outro sector, no que concerne à necessidade de se escoarem as produções, participa na economia e tem de dar atenção às leis que regem o mercado. Daí que é importante, quando se fale de reabilitação de algumas artes tradicionais, não se ignore que agora vive-se de forma diferente. Os jovens actuais não compram bordados para colocar em cima das mesas, em primeiro lugar, porque são dispendiosos, e em segundo, porque não são nada práticos nem se adequam ao design das suas habitações.

Segundo Ana Simões (1999: 141-142), “o artesanato moderno/urbano não é incompatível com o artesanato tradicional, antes o complementa. A par da recuperação das técnicas tradicionais, deve promover-se a adequação dos produtos aos mercados. A “refuncionalização” dos objectos deve ser também uma aposta da formação profissional.” Quando se afirma que é fundamental proteger, enaltecer a tradição, não devemos pensar, no entanto, “que tal significa deixar tudo como está. Pelo contrário, a par com a identidade deve estar a criatividade e a inovação na criação de coisas novas que satisfaçam as novas necessidades”.

### **2.3 Respeito pelo tradicional**

Este estudo defende que é possível ter na mesma prateleira vários tipos de artesanato. Todos têm o seu lugar. O artesanato tradicional deve ser respeitado e conservado tal como era há uns séculos atrás, as toalhas enormes de bordado-madeira não vão deixar de existir, porque a maioria dos consumidores já não as adquirem. Esta toalha tem o seu lugar, assim como o restante artesanato tradicional. Devem sim, ser criadas várias linhas de produtos que se adequem às necessidades dos cidadãos, que apesar de serem cada vez mais globais, têm as suas especificidades. Os artesãos têm de “recriar novas formas para os fins e usos de cada objecto, adaptando-o a uma nova funcionalidade, sem descaracterizar a sua identidade tradicional” (Castro, 1999: 5).

A “renovação aliada à tradição é, no artesanato, sinónimo de reforço do seu futuro” (Luís Rocha, 2003: 34). A inovação não deve, no entanto, descaracterizar as produções da herança colectiva tradicional, mantendo as expressões culturais de cada Região. Deste modo, as acções a desenvolver nesta área deverão ser direccionadas para as exigências do

mercado, para a inovação e para o design, sem nunca desvirtuar, descaracterizar ou adulterar o artesanato.

João Branco (2005: 10) alerta para os cuidados que se devem ter na intervenção do design no artesanato, principalmente no tradicional. Este tipo de artesanato “transporta memórias de um saber fazer que tem um lugar importante do ponto de vista sociológico, histórico e cultural que convém não perturbar, sobretudo se tiver público interessado que garanta a sua subsistência económica.” Ana Simões (1999: 141) alerta, igualmente, para o perigo da perda de identidade. É necessário renovar, “pois preservar não é de modo algum fixar e muito menos estagnar”, no entanto esta renovação deve ser realizada com precaução.

## **2.4 Reinventar com Design**

O artesanato encontra-se numa fase de recuperação e o design numa fase de afirmação junto das empresas e consumidores. Devem ser encontradas “plataformas de parceria” entre design e artesanato, que possam proporcionar, efectivamente, “um novo fôlego para o artesanato tradicional e urbano/contemporâneo” (João Branco, 2005: 8). “A intervenção dos designers nas artes e ofícios tradicionais pode ser uma forma de manter vivas técnicas antigas” (Felgueiras, 2006: 104). Segundo Magda Felgueiras (2006, 116) “em conjunto com outras áreas, o design surge como aquela que poderá permitir estabelecer elos de ligação com a tradição, redesenhando-a”.

Na parceria entre artesãos e designers não pode haver lugar para a descaracterização do produto artesanal. Segundo Ana Pires (2000: 6), “o design, essa noção tão contemporânea de uma poética e especial adequação entre a forma e a função, num equilíbrio dinâmico com valores sociais e culturais, é o que permite inovar, mantendo”.

A acção do designer no artesanato deve ter em atenção o respeito e valorização das tradições locais e próprias dos artesãos, procurando associar valores comerciais aos produtos e serviços artesanais e promovendo a auto-sustentabilidade do sector das artes e ofícios.

### **2.4.1 Parcerias de sucesso**

Existem, em Portugal, parcerias de sucesso, no sector das artes e ofícios, que apostam na interdisciplinaridade, na interactividade com outras áreas como o design, o

artesanato e a moda, concebendo, assim, projectos criativos, inovadores e que reinventam a tradição.

***Projecto: “Desenhar a Tradição”***

Este projecto centrou-se no desenvolvimento da olaria em S. Pedro do Corval, maior centro oleiro do país. Teve como principal objectivo ensinar e sensibilizar os oleiros para a necessidade de introduzirem um novo design nas suas peças, alcançando, assim, mais possibilidades de conquistar novos mercados. Estes oleiros trabalharam conjuntamente com designers e profissionais das áreas do marketing e tecnologia. A missão destes artesãos era criar produtos que aliassem a tradição à modernidade através de novas técnicas e linguagens, nunca esquecendo o património, a identidade e a tradição.<sup>49</sup>

***Projecto: “Velhos Saberes Nova Tendências”***

Este projecto foi fruto da colaboração da AARN (Associação de Artesãos da Região Norte) e do CRAT (Centro Regional de Artes Tradicionais) e procurou, acima de tudo, dotar os artesãos e as suas unidades produtivas de estratégias de marketing, comunicação, publicidade, novas tecnologias, gestão e comercialização, através do trabalho de parceria entre artesãos e designers.

Este programa focou cinco eixos essenciais: projectar o sector das artes e ofícios da região Norte, em todo o país e no estrangeiro; facultar aos artesãos participantes formação ao nível da qualidade técnica e estética dos produtos, bem como no que concerne ao meio empresarial; consciencializá-los da utilidade das novas tecnologias de informação e comunicação; sensibilizá-los para a importância crescente das microempresas artesanais e concretizar uma experiência piloto para desenvolver novas metodologias de actuação. De acordo com Felgueiras (2006: 53), os resultados poderiam ter sido mais positivos, se o design tivesse intervindo na concepção dos produtos, para além da divulgação e promoção.

Graças a este projecto, 30 Unidades Produtivas Artesanais possuem logótipo, imagem de marca, uma brochura promocional dos seus produtos, um site alojado no da AARN e a oportunidade de participação em eventos nacionais como a FIA (Feira Internacional de Artesanato em Lisboa), Artesanatus (Feira de Artes e Ofícios no Porto),

---

<sup>49</sup> Podem ser consultadas algumas peças, frutos deste projecto, no site: <http://pedrita.net/projects/desenhar-a-tradicao/>

no Salão Primavera em Santiago de Compostela e num Encontro Ibérico de Artesania em Barcelona.

Abílio Matias (Ferro forjado – Santo Tirso); Adélia Ribeiro (Bordados – Amarante); Arminda Mendes (Acrílicos – V. N. de Gaia); Arte da Terra (cerâmica – Montalegre); Arte Lata (Latoaria – Vila Real); foram alguns dos artesãos que, graças a este projecto, puderam criar um catálogo promocional dos seus produtos, a sua marca, uma brochura promocional e uma micro-página na Internet<sup>50</sup>.

### ***Projecto: “Velhas Técnicas Novos Conceitos”***

Ao contrário do primeiro projecto que aborda apenas o ofício da olaria e ao invés do segundo que foca a sua área de intervenção na promoção e divulgação dos produtos, neste projecto, as equipas de designers e artesãos com ofícios diversos trabalharam em conjunto. O design interveio na produção de experiências e protótipos. O desafio deste programa residiu no trabalho interdisciplinar entre designer e artesãos. “Velhas Técnicas Novos Conceitos” visou requalificar o artesanato, fugindo aos padrões estabelecidos. Uma das medidas foi “recriar o ambiente da região numa sala de estar contemporânea, definindo-se à partida as técnicas e materiais mais identificativos: vidrados coloridos tradicionais, o barro do Redondo, a lã e o linho, a madeira de Azinho e o ferro forjado” (Felgueiras, 2006: 50).

No âmbito deste projecto foram criadas peças tais como: o “Bird”, um bebedouro para pássaros; o “Morse”, uma estrutura em ferro que pode ser utilizada como mesa; o “Lin individual”, um naperon produzido a partir do linho com salpicos de cor e o R-Pasto, uma manta que poderá cobrir o sofá no Inverno, inspirada na manta do pastor, uma “recontextualização de um instrumento de trabalho para um ambiente contemporâneo”.<sup>51</sup>

### ***Projecto: “Leveza – Reanimar a Filigrana”***

Este programa foi desenvolvido na aldeia do Minho, Travassos, considerado o “berço da filigrana” portuguesa. Consistiu num trabalho conjunto entre alunos da Escola Superior de Arte e Design de Matosinhos e a comunidade de ourives da aldeia, com o objectivo de introduzir inovação na filigrana, através do design. Esta parceria entre ourives

---

<sup>50</sup> In Guia de Boas Práticas “Velhos Saberes Novas Tendências” Artesanato da Região Norte, pp.22-81.

<sup>51</sup>Disponível em: <http://vtnc.net/>

e designers fez com que a aldeia recuperasse a identidade e tradição que começava a desvanecer. Verificaram-se mudança de mentalidades, uma nova preocupação com a imagem. Todos estes factores contribuíram para que este projecto se tornasse num “sucesso além fronteiras” (Felgueiras, 2006: 55).

Segundo Graça Ramos, o projecto “Leveza – Reanimar a Filigrana” resultou porque os ourives são artesãos diferentes de oleiros e bordadeiras. Têm um poder e estatuto diferentes, o que faz com que estejam mais receptivos à mudança.

No âmbito deste projecto, foi realizado o I Concurso Internacional de Design de Joalheria e uma exposição no Solar dos Zagallos onde podiam ser contempladas as peças concebidas entre 2004 e 2008. Estas acções estimularam os meios artísticos e económicos, criando um mercado mais dinâmico e atraindo, assim, novos públicos para a Póvoa de Lanhoso.<sup>52</sup>

Estes estudos confirmam que os artesãos devem apostar cada vez mais nas novas tendências, na diferenciação e inovação, sempre de mãos dadas com o design, uma ferramenta essencial para a criação de produtos que acompanhem a actualidade.

### ***Marita Setas Ferro e Conceição Rios***

Marita Setas Ferro é uma estilista contemporânea e Conceição Rios é uma artesã e trabalham em parceria na criação de peças de vestuário de autor, com elementos de identidade tradicional portugueses.

Marita criou a marca “Maritha Moreno” e esta pretende, acima de tudo, renovar o tradicional português através de peças de design contemporâneo em que se contam histórias, através do têxtil e de elementos materiais e imateriais da cultura e da identidade portuguesa. A consumidora que adquire estas peças é madura, culta, sofisticada, admiradora do design contemporâneo e da cultura portuguesa. O seu conceito de prazer está ligado à fruição da arquitectura, da arte, do design, do artesanato, do conhecer, do viajar. Marita acha que actualmente existe “um individualismo de vestir, uma vontade de estar e ser diferente. Se por um lado, as fronteiras estão a desaparecer, por outro, necessitamos, cada vez mais, de afirmar a nossa identidade e as nossas origens”. A colecção foi criada a partir da riqueza visual encontrada nas texturas naturais e nas aplicações de identidade tradicional, como a renda, o croché, a malha e o bordado. As

---

<sup>52</sup>Disponível em: <http://www.esad.pt/v2/filigrana/> e <http://www.esad.pt/newsletter/almadafiligrana/>

peças de autor são desenhadas por Marita Setas Ferro e as aplicações são desenvolvidas pela artesã Conceição Rios.

De acordo com Marita Setas Ferro<sup>53</sup>, o artesanato é, sem dúvida, uma tendência cultural do séc. XXI e deve ser conjugado com um design contemporâneo, que constitui a ponte entre a tecnologia e arte, ideias e objectos, cultura e comércio, produção e consumo, intervindo a nível social, económico e cultural e criando sustentabilidade. O design promove valor, confere significados e emoções. Esta estilista afirma que o artesanato contemporâneo possui qualidades únicas, a sua funcionalidade combina-se com uma capacidade para expressar valores humanos, que transcendem fronteiras temporais, espaciais e sociais. O artesanato é uma tendência de mercado que se adequa à contemporaneidade e às novas tecnologias. A riqueza material e imaterial de uma cultura, neste caso a Portuguesa, é muito valiosa e deverá ser explorada nas diferentes áreas de possível aplicação, criando objectos diferentes e únicos.

Para esta criadora, trabalhar em equipa é fundamental, uma vez que os designers não trabalham sozinhos e num projecto de parceria os artesãos não são apenas os executantes e os designers não podem ficar com os louros. As peças devem ser assinadas em co-autoria. Daí advém o facto do seu trabalho com Conceição Rios resultar na perfeição.

Segundo Graça Ramos<sup>54</sup>, esta parceria é o melhor exemplo e uma boa prática, de como deve realmente ser conjugado o design e o artesanato na criação de peças contemporâneas e inovadoras. A ideia partiu da artesã para o designer. Esta parceria resultou porque desde a criação do design à concretização das roupas, ambas seguiram todos os passos, houve uma avaliação conjunta e, no final, as duas intervenientes assinaram os produtos.

### ***Filipe Faísca e artesãs de Montemuro***

Filipe Faísca<sup>55</sup>, designer de moda, foi um dos oradores do Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios”, realizado no dia 21 de Outubro de 2010, no Porto. Falou sobre o desenvolvimento da sua colecção têxtil artesanal, uma ideia de desfile

---

<sup>53</sup> Entrevista realizada no dia 28 de Março de 2010, no Porto.

<sup>54</sup> Directora do Centro Regional de Artes Tradicionais. Entrevista realizada no dia 25 de Março de 2010, no Porto.

<sup>55</sup> Cf. <http://www.filipefaisca.com/>

de Outono Inverno 2010/2011, trabalhado em conjunto com o CEARTE e várias artesãs de Montemuro. Para concretizar esta Colecção, Filipe Faísca inspirou-se na chegada dos Portugueses ao Japão, no séc. XVI. Alguns dos alimentos do processo criativo foram: os biombos japoneses, o mar e a forma de vestir dos portugueses nesta época (muito sofisticados).

Este estilista dedicou-se à criação de tecidos através de diversos materiais com as artesãs de Montemuro, durante duas semanas. Segundo Filipe Faísca, mesmo que a peça seja feita industrialmente, os pontos artesanais são importantes, porque fazem com que se sinta a presença do homem na peça de roupa, a peça passa a ter alma, é a comunicação através da matéria-prima. O artesanato, a matéria, tem uma forma de comunicar diferente da indústria, tem uma força muito especial.

As artesãs de Montemuro foram à Moda Lisboa ver o Desfile. Todas as peças criadas nesta colecção possuem uma etiqueta com o nome da pessoa que a fez. Filipe refere, também, que aos seus clientes é sempre explicado o processo de fabrico das peças, aludindo, obviamente, ao trabalho de dedicação e maestria das artesãs.

### ***The-Home-Project (Estúdio de Design)***

Albío Nascimento, um dos criadores do Estúdio de Design The Home-Project<sup>56</sup>, esteve presente no Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios” e falou de vários projectos de parceria entre designers e artesãos levados a cabo por este Estúdio. O Estúdio The-Home-Project não se interessa pelo Design Industrial, mas sim pelo design que seja capaz de fazer mais pelo outro.

O projecto “Cultura Intensiva 2009” foi realizado no Algarve com os artesãos das várias localidades. Procurou, acima de tudo, a inovação experimental no artesanato tradicional, inovar a cultura material local através de implicação de estratégias de design. Este programa passou por diversas fases: pesquisa dos locais e dos artesãos existentes e propostas de desenvolvimento de produtos.

Nas propostas de desenvolvimento de produtos foi dada especial atenção à exploração das características locais como promessa de novos objectos; à reciclagem (encontrar novas formas para o que se perde do barro, bilhas estragadas, por exemplo); à

---

<sup>56</sup> Cf. <http://www.the-home-project.com/>

recontextualização de objectos e aos missing-links na cultura material local (por exemplo, foi desenvolvido um espremedor para laranjas em barro, aludindo ao facto de o Algarve ser uma terra de laranjas); cruzando aplicações materiais e tecnológicas.

As peças que nasceram deste projecto estiveram patentes nos seguintes locais: Experimenta Design 09; MomA Store NY “Destination: Portugal”; New York Design Week “Interconnect”, entre outros. Começaram a ser comercializadas na Loja do Museu de Serralves; na Maison & Object (Paris); na Loja do Mar Salgado (Albufeira); na loja Feitoria (Faro); no Guggenheim Berlin Store; no MomA NY Store e através de vendas online. Surgiu um grande interesse por estes objectos e foram muito aplaudidos pela comunidade em geral. Segundo Albó Nascimento, às vezes a inovação não passa por novos materiais, mas sim por dar atenção às coisas que já eram produzidas antes.

Em muitos projectos de parceria, o artesão parece apenas o produtor e não é essa a aspiração destes designers, que pretendem que exista uma colaboração conjunta, e que tentam, sobretudo, perceber a história dos objectos e entender o artesão. No seminário, Graça Ramos questionou Albó quanto à autoria das peças. O designer respondeu que no início de cada parceria é realizado um contrato, este possui uma cláusula onde é referido que, no que concerne a publicações, devem aparecer mencionados o nome do projecto, do artesão e do designer, consoante a especialidade (se é uma revista de design aparece o nome do designer, se é uma revista de artes e ofícios aparece o nome do artesão por exemplo).

Em 2010, o CCDR do Algarve convidou The-Home-Project para efectuar um novo projecto, o Cultura Intensiva 2010-11. Segundo Albó Nascimento, será um projecto diferente, na medida em que agora estão inseridos numa Instituição, têm uma entidade por trás, uma forma mais eficaz de chegar aos artesãos e à comunidade. O Cultura Intensiva 2010-11 propõe a edição de um livro e de um documentário áudio-visual e uma colecção de no mínimo vinte peças.

Seria muito bom se existissem em Portugal muitas personalidades e projectos como The-Home-Project, Marita Ferro, Conceição Rios e Filipe Faísca, que arriscam e vencem nas parcerias entre design e artesanato, criando produtos extraordinários, inovadores e repletos da história e da identidade Portuguesa.

### ***Uma parceria com bonecas de massa***

Em 2005, o Museu Etnográfico lançou um desafio às artesãs Carmen Molina e Maria Jaime Freitas para recriarem as bonecas de massa da artesã D. Salomé e assim, realizarem uma exposição de homenagem denominada “Um símbolo da Arte Popular Madeirense”. A D. Salomé era uma artesã natural do Caniço, produzia as tão conhecidas e divulgadas “bonecas de massa” ou “bonecos de massapão” e vendia-os nos arraiais. Não sendo a única a fazê-los, a qualidade dos seus bonecos distinguia-a da concorrência. Infelizmente a sua arte desapareceu com a sua morte. Nesta exposição, Carmen Molina e Maria Jaime de Freitas inovam, recriam e surpreendem, utilizando diferentes matérias-primas, com uma maior durabilidade. Foi uma tentativa de preservar e fomentar a produção destes objectos tão tradicionais e queridos dos madeirenses<sup>57</sup>. De referir que o Projecto AUOA Handmade recria, também, as bonecas de massa, através das pregadeiras e ímans, com desenhos diferentes e inovadores.

#### **2.4.2 Artesãos com alma**

Existem, actualmente, muitos artesãos que procuram cada vez mais interligar o artesanato e o design, o tradicional e o moderno, criando produtos inovadores, diferenciados, com história e alma.

#### ***Isilda Parente***

Isilda Parente<sup>58</sup> é um dos melhores exemplos de como é possível reinventar e adaptar o artesanato. Esta artesã sempre trabalhou com as mais tradicionais cores do bordado de Viana, ou seja, o azul, o vermelho e o branco, riscando o linho ou algodão. Mas após algum tempo, chegou à conclusão que era necessário inovar, acompanhar a evolução dos tempos e do mercado. Passou a investir no pérola, bege, bordeaux, cor-de-rosa, verde, a utilizar linhos de diferentes tonalidades e a concretizar algumas alterações nos motivos. Apesar destas transformações, Isilda Parente conseguiu conservar a identidade do produto, mantendo a qualidade. A inovação dos seus produtos passa pelas cores e textura. Esta

---

<sup>57</sup>Museu Etnográfico da Madeira - Homenagem a Salomé Teixeira: Um símbolo da Arte Popular Madeirense; coord. Lídia Góes Ferreira Ribeira Brava. 2006

<sup>58</sup> cf. <http://www.isildaparente.com/>

artesã trabalhou, inclusivamente, com estilistas, como Nuno Gama, com quem fez os bordados do vestido da cantora Lúcia Moniz, aquando do Festival da Canção, em 1996.

### ***Projecto A2***

De acordo com Graça Ramos<sup>59</sup>, o projecto A2 é outro bom exemplo de uma boa parceria entre o artesanato e o design. Estes artesãos trabalham a cerâmica em Guimarães. Um dos elementos sentiu a necessidade de ter conhecimentos sobre design e foi estudar. Designer e artesão jovens, com outra formação, com novas abordagens, dominam os saberes e técnicas tradicionais da produção cerâmica, aliando-as à inovação e a um tratamento estético contemporâneo. A2 cria, entre outras peças de relevo, painéis de azulejo, murais cerâmicos, peças modeladas e esculturas em grés, onde também são utilizadas técnicas como a serigrafia e práticas de reprodução<sup>60</sup>.

### **2.4.3 Colaboração de artesãos em projectos de artistas plásticos**

#### ***Joana Vasconcelos***

Joana Vasconcelos, a conhecida e talentosa artista plástica, tem algumas peças inspiradas no artesanato tradicional português. As magníficas obras: "Coração Independente Dourado" (2004); "Coração Independente Vermelho" (2005) e "Coração Independente Preto" (2006) feitas a partir de talheres de plástico e ferro pintado transparecem a iconografia, o passado histórico e a identidade portuguesas (fazendo lembrar a filigrana de Viana do Castelo, por exemplo). Para além dos talheres de plástico, as obras são compostas por correntes em ferro que as seguram ao tecto, motores que as fazem girar e um CD com três cantigas de Amália Rodrigues – "Estranha Forma de Vida", "Maldição" e "Gaivota".

Esta artista tem, também, realizado vários outros projectos com recurso a colaboração artesanal feminina em tricô, croché, ou costura, como, por exemplo, Pantelmina, (2001), Ópio (duas enormes balizas de futebol executadas em croché, 2002), as réplicas de peças cerâmicas de Rafael Bordalo Pinheiro recobertas de croché (2009), ou Contaminação (2008-2010, onde também é usado o patchwork).

---

<sup>59</sup> Directora do Centro Regional de Artes Tradicionais. Entrevista realizada no dia 25 de Março de 2010, no Porto.

<sup>60</sup> Cf. <http://www.projectoa2.com/>

“Cruzando tradição e modernidade, é das poucas artistas que conseguiu o difícil equilíbrio desta dicotomia mantendo-se fiel à essência do "ser português" e procurando na História e nos costumes lusitanos um complemento para o seu trabalho.<sup>61</sup>” As suas peças são conhecidas e agraciadas além fronteiras e levam o nome de Portugal para onde quer que vão, peças que para além de serem verdadeiras obras de arte e verdadeiros hinos à inovação, fazem das raízes tradicionais um apelo à inspiração.

### **Capítulo 3. A certificação**

Uma das problemáticas que afecta o sector das artes e ofícios é a certificação de produtos. Se por um lado, a certificação é benéfica em muitos aspectos, por outro pode prejudicar a inovação. A certificação dos produtos artesanais não é simples, no entanto constitui uma das formas de proteger o consumidor dos maus produtos, das réplicas, das fraudes, e é, também, uma forma de esclarecer o mercado sobre divergências de preços, o valor da qualidade e da autenticidade. “O artífice competente e honesto agradece. Só tem a ganhar com a qualificação e dignificação dos seus produtos” (Ana Pires, 2000: 6).

Segundo Graça Ramos<sup>62</sup>, o processo de certificação permite estudar as produções locais e deixa em aberto a questão da inovação daqueles objectos, até um certo ponto. É incentivada a inovação, mas dentro de uns limites. Para que um produto inovador seja certificado, este tem de possuir algo que o identifique com o artesanato tradicional, para que não se perca a especificidade dos produtos. Isto pode funcionar como um entrave à inovação total.

A certificação constitui uma possibilidade de garantir a qualidade e autenticidade dos produtos, promovendo a confiança junto do consumidor e protegendo as produções artesanais tradicionais. Um produto pode ser certificado mediante determinados aspectos, tais como: a importância cultural do produto e a importância económica e social da actividade. São exemplo de produtos certificados o bordado da Madeira, o bordado e as rendas dos Açores, os lenços de namorados do Minho e a ourivesaria tradicional portuguesa.

---

<sup>61</sup> GUERRA, Diana. Joana Vasconcelos Tradição e Modernidade. Disponível em: [http://obviousmag.org/archives/2010/04/joana\\_vasconcelos\\_tradicao\\_e\\_modernidade.html](http://obviousmag.org/archives/2010/04/joana_vasconcelos_tradicao_e_modernidade.html)

<sup>62</sup>Directora do Centro Regional de Artes Tradicionais. Entrevista realizada no dia 25 de Março de 2010, no Porto.

A certificação é importante, uma vez que é uma forma de combater os produtos provenientes de países com mão-de-obra barata, com preços baixos e cuja qualidade é duvidosa. É uma forma de salvaguardar o artesanato português da concorrência desigual como é o caso dos produtos Chineses. Certificar é também promover a investigação e o estudo das condições de inovação mais adequadas aos produtos tradicionais.

Para Fernando Gaspar e Graça Ramos (2003: 21), o consumidor tem a decisão final:

“comprar um produto de qualidade certificada, manufacturado em unidade produtiva artesanal, ligado a factores identitários e culturais e com forte componente tradicional; ou, comprar um produto produzido noutro qualquer país, meramente reproduzido de um modelo português, sem qualquer tipo de ligação à realidade cultural que lhe deu origem e desprovido de qualquer sentido emocional.”

De acordo com Magda Felgueiras (2006, 39), as pessoas já não se identificam com a forma/estética dos objectos tradicionais. A imagem destes produtos está gasta. “Neste sentido, a certificação como processo desenvolvido para a protecção dos produtos poderá transformar-se num processo de mera repetição, apesar da qualidade e autenticidade, que aborrecerá o consumidor cada vez mais ávido por novidades.” Porque são muitas as regras a cumprir, o caderno de especificações no processo de certificação é complexo.

O “feito à mão” é, habitualmente, associado à arte tradicional. É importante, no entanto, segundo Ana Pires (2000: 7) “que a essa mais valia corresponda um acto de certificação, para que o consumidor entenda o alcance e valor do que está a comprar, nomeadamente a diferença de preço relativamente ao produto industrial.”

#### **Capítulo 4. O futuro passa pela formação**

Uma das formas de concretizar a recuperação e actualização do artesanato tradicional é através da formação. Segundo Ana Simões (1999: 140), para que se verifique uma mudança de mentalidades no que concerne às actividades artesanais, “importa que a relação de jovens e a arte tradicional seja acompanhada de uma consciencialização do significado histórico e social local e de uma aprendizagem empírica do processo produtivo.” O respeito pela diversidade e pluralidade de culturas deve ser incentivado desde a Pré-Primária. “Uma comunidade que sabe recuperar a riqueza cultural do seu artesanato e conferir-lhe autenticidade está a potenciar os recursos ligados à afirmação de uma identidade local que permite ter em conta o indivíduo, o meio e o futuro” (1999: 143).

A 4ª Assembleia de Artes e Ofícios promovida pelo PPART, em Novembro do ano 2000, foi dedicada aos temas “Inovação, Design e Qualidade”. As conclusões dos debates são deveras interessantes e, dez anos depois, continuam muito actuais. Bruno Santos dá a conhecer as ideias essências desta Assembleia na Revista Mãos nº 13 (2001:20):

“O património representado pelas Artes e Ofícios é um bem que importa reconhecer e promover, enquanto elemento representativo da identidade cultural e factor de criação de emprego e de promoção do desenvolvimento local. A valorização, expansão e renovação dos ofícios tradicionais cruza-se, necessariamente, com a inovação. Este processo conduzirá as artes e ofícios à qualidade, à autenticidade, à excelência.”

Tudo isto pode ser concretizável através da escola e formação, em sistemas de ensino completos e integrados; do estabelecimento de parcerias entre artesãos e designers; da formação contínua dos artesãos, para uma permanente actualização, aumento das capacidades técnicas e artísticas e para uma mais eficiente colocação dos seus produtos no mercado. A formação é um das formas de alcançar a inovação e a qualidade.

Segundo Gabriel Cunha (2004: 17), “a formação é sempre um recomeçar e nunca um ponto de chegada (...) a formação abre pistas, abre caminhos a serem percorridos”, daí a sua importância para a aquisição de competências, qualificações e competitividade. A formação é, de acordo com este autor, um meio, uma alavanca para o desenvolvimento individual.

### ***Considerações finais***

Os artesãos têm de acompanhar a mudança dos tempos, das sociedades, das mentalidades, não esquecendo que algures alguém poderá estar a introduzir “no mercado uma inovação que vai tornar o seu produto obsoleto” (Delfim Santos, 2002: 18). A inovação deve ser uma constante nas oficinas de qualquer artesão.

A imagem de uma empresa e, conseqüentemente, dos seus produtos é cada vez mais crucial no mercado. Para além da qualidade, um produto tem de apresentar-se da melhor forma perante o consumidor. Para que o artesanato não seja identificado como arte popular, os artesãos têm de reagir à mudança e às novas tendências. Quando se criam produtos em larga escala, estes descaracterizam-se, sendo despromovidos a *souvenirs*.

As produções artesanais, contemporâneas e tradicionais têm de se adaptar ao mercado cada vez mais exigente, nunca esquecendo a qualidade e dando especial atenção à inovação, diferenciação e às preocupações ambientais, que assolam o planeta.

Para Graça Ramos<sup>63</sup>, o sector do artesanato está deprimido a todos os níveis: económico, social, cultural... O Design pode não resolver o problema do artesanato. É fundamental dotar os artesãos de um discurso. É necessário identificar alguns artesãos tradicionais, qualificar e dignificar as artes tradicionais; estudar as produções mais emblemáticas; melhorar a certificação, a valorização, trazer o artesanato ao presente, através de fios caracterizadores. Novos tempos exigem novas funcionalidades.

## **Terceira Parte: Conjuntura cultural e sócio-económica da produção artesanal actual**

Nas últimas décadas, o artesanato passou a ser visto de outra forma por Portugal e pelo mundo. Provas disso são, por exemplo, os encontros nacionais e internacionais que têm sido organizados no âmbito da problemática do artesanato e as alterações que se têm verificado a nível do enquadramento jurídico do sector das artes e ofícios em Portugal. A actual crise económica tem, igualmente, influenciado o sector e têm surgido novas formas de contornar a situação, recorrendo ao turismo e utilizando as bases da economia social e solidária. As entidades e organismos regionais e nacionais têm contribuído exaustivamente para que estas e outras questões sejam debatidas e promovidas em Portugal.

### **Capítulo 1. A crise financeira, as novas tendências, os incentivos ao empreendedorismo e a ligação com o turismo e com a Economia Social e Solidária.**

#### **1.1 A crise inspira-nos: o Planeta agradece**

“Na confusão, busca a simplicidade.  
Da discórdia, busca a harmonia.  
Na dificuldade está a oportunidade.”  
Albert Einstein.

As crises são momentos em que devemos parar para pensar, são momentos de reorganização. As transformações globais nos diversos segmentos da sociedade levantam questões sobre os rumos da evolução humana, a vários níveis (económico, social, ecológico, humano). Devemos reajustar as nossas formas de pensar e de agir mediante a

---

<sup>63</sup> Ibidem.

conjuntura actual, que já não tem nada a ver com o passado, não muito longínquo do séc. XX. Reduzir, reutilizar, reciclar são as palavras de ordem. É possível mudar o mundo com as mesmas mãos que moldam o barro, a madeira, o ferro. A sustentabilidade terá de ser a palavra a utilizar neste presente futuro.

De acordo com António Cerveira Pinto<sup>64</sup>, esta tendência estrutural da sociedade pode ter várias respostas e alternativas. Uma delas é a “criação de um rendimento social universal, isto é, garantir alimentação, abrigo e mobilidade a toda e qualquer pessoa do planeta, independentemente da sua idade, sexo, grau de instrução, ocupação e rendimento”. Outra solução passa pela formação de um sector de “economia social, baseado em redes colaborativas, locais e glocais, onde seja possível a troca directa de tempo por bens e serviços sem que tal implique necessariamente uma qualquer relação de exploração, ou acumulação capitalista (lucro)”. Na realidade, já existem algumas acções na sociedade que seguem as directivas atrás mencionadas, como o voluntariado, os programas de responsabilidade social das empresas, a criação de bancos do tempo e de soluções de micro-crédito, entre outros. Falta, no entanto, segundo António Cerveira Pinto, a base convergente desta economia adaptativa em formação, capaz de lançar os alicerces universais “de uma economia solidária tecnologicamente avançada e competitiva relativamente aos modelos falidos do Capitalismo especulativo, insensível e, em última análise, auto-destrutivo”.

António Cerveira Pinto<sup>65</sup> refere que os governos continuam a responder à crise e ao desemprego como se fossem emergências episódicas e passageiras, em vez de sistémicas e porventura irreversíveis. A cultura e a reforma educativa são as respostas para o caos que se vive actualmente.

“É aqui que eu vejo a nova importância das práticas culturais entendidas em sentido lato, i.e. abrangendo as ciências, as filosofias e as artes, naquilo que seria a re-fundação da veterana “techne”. Ora, por incrível que pareça, são as vanguardas artísticas, da reflexão filosófica e da investigação científica quem melhor pode confluir para esta tempestade mental, de onde sairão, esperemos que a tempo, visões inovadoras e possíveis para esse mundo por vir a que chamo pós-contemporâneo.”

Este autor defende que à Cultura deveria ser atribuído um orçamento de 3%. O referido valor seria empregue nas seguintes áreas: “manutenção e divulgação do

---

<sup>64</sup> PINTO, António Cerveira. Plataformas colaborativas e redes informais. Disponível em WWW: [http://www.chroma-kai-symmetria.ws/artport\\_blog/](http://www.chroma-kai-symmetria.ws/artport_blog/)

<sup>65</sup> PINTO, António Cerveira. Cultura e Terceiro Sector. Disponível em WWW: [http://www.chroma-kai-symmetria.ws/artport\\_blog/](http://www.chroma-kai-symmetria.ws/artport_blog/)

património cultural”]; criação de uma equipa multi-disciplinar, desburocratizada, autónoma e responsável, “tendo por finalidade estudar e propor à sociedade modelos experimentais de convivência e simbiose criativa pós-laboral (considerando que o trabalho assalariado tenderá a desaparecer);” e, por último, “o desenvolvimento de programas de responsabilidade social activa, orientados para o estabelecimento de parcerias entre os sectores público, privado e comunitário.”

Nesta perspectiva, a resposta para a actual crise económica e social está na cultura. O desemprego qualificado teria um papel muito importante nesta cruzada para salvar a sociedade da ruptura total e o sector das artes e ofícios poderá fazer parte desta acção, pois constitui um dos pilares da Cultura, em Portugal.

Segundo José Louza<sup>66</sup>, “o artesão é um sensível sismógrafo da crise que há-de vir”. Quando há dificuldades financeiras, os cidadãos começam a diminuir o consumo, principalmente nas despesas consideradas mais supérfluas, e o artesanato acaba por sofrer as consequências. Os artesãos têm, porém, de saber vencer estas dificuldades, de ver para além da crise, construindo oportunidades.

De acordo com Ana Cláudia Valente (2004:7), quando há dificuldades na sociedade o sector do Artesanato sente determinados desafios, face aos quais os seus profissionais têm de ter uma rápida capacidade de resposta. Os artesãos podem e devem: desempenhar um papel importante na amortização de problemas de emprego e na fixação de pessoas em territórios de regressão; contribuir para a recuperação do património cultural móvel e edificado e da representação identitária e simbólica da cultura das regiões; estar atentos às mudanças no mercado, pois a qualificação e certificação das produções artesanais é cada vez mais importante; encontrar melhores formas de aproximação dos clientes seja através de feiras, vendas locais, galerias de arte, lojas de design e de artesanato, ou através da exploração de mercados internacionais e do comércio electrónico e devem, também, saber posicionar-se no mercado tendo em atenção outros sectores como o Turismo, as Actividades Artísticas e Culturais, as Indústrias Culturais, a Conservação e o Restauro.

As poluições atmosféricas, marítimas e terrestres, o efeito-estufa, a destruição da camada de ozono, a desflorestação de vastas zonas da Terra, a contaminação dos recursos hídricos fundamentais, a extinção de espécies animais e vegetais, o esgotamento do petróleo e dos metais raros são, entre muitas outras, algumas das principais ameaças e

---

<sup>66</sup> Orador na I Convenção de Artes e Ofícios, realizada no Porto, nos dias 27 e 28 de Março de 2010.

problemas com que a Humanidade se defronta hoje. Se o artesão puder, com simples gestos, contribuir para amenizar estas catástrofes ambientais, porque não tentar?

“Os artesãos não podem estar alheios, apáticos, às mudanças da sociedade. Devem estar despertos e activos, trabalhando para oferecer soluções e melhorar o mundo e a qualidade da vida com as suas obras “ (Manuel González Arias, 2003: 6).

Segundo Luís Rocha<sup>67</sup> (director do CEARTE) vivemos num mundo de mudanças que agitam mercados, tecnologias e toda a vida económica e social. Por estas razões, os artesãos devem ter uma adaptação pró-activa – antecipando-se, integrando e liderando a mudança, inovando. A capacidade de adaptação, flexibilidade e a inovação só se obtêm investindo no capital do conhecimento, na qualificação de produtos, formando novos profissionais e dando uma formação contínua aos artesãos, fornecendo-lhes ferramentas de gestão, marketing, tecnologias, comunicação, mercados, entre outras.

Para Fernando Gaspar<sup>68</sup> (IEFP) recessão económica significa retração no mercado, no consumo, o que significa dificuldades para quem está no mercado. É fundamental que os artesãos reforcem a sua bagagem de formação para enfrentarem, da melhor forma, essas contrariedades.

### **1.1.1 Tendências para 2011 no sector do artesanato e design**

Segundo Francisco Duarte<sup>69</sup> (OAK-Brands), como qualquer outro negócio, o artesanato depende da vontade do consumidor em consumir. O artesanato tem de competir num mercado globalizado e luta pela atenção dos consumidores num período de crise.

A OAK-Brands é uma empresa de consultoria de marketing, que presta serviços nas áreas de tendências do consumidor, planeamento estratégico e criação de marcas. Trabalha com os seus clientes ao nível do desenvolvimento de novos produtos e serviços, de forma a melhor compreender o mercado e o consumidor, adequando a sua oferta ao mesmo.

O colaborador da OAK-Brands falou no Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios” sobre as novas tendências para 2011. Esperam-se economias de restrição, por isso os artesãos têm de dar respostas imaginativas à corrente anti-consumista,

---

<sup>67</sup>Orador na I Convenção de Artes e Ofícios, realizada no Porto, nos dias 27 e 28 de Março de 2010

<sup>68</sup>Orador no Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios” realizado no dia 21 de Outubro de 2010.

<sup>69</sup>Orador no Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios” realizado no dia 21 de Outubro de 2010.

promovendo a responsabilidade ambiental. Os padrões de consumo têm vindo a alterar-se, trazendo consigo novas formas de status associados a mudanças culturais e sociais. A cultura do “bling bling” arrefeceu (o culto da imagem, de objectos vistosos). Actualmente, o “statusphere” diz respeito à mensagem que queremos passar aos outros sobre nós próprios, ou seja, ter status já não é ter um Ferrari, mas sim um carro híbrido, revelando uma preocupação com o meio ambiente. Ter status já não é ter coisas, mas sim experienciar algo diferente. Francisco Duarte deu o exemplo do Sheraton Nha Trang Hotel and Spa, no Vietname, que abriu uma escola de culinária no hotel. Os hóspedes vão ao mercado local comprar os produtos e depois cozinham. Estes turistas estão, assim, a adquirir uma experiência única.

Uma outra tendência observada por este consultor diz respeito à procura por parte dos consumidores de produtos exclusivos locais. A tecnologia está a fazer com que as pessoas se liguem à “vida real”. Essa exclusividade é um forte motivador para a aquisição de produtos, experiências, conhecimentos.

As novas tendências para 2011 estão intimamente ligadas à conjuntura económica, social e cultural que se vive, actualmente. João Pedro Amaral<sup>70</sup> (CEARTE), Ana Sousa Dias<sup>71</sup> (Alma Lusa) e Francisco Duarte (OAK-Brands) têm listas de critérios semelhantes no que concerne às razões que levarão os próximos consumidores a adquirir objectos ou experiências. Estes produtos terão de:

- Contar uma história. Conhecer o passado para construir o futuro, falando ao imaginário colectivo.
- Colocar questões, quebrar as regras, ser provocatórios, denunciar.
- Recriar ícones portugueses, reinterpretar a identidade local, reinterpretar produtos.
- Possuir uma marca própria.
- Ser vivos, comunicativos, interactivos.
- Ter em atenção a relação qualidade/preço.
- Dar atenção ao Eco-design, contribuindo para salvar o Planeta.
- Dar atenção ao binómio “globalização VS afirmação de identidade”.

---

<sup>70</sup>Orador no Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios” realizado no dia 21 de Outubro de 2010.

<sup>71</sup>Oradora no Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios” realizado no dia 21 de Outubro de 2010.

- Dar atenção aos novos conceitos: objecto-experiência; objectivo-ritual; objecto afirmação, objecto-inteligente.

O artesão tem de ter em conta estas tendências e adaptar-se às novas exigências do mercado. Só assim conseguirá vencer, prosperar e garantir o futuro.

### **1.1.2 Alma Lusa – Porque o que é nosso é bom**

A Alma Lusa é um projecto pioneiro de difusão de design exclusivamente português nas suas diversas vertentes: design de moda, industrial, gráfico, artesanal e eco-design. Esta empresa tem como prioridades essenciais afirmar o design e o artesanato portugueses através da inovação, oportunidade, da exclusividade (peças únicas) e dos conceitos objecto-experiência, objecto-inteligente (o objecto deve servir-nos e não o contrário, devemos adaptar o produto às nossas contingências).

A criadora da empresa Alma Lusa tem um percurso de vida interessante e inspirador para todos nós. Trabalhou na indústria química durante alguns anos. Interrompeu a actividade profissional durante 10 anos e quando quis recomeçar a fazer parte do mundo do trabalho ninguém a aceitava. Como desde criança tinha uma fascinação especial pelos produtos portugueses, criou o seu próprio negócio com o sucesso comprovado. Quis mostrar aos portugueses como são bons. Escolheu um nome que fosse mais do que uma marca. Nasceu a Alma Lusa. Primeiro em S. Bento (em 1999), depois na Rua do Carmo. Mais recentemente, abriu duas lojas no aeroporto de Lisboa. Ana Sousa Dias vê as contrariedades da vida como desafios. Quando a sua 1ª loja de S. Bento sofreu uma inundação, Ana não baixou os braços, abriu outra loja na Rua do Carmo. Para a criadora de Alma Lusa, crise é sinónimo de grandes oportunidades. “Quando as mulheres não podem comprar roupa, mudam de batom! Devemos focar soluções e não problemas.” Ana refere que se somos o país (com fronteiras) mais antigo do mundo, porque não acreditamos mais em nós? “Portugal não é só fado, Fátima e futebol! Temos de dar atenção ao resto”<sup>72</sup>.

Este testemunho da criadora da marca Alma Lusa inspirou, certamente, muitos artesãos presentes na sala do CACE Cultural do Porto no dia 21 de Outubro de 2010. Foi um discurso de esperança, motivação, coragem que não deixou ninguém indiferente. Os

---

<sup>72</sup>Oradora no Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios” realizado no dia 21 de Outubro de 2010.

artesãos não se podem deixar influenciar pelo negativismo que se vive, actualmente. Têm de arregaçar as mangas e trabalhar com outros olhos, com outras mãos, com o espírito inovador e empreendedor que a sociedade exige quando procura objectos e experiências únicos.

### **1.1.3 Subli+ - Estampagem de ideias**

Maria João Pires<sup>73</sup>, criadora da empresa “Subli+<sup>74</sup>”, refere que a sustentabilidade e a reciclagem são palavras que devem fazer parte do nosso quotidiano. O nosso planeta depende das nossas acções nestes campos. Subli+ é uma empresa de design têxtil que, desde a criação à produção, recorre às técnicas de produção artesanal e à qualidade gráfica. Esta empresa desenvolve os objectos desde a criação à produção e especializou-se na estampagem digital de tecidos. Os seus clientes são exigentes e inovadores. Vendem no mercado produtos tais como: mantas, pufs, malas, sacos, porta-moedas, almofadas, lenços, t-shirts, toalhas, aventais e posters.

Segundo M<sup>a</sup> João Pires, “na medida em que nos empenhamos na recuperação da verdade contra os estereótipos, o nosso desejo de ser diferente volta a emergir.” Estas atitudes não convencionais resultam numa paleta de inovação e afirmação. Harmonias surpreendentes desafiam a nossa percepção de coordenação visual, ligado a bem-estar, sustentabilidade, criatividade, gosto pelo original, pela peça de autor. Temos de dar atenção aos binómios design e natureza; design e artesanato, pois estão interligados.

### **1.1.4 Projecto *Remade***

O projecto Remade in Portugal<sup>75</sup> é outro exemplo da alta criação com consciência ambiental. O conceito nasceu em Itália em 2004. A internacionalização veio naturalmente com o convite feito a Portugal, Espanha, França, Argentina, Brasil e Chile para integrar a rede Remade in the World. Roberto Cremascoli, arquitecto italiano residente em Portugal, foi convidado em 2006 para ser o comissário do deste projecto no nosso País.

O objectivo inicial foi juntar designers e empresas portuguesas para desenvolver produtos feitos com 50% de material reciclado para apresentar no Salão Internacional do Design de 2007 em Milão. A exposição «Remade in Portugal» tem criações de decoração e

---

<sup>73</sup>Oradora na I Convenção de Artes e Ofícios, realizada no Porto, nos dias 27 e 28 de Março de 2010

<sup>74</sup>Cf. <http://smaisdesign.blogspot.com/>

<sup>75</sup>Disponível em: <http://www.remadeinportugal.pt/default/noticias/listar/ano/2010>

diversos produtos feitos com material reciclado, com o objectivo de mostrar aos consumidores que se podem produzir produtos de alta qualidade com materiais reutilizados.

O futuro do artesanato, assim como das outras áreas, reside na preocupação pela conservação do ambiente. Para Dormer (1995: 168), “não é provável (nem desejável) que diminuam as necessidades que as pessoas têm de variedade, de distrações e, naturalmente, de emprego. Mas é possível, até provável, que a moda em design privilegie objectos de maior durabilidade e com maior qualidade.”

Na Madeira, a Direcção Regional do Ambiente realizou, este ano, um projecto de reutilização de materiais muito interessante. Possui um mostruário de peças e dá acções de formação em toda a Ilha sobre a técnica da reutilização do papel de jornal. Maria Luísa Pestana, a formadora deste projecto, cria peças lindíssimas a partir do papel de jornal e incentiva as suas formandas a colaborarem na preservação do planeta, de uma forma muito sustentável<sup>76</sup>.

## **1.2 A Economia Social e Solidária**

A nível regional, uma das acções tomadas pelo Governo, na última década, para combater o desemprego foi aderir a alguns programas europeus, que têm como base a economia social e solidária, como foi o caso do Projecto CORES (Cooperação Regional para a Promoção da Economia Solidária e das Empresas de Inserção) do INTERREG III B, envolvendo as regiões da Macaronésia (Açores, Cabo Verde, Canárias e Madeira).

Segundo Rogério Roque Amaro e Francisco Madelino (2004: 9-11), o projecto CORES<sup>77</sup> tem em atenção quatro ameaças e desafios para o início do séc. XXI, tendo em conta os relatórios, conferências e encontros de organizações internacionais como a P.N.U.D., Banco Mundial, O.M.S., U.N.I.C.E.F, O.I.T., O.N.U., instâncias da U.E, entre outros: o desafio da competitividade (vertente económica); o desafio da coesão social ou da solidariedade (vertente social); o desafio da sustentabilidade (vertente ambiental) e o desafio da diversidade (dimensão cultural). Estas áreas podem inviabilizar o futuro da Humanidade se não forem tidas em conta. Segundo estes autores, o quinto desafio seria

---

<sup>76</sup> É possível observar estas peças no anexo nº 1, p. 168.

<sup>77</sup> Programa de Iniciativa Comunitária INTERREG III B destinado a favorecer um desenvolvimento equilibrado e sustentável do território europeu.

encontrar uma solução integrada para os quatro desafios referidos, relacionado com a governância (natureza política). Estes autores estabeleceram um conjunto de contributos para a formulação de um conceito de Economia Solidária que tem como função “construir uma sociedade mais produtiva, mas também mais justa e não predadora de recursos.”

Rogério Roque Amaro e Francisco Madelino (2004: 20-21) definem o Conceito de Economia Solidária da seguinte forma:

- “É solidária não no sentido social restrito, mas no sentido sistémico, de interdependência e integração com a Vida;
- É competitiva, sem fazer do lucro o seu objectivo principal, mas garantindo a geração de excedentes para investimento e empregos;
- Promove a coesão social, remetendo para a igualdade de oportunidades, a inserção de pessoas desfavorecidas, a empregabilidade, a cooperação e compromisso com a comunidade envolvente;
- É sustentável, redescobindo os caminhos da Vida, na relação com a natureza;
- Respeita a diversidade das culturas e identidades, surgindo como alternativa à globalização uniformizadora e massificadora;
- Procura e experimenta modelos de governância, que garantam a competitividade integrada e a autonomia destas organizações;
- Assume a sua territorialização, promovendo dinamismos de Desenvolvimento Local;
- Renova em permanência o conhecimento nestes domínios, tornando-o útil, através de uma preocupação de investigação-acção.”

O processo de certificação “CORES” na Região Autónoma da Madeira coube ao Instituto de Emprego da Madeira e à Agência Transregional de Economia Solidária, à Associação Santana Cidade Solidária. Todas as instituições que quisessem aderir a este projecto teriam de respeitar os critérios atrás referidos.

Associação Santana Cidade Solidária; Casa do Povo da Ponta do Sol; Centro de Cultura e de Recreio Pontassolense; Quinta Pedagógica dos Prazeres; Casa do Povo do Arco de São Jorge; Casa do Povo da Ilha; Associação para o desenvolvimento da Região Autónoma da Madeira (ADRAMA); Associação de Desenvolvimento da Costa Norte da Madeira (ADENORMA); Associação Sócio-Cultural da Fonte; Santa Casa da Misericórdia da Calheta e Junta de Freguesia de Machico são algumas das associações / Instituições Regionais de Economia Solidária na R.A.M.<sup>78</sup>.

Este projecto deu alguns frutos interessantes no que concerne à salvaguarda do artesanato e gastronomia tradicionais da Madeira. Foram criadas algumas lojas “Cores” (Loja Cores de Machico, Loja Cores da Quinta do Furão, Loja Doces Tradições, Loja

---

<sup>78</sup> Disponível em: <http://www.economia-solidaria.org/>

Cores no Mercado dos Lavradores e Loja Cores Ponta do Sol) que tinham como função essencial comercializar os produtos dos artesãos e das empresas de inserção social da RAM. Infelizmente, já só restam as lojas da Quinta do Furão, da Doces Tradições e a da Ponta do Sol, porque uma vez que os projectos CORES e ESCALA (projecto que substituiu o CORES) já terminaram, o Instituto de Emprego da Madeira já não possui as condições necessárias para apoiar estas lojas, como antes.

Uma das medidas implementadas pelo Instituto de Emprego da Madeira, relacionadas com a Economia Solidária foi a criação de empresas de Inserção Social. Actualmente, na Madeira, existem 6 empresas de inserção social co-financiadas pelo Fundo Social Europeu: + Cidadão (Ponta do Sol); + Ambiente (Ponta do Sol); Doces Tradições (Santana); Servelar (S. Vicente); Ao Seu Lar (Santana) e Caminhos Verdes (Santana). Destaco, aqui, a empresa Doces Tradições porque revitalizou a gastronomia, o artesanato e os bordados no Concelho de Santana, divulgando da melhor forma a tradição Regional. Todas estas empresas contribuíram para o aumento de formação e para a diminuição de desemprego na Região.

Este estudo defende que, todas as organizações e, neste caso, as que estão ligadas ao sector das artes e ofícios, devem seguir as bases da economia social e solidária. Questões como o desemprego, a pobreza e a exclusão social, a defesa do ambiente, a promoção das culturas locais e a reabilitação do património histórico, a organização de novas formas de ocupação dos tempos livres, podem encontrar respostas na Economia Social e Solidária, porque é uma economia sustentável, tem ideais diferentes, inovadoras e o Planeta mais do que nunca, necessita de um olhar assim para não cegar perante o capitalismo exagerado.

### **1.3 Incentivos ao empreendedorismo – Prémio Nacional de Artesanato**

A nível nacional, uma das medidas governamentais criadas para incentivar o empreendedorismo no sector das artes e ofícios foi a criação do Prémio Nacional de Artesanato pelo Ministério do Trabalho e da Solidariedade, através do IEFP e pretende, essencialmente, distinguir os artesãos portugueses. Este galardão tem como critérios as competências técnicas e profissionais, assim como a capacidade estética, assumindo-se como um factor de valorização social e cultural de todos os artesãos.

O Prémio Nacional de Artesanato 2011 é dedicado ao tema “Artes da Casa”, abrangendo o conjunto de produções artesanais que concorram para o apetrechamento da habitação, seja ao nível funcional/utilitário, seja ao nível decorativo.

Este Prémio subdivide-se em duas modalidades: Prémio de Artesanato Tradicional e Prémio de Artesanato Contemporâneo. Na primeira modalidade, “são consideradas as peças que fazem uso de património não autorado”; na segunda modalidade, “são consideradas as peças que incorporam um design contemporâneo, tirando partido de uma interpretação mais ousada das temáticas e de uma utilização mais experimental das matérias-primas e das técnicas artesanais”<sup>79</sup>.

A título de curiosidade, a artesã madeirense Susana Ornelas ganhou o 1º Premio Nacional de Artesanato Tradicional 1999/2000, sob o tema “O Espírito dos Mares”, com a peça intitulada “Oceano”. Até hoje, foi a única artesã madeirense a alcançar este galardão.

Fernando Gaspar referiu no Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios” que o Prémio Nacional de Artesanato é uma oportunidade para os artesãos mostrarem os seus novos produtos e ideias. É, sem dúvida, uma forma de os artesãos alcançarem o reconhecimento tão almejado e de divulgar o que de melhor se faz em Portugal, no sector das artes e ofícios.

#### **1.4 O Turismo como motor de desenvolvimento do artesanato**

Quando as pessoas viajam estão mais disponíveis para a descoberta de outras realidades, espaços, comunidades, valorizam mais o património e tudo o que é apresentado como o que caracteriza e faz a riqueza dos “outros”. Para Ana Pires (2000: 9), “as produções artesanais dão testemunho não só das diversas formas que pode assumir o aproveitamento dos recursos locais para a satisfação das necessidades do dia-a-dia, mas transportam-nos para uma outra dimensão do tempo, um “antigamente” mítico, solar, pelo de paz e harmonia”.

Segundo Ana Simões (1999: 145), “para além do seu valor indiscutivelmente cultural, a promoção artesanal está intimamente ligada ao desenvolvimento local e regional.” O turista quando visita um local quer conhecer, essencialmente, as tradições locais, as características que distinguem aquela região das outras. Por esta razão, o

---

<sup>79</sup> Regulamento do Prémio Nacional de Artesanato 2011 Disponível em: <http://www.aarn.pt/noticias/detalhes.php?id=88>

artesanato tradicional não deve morrer e deve ser incentivado. No entanto, assistimos, simultaneamente, à chegada de um turista diferente, com outra formação e expectativas, é mais ávido de coisas diferentes, criativas, pelo que também deve ser incentivado o artesanato contemporâneo como forma de cativar e prender o turista àquela região, para mostrar que aquela localidade também é capaz de inovar, de se diferenciar no mundo!

Segundo Ana Sousa Dias<sup>80</sup>, “o turista quer levar uma experiência portuguesa”. A Alma Lusa tem duas lojas no aeroporto de Lisboa. Estas têm, obviamente, características diferentes das lojas que estão situadas em S. Bento e na Rua do Carmo, o público é mais internacional, há uma maior afluência, no entanto quem compra no aeroporto tem um tempo limitado e não pode transportar objectos grandes e pesados. Estes e outros factores são tidos em conta por Ana Sousa Dias e fazem com que a Alma Lusa seja um projecto de sucesso. Um projecto português, que vende objectos feitos por artesãos e designers portugueses, porque em Portugal também se fazem coisas com qualidade, criatividade e inovação.

### **1.5 A Importância da Internet – “Artesãos Digitais”**

A Internet é uma ferramenta muito importante para qualquer empresa que queira estar mais próxima dos seus consumidores. É um excelente veículo de transmissão de informação. Esta plataforma digital é uma forma de os artesãos estarem representados em todo o mundo, de mostrar o seu trabalho, de receber comentários, críticas, encomendas.

A revista Visão nº 135 (2007: 82-85) publicou um artigo interessante denominado “Marcas de artesanato contemporâneo”. Neste artigo, Catarina Alfaia fala de alguns dos artesãos que encontraram na Internet uma forma de divulgação dos seus trabalhos e que compõem, assim, “o micromercado do artesanato contemporâneo”, em Portugal. Hilda Portela, Há monstros debaixo da cama, Rosa Pomar, Mariela Dias, Sebastião pretoCarvão, Dina Ladina, Bonito Serviço, Laracrafts, Matilde Beldroega, Antisaque e Sandra Guerreiro são algumas das marcas de artesanato contemporâneo que surgiram com o *boom* dos blogues e feiras de artesanato, nos últimos tempos.

As redes sociais como o Facebook e o Twitter também se têm revelado excelentes ferramentas de divulgação, marketing, publicidade e de trabalho de muitas entidades,

---

<sup>80</sup> Oradora no Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios” realizado no dia 21 de Outubro de 2010.

empresas, produtos e artesãos. Alma Lusa, CRAT, o Espaço Anthop, Design com texto, Auoa Handmade, Susana Ornelas, Marita Setas Ferro, são alguns dos que utilizam estas redes para trocar experiências e conhecimentos, possíveis formas de encontrar futuros consumidores.

O blogue é uma forma gratuita de divulgação de trabalhos, quando não há dinheiro suficiente para a construção de um site. Nos últimos anos, a utilização deste meio de comunicação aumentou exponencialmente, proporcionando um maior contacto entre os artesãos e os consumidores. Infelizmente, esta mediatização tem, também, o seu lado negativo porque o plágio e as reproduções de ideias/objectos são uma constante. Os artesãos devem, por isso, encontrar formas de protegerem o seu trabalho, registando as suas marcas e objectos no Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Todos os artesãos conhecidos ou possuem um blogue ou um site, tais como: Vânia Kosta (Trapologia)<sup>81</sup>, Beatriz Sendin (Trapologia)<sup>82</sup>, Projecto A2 (Cerâmica)<sup>83</sup>, Isilda Parente<sup>84</sup>; Madalena Freitas<sup>85</sup>, Helena Alencastre<sup>86</sup>, Auoa Handmade<sup>87</sup>, entre outros.

Os produtores artesanais devem apostar, cada vez mais, neste meio de divulgação e de angariação de clientes, porque a Internet já provou que é uma excelente ferramenta e que, apesar das desvantagens que possa ter como qualquer outro instrumento de trabalho, é o mercado presente e futuro da sociedade contemporânea.

## **1.6 A Regulamentação Pública do Sector das Artes e Ofícios**

Apesar de ser uma actividade bastante antiga, o artesanato só recentemente obteve algum reconhecimento. Nas últimas décadas, em Portugal, assistiu-se a um conjunto de clamores oriundos de todos os lados, que apelavam para a necessidade de intervenção pública regulamentadora das actividades artesanais, originada pelo interesse patrimonial e cultural crescente que lhes foi reconhecido, assim como pelo seu significado económico e social. Estes clamores foram sendo ouvidos e concretizados através de várias medidas, as quais são enumeradas cronologicamente, de seguida. Não é possível preservar, fomentar e

---

<sup>81</sup> <http://vaniakosta.blogspot.com/>

<sup>82</sup> <http://beatrizsendin.com/>

<sup>83</sup> <http://www.projectoa2.com/>

<sup>84</sup> <http://www.isildaparente.com/>

<sup>85</sup> <http://www.madalenafreitas.blogspot.com/>

<sup>86</sup> <http://www.helenaalencastre.com/Default.aspx>

<sup>87</sup> <http://www.auoa-handmade.pt/>

desenvolver as artes e ofícios sem dotar o sector de normas legais, que regularizem e enquadrem o conjunto de actividades económicas a ele associadas.

### ***1997 – PPART (Programa para a Promoção dos Ofícios e Microempresas Artesanais)***

Em 1997, é criada a iniciativa interministerial PPART – Programa para a Promoção dos Ofícios e da Microempresas Artesanais, através da Resolução do Conselho de Ministros n.º 136/97, de 14 de Agosto.

O PPART tem como finalidades valorizar, difundir e renovar as artes e ofícios em Portugal, através de uma política integrada, assente na actuação concertada dos vários departamentos da Administração Pública e dos diversos agentes da sociedade civil, funcionando como o interlocutor público dos artesãos.

A Comissão Nacional para a promoção dos ofícios e das microempresas artesanais foi extinta em 2006, através da Resolução do Conselho de Ministros nº 39/2006, de 21 de Abril. O organismo foi dissolvido, mas não as suas funções e competências, nem a atenção do Governo sobre o sector diminuiu. A mesma Resolução determinou que as então funções e competências da Comissão, no quadro do PPART, transitariam para o IEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Este organismo preocupou-se, desde o início, com a criação das bases para o ordenamento jurídico e normativo do sector, nomeadamente através do estabelecimento do Estatuto do Artesão, da Carta de Artesão e da Carta de Unidade Produtiva Artesanal e, mais tarde, do Repertório de Actividades Artesanais e do Registo Nacional de Artesanato.

Uma nota especial para referir que as Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores passaram a fazer parte da Comissão do PPART em 2000, após a Resolução do Conselho de Ministros nº4/2000, de 1 de Fevereiro que aprovou o alargamento da composição da Comissão. Antes ocupavam apenas o estatuto de observadores (Mãos 10/11, 2000: 57).

Segundo Ana Pires (2006: 5) a criação do PPART:

“deu um rosto à pluralidade de ministérios e serviços que se ocupam das Artes e Ofícios e, a respectiva Comissão Nacional, ao integrar representantes das Associações de Artesãos – um por cada região plano – obrigou a uma dinamização dessas associações, mobilizando os artesãos de um modo mais sistemático e consequente. A legislação, entretanto saída, criando o Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal também traduz a nova dignidade que se reconhece naqueles que dedicam o melhor do seu esforço e talento às artes e ofícios, os quais encontram no PPART não só o interlocutor que havia faltado durante tanto tempo, mas uma estrutura que lhes é totalmente dedicada.”

Actualmente é, então, o IIEFP a entidade que mais se aproxima da expressão “entidade que tutela o sector das artes e ofícios em Portugal”. Uma tutela que não é tão eficaz como se esperava. São muitos os artesãos que ainda se sentem desamparados e que solicitam mais medidas de apoio.

Segundo dados fornecidos pelo IVBAM, esta entidade madeirense continua a fazer parte da Comissão Consultiva do PPART, participando nas reuniões sempre que possível.

### ***2001 – Diploma do Estatuto de Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal***

No ano 2001, é publicado o diploma do Estatuto de Artesão<sup>88</sup> e da Unidade Produtiva Artesanal através do Decreto-Lei nº 41/2001, de 9 de Fevereiro. Este diploma aprova o estatuto do artesão e da unidade produtiva artesanal e define o respectivo processo de acreditação. A partir deste momento, passa a existir, em Portugal, uma política pública de fomento às artes, ofícios e microempresas artesanais. Desta forma, os artesãos podem beneficiar de apoios públicos. Este decreto é uma “estratégia de valorização e credibilização das artes e ofícios enquanto plataforma de afirmação da identidade e cultura nacionais, que assenta, nomeadamente, no reconhecimento do papel fundamental que podem assumir na dinamização da economia e do emprego a nível local”<sup>89</sup>.

De salientar que os órgãos do Governo das Regiões Autónomas dos Açores e Madeira também foram consultados na elaboração deste decreto.

Este decreto tem como principais objectivos:

- “a) Identificar os artesãos e as actividades artesanais, conferindo-lhes maior visibilidade e valorização social e contribuindo, também, para a dignificação das profissões ligadas ao artesanato, nomeadamente, junto dos mais jovens;
- b) Contribuir para uma adequada definição e ajustamento das políticas de incentivo e de discriminação positiva para o sector;
- c) Reforçar a consciência social da importância das artes e ofícios como meio privilegiado de preservação dos valores da identidade cultural do País e como instrumento de dinamização da economia e do emprego a nível local;
- d) Assegurar a produção de dados estatísticos que permitam obter informação rigorosa e actualizada sobre o sector, através do registo dos artesãos e das unidades produtivas artesanais.”

Neste novo quadro legal são estabelecidas regras para a atribuição da Carta de Artesão, à qual têm acesso aqueles que cumprirem os requisitos que lhe estão subjacentes,

---

<sup>88</sup>Disponível em: [http://www.dueceira.pt/artesanatorede/files/estatuto\\_do\\_artesao.pdf](http://www.dueceira.pt/artesanatorede/files/estatuto_do_artesao.pdf)

<sup>89</sup>Decreto-Lei nº 41/2001, de 9 de Fevereiro Disponível em: <http://www.iapmei.pt/iapmei-leg-03.php?lei=4764>

e que têm a ver, principalmente, com o domínio dos saberes e técnicas inerentes à sua actividade e com a dedicação à mesma a título profissional, seja como actividade principal ou secundária. É, igualmente, criada a Carta de Unidade Produtiva Artesanal, título que será atribuído, essencialmente, às microempresas que desenvolvam actividades artesanais de acordo com os critérios definidos no diploma.

Os Açores adaptaram a legislação referente às artes e ofícios, nomeadamente no que concerne à atribuição de cartas de artesão e de unidade produtiva artesanal<sup>90</sup>. A Madeira, ainda não procedeu à adaptação da legislação referida, no entanto, segundo informações fornecidas pelo IVBAM, está a ser analisada uma proposta de adaptação da legislação nacional sobre o artesanato, nomeadamente aos Decretos-Lei n.º 41/2001, de 9 de Fevereiro e n.º 110/2002, de 16 de Abril e à Portaria n.º 1193/2003, de 13 de Outubro.

### ***2002 – Republicação do Decreto-Lei n.º 41/2001 de 9 de Fevereiro***

O Decreto-Lei n.º 110/2002<sup>91</sup> de 16 de Abril republica o Decreto-Lei n.º 41/2001, de 9 de Fevereiro, que aprova o Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal e altera alguns dos seus artigos.

### ***2003 – Processo de Reconhecimento de Artesãos e UPA's***

A Portaria n.º 1193/2003<sup>92</sup> de 13 de Outubro de 2003 aprova as normas regulamentares relativas ao Processo de Reconhecimento de Artesãos e Unidades Produtivas Artesanais, ao Repertório de Actividades Artesanais e ao Registo Nacional do Artesanato.

O PPART elaborou um repertório de actividades artesanais em 2003. Foi preparado de forma a torná-lo legível à luz do código CAE (Classificação das Actividades Económicas) utilizado pela Repartição de Finanças, facilitando todas as equivalências entre o código registado nas Finanças e a actividade pelo Artesão<sup>93</sup>.

---

<sup>90</sup> Os Decretos de Lei n.º 41/2001 de 9 de Fevereiro e n.º 110/2002 de 16 de Abril foram adaptados à Região Autónoma dos Açores através do Decreto Legislativo Regional n.º 19/2001/A de 12 de Novembro, alterado pelos Decretos Legislativos Regionais n.º 16/2003/A de 7 de Abril e n.º 12/2004/A de 23 de Março. A Portaria 1193/2003 de 13 de Outubro que regulamenta o processo de reconhecimento do artesão e da unidade produtiva artesanal foi adaptada na Região pela Portaria n.º 20/2004 de 18 de Março.

<sup>91</sup> Disponível em: <http://dre.pt/pdf1sdip/2002/04/089A00/37033711.pdf>

<sup>92</sup> Disponível em: <http://www.iapmei.pt/iapmei-leg-03.php?lei=2178>

<sup>93</sup> Disponível em: <http://www.ppart.gov.pt/principal.aspx?pagina=reportorio&tipo=1>

O Registo Nacional do Artesanato integra três secções: Repertório de actividades artesanais; Artesãos e Unidades produtivas artesanais. Esta base de dados destina-se à inscrição dos artesãos e das unidades produtivas artesanais e constitui um valioso instrumento para a produção de dados estatísticos, permitindo obter informação rigorosa e actualizada sobre o sector<sup>94</sup>.

#### ***2004 – Símbolos de qualidade nos produtos artesanais***

A Portaria 1085/2004, de 31 de Agosto define os critérios para os artesãos poderem utilizar o símbolo de qualidade nos seus produtos<sup>95</sup>.

É necessário, porém, dar atenção à forma como são atribuídos os Estatutos de Artesão. Existem vários tipos de manualidades, não basta ter um jeito ou habilidade especiais, artes e ofícios são mais do que “bricolage”. Segundo Ana Pires (2006: 10) quando há dúvidas na atribuição do Estatuto de Artesão utiliza-se o “critério da “transformação das matérias-primas”, no entendimento de que, só quando se ultrapassa a simples manipulação dos materiais, muito diferente da sua efectiva transformação, se pode falar de produção artesanal.”

A instituição do Estatuto do Artesão, da Unidade Produtiva Artesanal e da Carta de Artesão foram medidas muito importantes, que tornaram mais fácil o acesso a apoios estatais atribuídos ao artesanato. A criação de um símbolo que identificasse o artesão e a unidade produtiva foi, igualmente, crucial para a rotulagem e publicidade dos produtos e para a divulgação dos criadores dos mesmos.

Segundo Maria João Pereira (2001: 18), “apesar de bem conhecido o artesanato não é reconhecido. Legalmente não existe. Quando um artífice se dirige a uma repartição de finanças para se colectar não o pode fazer porque a profissão que exerce não está prevista no CAE (Código de Actividade Económica).” Este comentário de Maria João Pereira foi realizado em 2001, nove anos depois a situação continua. Se consultarmos o CAE-Rev.3<sup>96</sup> (aprovada pelo Decreto-Lei nº 381/2007, de 14 de Novembro, substituindo o CAE-Rev.2.1 a partir de 1 de Janeiro de 2008), não existe a profissão artesão.

---

<sup>94</sup> Disponível em: [http://www.fpao.org/files/blocos/20090626235205\\_portaria\\_1193\\_03.pdf](http://www.fpao.org/files/blocos/20090626235205_portaria_1193_03.pdf)

<sup>95</sup> Disponível em: [http://www.aarn.pt/fotos/gca/1124129934portaria\\_1085\\_04simbolo.pdf](http://www.aarn.pt/fotos/gca/1124129934portaria_1085_04simbolo.pdf)

<sup>96</sup> Disponível em: [http://www.apcmc.pt/apcmc/img/conversao\\_cae3.pdf](http://www.apcmc.pt/apcmc/img/conversao_cae3.pdf)

## **1.7 O Papel do Estado e das Entidades nacionais e regionais ligadas ao sector das artes e ofícios**

O sector das artes e ofícios, apesar de estar desde há séculos presente na vida do Homem, só recentemente começou a ser visto com outros olhos e isto deve-se em grande parte ao trabalho exemplar e de louvar de muitas entidades públicas e não só.

Existem entidades, organismos e associações responsáveis por promover e desenvolver o sector das artes e ofícios em Portugal, que têm desempenhado um papel crucial no desenvolvimento do sector nas últimas décadas. De acordo com a pesquisa efectuada, serão destacados os mais importantes, nomeadamente: IEFP (Instituto do Emprego e Formação Profissional, IP), CEARTE (Centro de Formação Profissional de Artesanato), CRAT (Centro Regional de Artes Tradicionais) AARN (Associação de Artesãos do Norte), FPAO (Federação Portuguesa de Artes e Ofícios), IVBAM (Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira); Museu Etnográfico da Madeira e CRAA (Centro Regional de Apoio ao Artesanato – Açores).

Às autarquias compete, igualmente, um papel importante no que concerne ao desenvolvimento do sector das artes e ofícios, como é possível ver no artigo n.º 64, n.º2, alínea l) da Lei das Autarquias Locais (Lei n.º 169/99, de 18 de Setembro<sup>97</sup>): “compete à câmara municipal no âmbito do planeamento e do desenvolvimento: promover e apoiar o desenvolvimento de actividades artesanais, de manifestações etnográficas e a realização de eventos relacionados com a actividade económica de interesse municipal.” Os Municípios actuam, muitas vezes, em parceria com as associações culturais dos Concelhos, como é o caso do Município de Ponta do Sol que organiza a Feira de artesanato “Cores” com a colaboração da Casa do Povo local. As parcerias são importantíssimas para chegar mais perto do artesão e da comunidade.

### ***IEFP – O Instituto do Emprego e Formação Profissional, IP***

O IEFP<sup>98</sup> (Instituto do Emprego e Formação Profissional, IP), criado em 1979, é o serviço público de emprego nacional e é tutelado pelo Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Tem como missão fomentar a criação e a qualidade do emprego e

---

<sup>97</sup> Disponível em: [http://www.pgdlisboa.pt/pgdl/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=592&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/pgdl/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=592&tabela=leis)

<sup>98</sup> Cf. <http://www.iefp.pt/Paginas/Home.aspx>

combater o desemprego, através da execução das políticas activas de emprego e formação profissional.

Quando a Comissão Nacional para Promoção dos Ofícios e Microempresas Artesanais (PPART) foi extinta, o IIEFP passou a integrar as funções inerentes à mesma (Lei Orgânica do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, aprovada pelo Decreto-Lei nº 211/2006, de 27 de Outubro). Neste sentido, o IIEFP criou uma unidade orgânica destinada à coordenação e implementação do Programa para a Promoção dos Ofícios e Microempresas Artesanais (PPART), designada por Estrutura de Projecto para a Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais e constituiu um grupo de trabalho para apreciação das candidaturas e emissão de pareceres, com a seguinte composição: o Responsável pela Estrutura de Projecto para a Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais; um representante do Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas; um representante efectivo; um representante suplente; um representante do Ministério da Cultura; um representante do CEARTE e dois representantes das associações de artesãos receptoras dos processos de candidatura, indicados pela FPAO<sup>99</sup>.

Após a integração do PPART, o IIEFP passou a intervir com mais intensidade em determinadas áreas no artesanato: na implementação do Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal; no acompanhamento da revisão / actualização do Catálogo Nacional de Qualificações; na qualificação e certificação de produtos artesanais tradicionais; nos apoios à promoção do Artesanato; no Projecto EUROARTE – Rede de Intercâmbios Europeus no Domínio do Artesanato e na Co-edição da revista Mãos<sup>100</sup>.

Fernando Gaspar apresentou o programa de actividades do IIEFP no quadro do PPART, no domínio do artesanato e as principais áreas de actuação para 2010, na I Convenção de Artes e Ofícios. O representante do IIEFP referiu que o artesanato não tem, actualmente, uma tutela definitiva, mas existem sectores que focam as questões do artesanato nas diversas áreas, tais como cultura, emprego, economia e educação. No final da sua intervenção, Fernando Gaspar referiu que a maior parte dos artesãos está fora dos quadros estatísticos e é essencial revitalizar este trabalho através das associações, levando

---

<sup>99</sup> Disponível em:

<http://www.dgadr.minagricultura.pt/aaaDefault.aspx?f=1&back=1&codigono=69646966AAAAAAAAAAAA>

<sup>100</sup> Dados retirados do Anexo nº 2, p. 169.

as pessoas ao registo nacional de artesanato, para que o sector tenha um peso, sendo assim reconhecido.

O IEFP tem desempenhado um papel importante no que concerne à publicação de monografias e revistas sobre o sector das artes e ofícios. É possível consultar a base de dados destas edições no site. Neste estudo, são destacadas as seguintes publicações: as revistas “Dirigir”, “Formar” e “Integrar”; os livros “Artesanato da Região Norte”, “Artesanato da Região Centro”, “Artesanato da Região de Lisboa”, “Artesanato da Região do Alentejo”, “Artesanato da Região do Algarve” e os Catálogos FIA (Feira Internacional de artesanato de Lisboa).

### ***CEARTE – Centro de Formação Profissional do Artesanato***

O CEARTE é um centro de Formação Profissional no sector do artesanato e foi criado em 1986 através de um Protocolo entre o IEFP e a Cáritas Diocesana de Coimbra, com a finalidade de promover acções de formação profissional orientadas para as diversas áreas do sector do artesanato. É um centro de formação com sede em Coimbra, mas cuja intervenção se estende um pouco por todo o país, embora com grande incidência na Região Centro.

Tem como missão “promover e desenvolver acções de formação profissional e de certificação de competências visando o aumento das qualificações profissionais e escolares da população em geral e em particular do sector do artesanato, bem como projectos de consultoria, de inovação e de modernização do sector das artes e ofícios em Portugal e de valorização e actualização profissional dos artesãos”<sup>101</sup>.

Esta entidade tem como objectivos essenciais: a qualificação de novos artesãos através da formação; formação contínua dos artesãos activos, numa lógica de formação ao longo da vida, nas áreas Tecnológicas, do Design, da Qualidade, da Gestão Empresarial e da Promoção e Comercialização; desenvolvimento de projectos inovadores nas áreas do design, associando tradição e modernidade, contribuindo para a inovação nas artes e ofícios tradicionais; certificação das competências adquiridas pelos artesãos dando-lhes equivalência escolar ao nível do 6º, 9º e 12º ano de escolaridade e/ou uma certificação profissional; participação em projectos transnacionais que estimulem o espírito Europeu, o

---

<sup>101</sup> Disponível em: [http://www.cearte.pt/index.php/articles/show/cearte\\_missao.html](http://www.cearte.pt/index.php/articles/show/cearte_missao.html)

intercâmbio e a mobilidade no âmbito das artes e ofícios e apoio técnico especializado a artesãos e micro empresas apropriado às suas necessidades.

Segundo Luís Rocha, (2006: 19), esta instituição tem contribuído muito no que concerne a dar resposta às necessidades de formação profissional no sector das artes e ofícios.

“Pela formação, foi introduzido no artesanato um novo fôlego expresso na criação de novas unidades produtivas e no aparecimento de jovens artesãos que, com níveis de escolaridade, com preparação profissional adequada, muitas vezes munidos de competências na área do design, da gestão e das novas tecnologias, se deixam seduzir pela cerâmica, pelo vidro, pelas madeiras, pelos têxteis, e que optam pelas Artes e Ofícios como projecto profissional, garantindo, com qualidade acrescida, a sua continuidade e desenvolvimento.”

A formação é o caminho para o crescimento em qualquer actividade. O CEARTE tem contribuído, sem dúvida, para o desenvolvimento do sector das artes e ofícios em Portugal, através da formação e qualificação de jovens e artesãos activos.

### ***CRAT – Centro Regional de Artes Tradicionais***

O CRAT, Centro Regional de Artes Tradicionais, é uma associação privada de utilidade pública, sem fins lucrativos. Segundo Graça Ramos<sup>102</sup>, o Estado não apoia directamente esta instituição, apenas em projectos pontuais. O CRAT iniciou a sua actividade em 1985, no entanto a sua constituição e a publicação dos estatutos só aconteceu em Maio de 1991. Esta entidade tem a sua sede na zona histórica do Porto e apesar de, no início ser vocacionado mais para Região do Porto, em 2006 procedeu a uma alteração dos estatutos e passou a ter âmbito nacional.

O Centro Regional de Artes Tradicionais é uma instituição cultural vocacionada para o estudo, promoção e divulgação das artes e ofícios portugueses. Ao longo destes 25 anos de existência, o CRAT lutou pela valorização e credibilização do artesanato, enquanto plataforma de afirmação de identidade e cultura, dinamizando, assim, as economias locais.

Segundo Graça Ramos (2006: 14), o CRAT é a “única instituição portuguesa que se dedica à promoção da investigação sistemática na área das artes tradicionais e à sua publicação. Sendo responsável pela difusão do conhecimento das artes e cultura locais,

---

<sup>102</sup> Directora do Centro Regional de Artes Tradicionais. Entrevista realizada no dia 25 de Março de 2010, no Porto.

proporciona um vasto espaço de diálogo e confronto entre a tradição e a modernidade, entre a memória e a criação.”

O CRAT visa, essencialmente, a promoção de estudos no campo das artes tradicionais e a sua ligação às novas expressões do artesanato contemporâneo; a defesa da qualidade dos produtos tradicionais, apoiando a sua preservação e divulgação, assim como as suas possibilidades económicas e artísticas; a colaboração com artesãos e instituições educativas, numa vertente pedagógica; o recrutamento e formação de novos artistas que assegurem a continuidade e a inovação nas artes e ofícios e o apoio à produção artesanal nas suas diversas componentes: técnicas, estéticas, organizativas e comerciais.<sup>103</sup>

Para a melhor prossecução destes objectivos, o CRAT criou três sectores de actividade: o Centro de Estudos e Documentação; o espaço de Exposições e a Formação/Animação<sup>104</sup> e a Loja Artefacto. O Centro de Estudos e Documentação congrega a informação existente sobre o sector, contando, actualmente, com um importante núcleo de publicações próprias, que versam sobre a temática das artes tradicionais nas suas múltiplas vertentes, tais como: *Guia de Artesanato da Região Norte* (2003); *Gramáticas de Pedra – Levantamento de tipologias de construção murária* (2003); *O Tempo da festa* (1997), entre outros. A CRAT é, também, responsável pela edição da Revista de Artes e Ofícios “Mãos”, única revista portuguesa sobre esta temática.

O programa de exposições do CRAT proporciona um diálogo constante entre artesanato tradicional e artístico. O rigor científico dos conteúdos aliado à qualidade estética da montagem fazem com que as exposições do CRAT sejam reconhecidas a nível nacional. Exemplos de exposições: Exposição “Velhos Saberes Novas Tendências”; Exposição de Cerâmica Contemporânea” e “Talha Cerâmica de Bisalhães”<sup>105</sup>.

No que concerne ao programa de formação e animação, o CRAT promove diversas oficinas, como Workshops de escultura de papel; Oficina de pasta de papel e Jogos tradicionais, entre outros. Esta instituição pretende, acima de tudo, ser um “espaço cultural aberto no interior do centro histórico do Porto”<sup>106</sup> onde todos são convidados a participar na descoberta das memórias das artes e ofícios, dos materiais e das tecnologias.

---

<sup>103</sup> In Folheto informativo do Centro Regional de Artes e Ofícios

<sup>104</sup> Ibidem

<sup>105</sup> Ibidem

<sup>106</sup> Ibidem

A Loja Artefacto presta um serviço de representação ao artesão. Tem como missão promover e divulgar as actividades e produtos das artes tradicionais, bem como das versões inovadoras de tais técnicas, saberes e formas.

### ***AARN – Associação de Artesãos da Região Norte***

A AARN – Associação de Artesãos da Região Norte foi criada em 1996 (legalizada em 1997) por um grupo de artesãos da Região Norte, para colmatar uma lacuna, pois não existia, na altura, uma estrutura organizada que os representasse, defendesse os seus interesses e promovesse o desenvolvimento das profissões inseridas no sector das Artes e Ofícios. A AARN tem, assim, como objectivo essencial promover a melhoria das condições socioprofissionais dos artesãos da Região Norte. Para esta associação, artesanato é sinónimo de “expressões singulares das Artes”; “pluralidades únicas de Ofícios” e “identidades que valorizamos e promovemos”.

Esta entidade adquiriu, ao longo dos tempos, um âmbito nacional, uma vez que trata da problemática do sector em todas as suas vertentes, dando atenção a todas as regiões portuguesas e fazendo parte de diversas entidades nacionais como é o caso do PPART e da FPAO. Dá a conhecer projectos e iniciativas, eventos e feiras do sector das artes, possuindo, igualmente, uma galeria com trabalhos expostos de vários artesãos nacionais, no seu site oficial.

Esta entidade dá, também, apoio aos artesãos nos processos de atribuição da Carta de Artesão e da Carta de Unidade Produtiva Artesanal, assim como na organização de diversas acções de formação e seminários sobre a problemática do sector, como foi o caso da I Convenção de Artes e Ofícios, no Porto.

A AARN tem vindo, ao longo do seu percurso, a estabelecer alguns protocolos, acordos e convénios dos quais têm resultado progressos efectivos para o desenvolvimento do Sector. Organiza, anualmente, a feira de artesanato no Porto denominada “Artesanatus”, uma referência nacional no que concerne a feiras deste âmbito<sup>107</sup>.

### ***FPAO – Federação Portuguesa de Artes e Ofícios***

A Federação Portuguesa de Artes e Ofícios (antiga CNA - Comissão Nacional de Artesãos) foi criada em 2001 e é uma instituição sem fins lucrativos, que representa e

---

<sup>107</sup>Disponível em: <http://www.aarn.pt/gca/index.php?id=5>

tutela o movimento associativo dos artesãos portugueses do Continente e da Região Autónoma dos Açores. Infelizmente a Região Autónoma da Madeira não está representada nesta entidade.

Este organismo tem contribuído significativamente para a regulação do sector do artesanato, principalmente no que concerne ao processo de atribuição de cartas de artesão e de unidade produtiva artesanal. Tem como objectivos fundamentais criar parcerias e projectos no sentido de promover e valorizar o Artesanato Português, quer tradicional quer contemporâneo.

“A FPAO acredita, acima de tudo, que o Artesanato Português poderá ser o melhor embaixador da identidade cultural dos Portugueses”<sup>108</sup>.

### ***IVBAM - Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira, I.P.***

O Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira, I.P. – IVBAM surgiu através da fusão do Instituto do Vinho da Madeira (IVM) e do Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira (IBTAM), em Julho de 2006.

Este organismo tem as seguintes funções:

- Fiscalização das actividades vitivinícolas regionais, certificação e controlo de qualidade do Vinho da Madeira;
- Emissão da certificação de qualidade para o Bordado Madeira;
- Promoção e divulgação dos produtos regionais nos mercados regional, nacional e internacional<sup>109</sup>.

O IVBAM tem no seu organigrama uma Direcção de Serviços de Artesanato (DSART); uma Divisão de Certificação do Artesanato (Div. Cart.), uma Divisão de Criação Artística (Div. CA) e uma Divisão de Promoção (Div. Prom.)<sup>110</sup>.

Esta entidade colabora com alguns artesãos regionais, cedendo as suas instalações e o forno para a concretização de peças de cerâmica<sup>111</sup>.

---

<sup>108</sup> Disponível em: <http://www.fpao.org/>

<sup>109</sup> <http://www.bordadomadeira.pt/>

<sup>110</sup> Portaria n.º 62-A/2006. Jornal Oficial I Série N.º 64 - 31-05-2006

<sup>111</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 176.

## ***Museu Etnográfico da Madeira***

O Museu Etnográfico da Madeira tem realizado um trabalho importantíssimo em prol do artesanato madeirense, desde a sua criação em 1996. A sua directora, a Dr.<sup>a</sup> Lídia Góes Ferreira, tem levado a cabo um trabalho exaustivo de recolha e investigação das artes e ofícios na Madeira. Desta recolha, nasceram diversos frutos produtivos tais como exposições, feiras de artesanato e a autoria de diversos documentários etnográficos tais como: “Museus Vivos” (1998); “Raízes” (1<sup>a</sup> série – 2001; 2<sup>a</sup> série - 2008); “Presépios Madeirenses” (2008); “Gente d’ Ofício” (2009) e “Presépios na Madeira, Abençoada Tradição” (2009) que a RTP Madeira exibiu, dando a conhecer o panorama do artesanato na Região.

Desde 1996, o Museu Etnográfico organizou cerca de 30 exposições temporárias dando oportunidade aos artesãos regionais de divulgarem as suas peças, o seu trabalho, a sua vida. Muitas foram as temáticas apresentadas. Uma das primeiras exposições temporárias esteve patente de Dezembro de 1996 a Junho de 1997 e intitulava-se “Arte e Devoção – Presépios Portugueses, algumas representações”. Teve a participação de doze artesãos regionais e cinco artesãos continentais. As exposições seguintes versaram diversos temas, tais como: “O Homem e o artefacto - Artesanato Madeirense”; “A tradição do barro” - José Vasconcelos; “Objectos Voadores da Minha Infância” – Agostinho Vasconcelos; “Presépios Madeirenses - Tradição e Inovação”; “Tem arte” – Embutidos e Cerâmica – Susana Ornelas; Garrafões empalhados (com vimes) – José Celestino Gouveia e Heliadora Gouveia; Artesanato: tradição e inovação – Centro de Formação Agrária das Preces; Profissões Tradicionais: “A obra de vimes – cestaria”; “Palha de Bananeira: Aproveitar, criar, inovar”, entre outros.

Com as exposições, feiras, documentários, o Museu pretende homenagear os artesãos regionais, divulgando o património cultural, incentivando a população mais jovem, revitalizando e renovando o artesanato da RAM. Segundo Lídia Góes Ferreira (1997: 21), o Museu Etnográfico tem como finalidades essenciais a recolha e conservação dos testemunhos da cultura tradicional madeirense; a investigação científica, a comunicação e a animação, através do Centro de Documentação / Biblioteca / Videoteca e de um Auditório de Serviços Educativos. A Loja de Vendas do Museu foi criada para valorizar, divulgar, apoiar e comercializar a produção artesanal regional.

### ***O Centro Regional de Apoio ao Artesanato (C.R.A.A.)***

O Centro Regional de Apoio ao Artesanato foi criado em 1988, através do Decreto Legislativo Regional n.º 7/88/A, de 22 de Marco, e está, actualmente, na dependência do Gabinete do Secretário Regional da Economia, actuando em todas as ilhas do Arquipélago dos Açores. Esta entidade tem como funções essenciais desenvolver e valorizar os produtos tradicionais dos Açores.

O CRAA concretiza uma série de medidas que apoiam, em todas as vertentes, o artesanato na região, realizando, por exemplo, todos os anos, Feiras Regionais e Nacionais, com o objectivo de divulgar e comercializar os produtos artesanais dos Açores. Na Madeira, isto não se verifica.

Todas as entidades referidas, anteriormente, trabalham em parceria em muitos projectos, com os mesmos ideais, com o único intuito de desenvolver o sector das artes e ofícios em Portugal. Relativamente ao IVBAM, entidade que tutela o artesanato na RAM, nota-se que se encontra afastado da realidade nacional, uma vez que não participa em projectos de parceria com as outras entidades, como o faz, e muito bem, a Região Autónoma dos Açores. Isto só prejudica a Madeira, aumenta ainda mais os limites insulares e não alarga horizontes.

### **1.7 Encontros Ibéricos e Nacionais no âmbito do artesanato**

O diálogo e o espaço de debate e de reflexão são sempre importantes em qualquer actividade, como forma de partilhar experiências e conhecimentos, que tornam as nossas vidas muito mais enriquecidas. Felizmente, no sector das artes e ofícios, têm sido organizados, nas últimas décadas, encontros internacionais e nacionais, tendo como temática essencial as problemáticas que assolam o artesanato, alertando, assim, as entidades competentes e a própria malha de artesãos sobre os vários desafios do sector. Destaca-se, aqui, alguns desses encontros que, pelas suas peculiaridades, têm um lugar nesta investigação.

#### ***EUROARTE' 97***

Foi a primeira Feira Europeia de Artesanato a ser realizada. Teve a organização da Associação EUROARTE e a cidade escolhida para acolher o evento foi Madrid. Contou

com a presença de 300 expositores, 235 provinham de Espanha, Portugal, Reino Unido, Alemanha, França, Itália e Perú, correspondendo os restantes a outras entidades como museus (Mãos nº 2 e 3, 1997: 8).

### ***1ª Cimeira de artesãos da Europa e América Latina.***

Este evento ocorreu em Saragoça, em 1998, sendo organizado pela Confederação das Pequenas e Médias Empresas de Aragão. Acolheu cerca de 650 artesãos, em representação de 35 países da Europa e da América Latina. Esta Cimeira teve a peculiaridade de oferecer, aos participantes, seminários, encontros de trabalho privados e a possibilidade de exporem e comercializarem os seus produtos na Exposição Internacional de Artesanato (Luís Rocha, 1998: 23).

### ***Na Expo 98 - um espaço dedicado ao artesanato através da Iniciativa “Nas Margens”.***

Este projecto teve como objectivo dar a conhecer o vestuário artesanal que se fazia, na altura, em Portugal. Para tal, foi essencial a contribuição de estilistas e artesãs de diversas regiões. Os materiais têxteis artesanais foram confeccionados por oficinas de artesãs e utilizadas em criações de moda contemporânea, desenhadas por Ana Salazar, Olga Rego, Luís Buchinho, Filipe Faísca e Inês Simões. A estilista Helena Cardoso e o CEARTE tiveram oportunidade de mostrar, também, o trabalho que realizaram na recolha, pesquisa e recriação do têxtil artesanal.<sup>112</sup>

### ***As Assembleias de Artes e Ofícios – 1999/2000***

O PPART – Programa para a Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais iniciou, em 1999, um ciclo de debates temáticos, realizados de forma descentralizada, no Norte, Centro e Sul do país, denominados “Assembleias de Artes e Ofícios”. Estas reuniões versaram quatro temas fundamentais: o Estatuto do Artesão (Entre-os-Rios 1999); os Ofícios e as Unidades Produtivas Artesanais (Albufeira 1999); a Certificação de Produtos e Serviços Artesanais (Coimbra 1999) e Inovação, design e qualidade (Viseu 2000).

---

<sup>112</sup> “Artesanato na Expo 98” In Mãos nº 5, p. 30.

### ***O I Simpósio de Artes e Ofícios dos Açores, no ano 2000***

Este evento foi organizado pela Secretaria Regional da Economia, através do Centro Regional de Apoio ao Artesanato dos Açores. Teve como tema as “Microempresas de Artesanato, Ultraperiferia e Desenvolvimento Local”. O debate focou questões como o artesanato local numa perspectiva de criação de emprego, de formação, de investimento (Alexandra Andrade, 2000: 26).

### ***Iberiona 2001, 2003, 2005; 2007, 2009***

Nestes encontros ibéricos, participam associações, entidades e artesãos de Espanha e Portugal. Desde o seu início, o intercâmbio de ideias, vivências, problemas e êxitos tem sido uma constante. Nas cinco edições foram debatidos os seguintes temas, respectivamente: ofícios; empresas; criatividade; vanguarda e identidade; e inovação (Graça Ramos, 2008: 11). A próxima edição será em 2011, em Portugal.

### ***Bienal de Artes e Ofícios 2008***

Com o intuito de complementar a Iberiona, realizada desde 2001 e, em todos os anos ímpares, o CRAT decidiu organizar uma bienal de artes e ofícios nos anos pares, para “promover um fórum, um espaço de discussão e reflexão alargados”. O lançamento deste ano zero teve lugar em 2008, tendo como temáticas de análise e reflexão a cestaria, a têxtil e a cerâmica. Cada um destes domínios constituirá o mote das próximas edições desta Bienal (Graça Ramos, 2008: 24).

### ***I Convenção de Artes e Ofícios***

Nos dias 27 e 28 de Março de 2010, decorreu, no CACE Cultural do Porto, a I Convenção de Artes e Ofícios, organizada pela FPAO (Federação Portuguesa de Artes e Ofícios). Com base na análise e levantamento efectuado, ao longo dos últimos anos, sobre as problemáticas que afectam o sector das artes e ofícios em Portugal, a FPAO preparou esta Convenção, uma forma de promover um espaço de reflexão e debate em que artesãos e instituições pudessem partilhar saberes e experiências, bem como as suas preocupações e aspirações para o futuro.

Foram convidadas personalidades do mundo das artes e ofícios de Portugal e Espanha que deram o seu testemunho, falaram sobre a sua organização/instituição e debateram questões importantes para o sector. José Louza (ex-presidente da FPAO), Fernando Gaspar (IEFP), Conceição Rios (CRAT), Luís Rocha (CEARTE), Miguel Oliveira (FPAO), Maria João Pires (Subli+), e Marita Setas Ferro (estilista) foram os oradores que abrilhantaram esta Convenção e que serviram de inspiração a este trabalho de investigação.

Por entender que seria muito útil à minha investigação, fui à Convenção. Num universo de cerca de cem participantes, estavam apenas duas madeirenses (eu e a pessoa que me acompanhava) entre continentais, espanhóis e açorianos. Como é possível que nenhuma entidade ou associação madeirenses se tivessem interessado por participar numa Convenção onde se discutem problemáticas igualmente importantes para a Região? Esquecemos, infelizmente, que há mais para além dos limites insulares que nos rodeiam e que, hoje em dia, mais do que nunca, devemos estar atentos a toda e qualquer mudança que ocorre a nível nacional e internacional.

Todos os intervenientes nas mesas redondas deste encontro concordam que esta Convenção e reuniões deste género se repitam, pois permitem a partilha de saberes e o estabelecimento de parcerias importantes. Salientam, também, a importância da divulgação e publicação dos debates e conclusões. O Estado e as Associações de Artesanato devem efectuar as diligências necessárias para colmatar as lacunas do sector.

Os oradores e intervenientes nos debates desta Convenção contribuíram, certamente, para enriquecer o conhecimento real do sector na actual conjuntura e possibilitarão à FPAO propor novas orientações e recomendações que visem a consolidação, qualificação e valorização das Artes e Ofícios, enquanto sector económico, cultural e social em Portugal.

Aquando das minhas pesquisas, observei que a Artesanatus (feira de artesanato organizada no Porto pela AARN) aposta, no ano 2010, em duas novidades: será a primeira feira de artesanato a proporcionar aos expositores, cursos de formação nas áreas de marketing, técnicas de atendimento e decoração/vitrinismo, e terá, ao dispor de todos, uma loja online, onde os artesãos poderão apresentar e comercializar os seus produtos. Desta forma, a Artesanatus converte-se na Feira mais vanguardista em Portugal. Suponho que

estes terão sido alguns dos resultados práticos da I Convenção de Artes e Ofícios em Portugal, que certamente serão do agrado de todos.

### ***Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios”***

Este seminário foi organizado pelo CEARTE, AARN, FPAO E IEFP (através da Delegação Região Norte) e teve como objectivo essencial fornecer aos participantes novas ferramentas de trabalho, de reflexão, através da partilha de experiências. Discutir, debater foram as palavras de ordem. A organização do Seminário recebeu cerca de 160 inscrições, um número extremamente positivo e superior ao registado na I Convenção de Ofícios, realizado nos dias 27 e 28 de Março no CACE Cultural do Porto, neste ano. Este aumento demonstra que o tema do seminário é actual e oportuno. Este encontro constituiu um espaço de reflexão importante, pois hoje, mais do que nunca, é fundamental partilhar ideias, apresentar projectos.

Segundo Fernando Gaspar (IEFP) o seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios” pretendeu ser uma “lufada de ar fresco”<sup>113</sup>, podendo nortear novos rumos para os artesãos e entidades ligadas ao sector. Este encontro foi uma forma de trazer receitas alternativas para o trabalho. A troca de ideias é importante e motivadora, podendo alavancar soluções interessantes.

Para José Louza, um dos oradores da I Convenção, “da discussão nasce a luz”. Acredito que estes encontros são importantes para o desenvolvimento do sector das artes e ofícios, porque da partilha, do debate, nascem sempre ideias novas, criativas, inovadoras. Acredito que graças a estas tertúlias, muitas luzes puderam acender-se nos projectos e desafios de cada um dos participantes.

## **Capítulo 2. Levantamento da situação dos artesãos na Madeira**

Quando falamos de artesanato na Madeira, as primeiras palavras que nos surgem são: vimes e bordado Madeira. Estes dois sectores foram pilares importantes da economia da Região nos séculos XIX e XX.

Segundo dados fornecidos pelo IVBAM, existem, neste momento, na Madeira, 28 empresas de bordado (23 com movimentos comunicados) e 6 empresas dedicadas à obra de

---

<sup>113</sup> Orador no Seminário “Tendências, âncoras para a criação nas artes e ofícios” realizado no dia 21 de Outubro de 2010.

vime, de acordo com a actualização do 1º Trimestre/2010. Infelizmente, são cada vez menos os artesãos de vimes, na Região.

Actualmente, o IVBAM trabalha com muito empenho e dedicação no desenvolvimento dos sectores do vinho e do bordado, áreas importantíssimas para a economia regional, conseguindo levar para além fronteiras estes produtos tão característicos madeirenses, com muito sucesso. No entanto, noto que as áreas restantes pelas quais esta Instituição é responsável, na Região, encontram-se, neste momento, estáticas. A fusão realizada em Julho de 2006, unindo o Instituto do Vinho da Madeira (IVM) e o Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira (IBTAM) fez com que o artesanato ficasse em último lugar nas preocupações do IVBAM.

Se pesquisarmos na Internet, o IVBAM tem dois sites oficiais, um dedicado ao vinho (<http://www.vinhomadeira.pt/>) e outro aplicado ao bordado Madeira (<http://www.bordadomadeira.pt/>), não existindo nenhum site dedicado ao artesanato. Encontro apenas três textos sobre artesanato no site referente ao bordado madeira, não numa divisão própria, mas sim no item “notícias”, cujos títulos são: “Bordado Madeira e Artesanato Novamente em Vila do Conde”<sup>114</sup>; “O Artesanato tradicional da Madeira presente na Feira de Artesanato da Covilhã - Junho 2009”<sup>115</sup> e “Entrega de Certificados dos Cursos - Março 2008”<sup>116</sup>.

O Museu Etnográfico da Madeira tem realizado um trabalho importantíssimo em prol do artesanato madeirense, nos últimos anos. A meu ver esta Instituição tem agido, nos últimos anos, como se fosse a verdadeira entidade que tutela o artesanato na Região. O excelente trabalho de recolha e divulgação efectuados são prova disso, assim como a organização das exposições temporárias, de feiras de artesanato e a realização de documentários na RTP Madeira. Segundo Lídia Góes Ferreira, o Museu tem como principal função a salvaguarda da divulgação das peças artesanais, apoiando o artesão de acordo com as suas possibilidades<sup>117</sup>. José Campinho (2008: 94) corrobora estas ilações

---

<sup>114</sup>Disponível em: <http://www.bordadomadeira.pt/pt/noticias/feira-nacional-de-artesanato-vila-do-conde-24-julho-a-8-agosto-2010/menu-id-45.html>

<sup>115</sup>Disponível em: <http://www.bordadomadeira.pt/pt/noticias/o-artesanato-tradicional-da-madeira-presente-na-feira-de-artesanato-da-covilha-de-4-a-7-de-junho-de-/menu-id-45.html>

<sup>116</sup>Disponível em: <http://www.bordadomadeira.pt/pt/noticias/handing-out-of-certificates-march-2008/menu-id-45.html>

<sup>117</sup> Directora do Museu Etnográfico da Madeira. Entrevista realizada no dia 28 de Setembro de 2010, na Ribeira Brava.

pois, segundo este autor, Lídia Góes Ferreira tem “dedicado permanente atenção a estas artes artesanais secundárias numa ilha onde o vinho ou o bordado ocupam o trono.”

As Casas do Povo da Região também desempenham um papel importante, no que concerne ao artesanato, ao efectuarem algumas acções de formação sobre as técnicas artesanais mais antigas, para não as deixarem cair no esquecimento. A Casa do Povo da Ponta do Sol e a Casa do Povo do Curral das Freiras levaram a cabo, recentemente, acções de formação sobre as bonecas de massa, por exemplo.

Apesar dos esforços das entidades referidas anteriormente, é urgente revitalizar o artesanato produzido na Região. O IVBAM, como entidade que tutela o sector, deve criar medidas de incentivo à criação de novos produtos, à salvaguarda das técnicas sábias de outrora e à inovação de alguns produtos tradicionais que já não singram no mercado por estarem ultrapassados. Para atingir estes objectivos, esta instituição devia fazer um levantamento dos artesãos existentes na Região, investir na promoção de acções de formação, na criação de feiras e pontos de venda, no aumento de apoios, para que os artesãos possam participar em feiras nacionais e internacionais, e em campanhas de divulgação dos produtos, à semelhança das campanhas eficazes do vinho e do bordado na Região e no estrangeiro.

## **2.1 Os artesãos regionais no Registo Nacional de Artesanato**

Podem ser feitos vários levantamentos no que concerne aos números estatísticos de artesãos a laborar, actualmente, na Região, através da consulta do Registo Nacional de Artesanato e das Bases de Dados do IVBAM e do Museu Etnográfico da Madeira.

Existem apenas 18 Unidades Produtivas Artesanais registadas<sup>118</sup>, da Região Autónoma da Madeira, no Registo Nacional de Artesanato, como é possível observar na tabela seguinte.

---

<sup>118</sup> [http://www.ppart.gov.pt/principal.aspx?pagina=sub\\_menu&tipo=1&cod=13](http://www.ppart.gov.pt/principal.aspx?pagina=sub_menu&tipo=1&cod=13)

<b>Concelho</b>	<b>Denominação da UPA</b>	<b>Nº de Carta de Artesão</b>	<b>Actividades</b>
Funchal	Emanuel Severino Ferreira de Nóbrega	121427	05.13 - Tanoaria 13.18 - Fabrico de Miniaturas
	Helena Luísa Farinha de Alencastre	121101	02.01 - Cerâmica
	João Maurício Vieira Gomes	121379	13.18 - Fabrico de Miniaturas
	José Carlos de Sousa	121429	04.02 - Arte de trabalhar couro 04.04 - Fabrico e reparação de calçado
	José Pinto de Freitas	121378	02.02 - Olaria 02.04 - Modelação Cerâmica
	Maria da Luz Ornelas Vasconcelos Alves	120908	01.12 - Confecção de artigos de malha 05.08 - Arte de Embutidor 11.04 - Restauro de Bens comuns - Madeira
	Maria Lídia dos Ramos Sousa	121502	01.12 - Confecção de artigos de malha 01.13 - Confecção de artigos de renda 01.14 - Confecção de Bordados
Santana	Avelino Caldeira da Silva	121259	01.14 - Confecção de Bordados 13.18 - Fabrico de Miniaturas
	Conceição Augusta de Ornelas Gomes de Freitas	121426	03.13 - Confecção de Bonecos em Folha de Milho 13.18 - Fabrico de Miniaturas
	Gracinda Maria Freitas Caetano	121224	01.01 - Preparação e fiação de fibras têxteis 01.02 - Tecelagem
Santa Cruz	Maria da Natividade de Quintal	121268	01.13 - Confecção de artigos de renda 01.14 - Confecção de Bordados
	Tânia Maria Nóbrega de Nóbrega	121528	01.07 - Fabrico de acessórios de vestuário
Ribeira Brava	Botachã, Fabricação de Calçado, Lda.	121364	04.04 - Fabrico e reparação de calçado
	Luís de Jesus	121415	05.16 - Fabrico de utensílios e outros objectos em Madeira
Porto Santo	Rui Virgílio Melim Drumond Alves	121367	13.18 - Fabrico de Miniaturas
Calheta	Ana Paula da Silva Gomes	121471	02.05 - Azulejaria
Câmara de Lobos	Susana Fernanda da Silva Ornelas	121319	02.03 - Cerâmica figurativa 05.08 - Arte de embutidor
Ponta do Sol	Conceição Gonçalves Pereira	121217	01.01 - Preparação e fiação de fibras têxteis 01.02 - Tecelagem

Tabela 1: Base de dados de UPA's na RAM

## 2.2 Os artesãos regionais na Base de dados do IVBAM

Segundo a Eng.<sup>a</sup> Paula Cabaço<sup>119</sup> o IVBAM encaminha os processos de solicitação de carta de artesanato e de carta de unidade produtiva artesanal para o PPART. Relativamente à participação neste organismo, a Presidente do IVBAM refere que a Madeira continua a ser representada nas reuniões do PPART, sempre que possível. Neste momento, constam, na base de dados do IVBAM<sup>120</sup>, 18 artesãos, dedicados aos seguintes tipos de produtos:

<b>Tipo de Artesanato</b>	<b>Número de artesãos</b>
Miniaturas de barris	1
Croché / Rendas	2
Botas de Vilão	2
Carros de cestos	1
Casas de Santana	2
Objectos de cerâmica	3
Embutidos de madeira	3
Moinhos do Porto Santo	1
Tecelagem	2
Acessórios de vestuário	1

Tabela 2: Base de dados de artesãos do IVBAM

## 2.3. Realidade Regional Actual

Os números estatísticos encontrados no Registo Nacional de Artesãos e na Base de dados do IVBAM não correspondem aos números reais de artesãos regionais que trabalham actualmente. Se visitarmos algumas feiras de artesanato, alguns espaços de venda e, sobretudo, falarmos com as pessoas certas, temos outra percepção da actividade artesanal madeirense actual.

À tabela do Registo Nacional de Artesanato, que coincide com a tabela do IVBAM, acrescentaria os seguintes artesãos: Carmen Molina (cerâmica); Orlando Noronha Góis (palha de bananeira e pedra); Auoa Artesanato (acessórios de vestuário); Maria Jaime

---

<sup>119</sup> Presidente do IVBAM. Entrevista realizada no dia 2 de Junho de 2010, na Ponta do Sol.

<sup>120</sup> Informações fornecidas pelo IVBAM

Freitas (cerâmica); Madalena Freitas (cerâmica); Carlos Jorge Pereira Rodrigues (Instrumentos tradicionais); Cristiana Ribeiro (acessórios de vestuário); Adelaide Ganança (Doçaria regional), entre outros. Para elaborar uma tabela mais completa, teria de ser realizada uma recolha profunda em todos os Concelhos, no que concerne a todos os tipos de artesanato produzidos pelos artesãos de cada localidade.

Relativamente à situação do artesanato na RAM, Helena Alencastre acha que o artesanato é visto, como um todo homogéneo e a realidade não é bem assim. Enquanto no artesanato tradicional o produto vem primeiro, porque já tem um historial, no artesanato contemporâneo o nome do criativo, do artesão deve aparecer em primeiro lugar e só depois o produto. Helena Alencastre e Luz Ornelas notam que o artesanato na Região está um pouco escondido, não aparece.<sup>121</sup>

Na verdade, o sector das artes e ofícios na Madeira não se encontra nas melhores condições. Devem ser tomadas medidas de revitalização, de fomentação do artesanato, caso contrário, num futuro não muito longínquo, apenas nos museus se poderão apreciar peças artesanais de qualidade.

## **2.4 Modalidades de comercialização**

Nos últimos anos, o número de lojas que privilegiam a venda de artefactos criativos de qualidade tem aumentado, a nível nacional, felizmente. Estas constituem uma das melhores vias, actualmente, de escoamento dos produtos, dando-lhes visibilidade de uma forma dignificante. Alma Lusa (Lisboa); o Espaço Anthropol<sup>122</sup> (Coimbra); Águas Furtadas<sup>123</sup> (Porto); Design com Texto<sup>124</sup> (Vila do Conde) e a Loja de Estar (Vila Nova de Gaia)<sup>125</sup> são alguns dos espaços comerciais que apostam na venda de produtos de design artesanal contemporâneo em Portugal.

Para Ana Pires (2000: 7), “as lojas terão que ser vistas como um elemento importante na promoção da imagem dos produtos artesanais e não ajudarem, como sucede demasiadas vezes, a desvalorizar o artesanato. Precisamos de lojistas informados e que gostem, apreciem e saibam o que vendem”.

---

<sup>121</sup> Artesãs. Entrevista realizada no dia 4 de Novembro de 2010, no Funchal.

<sup>122</sup> Cf. <http://www.anthroploja.blogspot.com/>

<sup>123</sup> Cf. <http://aguasfurtadasdesign.blogspot.com/>

<sup>124</sup> Cf. <http://www.design-com-texto.com/>

<sup>125</sup> Cf. <http://www.lojadestar.com/>

Infelizmente, ao contrário do que se observa a nível nacional, na Madeira não existem muitos espaços onde os artesãos possam comercializar os seus produtos.

O Museu Etnográfico, para além de dar a oportunidade aos artesãos de divulgarem o seu trabalho nas exposições e nos workshops que realiza, também lhes dá a possibilidade de venderem os seus produtos na Loja do Museu. Algumas lojas, como as Lojas Cores e outras mais vocacionadas para o comércio turístico, de souvenirs e objectos tradicionais são uma possibilidade. As feiras de artesanato, apesar de serem poucas, são o local por excelência onde os artesãos podem escoar os seus produtos, uma vez que dão a possibilidade de vender directamente ao consumidor final sem burocracias, sem facturas nem recibos.

#### **2.4.1 Madeira-in-a-Box**

Existe um portal regional denominado “Madeira-in-a-box” que constitui outra forma, mais actual e inovadora, de divulgação e comercialização online de produtos madeirenses. Neste site, estão, à disposição de todos os interessados, produtos regionais, tais como música, gastronomia, artesanato e folclore Madeirense. Este portal pretende “ser uma montra da riqueza cultural dando oportunidade a todos os nossos artesãos de expressar a sua bela arte, seleccionados pela sua qualidade, autenticidade e originalidade”<sup>126</sup>. Helena Alencastre, Susana Ornelas, Orlando Góis e Carlos Jorge são alguns dos artesãos madeirenses que vendem os seus produtos neste site.

O portal é da responsabilidade do arquitecto David Viveiros, um emigrante que quando voltou à terra natal decidiu apostar num projecto empreendedor e de divulgação da cultura madeirense. Apesar de ter apresentado esta ideia a várias entidades regionais, nunca obteve qualquer apoio, tendo investido capital próprio e criado o que diz ser um “projecto de coração”.

É de louvar esta iniciativa como mais uma forma de divulgação dos produtos madeirenses. No entanto, o site apresenta algumas lacunas. Quando questionado sobre a pouca informação que existe sobre os artesãos no site, David respondeu que este projecto, apesar de possuir uma componente de divulgação cultural, para continuar a existir tem de ser lucrativo, pois acarreta várias despesas. O site, por exemplo é muito dispendioso. E ao

---

<sup>126</sup> <http://www.madeira-in-a-box.com/index.php>

colocar o nome e os contactos dos artesãos e empresas (neste momento já são 120) abre um precedente para que os consumidores adquiram os produtos directamente aos fornecedores.

De salientar que David faz a distinção entre artesãos e artistas. Para este arquitecto, Helena Alencastre, Susana Ornelas e Orlando Góis não são artesãos, mas sim artistas, porque criam algo de raiz, totalmente inovador, enquanto os artesãos tradicionais, apesar de trabalharem com um talento e destrezas especiais, não podem ser considerados artistas, porquanto repetem algo que alguém criou outrora. Por este motivo, podemos encontrar informações sobre os artistas no site e não sobre os artesãos. Foi uma forma que este empresário encontrou para respeitar os artistas criadores, apesar de admirar, igualmente, os artesãos e o artesanato tradicional.

Gerir o Madeira-in-box constitui a única ocupação profissional de David Viveiros, tendo a colaboração pontual de algumas pessoas. Como curiosidade, neste momento, 95 % das vendas do portal são efectuadas a clientes estrangeiros. Os pedidos de residentes madeirenses aumentam, geralmente, na época do Natal, essencialmente na área gastronómica. Relativamente às vendas de artesanato, o pau da poncha é o artigo mais vendido.

No que concerne ao aspecto gráfico do site, este devia ser actualizado, uma vez que utiliza imagens, tipos de letra, formatos que não são apelativos e não se adequam ao tipo de conteúdos (como por exemplo a menina, as flores e as borboletas). Relativamente a este aspecto, David refere que o site é rústico e simples por duas razões: destina-se a consumidores de faixas etárias entre os 18 e os 60 anos, pelo que não pode ser demasiado vanguardista e por questões técnicas, porque, às vezes, determinados formatos demasiado actuais inviabilizam a compatibilidade entre computadores de diversos utilizadores. No que respeita à navegabilidade, de salientar a fácil e rápida navegação e a excelente escolha da música tradicional madeirense a acompanhar o utilizador.

O Madeira-in-box existe há 5 anos e, em 2010, é nomeado “marca de relevo da Ilha da Madeira”, através da iniciativa “Mais 2010” instituída pelo Diário de Notícias da Madeira e pela Rádio TSF. É um reconhecimento merecido, porque este portal leva além-mar o nome da cultura regional e relembra os próprios madeirenses que comprar cá dentro também é bom<sup>127</sup>.

---

<sup>127</sup> Conversa telefónica com David Viveiros no dia 23 de Novembro de 2010.

#### 2.4.1 Feiras de artesanato: Madeira versus Portugal Continental

As feiras constituem excelentes espaços de comercialização, de escoamento de produtos, de estabelecimento de contactos importantes e de divulgação do trabalho dos artesãos. Juntam oferta e procura, expositores e visitantes, são núcleos de trocas e comunicação.

Para Manuel González Arias (2003: 6):

“as feiras são um espaço aberto e às vezes improvisado onde os artesãos se apresentam ao público e o público aos artesãos. Um lugar de intercâmbio estimulante para ambos os lados do balcão. O público alimenta a sua curiosidade e os desejos de procurar não se sabe o quê: o prazer da incerteza de explorar e de descobrir.”

Estes espaços são significativos para todos os sectores, constituindo “intercâmbios simples, produtos por dinheiro e contacto humano, uma comunicação preciosa com o cliente que equivale a um estudo de mercado.” Para as autarquias, as feiras de artesanato são importantes porque atraem pessoas e dinamizam e beneficiam os espaços.

As feiras regionais, no entanto, não podem ser comparadas com as feiras continentais, que possuem um teor mais profissional e organizado.

É possível ver no site do PPART a calendarização das feiras de artesanato em Portugal, durante todo o ano<sup>128</sup>. A Feira Nacional de Artesanato de Vila do Conde (1978); a FIA Lisboa - Feira Internacional do Artesanato (1987); a Mostra de Artesanato e Cerâmica de Barcelos (1980); a Feira de Artesanato e Gastronomia do Município do Crato (1984) e a Feira “Artesanatus” (2000) são algumas das feiras mais importantes no panorama nacional do sector das artes e ofícios.

Tive a oportunidade de visitar, em Dezembro de 2009, a Feira Artesanatus, uma das feiras de artes e ofícios mais importantes do país, organizada pela AARN (Associação Artesãos da Região Norte) na Praça D. João I, no Porto. Obviamente que esta Feira está há anos-luz das feiras organizadas na Madeira. É reconhecida a nível nacional, pela qualidade dos criadores seleccionados, pelo equilíbrio entre artesanato tradicional e contemporâneo e pela organização do certame.

Na I Convenção de Artes e Ofícios, realizada no Porto, nos dias 27 e 28 de Março de 2010, a feira de artesanato foi um dos assuntos debatidos pela audiência e pelos oradores. Relativamente a este tema, os intervenientes chegaram às seguintes conclusões:

---

<sup>128</sup> Disponível em: <http://www.ppart.gov.pt/principal.aspx?pagina=Calendario&tipo=1>

- As feiras devem ser certificadas e fiscalizadas, devendo existir uma vistoria de produtos antes da abertura das feiras, uma vez que há muitos falsos artesãos, que apresentam um produto quando são seleccionados e na feira vendem outros.
- A organização das feiras devia profissionalizar-se e ter mais cuidado na selecção de artesãos, utilizando um regulamento adequado.
- As datas das feiras devem ser repensadas para que não coincidam, pois um artesão não pode estar presente em múltiplas feiras ao mesmo tempo. Deviam organizar-se, inclusive, feiras temáticas e adequadas a cada época (por exemplo no Natal).
- O trabalho ao vivo tem de possuir um espaço próprio e condigno para esse fim.
- A Carta de artesão deve ser mais divulgada, a nível nacional, por parte das entidades competentes.
- Os artesãos devem ter formação de atendimento ao público. Muitos deles dão má imagem do sector, não se comportam da melhor forma, esquecem que a atitude, a postura e apresentação nas feiras é muito importante. A decoração dos stands e a embalagem dos produtos, por exemplo, são aspectos a ter em consideração, porque actualmente a imagem é muito importante.
- O artesão deve continuar a lutar pela dignificação da sua profissão. Infelizmente, muitos artesãos preferem passar a imagem de “coitadinho”, pensando que assim apelam à compaixão dos clientes, vendendo mais produtos.
- Muitas vezes o artesão faz-se representar nas feiras, por alguém que não conhece a história do objecto artesanal. O contacto com o público deve ser feito pelo próprio artesão, pois ninguém melhor do que ele saberá apresentar os seus produtos, transmitindo, assim, maior credibilidade e confiança ao consumidor.
- É urgente uma portaria para regulamentar as feiras. O Estado deve intervir.
- É urgente lutar contra a organização de feiras que não se preocupam com a dignificação e valorização do sector do artesanato em Portugal, desvalorizando-o e comprometendo o trabalho que tem vindo a ser feito ao longo dos anos, em prol dos artesãos e do artesanato.

A partir destas conclusões, podemos ter uma noção global da situação nacional, em relação às feiras de artesanato. A Madeira devia organizar pelo menos uma feira anual deste género, de qualidade, profissional e apelativa.

As feiras também têm os seus inconvenientes. As lojas não compram artesanato, quando este pode ser encontrado pelos consumidores a preços mais baixos nas feiras. Por outro lado, o mercado ocasional da maioria das feiras faz com que os artesãos se acomodem e queiram auferir lucro mais rápido com produtos mais económicos e de proveniência duvidosa (apresentando produtos chineses, por exemplo). “As feiras convertem-se, muitas vezes, em galerias de produtos anedóticos, souvenirs, curiosidades, que têm muito pouco a ver com o verdadeiro significado do artesanato, dando a impressão de uma decadência lamentável” (Manuel González Arias, 2003: 6).

Susana Ornelas<sup>129</sup>, uma artesã madeirense, refere que não participa em feiras por duas razões: acha que os seus produtos são muito dispendiosos e que por isso seriam mais difíceis de vender; e é da opinião que vender numa feira, da forma como são concebidas, actualmente, (muitas vezes, os artesãos estão numa tenda ao sol e ao frio) é muito redutor. Segundo esta artesã, desta forma o artesanato nunca vai ter o respeito que merece.

Apesar dos aspectos negativos, estas feiras representam eventos de sucesso e constituem elementos diferenciadores economicamente viáveis para as regiões, contribuindo para a afirmação do sector das artes e ofícios em Portugal.

Segundo a Eng.<sup>a</sup> Paula Cabaço<sup>130</sup>, o IVBAM não promove nenhuma feira de artesanato na Região, infelizmente. No entanto participa em muitas feiras de bordado Madeira<sup>131</sup> e já apoiou alguns artesãos regionais, levando-os a feiras de artesanato, em 2008, às Canárias – Feira da Macaronésia, em 2009 à Covilhã<sup>132</sup> e em 2010 a Vila do Conde<sup>133</sup>. Segundo dados fornecidos pelo IVBAM, os artesãos que geralmente participam são aqueles com produtos cuja fabricação tem uma componente tradicional significativa, como por exemplo: de calçado regional - botas de vilão, tanoaria, casas de Santana em miniatura, confecção de bonecos em folha de milho e outros desde que reconhecidos, tal como prevê o Decreto-Lei n.º 41/2001, de 9 de Fevereiro com a redacção dada pelo Decreto-Lei n.º 110/2002, de 16 de Abril, e registados no IVBAM.

Na Feira de Vila do Conde, o Artesanato Regional foi representado por uma empresa de Bordado Madeira, a «João Eduardo de Sousa, Lda» e por dois artesãos, João

---

<sup>129</sup> Entrevista realizada no dia 11 de Junho de 2010, no Funchal.

<sup>130</sup> Presidente do IVBAM. Entrevista realizada no dia 2 de Junho de 2010, na Ponta do Sol.

<sup>131</sup> Anexo n.º 4, p. 177.

<sup>132</sup> XV Feira Nacional de Artesanato da Covilhã, que aconteceu entre os dias 4 a 7 de Junho de 2009.

<sup>133</sup> Feira Nacional de Artesanato de Vila do Conde, que decorreu entre os dias 24 de Julho e 8 de Agosto de 2010.

Maurício Vieira Gomes, com o fabrico de bonecas típicas, brinquinhos, miniaturas de carros de cestos do Monte, e João Ferreira, com o fabrico de Botas de Vilão<sup>134</sup>. Na Feira da Covilhã, o artesanato madeirense foi representado pelos artesãos Rui Alves, com os tradicionais Moinhos de Vento do Porto Santo e trabalhos executados em conchas do mar; Conceição Freitas, com trabalhos feitos a partir de palha de milho, como casinhas tradicionais de Santana, bonecos em palha de milho, arranjos florais e presépios; Emanuel Severino Nóbrega apresentou barris em miniatura e José Sousa exibiu as tradicionais botas de Vilão. O IVBAM suporta os custos de deslocação, de estadia, de aluguer do expositor (às vezes é oferecido pela organização), a decoração do stand e os panfletos promocionais. A divulgação destas feiras é feita através da realização de contactos aos artesãos da base de dados do IVBAM, são abertas inscrições e seleccionados os artesãos que melhor representarão a Região.

As Feiras Nacionais e Internacionais são excelentes oportunidades de divulgação e promoção do artesanato regional, valorizando o artesão madeirense. Neste sentido, o IVBAM devia proceder a mais apoios deste género levando às feiras, não só artesãos tradicionais, mas também contemporâneos, porque dignificam, igualmente, a Região.

Actualmente, são realizadas na Madeira algumas feiras de artesanato, sendo muito procuradas pelos artesãos. Seguidamente, é apresentada uma tabela com as informações essenciais das feiras mais assíduas, nos últimos anos<sup>135</sup>.

---

<sup>134</sup>Disponível em: <http://www.bordadomadeira.pt/pt/noticias/feira-nacional-de-artesanato-vila-do-conde-24-julho-a-8-agosto-2010/menu-id-45.html>

<sup>135</sup> É possível ver algumas fotos das Feiras Mercarte e Cores nos anexos nº5 e nº 6, pp. 181-182.

Nome da Feira	Local	Organização	Nº médio de artesãos participantes	Periodicidade e horário de funcionamento	1ª Edição
Mercarte	Funchal - Praça da Restauração	Luís Filipe Pessoa Costa	35	1º e 3º Sábado de cada mês	2005
Feira Cores	Ponta do Sol - Jardim Municipal	Câmara Municipal e Casa do Povo da Ponta do Sol	35	1º Domingo de cada mês	2009
Feira Made in Caniço	Santa Cruz - no Caniço.	Casa do Povo do Caniço	14	2º Sábado e Domingo de cada mês	2007
Feira no Caniço Shopping	Santa Cruz - Caniço Shopping	Caniço Shopping	11	2º e último Sábado e Domingo de cada mês	2009
Feira de artesanato do Mercado	Mercado dos Lavradores – Quintas-feiras temáticas	Câmara Municipal do Funchal?	20	3ª Semana do mês, à quinta-feira	2008
Feira de artesanato do Larginho	Funchal – Larginho da Feira	Grupo de Folclore e Etnográfico da Boa Nova	8	Último Sábado de cada mês	2008

Tabela 3: Feiras de artesanato na Madeira - 2005/2010

#### 2.4.2 Feiras de artesanato na RAM: de 1997 a 2005

O Museu Etnográfico organizou, durante muitos anos, várias feiras de artesanato na Região, dando hipótese a muitos artesãos de exporem e venderem os seus produtos, como nunca antes o tinham feito. Segundo Lúcia Góes Ferreira<sup>136</sup>, quando a feira Mercarte começou a ser organizada, o Museu deixou de organizar as feiras. De seguida, é apresentada uma tabela com as informações dos locais e datas de realização destas feiras<sup>137</sup>.

<sup>136</sup> Directora do Museu Etnográfico da Madeira. Entrevista realizada no dia 28 de Setembro de 2010, na Ribeira Brava.

<sup>137</sup> No anexo nº 7, poderão ser observadas algumas fotos cedidas, gentilmente, pelo Museu, na pág. 183.

<b>Data</b>	<b>Local</b>
Novembro/Dezembro de 1997	Funchal – Feira Internacional de Artesanato, realizada no Tecnopólo
Agosto/Setembro de 1998	Ribeira Brava – Mercado Municipal
Novembro/Dezembro de 1998	Funchal – Feira Internacional de Artesanato, realizada no Tecnopólo
Maio de 1999	Santa Cruz – Largo da Igreja
Maio/Julho/Agosto/Setembro de 1999	Ponta do Sol – Marginal da Vila
Julho/Agosto/Setembro e Dezembro de 1999	Ribeira Brava – Mercado Municipal
Julho/Agosto/Setembro e Dezembro de 2000	Ribeira Brava – Mercado Municipal
Julho/Agosto/Setembro de 2001	Ribeira Brava – Mercado Municipal
Junho/Setembro e Dezembro de 2002	Ribeira Brava – Mercado Municipal
Agosto/Setembro de 2002	Funchal – Largo da Restauração
Julho/Agosto/Setembro e Dezembro de 2003	Ribeira Brava – Mercado Municipal
Agosto/Setembro de 2003	Funchal – Largo da Restauração
22 a 29 de Agosto de 2003	Porto Santo – I Exposição de Artesanato
Julho de 2004	Ribeira Brava – Mercado Municipal
Agosto/Setembro de 2004	Funchal – Largo da Restauração
Julho/Agosto de 2005	Funchal – Largo da Restauração
Setembro de 2005	Funchal – Praça do Carmo

Tabela 4: Feiras de artesanato na RAM - De 1997 a 2005

### 2.4.3 Resultados dos Inquéritos realizados aos “artesãos” das feiras 2009/2010

“Os maiores inimigos dos artesãos são os maus artesãos, os que degradam o fabrico, na mira do lucro fácil, os que ocupam espaço e recursos destinados aos profissionais do sector, os que confundem jeito com saber” (Ana Pires, 2000: 8).

Após várias visitas a feiras de artesanato regionais, deparei-me com dois tipos de participantes: verdadeiros artesãos, no sentido em que são eles próprios a criar e a produzir as peças e falsos artesãos que vendem produtos que compram noutros sítios, como por exemplo produtos chineses. Considero que o artesanato das feiras regionais, salvo algumas excepções, é um artesanato essencialmente doméstico, urbano.

Foram entrevistados 37 participantes nas feiras Mercarte, Cores, Made in Caniço e na Feira do Caniço Shopping. Através de alguns gráficos, serão demonstrados os resultados e as respectivas conclusões, segundo a referida amostra.

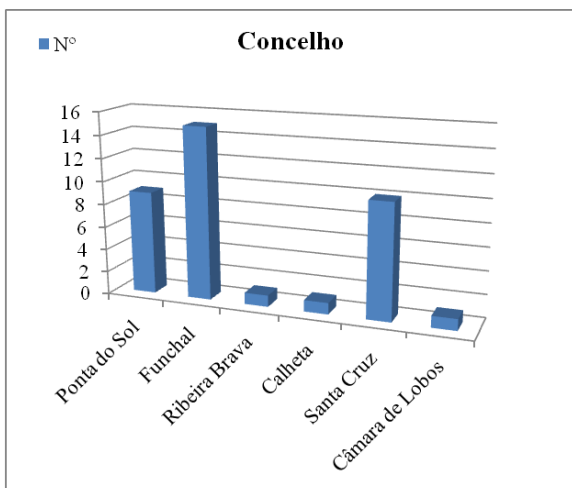


Gráfico 1: Artesãos por Concelho

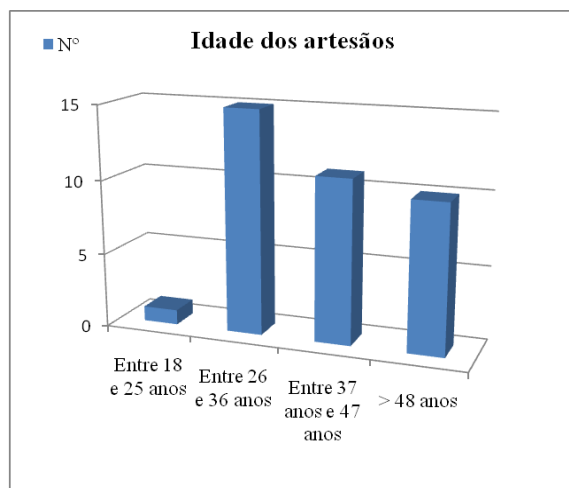


Gráfico 2: Idade dos artesãos

A maioria dos participantes entrevistados tem idades compreendidas entre os 26 e os 36 anos e vive nos Concelhos do Funchal, Santa Cruz e Ponta do Sol.

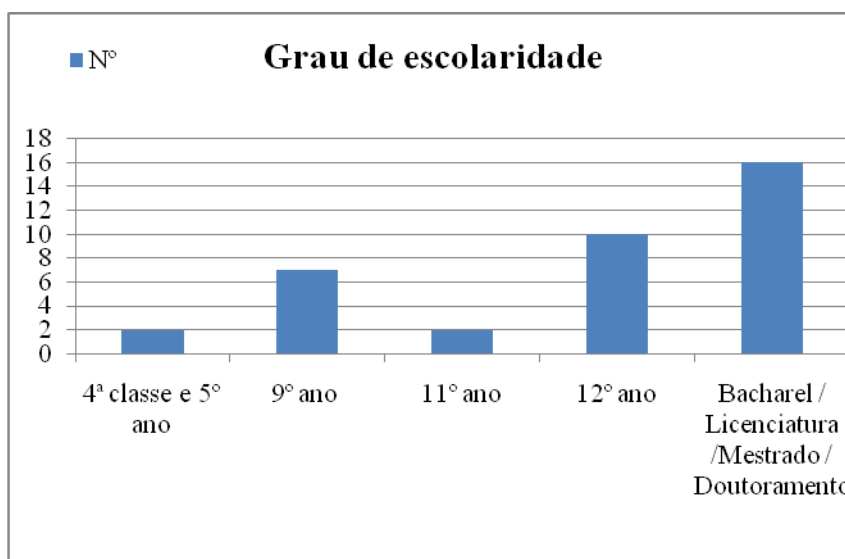


Gráfico 3: Grau de escolaridade dos artesãos

Cerca de 43% dos participantes entrevistados tem um grau de escolaridade elevado, possuindo os graus académicos de bacharel, licenciatura e mestrado. Quando questionados sobre o tipo de artesanato que produziam, estes participantes responderam, maioritariamente, artesanato urbano. Estas duas conclusões podem estar interligadas. Como já foi estudado na I Parte desta Dissertação, o artesanato tradicional está mais

conotado com pessoas de baixo grau de escolaridade, enquanto o artesanato urbano é, habitualmente, realizado por indivíduos com mais formação.

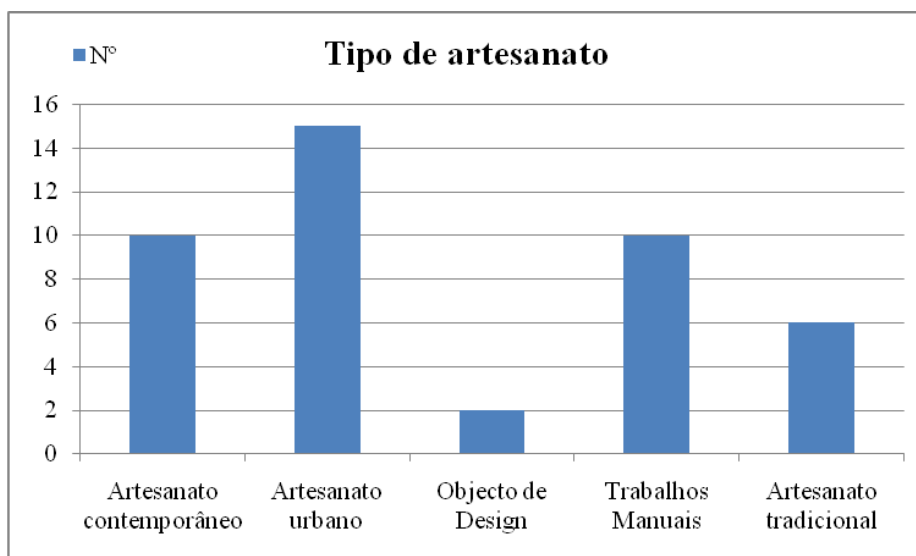


Gráfico 4: Tipo de artesanato

No próximo gráfico, é possível observar as razões que levam estes participantes a criar produtos artesanais. A maioria cria por gosto, por hobby, porque é uma forma de auto-realização; mas também o fazem por motivos económicos, porque muitos deles estão desempregados e encontram no artesanato uma saída profissional de esperança.

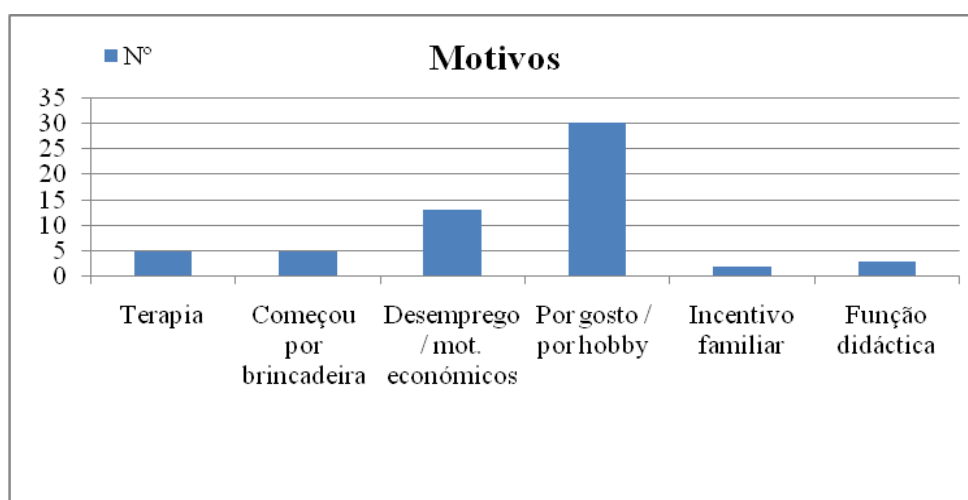


Gráfico 5: Motivos

Catarina Alfaia aponta no artigo “Marcas de artesanato contemporâneo”<sup>138</sup> algumas das razões que levaram artesãos como Hilda Portela, Rosa Pomar, Dina Ladina, Laracrafts e Sandra Guerreiro a fazer do artesanato uma profissão, que vão ao encontro dos motivos mencionados pelos participantes das feiras regionais: por hobby; forma de acompanhar a infância dos filhos; desemprego; descontentamento com a actividade profissional; desejo de criar o seu próprio negócio. Outros como trabalhavam no mundo do design e da moda, descobriram no artesanato uma forma de expressão criativa complementar e a possibilidade de criação de uma marca própria, onde a produção, comunicação e distribuição dos produtos estão inteiramente à sua responsabilidade.

A maioria dos inquiridos respondeu que a forma mais eficaz de escoar os seus produtos é através da participação nas Feira Cores e Mercarte. Outra das formas que tem muito peso na venda dos produtos é através do boca a boca, de amigos, conhecidos, que encomendam produtos.

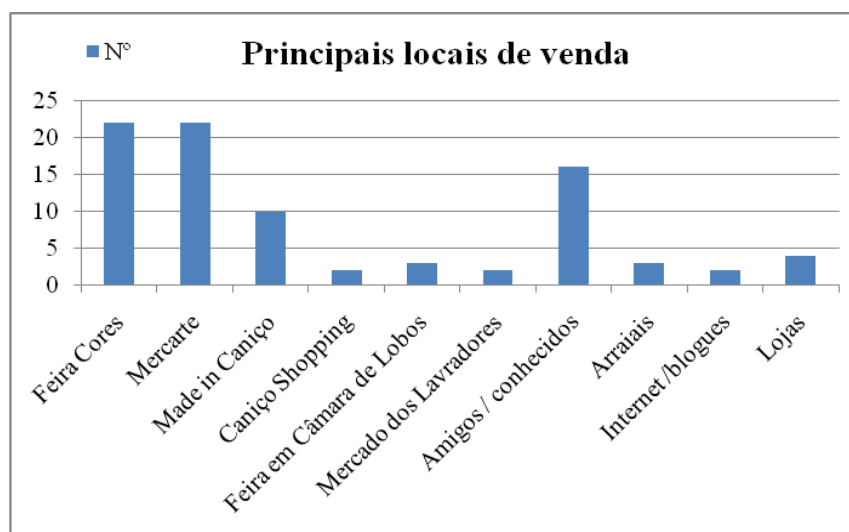


Gráfico 6: Locais de venda

Pelo gráfico seguinte, é possível observar que os participantes nas feiras, na sua grande maioria, não têm conhecimento de que existam apoios ao artesão, na Região Autónoma da Madeira, ou já ouviram falar de algo, mas não têm certezas. Noto que se sentem um pouco abandonados e que não sabem a quem se dirigir para falar das suas dúvidas, da legislação existente sobre artesanato, por exemplo.

<sup>138</sup> Revista Visão nº 135 (2007: 82-85).

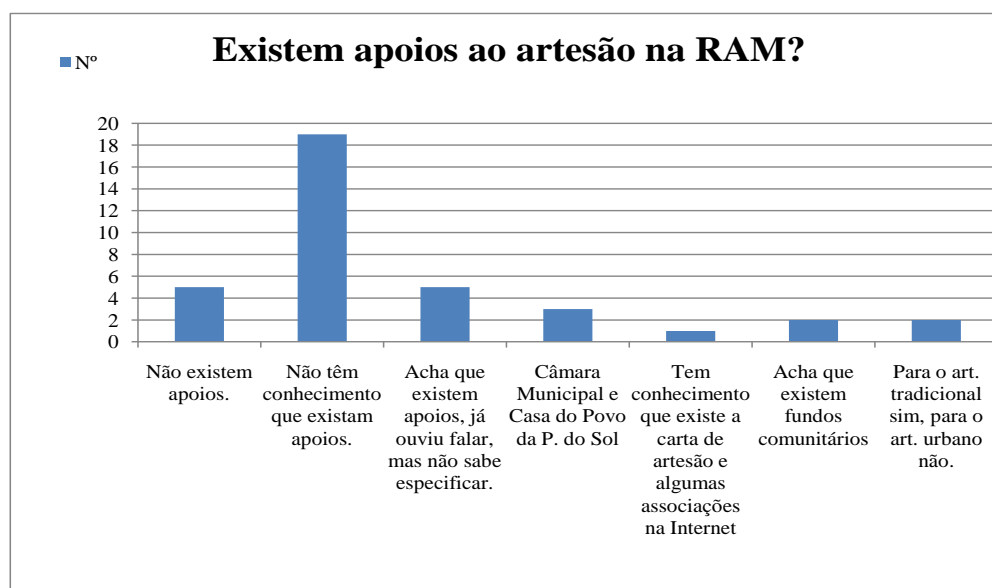


Gráfico 7: Apoios ao artesão

## Capítulo 3. Alguns dados estatísticos sobre o sector do artesanato em Portugal

### 3.1 Estatísticas - Registo Nacional de Artesanato

Todos nós temos a noção de que existem muitos artesãos em todo o país. Segundo Graça Ramos<sup>139</sup>, o Norte do país detém mais artesanato, porque é a parte mais pobre de Portugal, mais ligada às questões rurais, ao clima, à questão geográfica, à dureza da vida; o artesão foi e continua a ser, em muitas regiões, uma mais-valia no sustento de muitas famílias. Estima-se que 70% dos artesãos activos do país se situem no norte. Graça Ramos utiliza a palavra “estima-se” porque, infelizmente, não existem números exactos no que diz respeito ao sector das Artes e Ofícios. É urgente realizar estudos, levantamentos de informação, através do trabalho de campo, com o intuito de caracterizar a situação actual do artesanato, nomeadamente em aspectos tais como: o número de oficinas e de artesãos existentes, as condições de trabalho, as características das técnicas da produção, a estimativa da produção anual, os principais mercados, os meios de promoção e as condições de inovação.

<sup>139</sup> Directora do Centro Regional de Artes Tradicionais. Entrevista realizada no dia 25 de Março de 2010, no Porto.

No site do PPART, é possível encontrar a listagem das UPAS (Unidades Produtivas Artesanais) e dos artesãos que possuem Carta de Artesão e que por isso, se encontram inscritos no Registo Nacional de Artesanato. Nesta base de dados, são apresentadas informações como o nome do artesão, o nº da Carta de Artesão, as actividades desempenhadas e o nome da UPA. De seguida são apresentados quatro exemplos<sup>140</sup>.

Nome	Nº de carta	Actividades	Unidade Produtiva
Abel Jorge Marques Oliveira	111470	01.02 - Tecelagem 05.06 - Escultura em Madeira	Abel Jorge Marques Oliveira
Abel Luis Dias	110523	03.01 - Cestaria	Abel Luis Dias
Abílio Augusto Lopes Ferreira	110849	05.16 - Fabrico de Utensílios e outros objectos em Madeira	Ferreira Lopes & Ferreira, Lda.
Abílio da Costa Pereira	111317	03.01 - Cestaria 03.14 - Fabrico de Mobiliário de Vime ou Similar	Abílio da Costa Pereira

Tabela 5 : Exemplos de artesãos inscritos no Registo Nacional de Artesanato

Aquando da participação na I Convenção de Artes e Ofícios em que o IEFP esteve representado pelo Dr. Fernando Gaspar, foi-nos fornecido um documento com vários dados estatísticos, com números superiores aos encontrados na base de dados do Registo Nacional de Artesanato do PPART. Como por exemplo, se consultar o nº de artesãos no site do PPART, encontro 1481 artesãos registados, enquanto nos documentos fornecidos pelo IEFP, este número é de 1874. Presumo que a informação online não se encontre actualizada, pelo que irei seguir as informações cedidas na I Convenção<sup>141</sup>. A partir destas tabelas elaborei alguns gráficos, para que a compreensão dos dados se torne mais fácil.

No Registo Nacional de Artesanato (RNA), a 26 de Março de 2010, encontravam-se reconhecidos 1874 artesãos e 1686 unidades produtivas artesanais em Portugal.

<sup>140</sup> Disponível em: [http://www.ppart.gov.pt/principal.aspx?pagina=sub\\_menu&tipo=1&cod=13](http://www.ppart.gov.pt/principal.aspx?pagina=sub_menu&tipo=1&cod=13)

<sup>141</sup> Este documento pode ser consultado no anexo nº 2, p. 169.

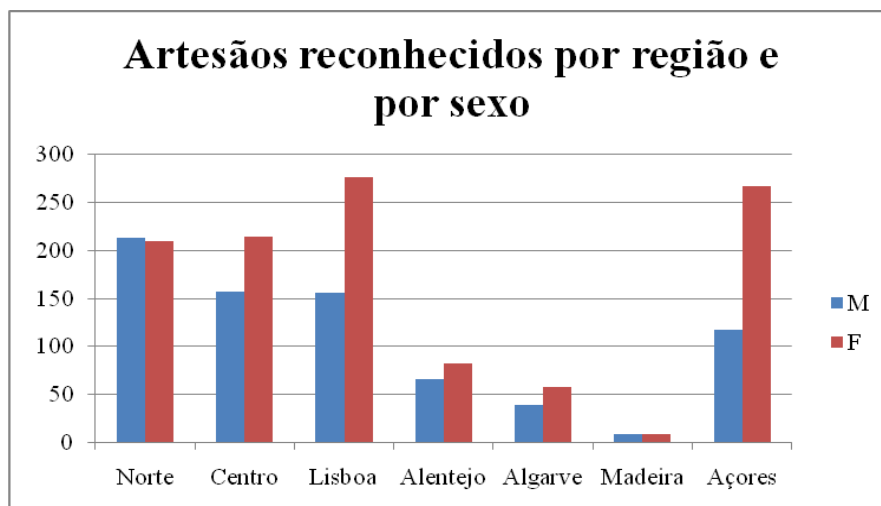


Gráfico 8: Artesãos reconhecidos por Região e por sexo

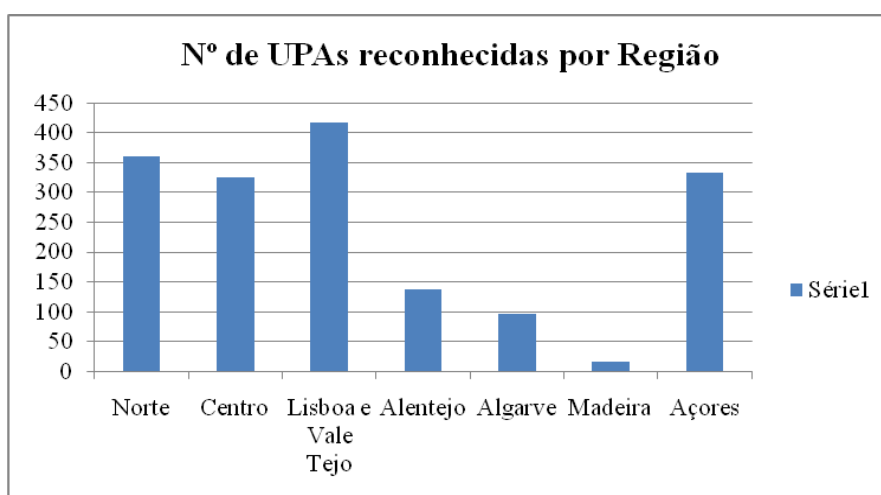


Gráfico 9: UPAs reconhecidas por Região

A partir dos gráficos anteriores, é possível observar que as regiões onde se concentram mais artesãos e unidades produtivas artesanais registados são: Norte, Lisboa e Açores. O número de artesãs é superior ao número de artesãos em quase todas as Regiões (à exceção do Norte, que tem 213 artesãos do sexo masculino e 210 do sexo feminino).

Estes artesãos encontram-se divididos em vários grupos de actividades artesanais. Os mais representativos, no panorama actual (exceptuando os Açores), são: Artes e Ofícios Têxteis e Artes e Ofícios da Cerâmica.

Em Portugal Continental, para participar em feiras de artesanato, é exigida aos artesãos a posse da Carta de Artesão, por isso supõe-se que os números, referidos anteriormente, correspondem aos artesãos que participam em feiras. Existem, no entanto, muitos artesãos que utilizam outros meios de comercialização (lojas, Internet...) e ao não

regularizarem a sua situação no Registo Nacional de Artesanato, solicitando a Carta de Artesão, não fazem parte das estatísticas nacionais do sector das artes e ofícios. Segundo Fernando Gaspar<sup>142</sup>, a maior parte dos artesãos está fora dos quadros estatísticos e é essencial revitalizar um trabalho de recolha e divulgação através das associações, levando as pessoas ao registo nacional de artesanato, para que o sector tenha um peso, sendo assim reconhecido.

## **Capítulo 4. Publicações – artes e ofícios**

### **4.1 Publicações Regionais: Xarabanda e Folclore**

Existem publicações regionais que têm desempenhado um papel importante na recolha e divulgação do artesanato na Região. A Xarabanda Revista e Folclore são exemplos desta preocupação por manter e preservar as tradições.

A **Xarabanda Revista** é da responsabilidade da Associação Musical e Cultural Xarabanda. Tem como director Rui Camacho e o apoio da Direcção Regional dos Assuntos Culturais. A associação Xarabanda tem lutado pela defesa dos valores culturais tradicionais madeirenses, nomeadamente no que diz respeito à música popular de tradição oral. Tem concretizado um excelente trabalho de preservação do património das ilhas da Madeira e Porto Santo, dedicando-se à recolha, inventariação, estudo e divulgação da música tradicional madeirense.

A Xarabanda revista começou a ser editada em 1992. No início era semestral, contudo, a partir de 1997 as publicações começaram a ser mais irregulares, por motivos financeiros. Até hoje, foram editados 18 números. É uma revista sobre cultura tradicional madeirense. Desde o seu início, tem estudado temas interessantes tais como: tecelagem, bordados, rezas tradicionais, tradições religiosas, festas e arraiais, bandas filarmónicas, folclore, engenhos de cana-de-açúcar, trajos das freguesias, artesanato, património, gastronomia, jogos tradicionais, entre outros. A Revista tem capítulos reservados à literatura que é editada, sobre a Madeira, assim como um arquivo sonoro, antologias musicais e discografia madeirenses.

---

<sup>142</sup> Orador na I Convenção de Artes e Ofícios, realizada no Porto, nos dias 27 e 28 de Março de 2010.

A **Folclore Revista** é da responsabilidade da Casa do Povo de Santana, tendo o apoio da Secretaria do Ambiente e dos Recursos Naturais. Nesta revista, estão representados os 11 municípios da RAM, através dos seus grupos de folclore. A Folclore é editada anualmente, aquando da Feira Regional de Municípios e do Festival Regional de Folclore “48 Horas a Bailar”. Este evento tem como função preservar e divulgar o património cultural e artístico madeirense, como o folclore, a gastronomia e o artesanato.

O Festival de Folclore nasceu em 1985, mas só em 1991 é que surge a revista versando esta temática. Ao longo dos anos, foram vários os temas escolhidos para salvaguardar os tesouros madeirenses, tais como: a História dos Grupos de Folclore; o Trajo; a Etnografia; Religiosidade Popular e Folclore; Jogos Tradicionais; Alimentação tradicional madeirense; Cantigas e instrumentos tradicionais; Festas e Romarias; Artesanato; Literatura oral e tradicional, Instrumentos Musicais, entre outros.

Estas duas revistas contribuem, sem dúvida, para enriquecer o tesouro literário regional e salvaguardar o que de melhor se faz na Região, contribuindo, igualmente para promover o sector das artes e ofícios local.

#### **4.2 Publicações Nacionais: Revista de Artes e Ofícios - Mãos**

“M - de mãos:

Mãos calejadas, mãos doridas, mãos geladas  
Mãos macias, mãos torturadas, mãos estimadas  
Mãos sábias, mãos cuidadosas  
Mãos fortes, mãos delicadas  
Mãos precisas, mãos rigorosas  
Mãos que cumprem, que fazem, que constroem  
Mãos criativas, plenas.  
Mãos cheias, redentoras.  
Anónimas mãos de gente  
Que olha a vida de frente  
Mãos sem preço.  
Mãos Preciosas.

As vossas,<sup>143</sup>  
Ana Pires

---

<sup>143</sup> In “editorial”, Ana Pires, Revista Mãos nº 13, 2001, p. 3.

Este poema de Ana Pires define o artesão em toda a sua plenitude, assim como a Mãos é o espelho que reflecte a conjuntura do sector das artes e ofícios, nos últimos treze anos.

Orgulho-me de ter no meu humilde espólio literário os trinta e três números da revista Mãos, que adquiri durante a investigação para esta dissertação. É, sem dúvida, uma das melhores publicações que já tive oportunidade de ler, porque para além de contar a história do artesanato em Portugal, nos últimos treze anos, fá-lo com alma, dedicação e empenho.

Segundo Ana Pires (2006: 4) “foi em Novembro de 1996 que, numa edição da Manifesta ocorrida em Tondela, realizada pela Animar, o projecto da revista viu a luz do dia.” Foi editada pela primeira vez em 1997, tendo como berço as entidades: CRAT, CEARTE e CCRC, a que mais tarde se juntaram o PPART e o CRAA. A Mãos começou por ser uma publicação trimestral, mas ao longo dos anos, muito devido à falta de apoios financeiros passou a semestral. Desde então, tem como directora Ana Pires e entre os muitos colaboradores do Conselho editorial destacam-se, ao longo dos anos, Catarina Providência, Delfim Santos, Fernando Gaspar, José Portugal, Luís Rocha, Graça Ramos e Alexandra Andrade.

Para Ana Pires (2002: 3), “algures, entre a revista de ciências sociais e o magazine de “bricolage”, existe um ponto de equilíbrio possível, o lugar geométrico que a Mãos, desejavelmente, pretende ocupar”.

A Mãos é uma revista de debate, aborda assuntos de qualidade e que são muitas vezes esquecidos. Reflecte sobre os problemas e desafios que se colocam ao artesanato; dá a conhecer o trabalho de muitos artesãos e personalidades que contribuíram para o desenvolvimento do sector das artes e ofícios. Na revista são divulgadas, também, apoios à criação de empresas, informações sobre a legislação do sector e as novas formas de ajudar os artesãos. “Com mais de dez anos de existência, esta revista constitui um fórum de debate dirigido a todos aqueles que, prezando a cultura tradicional, olham igualmente com interesse os novos rumos que se ensaiam nas artes e ofícios”<sup>144</sup>.

A revista está organizada de uma forma muito acessível e que motiva a leitura. Tem rubricas como: Ponto de partida; O nome e o rosto; Mãos à obra; Consultório; Mãos de

---

<sup>144</sup> In Folheto informativo do Centro Regional de Artes Tradicionais

mestre; De mão em mão; Mãos no teclado; Em boas mãos e Agendas de feiras, eventos, exposições, cursos, oficinas, ateliês.

Devido à escassa bibliografia que existia e ainda existe sobre artesanato, a revista *Mãos* passou a ter, a partir do 10º/11º número, uma rubrica denominada “Tinta permanente” dedicada ao acompanhamento do que se vai editando e descobrindo sobre o artesanato. Assim, a revista, dá voz às personalidades que reflectem, desenvolvem e se preocupam pelas questões que afligem o sector.

Todos os números da revista são temáticos e abordam assuntos tais como: cerâmica, o brinquedo, a comercialização, restauro, têxteis, metais, ofícios urbanos, associativismo, inovação, periferias, desafios, festa, cerâmica contemporânea, artesanato no feminino, feiras, certificação, saberes, madeiras, papel, fronteiras, entre outros.

A Região Autónoma dos Açores passou a integrar o colectivo de instituições responsáveis pela edição da revista *Mãos*, através do CRAA (Centro Regional de Artesanato dos Açores), a partir do décimo quarto número, em 2001. O CRAA é dirigido por Alexandra Andrade e está sob a dependência directa do Gabinete do Secretário Regional da Economia. Infelizmente a Região Autónoma da Madeira não faz parte do editorial da revista *Mãos*. Quando questioneei a Presidente do IVBAM sobre este assunto, Paula Cabaço lamentou este facto e achou que seria importante para o artesanato madeirense estar representado na revista, no entanto “embora essa situação tenha já sido equacionada internamente, é da opinião do IVBAM que, face aos recursos disponíveis, nomeadamente humanos, existem outras questões sobre a dinamização do artesanato na RAM que devem ser organizadas numa fase anterior a essa elaboração”<sup>145</sup>.

Não existe um único artigo dedicado exclusivamente a algo produzido na Madeira, em 33 números da revista, infelizmente. A RAM só é referenciada por alto em alguns números dedicados aos têxteis: no nº 5: “Tudo o que foi dito da vantagem de se criar uma “marca colectiva com indicação de proveniência” (...) à semelhança do que acontece com o Bordado da Madeira, cujo dito “selo de garantia” não é mais que a respectiva marca – MCIP – detida por uma entidade, o Instituto do Bordado, Tapeçaria e Artesanato da Madeira” (Ana Pires, 1998: 4). No nº 20: “Madeira, Açores, Lixa, Viana, Guimarães, Tibaldinho, Nisa, Castelo Branco e Arraiolos são nomes que (...) designam produções dos vários bordados portugueses” (Ana Pires, 2003: 7). E no nº 23: “Bordar em Português nas

---

<sup>145</sup> Dados fornecidos pelo IVBAM

Regiões Autónomas”. Este artigo fala da História do bordado Madeira, do bordado dos Açores e dos respectivos processos de certificação (Ana Pires, 2003: 8-11).

Uma última observação ao design da revista, que foi evoluindo, de ano para ano, e que surpreende o leitor positivamente, motivando a leitura e a descoberta de novas informações sobre o sector das artes e ofícios<sup>146</sup>. É possível consultar alguns artigos da Mãos através da Internet no site do PPART<sup>147</sup>.

## **Parte IV - Artesanato contemporâneo na Madeira**

O artesanato tem um novo olhar introduzido pela era da globalização da economia, onde os horários laborais são flexíveis, muitas vezes, em casa. Novas formas de estar no mundo acompanhadas pela nostalgia do campo, em detrimento do espaço urbano, promovem a criatividade e o equilíbrio enquanto estados de espírito necessários para os novos artesãos que impulsionam novas expressões das artes e ofícios.

Segundo Catarina Alfaia (2007: 82), “o artesanato contemporâneo tornou-se aliciante para muitas pessoas, nas mais diversas áreas profissionais. Há quem comece sem nenhum propósito comercial e só depois, com o aumento do interesse e da procura, decida levar o negócio mais a sério.”

É a singularidade e exclusividade de cada peça que têm ditado o interesse e a curiosidade crescente por produtos como bonecas de trapos, acessórios de moda, artigos de decoração, peças de cerâmicas, objectos feitos a partir da reciclagem de materiais, entre outros. Os consumidores querem peças diferenciadas, inovadoras, estão cansados dos produtos em massa, todos iguais, sem carácter. Criatividade, identidade, qualidade e o facto de serem feitos à mão, são características determinantes para o sucesso destes produtos.

Na Madeira existe um conjunto de artesãos contemporâneos, cujos trabalhos devem ser admirados, apreciados, adquiridos pelos madeirenses e turistas que nos visitam, pois representam um artesanato madeirense diferente, inovador que vê na tradição um trampolim para a criação. Susana Ornelas, Tânia Nóbrega, Helena Alencastre, Luz Ornelas, Carmen Molina, Maria Jaime Freitas, Madalena Freitas, Orlando Góis, Auoa Handmade e Azul Desejo embelezam este capítulo com as suas belíssimas peças.

---

<sup>146</sup> Para exemplificar, no anexo nº 8, p. 184, é possível observar quatro capas da Revista Mãos que demonstram o cuidado com a imagem apelativa.

<sup>147</sup> Disponível em: [http://www.ppart.gov.pt/principal.aspx?pagina=sub\\_menu&tipo=1&cod=7](http://www.ppart.gov.pt/principal.aspx?pagina=sub_menu&tipo=1&cod=7)

Alguns destes artesãos já tinham sido alvo de pesquisa, anteriormente. Nesta dissertação ressalvo o trabalho do Museu Etnográfico e de José Campinho. Em 2008, o Catálogo da FIA (Feira Internacional de Artesanato) foi dedicado ao figurado tradicional e contemporâneo português. No capítulo “Mãos femininas no figurado da Madeira”, José Campinho dá destaque a cinco mulheres que dão forma ao figurado madeirense contemporâneo: Susana Ornelas, Helena Alencastre, Carmen Molina, Maria Jaime e Madalena Freitas. Segundo José Campinho (2008: 95) “esta geração de artesãs (...) não renega as origens culturais insulares e apresenta-se com novas propostas e interpretações do figurado tradicional. Revisitam velhos elementos simbólicos, conjugam materiais alternativos, procuram novas fusões, fazem leituras mais críticas”.

José Campinho (2008: 96) refere que uma das características fundamentais do figurado madeirense é a temática natalícia. Maria Jaime e Madalena Freitas criam representações de Natal, através de novos materiais, novas expressões; Carmen Molina dá uma especial atenção ao tema da maternidade; os bonecos de Helena Alencastre possuem marcas de afecto que os torna doces e carinhosos e Susana Ornelas, através dos seus embutidos em madeira e dos seus trabalhos em cerâmica, concebe peças criativas, com alguns elementos madeirenses, mas sem a conotação obrigatória à tradição. Estas autoras recusam uma simples reprodução, “introduzindo nos seus trabalhos elementos novos, contemporâneos, marcas de estilo pessoal que acabam por constituir também linhas identificadoras do figurado regional madeirense” (Campinho, 2008: 96).

Segundo Lúcia Góes Ferreira<sup>148</sup>, “o nosso artesanato é muito rico e diversificado, tendo surgido nos últimos anos os chamados “novos artesãos” que produzem peças inovadoras, mas igualmente dignas de valorização e divulgação.” Para a Directora do MEM<sup>149</sup>, “o aparecimento de jovens no mundo artesanal, a utilização de novas tecnologias, o aproveitamento de novas matérias-primas e a criação de novas formas, são extremamente importantes para a sobrevivência de uma produção artesanal adaptada às novas exigências do mercado”. Os artesãos seguintes espelham estas ilações e garantem que o artesanato contemporâneo na Madeira está vivo e recomenda-se.

---

<sup>148</sup> Museu Etnográfico da Madeira. Catálogo da Exposição do Centro de Formação Agrária das Preces “Artesanato – Tradição e Inovação. 2007.

<sup>149</sup> Museu Etnográfico da Madeira. Catálogo da Exposição de Cerâmica “Linhas da Terra” – Jorge de Meco e Paula Gomes, Oficina Teracota. 1999.

## 1.1 Susana Ornelas

### 1.1.1 Notas Biográficas



Ilustração 1: Susana Ornelas a trabalhar numa peça de cerâmica

Susana Ornelas<sup>150</sup> nasceu no Funchal no ano de 1977. Foi aquando de uma visita a uma exposição de embutidos de João Nóbrega, quando estudava na Escola B+S Francisco Franco, em 1994, que o interesse pelos embutidos começou a desenvolver-se.

Iniciou o seu percurso artístico na arte de embutir ao lado do mestre João Fernandes Nóbrega com o qual trabalhou durante 2 anos (1995 a 1997) na oficina das instalações do já extinto I.B.T.A.M. (Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira). De 1998 a 1999 frequentou o “Atelier de Artesanato” - módulo de embutidos, sob orientação da Eng.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> da Luz Ornelas. Entre o ano de 2005 e 2006, orienta um curso de formação profissional no módulo “Praticas de Embutido”, concebido e destinado a um grupo de jovens portadores de deficiência auditiva.

Quando aos 18 anos, Susana dizia que o seu futuro profissional estaria ligado aos embutidos, era alvo da troça dos colegas, porque iria trabalhar com coisas sujas, mas isso nunca a impediu de continuar, nunca teve vergonha. Segundo Susana Ornelas, parece que os artesãos têm vergonha de dizer que são artesãos e ainda existe esse sentimento de que o artesanato não é uma profissão com futuro<sup>151</sup>.

---

<sup>150</sup> Cf. <http://www.arte-s-anato.blogspot.com/> <http://susornarts.blogspot.com/>

<sup>151</sup> Entrevista realizada no dia 11 de Junho de 2010, no Funchal.

### 1.1.2 Peças e Matérias-Primas



Ilustração 2: *Presépio* 2008 - Susana Ornelas



Ilustração 3: *A Realeza* Presépio Contemporâneo - Susana Ornelas

Segundo José Campinho (2008: 99), na cerâmica, “Susana Ornelas define-se como uma autodidacta com uma linha criativa muito individual, livre de ligações à tradição.”

Esta artesã vê na experimentação a descoberta da criação. Do alumínio ao acrílico e aos fios de algodão, dos embutidos à cerâmica, trabalha todos estes materiais de uma forma muito livre e impõe às suas peças um cunho muito pessoal. Susana refere que a técnica de embutir é tradicional, a estética e os desenhos utilizados nesta área é que poderão ser contemporâneos. Relativamente aos seus trabalhos em alumínio e cerâmica, a maioria poderá ser caracterizado de artesanato contemporâneo<sup>152</sup>.

Susana Ornelas tem como principais áreas de trabalho o artesanato, a conservação e restauro e a pintura.

### 1.1.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos)

O seu percurso artístico peculiar é pautado pela sua presença em exposições, tais como:

- Exposição colectiva “Presépios Madeirenses – Tradição e Inovação”, no Museu Etnográfico da Madeira - 18 de Dezembro de 2007 a 20 de Janeiro de 2008.
- Exposição individual “Tem Arte – Embutidos e Cerâmica”, no Museu Etnográfico da Madeira – 9 de Março a 9 de Junho de 2002.

---

<sup>152</sup> Ibidem.

- Exposição colectiva realizada no “Centro Cultural Palacio de Villadomparado”, em Espanha, igualmente no ano de 2002, onde, entre 99 artistas, foi a única portuguesa seleccionada para estar presente no evento<sup>153</sup>.
- Exposição colectiva “Presépios Madeirenses – Tradição e Inovação”, no Museu Etnográfico da Madeira – 14 de Dezembro de 1999 a Janeiro de 2000.



Ilustração 4: *AzulejoBordadoOuro* - Susana Ornelas

Esta artesã jovem tem já no seu currículo vários prémios de artesanato, relativos essencialmente aos seus trabalhos de embutidos de madeira, área de formação, mas também aos trabalhos feitos a partir da conjugação de outros materiais, sobressaindo, assim, a sua vertente mais contemporânea. Com a peça denominada “Oceano” conquistou na FIA o 1º Prémio Nacional de Artesanato Tradicional 1999/2000 (sendo a única madeirense, até o momento a alcançar este galardão); em 2002, graças ao trabalho “Floração”, ganhou o Prémio Jovem Prodígio promovido pelo Instituto de Juventude da Madeira; em 2005, venceu o 1º Prémio Nacional de Artesanato Moderno com a peça “Azulejobordadoouro” (peça em alumínio com recortes, gravura com base de madeira, técnica mista). Na cerâmica artística, foi-lhe atribuída uma Menção Honrosa no Prémio Nacional de Artesanato Moderno 2003/2004, com a peça intitulada “São rosas, senhores”.

<sup>153</sup> Disponível em: [http://www.madeira-in-a-box.com/category.php?id\\_category=192](http://www.madeira-in-a-box.com/category.php?id_category=192)



Ilustração 5: *São rosas, Senhores* - Susana Ornelas

Susana Ornelas teve um destaque especial no número 12 da Revista Mãos, na rubrica impressão digital.<sup>154</sup> Susana vende os seus produtos na montra do IBTAM, no portal Madeira-in-box, na Loja do Museu Etnográfico da Madeira, no Madeira Story Centre e através de encomendas de particulares<sup>155</sup>.

## 1.2 Helena Alencastre

### 1.2.1 Notas Biográficas



Ilustração 6: Helena Alencastre a trabalhar a pasta acrílica

Esta artesã nasceu em 1970, é natural da Ilha da Madeira e licenciada em Psicologia. Em 1997, iniciou um Curso de Cerâmica no Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira (I.B.T.A.M.) e esse facto determinou o desenvolvimento do seu

<sup>154</sup> Cf. Anexo nº 9, p. 185.

<sup>155</sup> É possível observar mais algumas fotos de peças de Susana Ornelas no anexo nº 10, p. 186.

trabalho nesta área. De 1999 a 2003 Helena orientou cursos de Verão para crianças, apoiados pelo antigo I.B.T.A.M.<sup>156</sup>

### 1.2.2. Peças e Matérias-Primas



Ilustração 7: *Carinho* - Helena Alencastre



Ilustração 8: *A flor e o fruto* - Helena Alencastre

Todas as peças de Helena são produzidas de forma singular e artesanal, dando especial atenção às miniaturas de presépios e figuras regionais, que têm sempre expressões de ternura, transmitindo emoção. Segundo José Campinho (2008: 97) o que mais encanta nos bonecos de Helena Alencastre é

“o ar satisfeito e bonançoso (...) são cheios de vida, de alma, de uma alegria incontida que os obriga a estarem permanentemente aos beijinhos e abraços ou com plácidos sorrisos celestiais. Olhando-os por fora, percebemos como estão felizes por dentro, e sentimos que reflectem uma humanidade cheia de generosidade e afecto que apetece partilhar.”

A cerâmica é uma forma de representação artística e os bonecos de Helena são prova disso.

### 1.2.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos)

Dos eventos em que participou, evidenciam-se a presença nas seguintes exposições:

- Exposição colectiva “Presépios Madeirenses – Tradição e Inovação”, no Museu Etnográfico da Madeira – 18 de Dezembro de 2007 a 20 de Janeiro de 2008.
- Exposição individual “Sonho de Natal”, na Sala do Baluarte, Palácio de São Lourenço, de 6 de Dezembro de 2005 a 6 de Janeiro de 2006.

<sup>156</sup> Disponível em: <http://www.helenaalencastre.com/Default.aspx>

- “Presépios Intemporais”, a sua primeira exposição individual foi realizada na galeria da loja G&I, no Funchal, de 21 de Abril a 25 de Maio de 2005.
- Exposição colectiva “Presépios Madeirenses – Tradição e Inovação”, no Museu Etnográfico da Madeira – 14 de Dezembro de 1999 a Janeiro de 2000.
- Exposição colectiva na Casa da Cultura de S. Vicente, em Novembro de 1999.



Ilustração 9: *Jogo Mé Mé* – Helena Alencastre



Ilustração 10 - *Olha o passarinho...!* - Helena Alencastre

Com esta peça Helena concorreu ao Prémio Nacional de Artesanato em 2007

Helena Alencastre foi seleccionada para os Concursos Nacionais de artesanato sob os temas: “Com o Espírito dos Mares” em 1999; “O Culto, a Festa e o Quotidiano” em 2001, “Oiro da Terra, Sonho das Mãos” em 2003 e “O Brinquedo” em 2007. Helena<sup>157</sup> refere que, apesar de ainda não ter ganho nenhuma vez nestes Certames, a sua participação tem sido extremamente enriquecedora, porque tem estabelecido uma série de contactos muito produtivos. Por exemplo, aquando de uma das suas participações, foi-lhe sugerido que vestisse os bonecos dos presépios com o traje madeirense, uma ideia que Helena aproveitou e que resultou muito bem nas suas peças. Esta artesã participou, igualmente, em Concursos Regionais, tais como: Concurso de Açucareiros: Espelho do Consumo de

<sup>157</sup> Entrevista realizada no dia 4 de Novembro de 2010, no Funchal.

Açúcar, no âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Museus, a 18 de Maio de 1999. Ganhou o primeiro prémio, na sua categoria, com um trabalho colectivo em cerâmica.

Helena vende as suas peças no Museu Etnográfico da Madeira, no Bazar Flórida, no portal Madeira-in-a-box e a particulares<sup>158</sup>.

### 1.3 Maria Luz Ornelas

#### 1.3.1 Notas Biográficas



Ilustração 11: A artesã Luz Ornelas na oficina do IVBAM

Maria da Luz Ornelas é funcionária do IVBAM e dá acções de formação nas instalações da Instituição, assim como concretiza peças lindíssimas a pedido do IVBAM. Esta artesã iniciou a sua actividade, com embutidos, no Instituto do Bordado Tapeçarias e Artesanato da Madeira, em 1995, após ter efectuado um estágio teórico/prático sobre esta disciplina, com a orientação do senhor João Nóbrega e como parte integrante do curso de Engenharia de madeiras, da escola superior de tecnologia de Viseu.

---

<sup>158</sup> É possível observar mais algumas fotos de peças de Helena Alencastre no anexo nº 11, p. 188.

### 1.3.2 Peças e Matérias-Primas



Ilustração 12: *Presépio* - Luz Ornelas



Ilustração 13: *Rosácea* - Luz Ornelas

Luz Ornelas, através da técnica dos embutidos, concretiza trabalhos que incluem uma grande diversidade de objectos quer decorativos quer utilitários, como por exemplo: caixas de jóias, de charutos, tabuleiros, marcadores de livros e facas de papel entre outros. Simultaneamente faz conservação e restauro de peças de particulares e de património.

### 1.3.3. Eventos (Exposições, Feiras e Concursos)

Esta artesã participou em diversos eventos, no âmbito da sua actividade artesanal, nomeadamente em algumas exposições:

- Exposição colectiva “Presépios Madeirenses – Tradição e Inovação”, no Museu Etnográfico da Madeira – 18 de Dezembro de 2007 a 20 de Janeiro de 2008.
- “!?-...” no Campanário em Março de 2008 e Áustria em Agosto 2008.
- “Arte com Vinho Madeira”, Festa do Vinho, Setembro 2008.
- “Prendas e sonhos”, no Porto Moniz em 2008.
- “Antinomias” no Centro de Promoção Cultural de São Vicente, de 18 de Novembro a 7 de Dezembro de 2005.
- “Sedimentos de Ritmos”, no Centro Cívico do Jardim da Serra, de 10 a 29 de Março de 2005.
- “Ritos e rituais”, na Casa da Cultura de Câmara de Lobos, de 18 de Janeiro a 3 de Fevereiro de 2005.
- “Ritos e rituais”, no Museu Casa da Luz, de 3 a 18 de Setembro de 2004.

- Exposição colectiva “Presépios Madeirenses – Tradição e Inovação”, no Museu Etnográfico da Madeira – 14 de Dezembro de 1999 a Janeiro de 2000.
- Exposição colectiva de embutidos e cerâmica, na Casa da Cultura de S. Vicente, em Novembro de 1999.



Ilustração 14: *ioiopiao* - peça candidata ao Prémio Nacional de Artesanato em 2007- Luz Ornelas



Ilustração 15: *Prima Hera* – peça candidata ao Prémio Nacional de Artesanato em 2005 - Luz Ornelas

Luz Ornelas foi apurada para os Concursos Nacionais de artesanato sob os Temas: “Com o Espírito dos Mares”, em 1999; “O Culto, a Festa e o Quotidiano”, em 2001; “Artes e Ofícios de trabalhar o metal, em 2005, “O Brinquedo” em 2007 e “Fios, Teias e Tecidos em 2009. Participou, igualmente, em Concursos Regionais, tais como: o Concurso de Açucareiros: Espelho do Consumo de açúcar, no âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Museus, a 18 de Maio de 1999, alcançando o primeiro prémio, com um trabalho colectivo em cerâmica e o Concurso “Artesanato-Adultos”, organizado pelo Museu Etnográfico da Madeira e a Câmara Municipal da Ribeira Brava, em 1997.

Esta artesã esteve presente na 14ª amostra ibero-americana de artesanato, em Santa Cruz de Tenerife, a 28 de Novembro de 2004<sup>159</sup>.

<sup>159</sup> É possível observar mais algumas fotos de peças de Luz Ornelas no anexo nº 12, p.189.

## 1.4 Carmen Molina

### 1.4.1 Notas Biográficas

Carmen Eloina Molina Martínez nasceu em 1958, na Venezuela, mas reside na Madeira há cerca de vinte anos. É licenciada em Design e Projectação, pela Universidade da Madeira (1997/2002). É Professora convidada pelo Estabelecimento Prisional do Funchal onde desenvolve um Projecto de Cerâmica, desde o ano lectivo 2008/2009. No seu percurso, já trabalhou, também, como professora de Educação Visual e Tecnológica na Escola do 2º e 3º ciclo Da Torre e no Centro Psico-pedagógico da Sagrada Família. Foi formadora de diversos cursos na Casa do Povo do Caniço.

A sua formação na área da expressão plástica advém de diversos cursos e workshops, tais como: Curso de Cerâmica Figurativa, em Lisboa, 1990; Workshop “Aplicações do Molde na Escultura Contemporânea”, na Universidade de Castilla-la-Mancha; Curso de formação profissional “A Educação Visual e a Educação Tecnológica – Modelos de ensino/aprendizagem”; Acção de formação da técnica “ Marabú; Acção de formação da técnica “ Estanho ”; Acção de formação da técnica “ Tridimensional ”; Acção de formação da técnica “Arte Sacra”; Curso de “Iniciação à Conservação e Restauro de Cerâmica”, entre outros.

Quando chegou à Madeira, Carmen abriu uma loja no Centro Comercial Monumental Lido, no entanto apesar do sucesso que alcançou, fechou as portas um ano depois, porque sozinha não conseguia dar resposta ao elevado número de encomendas. Para esta ceramista, a gestão da loja foi uma experiência produtiva no sentido em que lhe permitiu conhecer melhor a população madeirense<sup>160</sup>.

---

<sup>160</sup> Entrevista realizada no dia 6 de Novembro de 2010, no Caniço.

### 1.4.2 Peças e Matérias-Primas



Ilustração 16: *Presépio Bonecas de Massa* 2005 - Carmen Molina



Ilustração 17: *Presépio* 2000 - Carmen Molina

Carmen é uma ceramista apaixonada, criar é a sua terapia. Os materiais mais utilizados são os diferentes tipos de barro e tintas a frio. Segundo José Campinho (2008: 98), “os seus presépios tornaram-na conhecida na ilha e no continente português. Mas não só devido ao inegável talento que tem para moldar o barro: Carmen Molina imprime uma visão sul-americana às suas obras, cinge-as de uma religiosidade indígena, invulgar neste contexto”. O seu figurado é singular, excêntrico, festivo e muito apelativo.

### 1.4.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos)

Carmen Molina participou, ao longo da sua vida, em diversas exposições:

- Exposição colectiva “Natal Madeirense – Presépio de Escadinha”, no Museu Etnográfico da Madeira – 5 de Dezembro de 2009 a 3 de Janeiro de 2010.
- Exposição colectiva “Presépios Madeirenses – Tradição e Inovação”, no Museu Etnográfico da Madeira – 18 de Dezembro de 2007 a 20 de Janeiro de 2008.
- Exposição colectiva de “Presépios de Escadinhas, no Auditório Universo das Memórias. Funchal, de 15 Dezembro 2005 a 7 de Janeiro 2006.

- Exposição colectiva de presépios “A Alma e a Beleza no Artesanato: presépios Madeirenses”, no Auditório Universo das Memórias, Funchal, de 11 de Dezembro 2004 a 8 de Janeiro de 2005.
- Participação no 4º FACR – Festival de Arte, Criatividade e Recreação, realizado no Funchal, como expositora de peças de cerâmica e montagem de exposição, CIFEC/ Madeira Tecnopólo, Centro Comercial Monumental Lido e Caniço Shopping, de 26 a 31 de Maio de 2004.
- Exposição colectiva de Artesãos Regionais intitulada “Santos Populares”, no Museu Etnográfico, em Julho de 2000.
- Exposição individual de presépios, na sala de exposições no Largo do Corpo Santo do Teatro Municipal Baltazar Dias, no Natal de 1994.

Em 2005, o Museu Etnográfico da Madeira convidou Maria Jaime e Carmen Molina, a desenvolverem trabalhos de figurado, inspirados nas bonecas de Massa decoradas com bichinhos e adornadas com papel de seda vermelho e azul, criadas pela artesã Maria Salomé, um símbolo da arte popular madeirense. Deste trabalho resultou a exposição “Homenagem a Salomé Teixeira – um símbolo da arte popular madeirense “, de 5 de Fevereiro a 7 de Março de 2005, no Museu Etnográfico da Madeira.

Como frutos do seu trabalho de formação no Estabelecimento Prisional do Funchal, Carmen já organizou duas exposições em colaboração com o Museu Etnográfico da Madeira nas instalações do mesmo, denominadas: “Presépios e Terços – Uma perspectiva multicultural”, de 16 de Dezembro de 2008 a 18 de Janeiro de 2009” e “Arte e Devoção – Fachadas e Figurado em Barro, de 17 de Junho a 26 de Julho de 2009”. Nestas formações, os alunos tiveram a oportunidade de aprender a trabalhar o barro vermelho, o barro branco e o grés, utilizando diferentes técnicas, o desenho e a planificação de projectos. Segundo Lúcia Góes Ferreira<sup>161</sup>, estas acções tiveram como objectivos essenciais: estimular o interesse da população alvo pela cerâmica, sensibilizando para o sentido utilitário e artístico da mesma; a partilha de experiências em igualdade de oportunidades, estimulando a criatividade e aumentando a auto-estima e valorização pessoal dos intervenientes; a valorização do percurso prisional e o regresso a um processo de aprendizagem.

---

<sup>161</sup> Museu Etnográfico da Madeira. Catálogo da Exposição do Projecto de Formação do Estabelecimento Prisional do Funchal. Arte e Devoção – Fachadas e Figurado em Barro, 2009.



Ilustração 18: *Boneca de massa* 2005 - Carmen Molina



Ilustração 19: *Aviçeiros* 2005 - Carmen Molina

Carmen participou, também, em diversos concursos, tais como: V Concurso de presépios, organizado pela Associação de Artesãos da Região de Lisboa, em 1990, obtendo uma “Menção Honrosa”; no IX Concurso dos Tronos de Santo António, organizado pela Associação de Artesãos da Região de Lisboa, em 1991, obtendo o 1º Prémio; Concurso a nível nacional para Criação Marca e Logótipo Clube Golfe de Portugal, organizado pela Direcção de Promoção Turística do ICEP Portugal-Investimento, Comercio e Turismo, em 2002, obtendo o Terceiro Prémio. Estes prémios constituem, certamente, um estímulo e reconhecimento da qualidade do seu trabalho.

Carmen colaborou na organização do I Concurso de Presépios da Cidade do Funchal com o patrocínio do Teatro Municipal Baltazar Dias em 1994 e, igualmente, na organização do Leilão de Arte no Museu Etnográfico da Ribeira Brava, a favor das vítimas das enxurradas na Venezuela em Fevereiro de 2000.

Esta artesã já participou em feiras de artesanato no Funchal (1998), na Ribeira Brava (1990) e no Porto Santo (2003), mas deixou de interessar-se há algum tempo, porque acha que estar numa feira é redutor, o artesão é visto, “como um coitadinho” e, além disso, é tempo perdido, porque não vende. Carmen vende os seus produtos através de amigos, conhecidos; os seus principais clientes são coleccionadores de presépios oriundos de Portugal Continental<sup>162</sup>.

---

<sup>162</sup> Entrevista realizada no dia 6 de Novembro de 2010, no Caniço.

Para Carmen Molina, não existem dificuldades, não existem problemas, só janelas e portas que se abrem. Este positivismo é contagiante e não deixa ninguém indiferente<sup>163</sup>.

## 1.5 Maria Jaime Freitas

### 1.5.1 Notas Biográficas

Maria Jaime de Freitas Berenguer de Freitas nasceu em 1958, no Funchal, mas reside, actualmente, no Caniço. É professora do 1º Ciclo do Ensino Básico<sup>164</sup>.

### 1.5.2 Peças e Matérias-Primas



Ilustração 20: *Escadinhas* - Maria Jaime Freitas<sup>165</sup>



Ilustração 21: *Presépio Rochinha* - Maria Jaime Freitas<sup>166</sup>

Influenciada pela escultora Manuela Aranha e outros profissionais do mundo das Belas Artes do Instituto da Juventude, Maria Jaime começou a fazer moldagens de pastores no Natal de 1992 ou 1993. Em 2004, esta ceramista descobriu a pasta acrílica Fimo, o que marcou o início de uma actividade artesanal dedicada aos pastores e presépios em miniatura (Campinho, 2008: 97).

Maria Jaime reinventa a tradição com os seus presépios. Desde escadinhas de várias cores (laranja, prateado, lilás...), cujas oferendas vão para além dos tradicionais frutos, contendo bolos de mel de cana, entre outras doçarias, aos presépios na rochinha com as

<sup>163</sup> É possível observar mais algumas fotos de peças de Carmen Molina no anexo nº 13, p. 190.

<sup>164</sup> Cf. <http://www.mariajaime.blogspot.com/>

<sup>165</sup> Esta foto foi retirada do Catálogo “Natal em Português”, do Museu da Presidência 2008, p. 68.

<sup>166</sup> Esta foto foi retirada do Catálogo “O Presépio – Coleção de Maria Cavaco Silva”. Museu da Presidência da República 2009, p. 37.

figuras de São José e Maria vestidos com o traje típico madeirense. A tradição está lá, a contemporaneidade também, através da criatividade e da inovação, transformadas nas mãos desta ceramista incomum.

No início, Maria Jaime utilizava como matéria-prima o barro, mas desistiu, porque como não possuía mufla, era necessário deixar os bonecos a secar ao sol e isso impacientava esta artesã que gosta de ver logo os resultados do seu trabalho. Segundo Maria Jaime,<sup>167</sup> na tradição madeirense, como não existiam muflas, os bonecos eram deixados a secar ao sol. A pasta acrílica permite trabalhar com mais rapidez, sem necessidade de equipamento especial para secar (basta o forno doméstico), pode receber tinta e as figuras resultantes não são tão frágeis como os bonecos de barro.

Maria Jaime e Madalena Freitas fazem reciclagem de caixas de fósforos, caixas de chocolates, de rolhas de champanhe, cascas de lapas, entre outros materiais.

Como curiosidade, inconscientemente, Maria Jaime deixou de colocar bigode na figura de São José, quando o seu marido deixou de usar bigode. É sinal de que a inspiração é influenciada pelas pessoas que rodeiam o artesão<sup>168</sup>.

### **1.5.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos)**

Esta artesã iniciou a sua actividade artesanal na década de 1990', tendo como principais frutos de reconhecimento as seguintes exposições:

- Exposição colectiva “Natal Madeirense – Presépio de Escadinha”, no Museu Etnográfico da Madeira – 5 de Dezembro de 2009 a 3 de Janeiro de 2010.
- Participação na “Exposição de Natal”, na Casa do Povo do Caniço, em Dezembro de 2008 e 2009.
- Exposição “Renovando a Tradição”, em co-autoria com Madalena Freitas, no Aeroporto da Madeira, de 18 de Dezembro de 2007 a 18 de Janeiro de 2008.
- Exposição colectiva “Presépios Madeirenses – Tradição e Inovação”, no Museu Etnográfico da Madeira – 18 de Dezembro de 2007 a 20 de Janeiro de 2008.
- Exposição “Alma e Beleza no Artesanato – Presépios Madeirenses”, no Universo de Memórias de João Carlos Abreu, de 11 de Dezembro de 2004 a 8 de Janeiro de 2005.

---

<sup>167</sup> Entrevista realizada no dia 11 de Novembro de 2010, no Caniço.

<sup>168</sup> Ibidem.

- “Exposição de Presépios Madeirenses”, no Museu Etnográfico da Madeira, em Dezembro de 2004.
- “Exposição de Presépios de Carmo Santos” no Hotel Madeira Regency, de 5 de Dezembro de 2000 a 7 de Janeiro de 2001.
- Exposição colectiva “Presépios Madeirenses – Tradição e Inovação”, no Museu Etnográfico da Madeira – 14 de Dezembro de 1999 a Janeiro de 2000.
- Exposição de Presépios Madeirenses, em Dezembro de 1999, no Museu Etnográfico da Madeira.
- Exposição “Arte e Devoção de Presépios”, na Casa da Cultura – Quinta do Revoredo em Santa Cruz, de 16 de Janeiro a 15 de Fevereiro de 1998.
- Exposição colectiva “Arte e Devoção – Presépios Portugueses, algumas representações”, no Museu Etnográfico da Madeira – Dezembro de 1996 a Junho de 1997.



Ilustração 22: *Escadinha azul* - Maria Jaime Freitas



Ilustração 23: *Presépio Bonecas de Massa* – Maria Jaime Freitas

Maria Jaime tem já no seu Currículo alguns prémios e participações em Concursos, nomeadamente no Concurso “Prémio Regional de Artesanato Tradicional”, em 1995, promovido pelo IEFP, na Madeira; no Concurso “Prémio Nacional de Artesanato”, realizado em Lisboa, em 1996; no 1º Concurso Regional de Presépios, no Madeira Tecnopólo, em 1997 e no “Concurso de Postais de Natal e Presépios Madeirenses”, de 15 de Dezembro de 2004 a 16 de Janeiro de 2005, no Museu Etnográfico da Madeira

Dois presépios de Maria Jaime fazem parte da colecção de Maria Cavaco Silva, pelo que aparecem nos livros editados pelo Museu da Presidência: no catálogo “Natal em

Português”, de Dezembro de 2008 e no catálogo “O Presépio – Colecção de Maria Cavaco Silva”, de Dezembro de 2009.

Esta artesã participa sempre que tem possibilidades na Feira “Made in Caniço”; na “Feira Mercarte” e no “Mercado de Natal”, do Instituto Regional da Juventude. Maria Jaime Freitas costuma vender as suas peças no Parque Temático da Madeira, no Museu Etnográfico da Madeira, em feiras de artesanato e através de encomendas de particulares<sup>169</sup>.

## 1.6 Madalena Freitas

### 1.6.1 Notas Biográficas

Isabel Madalena Berenguer de Freitas<sup>170</sup> nasceu em 1981, no Funchal. É dietista de profissão, mas vê o artesanato como uma actividade complementar na sua vida. Influenciada pela mãe, Maria Jaime Freitas, iniciou-se nesta área, primeiro como passatempo, actualmente com mais dedicação e empenho, pesquisando novas formas de aprender e inovar, participando em feiras e convivendo com outros artesãos.

### 1.6.2 Peças e Matérias-Primas



Ilustração 24: *Castiçal* - Madalena Freitas



Ilustração 25: *Candeeiro* - Madalena Freitas

<sup>169</sup> É possível observar mais algumas fotos de peças de Maria Jaime Freitas no anexo nº 14, p. 191.

<sup>170</sup> Cf. <http://www.madalenafreitas.blogspot.com/>

Apesar de os seus trabalhos constituírem maioritariamente figurado de Natal, Madalena Freitas decidiu enveredar também por objectos decorativos criativos, inovadores como castiçais e candeeiros. Esta artesã difere um pouco da sua mãe, uma vez que segue linhas mais modernas, mais geométricas e urbanas. A pasta acrílica e os materiais recicláveis como restos de madeiras, caixas de fósforos, entre outros, são a matéria-prima desta artesã para dar asas à imaginação.

### 1.6.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos)

- “Exposição de Natal”, na Casa do Povo do Caniço, em Dezembro de 2008 e 2009
- Exposição “Renovando a Tradição”, em co-autoria com Maria Jaime, no Aeroporto da Madeira, de 18 de Dezembro de 2007 a 18 de Janeiro de 2008.



Ilustração 26: *Frasco com presépio* – Madalena Freitas



Ilustração 27: *Íman presépio* - Madalena Freitas

Madalena Freitas costuma participar na Feira “Made in Caniço; na “Feira Mercarte” e no “Mercado de Natal”, do Instituto Regional da Juventude. Maria Jaime e Madalena Freitas gostam de participar nas feiras de artesanato regionais. Lamentam, no entanto, que as condições das mesmas não sejam as melhores. As tendas deviam ser substituídas por estruturas de madeira, mais resistentes às condições climatéricas adversas e mais dignificantes. Estas artesãs observam que a feira Mercarte não tem um espaço fixo, pois quando há eventos na Praça da Restauração, a feira é transferida para a Praça da Autonomia, é sinal de que a Feira Mercarte não tem o reconhecimento merecido<sup>171</sup>. Madalena Freitas vende os seus produtos nas feiras, no Parque Temático, no Museu Etnográfico e a particulares<sup>172</sup>.

<sup>171</sup> Entrevista realizada no dia 11 de Novembro de 2010, no Caniço.

<sup>172</sup> É possível observar mais algumas fotos de peças de Madalena Freitas no anexo nº 15, p. 192.

## 1.7 Orlando Góis

### 1.7.1 Notas Biográficas



Ilustração 28: O artesão Orlando Góis na sua oficina

Manuel Orlando Noronha de Góis nasceu no Caniço em 1961. Frequentou o curso de Administração e Comércio e trabalha, actualmente, no ramo hoteleiro. O artesanato é uma outra parte da sua vida, que surgiu muito devido à sua veia de decorador, ao gosto por fazer arranjos florais e à vontade de criar algo de novo, de viver outras experiências.

### 1.7.2 Peças e Matérias-Primas

Orlando Góis é conhecido, essencialmente, pelas suas magníficas figuras feitas a partir da palha da bananeira e pelas esculturas em pedra e outros materiais reciclados. Apesar da palha de bananeira constituir uma matéria-prima delicada e difícil de trabalhar, Orlando consegue moldá-la com muito pormenor, como é possível observar nas vestes e acessórios das figuras e estas, embora não possuam rosto, demonstram expressão, movimento e uma empatia admirável. Não obstante o tipo de matéria-prima utilizada, estas peças têm uma durabilidade considerável, a prova disso é que este artesão já tem alguns presépios com mais de uma década de existência e não apresentam qualquer sinal de deterioração (Orlando Drumond: 2009).

Segundo Lídia Góes Ferreira (1997: 33), “aproveitando alguns recursos naturais e usando a sua criatividade, os artesãos madeirenses produzem figuras de presépio extremamente interessantes, cuja concepção traduz a sensibilidade e criatividade do nosso povo, enriquecendo o nosso património artístico popular.” Orlando Góis é um desses

artesãos. Para a Directora do MEM<sup>173</sup>, “aproveitar de forma inteligente os recursos naturais que o meio coloca à sua disposição é uma das qualidades daqueles que trabalham no mundo artesanal. (...) O artista Orlando Noronha Góis, (...) é um dos chamados “novos artesãos”, que tão bem soube aproveitar a palha de bananeira, moldando-a ao sabor da sua criatividade, criando bonitos presépios e outras figuras, peças que vieram renovar o genuíno artesanato tradicional madeirense e enriquecer o nosso património cultural.”



Ilustração 29: *Presépio* - Orlando Góis



Ilustração 30: *Escultura em pedra* - Orlando Góis

Para além da palha de bananeira, Orlando Góis faz esculturas a partir da utilização de materiais reciclados, tais como: madeiras antigas, partes de vasos quebrados, pedras da terra e do mar, folhas, troncos de árvores, fósseis de areia, serapilheira, pois para este artesão, nesta directiva, todos os materiais têm uma utilidade. Orlando nunca chega a casa de mãos vazias, pois tudo o que lhe inspira boas vibrações, boas energias, traz consigo. Orlando Góis é um escultor que reinventa esculturas religiosas, dando-lhes um toque moderno e às vezes clássico, pois as suas peças fazem lembrar as esculturas gregas. Há também uma vertente visionária no seu trabalho, pois Orlando vê, muitas vezes, a obra já

---

<sup>173</sup> Museu Etnográfico da Madeira. Catálogo da Exposição “Palha de bananeira: aproveitar, criar, inovar”. 5 de Dezembro de 2009 a 17 de Janeiro de 2010.

pronta antes de seque para iniciar. Este artista esculpe a pedra e a palha de bananeira com um verdadeiro talento, conseguindo fazer passar emoções e sentimentos<sup>174</sup>.

### 1.7.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos)

Orlando Góis realizou algumas exposições individuais e colectivas, desde que iniciou o seu percurso criativo:

- Exposição individual no Museu Etnográfico da Madeira de 5 de Dezembro de 2009 a Março de 2010 intitulada “Palha de Bananeira – Aproveitar, Criar, Inovar”.
- Exposição do Museu Etnográfico da Madeira no Aeroporto da Madeira de 17 de Dezembro de 2008 a 19 de Janeiro de 2009 “Presépios Madeirenses”.
- Exposição colectiva “Cores e Formas”, no Fórum Art, em Fevereiro de 2008.
- Exposição colectiva “Presépios Madeirenses – Tradição e Inovação” – 18 de Dezembro de 2007 a 20 de Janeiro de 2008 no Museu Etnográfico da Madeira
- Exposição colectiva “Trajectórias”, no Centro Cívico de Santa Maria Maior, em Agosto de 2007.
- Exposição colectiva “Vértices” na Galeria Molduradora do Carmo, de 23 de Fevereiro a 8 de Março de 2005.
- Exposição colectiva “Trilhos” na Galeria Molduradora do Carmo, em Fevereiro/Março de 2004.
- Exposição colectiva “Presépios Madeirenses – Tradição e Inovação” – 14 de Dezembro de 1999 a Janeiro de 2000 no Museu Etnográfico da Madeira
- “Arte e Devoção – Santos Populares” no Museu Etnográfico da Madeira exhibe mais uma das suas peças em palha de bananeira, no ano de 2000.
- Uma pequena amostra de escultura em cantarias regionais realizada na Quinta da Palmeira em 1998 serviu de inspiração para a exposição individual “Rostos Milenares”, 34 esculturas em pedra exibida no Museu Etnográfico da Madeira, em 1999.
- Exposição “Espírito dos Mares” na Expo 98, com um painel de espadartes (pesca desportiva).

---

<sup>174</sup> Entrevista realizada no dia 12 de Novembro de 2010, no Caniço.

- Exposição de peças em palha de bananeira, intitulado o 1º Natal “Quinta Palmeira”, em 1994.



Ilustração 31: Peça feita com raízes de eucalipto - Orlando Góis



Ilustração 32: *Presépio* - Orlando Góis

Orlando Góis participou no IX Prémio de Artesanato “Natal em Viana do Castelo”, tendo recebido o 2º Prémio, uma organização do Museu de Arte e Arqueologia de Viana do Castelo, em 2009. Foi seleccionado para participar no Prémio Nacional de Artesanato em 2001, com o tema “O Culto, a festa e o quotidiano” e em 1999, com o tema “O Espírito dos Mares”. Em 1999, marcou presença no 2º Salão de Primavera “Inquisição/Museu da Electricidade” onde alcançou uma menção honrosa, com uma escultura em pedra. Em 1997, ganha dois prémios originalidade aquando da exposição colectiva “O Homem e o Artefacto” no Museu Etnográfico da Madeira e no Concurso de Artesanato - Adultos organizado pelo Museu e Câmara Municipal da Ribeira Brava.

Um dos seus presépios já esteve numa das exposições do Museu da República (2007/2008). Está também referenciado em alguns catálogos da FIA. Após a exposição no Madeira Tecnopólo um seu trabalho faz capa da revista do Diário de Notícias e foi postal de Natal da Secretaria Regional da Agricultura, Florestas e Pescas. De salientar que uma das figuras em palha de bananeira de Orlando Góis é um dos 4 selos que compõem a colecção dedicada aos museus da Madeira, do Funchal - CTT Funchal 2003<sup>175</sup>.

<sup>175</sup> Cf. Selos de Portugal - Álbum IX (1999/2003). Disponível em: [http://www.caleida.pt/filatelia/fp/ebook/bfd014\\_p.pdf](http://www.caleida.pt/filatelia/fp/ebook/bfd014_p.pdf) pág. 123

Este artesão já participou em acções de solidariedade no Madeira Shopping, em workshops cujo objectivo era reciclar e criar peças a partir da reutilização da palha da bananeira. As peças acabadas foram colocadas à venda e as receitas revertiam a favor da Associação Centro da Mãe. Já participou em feiras, mas através do Museu Etnográfico. Orlando vende no portal Madeira-in-a-box e a particulares<sup>176</sup>.

## **1.8 Azul Desejo – Paula e Duarte Gomes**

### **1.8.1 Notas Biográficas**

Ana Paula da Silva Gomes nasceu no Funchal em 1961, é licenciada em Geologia e, actualmente, é Professora do Ensino Secundário. A formação na área da cerâmica obteve-a inicialmente em Lisboa e posteriormente nas Caldas da Rainha. Em 1990, fez os cursos de iniciação à Cerâmica na Associação de Artesãos da Região de Lisboa e de modelagem e vidragem no Atelier "Cerâmica Bairro Alto". No ano seguinte, estagiou na "Oficina do Castelo" com a ceramista Susana Barros sobre a área azulejar. Em 1994, fez um Estágio no CENCAL, nas Caldas da Rainha, na área da Olaria de roda, vidragem e moldes e, no ano subsequente, participou em um Workshop sobre restauro de peças de cerâmica na mesma Instituição. Em 1999 Paula frequentou o Curso de pintura tradicional de Azulejo e, em 2002, participou no Workshop sobre Azulejaria Arte Nova Portuguesa, ambos no CENCAL.

Manuel Duarte da Silva Gomes nasceu no Funchal, em 1965. A sua actividade na área da Cerâmica iniciou-se no ano 2000, quando começou a produzir trabalhos na área da azulejaria utilizando técnicas artesanais, no atelier "Azul Desejo", no Paul do Mar, com a orientação da ceramista - artesã Paula Gomes.

“Azul Desejo<sup>177</sup>” é um projecto destes dois ceramistas, de Paula e Duarte Gomes e teve início em 2002, substituindo o anterior projecto “Teracota”.

---

<sup>176</sup> É possível observar mais algumas fotos de peças de Orlando Góis no anexo nº 16, p. 193.

<sup>177</sup> Cf. <http://azuldesejo.no.sapo.pt/index.html>

## 1.8.2 Peças e Matérias-Primas



Ilustração 33: Azulejos feitos com a técnica da aresta - Azul Desejo



Ilustração 34: Quadro - Azul Desejo

“Azul Desejo” é uma oficina, situada na Freguesia do Paul do Mar, cuja actividade principal é a produção de azulejos pintados à mão, utilizando a técnica da aresta e técnicas mistas. Apesar da azulejaria não possuir tradição na nossa Região, Paula e Duarte Gomes introduziram as suas peças no mercado artesanal madeirense, renovando e enriquecendo o nosso património artístico, produzindo azulejos com motivos regionais e contemporâneos. A utilização dos pontos do bordado Madeira nas suas peças é a característica essencial e inovadora dos seus trabalhos. A particularidade destes artesãos é, assim, o facto de “bordarem” o barro.

Estes artesãos têm no seu repertório artesanal a concretização de réplicas de azulejos Hispano-árabes (séc. XVI) para lojas de alguns museus da Região Autónoma da Madeira, a convite do Dr. Francisco Clode e a produção de trabalhos para particulares, tais como: Hotel "Miramar", Restaurante "Casal da Penha", Restaurante "Stop", Restaurante "O Regional", Hotel "Jardim Atlântico, e outros. Desde saboneteiras, balcões de recepção<sup>178</sup>, fontanários, quadros, bases de copos, troféus, lembranças de casamento, à reprodução de desenhos de Francisco Franco... o céu é o limite para estes dois ceramistas, cuja criatividade está sempre à espreita na oficina do Paul do Mar.

---

<sup>178</sup> Na Estalagem “Engenho Velho”, no Arco da Calheta, o balcão da recepção foi produzido pela Oficina Azul Desejo.

### 1.8.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos)

Paula Gomes teve a oportunidade de realizar algumas exposições, quando estava no projecto Teracota, com Jorge Meco:

- Exposição individual “Linhas de Terra – Jorge Meco e Paula Gomes – Oficina Teracota” no Museu Etnográfico da Madeira - 24 de Outubro a 24 de Março de 1999.
- "Linhas de Terra", na Casa da Cultura da Calheta, em 1998.
- "24 Horas a bailar", em Santana (Extensão Rural da Calheta), no ano de 2000.



Ilustração 35: Fontenário no Estreito da Calheta - Azul Desejo



Ilustração 36: Azulejo feito a partir de um desenho de Francisco Franco - Azul Desejo

Exposições “Azul Desejo”:

- Exposição "Azul Desejo", no Museu da Electricidade, em 2003.

Paula e Duarte Gomes já participaram em feiras de artesanato promovidas pelo Museu Etnográfico da madeira, na Ribeira Brava, no Porto Santo e no Funchal. Participaram, igualmente, na Semana da Madeira em Viena, em Setembro de 2003. Azul Desejo vende as suas peças no Museu Francisco Franco e através de encomendas de hotéis, empresas, particulares, municípios, entre outros.

Estes artesãos estão inscritos na Rota da Cerâmica<sup>179</sup>. Nesta Rota, participam os artesãos Carmen Molina, Paula Gomes e a Casa Museu Frederico de Freitas. Estas iniciativas são muito importantes para a divulgação dos artesãos e dos seus trabalhos<sup>180</sup>.

<sup>179</sup> Disponível em: <http://www.rotasdeceramica.pt/madeira.html>

<sup>180</sup> É possível observar mais algumas fotos de peças de Azul Desejo no anexo nº 17, p. 194.

## 1.9 Auoa Handmade

### 1.9.1 Notas Biográficas

Os criadores deste projecto, os designers Luísa Spínola e Nelson Henriques<sup>181</sup>, referem que escolheram o nome Auoa porque é um vocábulo madeirense que significa uma expressão de admiração e Handmade porque significa feito à mão, feito com amor. Iniciaram esta actividade em Janeiro de 2010 e contam com a preciosa ajuda de oito artesãs, que têm dificuldades de inserção no mundo do trabalho e, assim, podem dar o seu contributo, através das suas habilidades e saberes manuais. Esta entreaajuda prova, uma vez mais, que a parceria entre design e artesanato é possível e dá frutos produtivos e inovadores.

### 1.9.2 Peças e Matérias-Primas



Ilustração 37: *Colecção Bonecas de Massa - Auoa Handmade*

Os trabalhos destes designers e artesãos são portadores de sentimentos, de emoções, recuperam a actividade manual, nomeadamente os bordados, preservando as memórias madeirenses, recuperando o artesanato regional e proporcionando novas vivências. Estes objectos contam uma história, são portadores de sentido e de significado, têm por objectivo inovar e criar a partir das raízes e de tudo o que identifica a Região.

Todos os trabalhos são exclusivamente feitos à mão. Cada colecção tem um tema, que numa fase inicial obedeceu a um trabalho de pesquisa, depois a elaboração de vários desenhos, e na fase final à sua execução. As bonecas de massas, as flores e plantas endémicas e as aves endémicas da Madeira, são as três primeiras colecções do Auoa

---

<sup>181</sup> Entrevista no dia 3 de Outubro de 2010 na Ponta do Sol.

Handmade, que se apresentam nas mais variadas maneiras: pregadeiras, colares, pulseiras, aplicações para cintos, bolsas, entre outros<sup>182</sup>.

### 1.9.3 Eventos (Exposições, Feiras e Concursos)



Ilustração 38: *Colecção Flores endémicas - Auoa Handmade*

Este projecto vendeu as suas primeiras peças na Festa da Flor 2010 e na Feira Cores de Outubro de 2010. Os produtos Auoa podem ser encontrados nas lojas Bortal e no Madeira Story Centre. Estes artesãos estão, neste momento, a ponderar participar em feiras de âmbito nacional.

## 1.10 Tânia Nóbrega

### 1.10.1 Notas Biográficas

Tânia Nóbrega nasceu em 1977 e é licenciada em Arquitectura de Interiores, no entanto a sua actividade principal, o seu único meio de subsistência, actualmente, é o artesanato.

---

<sup>182</sup> Cf. <http://www.auoa-handmade.pt/home.html>

### 1.10.2 Peças e Matérias-Primas



Ilustração 39: Montagem de fotos dos vários produtos da Natureza Viva

Em 2006, Tânia Nóbrega criou e registou a marca de artesanato contemporâneo denominada “Natureza Viva”. A sua marca divide-se por várias linhas de peças: Formas Vivas; Perdidos e Achados; A Duas Mãos; Construções Inesperadas; Tem Dias e Folklore. De todas estas colecções, Tânia é mais conhecida pelas bonecas que veste com os trajes dos grupos de folclore da Região, pelas bolsas de tecidos regionais, cujas pegas são feitas a partir dos vimes da Camacha e pelas pregadeiras em flores endémicas da Madeira.

Todo o seu trabalho é resultado de cuidadosas técnicas manuais onde conjuga conhecimentos tradicionais e actuais e as necessidades de hoje. Tenta aliar a criatividade, o saber popular e a qualidade, com o objectivo de estabelecer laços afectivos, motivando o interesse pela arte, pelo artesanato e pela cultura madeirense. No trabalho de execução, conta com a ajuda da sua mãe e da sua tia, ambas bordadeiras reformadas. Conta também com a ajuda de pessoas ligadas ao artesanato e folclore, como o Sr. João Egídio e o Sr. Danilo Fernandes<sup>183</sup>.

---

<sup>183</sup>ABREU, Paula; DANTAS, Marília. “Uma artesã contemporânea”. In *Jornal da Madeira*, 13 de Julho de 2009, p.12.

O objectivo da Natureza Viva é incentivar a compra dos produtos locais, promovendo, assim, a economia e emprego locais.

### **1.10.3 Eventos (Exposições, Feiras e Prémios)**

Tânia Nóbrega não participa em tantas feiras, como antes. Actualmente, participa no Mercado dos Lavradores, nas quintas-feiras temáticas, nas feiras de artesanato realizadas no Caniço e, anualmente, no 48 horas a bailar. Esta artesã vende os seus produtos nas Lojas Bordal e através de encomendas de particulares.

Para Tânia Nóbrega, o artesanato nasce da necessidade e de saber fazer com arte e talento. O seu trabalho liga o hoje ao ontem. Esta artesã tem carta de artesão e tem também a carta do IVBAM, no entanto na actividade que exerce está escrito “curso superior de arquitectura de interiores”. Para Tânia, devia estar inserida a palavra “artesã” e não o grau de escolaridade. Tânia está colectada nas finanças como trabalhador independente – actividades empresariais<sup>184</sup>. Outros artesãos estão colectados como “outros artistas plásticos”. É uma situação que devia ser analisada pelas entidades competentes, a categoria artesão devia existir na lista de profissões, seria uma das formas de o artesanato alcançar a dignificação tão desejada.

### ***Considerações Finais***

De salientar que a maioria destes artesãos tem a sua profissão, ou seja, o artesanato não é a sua única ocupação, com a excepção de Tânia Nóbrega, Duarte Gomes, Susana Ornelas e Luz Ornelas. Carmen Molina, Maria Jaime Freitas e Paula Gomes são professoras, Madalena Freitas é dietista, Orlando Góis trabalha na Hotelaria, Luísa Spínola e Nelson Henriques são designers e Helena Alencastre é psicóloga. Este facto é determinante quando falamos em comercialização e produção. A falta de tempo é uma constante na vida destes artesãos e a procura das suas peças é, quase sempre, superior à oferta. Ora, para que o sector das artes e ofícios na Madeira progrida consideravelmente, terão de ser criadas condições para que estes artesãos possam exercer a profissão artesanal a tempo inteiro e, assim, aumentarem a produção e a comercialização dos seus produtos.

A maioria dos artesãos contemporâneos referidos já trabalhou directamente com a Directora do MEM. Todos eles salientam o trabalho de louvar de Lúcia Góes Ferreira, uma

---

<sup>184</sup> Entrevista realizada no dia 11 de Junho de 2010, no Caniço

grande impulsionadora do sector das artes e ofícios, na Madeira, nos últimos 15 anos. Segundo Carmen Molina, a Directora do Museu Etnográfico tem sido incansável para com ela e as portas do Museu estão sempre abertas para a receber. Orlando Góis referiu que a recolha e investigação que Lúcia Ferreira realizou fez com que todos os artesãos, tradicionais e contemporâneos, que não se conheciam, entre si, passassem a aprender e a viver novas experiências. Orlando caracteriza o Museu como uma " bendita casa". Foi e continua a ser uma casa que sabe receber, ouvir, partilhar conhecimentos e espicaçar os artesãos como ninguém.

Todos estes artesãos contemporâneos, através das suas peças, do seu trabalho, da sua forma de viver e de ver o mundo, vieram enriquecer o nosso património artístico e cultural. Apesar de alguns destes artesãos não gostarem da definição de artista, devido à problemática que envolve, muitas vezes, a dicotomia arte / artesanato, na minha opinião, estes artesãos são artistas, na medida em que as matérias-primas utilizadas passam por diversos processos, e as cores, proporções, contrastes entre forma e fundo, a simbologia, os significados, as representações estão sempre patentes na produção dos objectos.

## **PARTE V - Estratégias para o desenvolvimento do artesanato contemporâneo na Região Autónoma da Madeira**

Para Delfim Santos (2002: 18) desafios são possibilidades de transformar os problemas em oportunidades de crescimento e desenvolvimento, de uma forma optimista e realista. Neste capítulo, são apresentadas algumas estratégias que constituem grandes desafios para a Região, no que concerne à fomentação e divulgação de um sector que necessita de ser espicaçado.

### **1. Formação - o motor impulsionador do Sector**

Segundo dados fornecidos pelo IVBAM, nos anos 2004/2005 foram ministradas algumas acções de formação na área dos embutidos, tecelagem, bordado Madeira, curso de tapeçaria. Formalmente, estas foram da responsabilidade da Associação dos Produtores de Bordados, Tapeçarias, Artesanato e Obra de Vimes da Madeira e não do IBTAM, que por questões de financiamento não constava como parceiro. No entanto, a maior parte dos recursos necessários pertenciam ao IBTAM.

Mais recentemente entre os anos de 2006 e 2008, o IVBAM desenvolveu o projecto "Artesanato da Madeira com Futuro" que visava colmatar as necessidades de formação, detectadas em anteriores diagnósticos, nos sectores do bordado, tapeçarias e vimes da RAM. Este projecto abrangeu as seguintes acções de formação, com os seguintes público-alvo:

<b>Designação do Curso</b>	<b>Nº de Formandos</b>	<b>Nº de Acções</b>	<b>Público-Alvo</b>
Sensibilização dos Profissionais de Turismo	119	7	Profissionais de Turismo
Sensibilização para a Mudança	31	2	
Formação de Formadores em Técnicas de Bordado Madeira	13	1	Bordadeiras; Mulheres Desempregadas
Valorização da Actividade de Bordadeira	69	4	Bordadeiras; Mulheres Desempregadas
Valorização da Actividade do Artesão	0	0	Artesãos; Jovens Desempregados
Inovação Organizacional	0	0	Empresas Produtoras
Sensibilização dos Proprietários dos Pontos de Venda	29	2	Proprietários dos Pontos de Venda
Dinamização dos Pontos de Venda - Proprietários	10	1	Proprietários dos Pontos de Venda;
Dinamização dos Pontos de Venda - Colaboradores	22	2	Colaboradores dos Pontos de Venda
Formação de Empreendedores	8	1	Jovens com Formação Superior em Gestão e Design
<b>TOTAL</b>	<b>301</b>	<b>20</b>	

Tabela 6: Projecto de formação do IVBAM de 2006 a 2008

O Projecto contou com 301 formandos, dos quais 248 (82%) eram do sexo feminino e 53 (18%) do sexo masculino. Destes, 261 (87%) encontravam-se empregados e 40 (13%) em situação de desemprego. Em relação às habilitações literárias, predominava o ensino básico e secundário.

Actualmente, o IVBAM não está a desenvolver nenhuma formação nessas áreas, estando contudo prevista a realização de acções de formação na área do artesanato, nomeadamente introdução às técnicas de madeiras e cerâmicas. Infelizmente, esta entidade

não tem realizado, nos últimos tempos, projectos de actualização do artesanato ou parcerias entre artesãos e designers, estilistas, arquitectos, decoradores e empresas. Em relação aos projectos dedicados ao empreendedorismo, destaca-se a formação para empreendedores referida na questão anterior.

O projecto de formação referido, anteriormente, desenvolvido pelo IVBAM constituiu uma medida importante para o sector das artes e ofícios, na Madeira. Acções como estas devem ser repetidas, no entanto com outras áreas de formação e tendo em atenção a distinção entre artesanato tradicional e artesanato contemporâneo. Os actuais artesãos necessitam de outras ferramentas que lhes permitam enfrentar o mundo actual que lida com a imagem, a era digital, a globalização.

Uma das alterações observadas no sector do artesanato diz respeito ao modo de transmissão do saber, que já não se verifica apenas de pais para filhos, mas sim através da formação. Segundo Ana Pires (2004: 2), se avaliarmos as vantagens e os custos do “saber” percebemos que “o ganho é total, pois a aquisição de novos saberes e competências nem sequer custa "espaço", trata-se de uma riqueza que não preenche silos, não ocupa armazéns, não se encontra em cofres e, como tal, não arde, não se perde numa cheia, não se gasta.”

A formação é importante em qualquer área profissional, no entanto na Madeira esta não está suficientemente cimentada no que concerne ao sector das artes e ofícios. E não devem ser apenas os artesãos ou aspirantes a artesãos a ter formação nas áreas artesanais, mas também os lojistas e responsáveis pela comercialização do artesanato. Para Felgueiras (2006: 36), os intermediários e os lojistas bem informados têm um papel fundamental, não só na venda e escoamento dos produtos, mas sobretudo na informação correcta sobre os produtos, os seus processos, a sua história.” Uma mediação eficaz entre produtor e consumidor é, portanto, importantíssima.

O CEARTE é, para mim, a escola por excelência de artes e ofícios em Portugal. É um centro de formação com sede em Coimbra, mas a sua intervenção estende-se um pouco por todo o país, embora com grande incidência na Região Centro. Uma vez que na Madeira existe uma lacuna considerável em formação nesta área, uma das minhas sugestões seria o estabelecimento de uma parceria entre o IVBAM e o CEARTE, de forma a serem

implementadas acções de formação em diversas áreas do sector do artesanato, na Região<sup>185</sup>.

Poderia ser criada uma escola de artes e ofícios na Madeira e esta teria como bases a inovação, através da introdução de novas tecnologias (técnico-artísticas), do estabelecimento de parcerias (com empresas, associações profissionais, associações artísticas e culturais) e da integração em projectos de formação e desenvolvimento profissional. Esta formação seria fornecida a todos os interessados, aos actuais artesãos, aos lojistas e apreciadores de artesanato e aos jovens que quisessem escolher a profissão de artesão. Estes cursos teriam equivalências ao 6º, 9º, 12º ano e formação pós-secundária, atendendo a que existe, desde 2003, uma Portaria de Aprendizagem para o artesanato que engloba 23 itinerários de formação (níveis 2, 3 e 4), aos quais correspondem 13 saídas profissionais<sup>186</sup>.

Nesta perspectiva, poderiam ser fomentadas parcerias entre designers e artesãos na Madeira, à semelhança dos projectos mencionados no capítulo desta dissertação “Tradição versus Inovação”, porque da parceria, da junção de saberes, da interdisciplinaridade crescem sempre frutos surpreendentes e inovadores.

Com a criação desta Portaria, o artesanato passou a dispor, segundo Vítor Gil (2004: 22), “de um instrumento propiciador do aumento de qualificação dos artesãos portugueses, ao mesmo tempo que as próprias unidades produtivas artesanais passarão a ser parte activa nos processos de formação, reinventando o seu papel histórico no que respeita à transmissão de saberes tradicionais”. Esta Portaria é, essencialmente, um programa que tem como objectivo qualificar candidatos ao primeiro emprego, “através de perfis de formação que contemplam uma tripla valência, reforço das competências académicas (...) aquisição de saberes no domínio científico-tecnológico e uma sólida experiência na empresa ou, no caso de artesanato, na Unidade Produtiva Artesanal.”

Um possível Plano de Formação a ser executado na RAM, na área das artes e ofícios, teria de conter disciplinas que preparassem o artesão para o mercado actual, como: Desenho e Design; Informática; Internet; Contabilidade; Gestão; Marketing e Publicidade; Eco design e Técnicas de Reciclagem; Segurança e Higiene no trabalho; Promoção, Venda

---

<sup>185</sup>O Director do CEARTE foi contactado, relativamente a este assunto, e a sua resposta foi “é só iniciar o processo, com o envio de um mail dirigido a [luis.rocha@cearte.pt](mailto:luis.rocha@cearte.pt).

<sup>186</sup> Cf. [http://www.aarn.pt/fotos/gca/1124129596portaria\\_1193\\_03.pdf](http://www.aarn.pt/fotos/gca/1124129596portaria_1193_03.pdf)

Esta Portaria foi criada pelo IEFP em colaboração com o CEARTE, no dia 16 de Dezembro de 2003.

e Embalagem; Património; entre outros. E teria de abranger, igualmente, várias disciplinas sobre a transformação matérias-primas, como: cerâmica; têxteis; madeiras; papel; vidro, entre outros. Esta acção terá de ter em atenção vários aspectos: o artesão terá de dominar a totalidade dos saberes e técnicas inerentes à actividade desenvolvida, assim como terá de possuir uma sólida formação teórica e artística, trabalhar com rigor de execução respeitando a tradição e simultaneamente estar propenso à inovação.

Outra ideia também ligada à formação seria criar uma bolsa de formadores que fossem ao encontro dos artesãos tradicionais que ainda laboram, com o intuito de registar os seus saberes. Estes formadores dariam formação a outros jovens e, assim, os saberes não seriam extintos.

Há uma nova atitude por parte dos artesãos que apostam na preservação e recuperação de velhos saberes aliados às novas técnicas, a novas formas de inovação, criatividade. Esta nova forma de ver as coisas deve ser incentivada, apoiada, incrementada pelas entidades competentes. Existe uma necessidade real de formação e o Estado deve actuar no sentido de “ensinar a pescar” em detrimento de “dar a cana de pesca”.

## **2. Marca “Artesanato da Madeira”**

Uma das minhas sugestões é criar a marca “Artesanato da Madeira”, à semelhança da marca “Artesanato dos Açores ”. Nesta, seriam englobados todas as artes e ofícios da RAM, incluindo o bordado-madeira e os vimes. Esta marca seria uma forma de certificar os produtos artesanais madeirenses. Quando questionei alguns artesãos sobre esta questão, as reacções foram maioritariamente divergentes.

Helena Alencastre e Luz Ornelas salientam que actualmente os artesãos contemporâneos ainda não têm o seu lugar na Região, porque não são compreendidos. Ainda não existe na Madeira, a distinção necessária entre artesanato tradicional e artesanato contemporâneo. Helena Alencastre utiliza as palavras “produção” e “criação” para, respectivamente, distinguir o artesanato tradicional e o contemporâneo. Segundo esta ceramista, “a produção é mais mecanicista e orientada para uma arte de “saber fazer”, enquanto a “criação questiona o já feito e abre novas fronteiras. Isso não torna melhor ou pior o artesão em qualquer dos contextos referidos. Todos são importantes. O que torna melhor ou pior são as abordagens que se fazem ao sector, sem ter em conta as diferenças de enquadramento”.

Para estas artesãs, as peças dos artesãos contemporâneos não podem ser catalogadas, carimbadas com o selo “Marca Madeira”. No artesanato tradicional faz sentido essa certificação, essa catalogação porque é um artesanato que segue determinados critérios, determinados parâmetros, são “produtos, resultantes de um fabrico artesanal, com mais ou menos criatividade. Há uma orientação, clara, para o “fabrico” de peças semelhantes, culturalmente justificadas, com características determinadas pela tradição, ou inovadas por um design mais recente”. Helena concorda com a “Marca Madeira” neste tipo de artesanato, porquanto “são produtos que podem continuar ao longo do tempo e capazes de passar às gerações seguintes. Como tal, é necessário incentivar os artesãos e dar-lhes condições para que passem o seu testemunho do “saber fazer”, a fim de que não se perca a riqueza destas expressões humanas. Tal intervenção deverá ter como alvo a protecção, e a promoção, de uma produção com elevada qualidade, mantendo um registo de regras a serem respeitadas, a fim de conservar os seus traços culturais sempre vivos.”

Segundo Helena Alencastre, ao artesanato contemporâneo não podem ser impostas e aplicadas as mesmas regras do artesanato tradicional.

“Quando nos aproximamos da criatividade, na sua maior expressão, encontramos peças únicas, originais, com identidade do seu criador e, daqui, poderemos atingir, ou não, a Arte. Mas, sem dúvida, serão obras de autor e não tanto de produção. Neste caso as vantagens são: a não repetição, a possibilidade de ultrapassar regras e limites convencionais e trazer ao Artesanato novas formas de se expressar.”

Neste tipo de artesanato o criativo é referido em primeiro lugar e só depois os seus produtos. Quando o criador deixa de existir, não serão realizadas mais peças iguais às suas, quanto muito semelhantes, mas não terão a assinatura do artesão. Enquanto no artesanato tradicional o saber passa de geração em geração. Ninguém sabe quem inventou as botas de vilão, mas muitos saberão identificar o presépio “Carinho” com a autora Helena Alencastre. Ninguém solicitará a Hugo Santos que coloque no seu vestido com pontos de bordado Madeira um selo “Marca Madeira” porque não faz sentido. Por isto, é necessário criar medidas de defesa da criação de cada pessoa.

Para Helena Alencastre ao invés de certificar, catalogar o artesanato contemporâneo com a “Marca Madeira”, devem ser criadas medidas de salvaguarda, de protecção das criações face à tentativa de cópia das mesmas.

“Enquanto não se dotar de mecanismos de defesa as obras de autor, artesanato incluído, estamos a facilitar um tipo de roubo e de aproveitamento da criatividade de outrem. É uma situação bem real, com que se depara quem trabalha nesta área, mas

que parece passar ao lado de quem não pratica esta profissão. Impedir este género de parasitismo é proteger o direito que o autor tem de poder usufruir da sua própria criação. Aqui, a intervenção passa por se definir um caminho que sustente a projecção dos autores deste artesanato, enquanto eles vivem e criam porque, mais tarde ou mais cedo, se assistirá ao término da sua produção.”

Esta artesã registou as suas peças na Sociedade Portuguesa de Autores, porque sentiu a necessidade de proteger os seus produtos. Devem, portanto, existir mais apoios no que concerne ao esclarecimento da legislação e dos organismos que existem que podem ajudar o artesão a salvaguardar o seu trabalho.

Para Tânia Nóbrega, seria muito viável a marca “Artesanato da madeira”, mas com seriedade, que proteja o artesanato tradicional que possui e conta uma história. Seria uma forma de integrar as pessoas e de abrir portas para que se conheçam culturas. Esta artesã lamenta que muitas pessoas copiem o seu trabalho e que ignorem os direitos de autor.

De acordo com Duarte e Paula Gomes, a marca “Artesanato da Madeira” seria bem-vinda, porque seria uma forma de complementar a autenticidade e origem das suas peças, para além da sua assinatura. Ajudaria, igualmente, à diminuição das réplicas, cópias dos seus trabalhos. Estes artesãos já procederam ao registo de algumas das suas peças no Instituto Nacional da Propriedade Industrial, no Serviço de Registos e Patentes.

Orlando Góis é a favor da Marca “Artesanato da Madeira”, mas só se for realizada previamente uma acção de “limpeza da imagem” das lojas de artesanato que vendem, na sua grande maioria, souvenirs produzidos em outros países com o nome Madeira. A Marca “Artesanato da Madeira” deve aplicar-se apenas a artesanato genuíno da Madeira. Relativamente ao registo das peças, Orlando Góis refere que não o escandaliza se alguém decidir copiar as suas peças, não tem esse tipo de preconceito. Este artesão desejava inclusive que mais pessoas trabalhassem a palha de bananeira. Isto não se verifica, no entanto, porque esta matéria-prima implica várias contrariedades, não sendo fácil de manusear.

Esta questão relativamente à criação da marca “Artesanato da Madeira” foi, de certa forma, resolvida. No passado dia 18 de Novembro, o Governo Regional criou a Marca “Produto da Madeira”. Segundo este Decreto Legislativo Regional, esta marca “certifica que os produtos que a ostentam são, inequivocamente, produzidos na Região Autónoma da Madeira, sendo evidenciada através de símbolos gráficos (selos) de três tipos, nas quais é

exibida a expressão “Produto da Madeira” sobre a Bandeira da Região estilizada”. Os três selos destinam-se a produtos individuais; produtos embalados e produtos a granel.

“Os selos criados podem ser utilizados quer por produtores, quer por operadores comerciais, desde que garantida a proveniência regional dos produtos selados. O sistema é facultativo, abrangendo a generalidade da produção regional do sector primário, agro-industrial e artesanal”.

Esta medida pretende estimular o crescimento, o escoamento e a valorização da produção regional. Fica a dúvida se esta marca terá em atenção as diferentes peculiaridades que afectam o sector do artesanato na Região e se salvaguardará devidamente os direitos dos artesãos e respectivas peças.

### **3. Criação de uma Associação de Artesãos da RAM: *MatériaPrima***

Em Portugal Continental, as associações como a AARN e a FPAO desempenham um papel essencial na promoção do sector das artes e ofícios. Acredito que na Madeira, uma associação que conjugasse esforços juntamente com as entidades competentes como o IVBAM, o MEM e as Casas do Povo da Região, seria muito importante. A débil organização do sector das artes e ofícios na Região e a falta de uma estrutura regional que congregue as diferentes associações limitam o seu desenvolvimento e expansão. Uma associação poderia ser o motor impulsionador do sector na Madeira.

Segundo Miguel Oliveira (2003: 14) associativismo é “a doutrina que preconiza a livre associação de pequenos grupos de produtores, como solução para problemas socioeconómicos. Associação é a união de esforços de várias pessoas para atingir um objectivo comum.” Esta associação, que sugiro denominar-se de *MatériaPrima*, funcionaria como um intermediário entre os artesãos, as entidades competentes e os consumidores.

A *MatériaPrima* teria como objectivos principais criar uma base de dados de artesãos e respectivos produtos; contribuir para a qualificação dos artesãos através da divulgação e promoção de acções de formação que dignifiquem as profissões ligadas ao artesanato e fornecer aos artesãos ferramentas de divulgação. Esta colectividade poderia estabelecer esforços de forma a poder levar os artesãos da Madeira a conhecer projectos de parcerias, formações e seminários lá fora. Poderia convidar também designers para estabelecer projectos de parceria com artesãos para preservar e inovar o artesanato tradicional.

Relativamente à criação de uma associação de artesãos na RAM, Helena Alencastre<sup>187</sup> refere que é uma boa ideia, mas que não será fácil de concretizar, pois os artesãos estão, neste momento, muito separados e nem sabem, muitas vezes, da existência uns dos outros. Para Tânia Nóbrega<sup>188</sup>, uma associação seria importante para controlar, para valorizar o artesanato.

Aquando da realização de inquéritos aos participantes das feiras regionais, todos concordaram com a criação de uma Associação de Artesãos na RAM, se for realizada com honestidade, para e pelos artesãos. Acham que seria uma boa ideia, porque daria mais visibilidade aos artesãos; seria uma forma de obter mais apoios, mais formação, mais locais de comercialização dos produtos; constituiria um maior poder de reivindicação.

A directora do MEM chegou a sugerir aos artesãos, há uns atrás, a criação de uma associação de artesãos, no entanto segundo Paula Gomes<sup>189</sup>, esta nunca passou da ideia, pois nenhum artesão queria responsabilizar-se pela burocracia que algo assim exigiria. Alguém tem de ter a coragem suficiente para motivar os artesãos regionais a aderir a esta iniciativa assim como as entidades competentes.

#### **4. Criação de uma base de dados actual de artesãos regionais**

É urgente a realização de uma investigação cientificamente credível que identifique os principais actores do sector das artes e ofícios na Região. A desvalorização crescente das artes e ofícios conduziu à carência de estudos e publicações credíveis, referentes ao artesanato. Os ofícios tradicionais e contemporâneos são uma herança cultural e é uma responsabilidade colectiva transmitir esse património às gerações vindouras. Para tal, é necessário inventariá-lo, documentá-lo, reavê-lo, desenvolvê-lo e difundi-lo.

Uma forma de criar uma base de dados actual de artesãos e produtos regionais seria através da constituição de uma equipa multidisciplinar que envolvesse antropólogos, historiadores, etnógrafos, designers, representantes do IVBAM e do Museu Etnográfico da Madeira. Estes levariam a cabo uma pesquisa de campo profunda em todos os Concelhos da Região, organizando e editando os resultados desta recolha.

---

<sup>187</sup> Entrevista realizada no dia 4 de Novembro de 2010, no Funchal.

<sup>188</sup> Entrevista realizada no dia 11 de Junho de 2010, no Caniço.

<sup>189</sup> Entrevista realizada no dia 11 de Novembro de 2010, no Paul do Mar.

Este estudo poderia ser efectuado em parceria com as entidades e técnicos especializados referidos, anteriormente, mas também em colaboração com os alunos da Escola de Artes e Ofícios e com a Associação MatériaPrima.

## **5. Espaço comercial – Artesanato contemporâneo**

Os artesãos contemporâneos não possuem muitos espaços condignos na Região onde possam comercializar os seus produtos. As entidades competentes deviam disponibilizar um espaço singular e exclusivo para estes artesãos, criando, assim, mais soluções de escoamento dos produtos.

Helena Alencastre, Luz Ornelas<sup>190</sup> e Susana Ornelas<sup>191</sup> concordam em absoluto com esta ideia e sugerem o espaço da antiga “Loja dos 500 anos” situada no centro do Funchal para o estabelecimento desta Loja de artesanato. O artesanato deve ter o seu espaço, deve ser bem colocado para melhor ser apreciado pelos turistas que nos visitam e pelos madeirenses, em geral.

Quando perguntei a Orlando Góis<sup>192</sup> se concordava que existisse um espaço comercial no Centro do Funchal dedicado aos artesãos, este autodidacta concordou e até sugeriu que os vários quiosques que estão espalhados pela Avenida fossem transformados em locais de artesanato. Na sua opinião, os quiosques característicos da cidade não deviam ser reservados para tabacarias, mas sim para algo que representasse realmente a Região. Estes quiosques são a cara da Madeira, pelo que deviam conter objectos identificativos da Região, sendo e transformados e destinados aos artesãos madeirenses. Inclusivamente poderiam ser criados outros quiosques, nas várias plataformas da avenida. Gostei desta ideia, fez-me recordar o projecto “A Vida Portuguesa” de Catarina Portas que recuperou vários quiosques de Lisboa para vender refrescos<sup>193</sup>.

Simultaneamente à criação da Loja, poderia ser criada uma Feira de Artesanato anual na Madeira, de qualidade, à semelhança da Feira Artesanatus, que fosse capaz de atrair artesãos e visitantes de todo o país. Uma feira que dignificasse as produções e produtores de artesanato e que promovesse a Região, tornando-se, porventura, com o passar dos anos, em mais um ex-líbris da Madeira à semelhança de outros grandes eventos regionais.

---

<sup>190</sup> Entrevista realizada no dia 4 de Novembro de 2010, no Funchal.

<sup>191</sup> Entrevista realizada no dia 11 de Junho de 2010, no Funchal.

<sup>192</sup> Entrevista realizada no dia 12 de Novembro de 2010, no Caniço.

<sup>193</sup> Cf. <http://www.avidaportuguesa.com/>

Uma chamada de atenção para a possibilidade da procura excessiva de determinados produtos fazer com que seja necessário o aumento da produção artesanal. Esta poderá desqualificar os produtos, uma vez que já não são tratados com o cuidado anterior, no que concerne à matéria, ao tempo, degradando as fases da laboração do produto. Os artesãos têm de ter isto em mente quando iniciam um processo de comercialização intenso.

## **6. Estratégica turística – Guia de artesanato da RAM**

Paula Gomes referiu que há uns anos atrás foi contactada por uma guia turística alemã, para que a sua oficina passasse a fazer parte do roteiro turístico e, segundo a ceramista, durante muito tempo, receberam muitas visitas de turistas que adquiriam peças e admiravam o seu trabalho<sup>194</sup>.

A criação de um roteiro de artesanato madeirense, à semelhança do *Guia de Artesanato da Região Norte* (Catarina Providência, 2003) e do *Craft Galleries Guide* (2009) seria uma mais-valia para a divulgação e promoção do produto artesanal da Região. O artesanato devia ser mais divulgado nos portais turísticos da Região, assim como nas Agências de Viagens. A promoção e divulgação dos produtos podem ser realizadas através das feiras de artesanato, da organização de exposições e da criação de revistas e publicações da especialidade.

A integração do trabalho ao vivo de alguns artesãos nos museus, também é muito importante. O Museu Etnográfico da Madeira já o faz e muito bem, através da artesã de tecelagem Conceição Pereira, que está a tempo inteiro no Museu a demonstrar a sua técnica e a tradição aos muitos visitantes que o Museu recebe anualmente. Os museus vivos são os museus do futuro.

## **7. Exposição Colectiva de Artesãos Contemporâneos da RAM**

De todas as estratégias que proponho nesta dissertação, esta é, porventura, a mais prática, exequível e célere. Não era minha intenção que esta investigação ficasse apenas no papel e numa possível nota de avaliação. Queria criar algo que fosse uma forma de culminar esta investigação da melhor forma, mostrando que está nas mãos de cada um fazer algo pelo outro, pelo saber, pela tradição, pela continuidade e inovação.

---

<sup>194</sup> Entrevista realizada no dia 11 de Novembro de 2010, no Paul do Mar.

Decidi organizar uma exposição colectiva de artesãos contemporâneos da Madeira. O Museu Etnográfico aceitou o meu pedido e prontificou-se a colaborar consoante as suas possibilidades, cedendo o espaço de exposições temporárias e os materiais necessários. Atendendo à actual situação económica e financeira que a Região atravessa, o Museu não pode editar o catálogo, os painéis da Exposição e a habitual colecção de postais, pelo que terei de conseguir os apoios necessários à sua concepção, realização e impressão. O IVBAM e os Municípios da Região serão os meus prováveis patrocinadores.

A Exposição terá como tema um verso de um poema de Sophia de Mello Breyner: “Para atravessar contigo o deserto do mundo”. É um mote que se insere na temática dos afectos, dos sentimentos positivos, de esperança num mundo melhor, na alegria de viver, pois a criação artística só é possível quando existe muito gosto no que se faz, quando as emoções são o pincel, a mão, a criatividade que se transforma em objectos. Segundo Helena Alencastre<sup>195</sup>, o que une os artesãos é o amor de criar, pois dificilmente alguém “faz bem, ou cria bem, sem esse gostar que se cola na alma de um verdadeiro artesão.”

Assim sendo, este evento será realizado de 14 de Fevereiro a 14 de Maio de 2011 no Museu Etnográfico da Madeira e, num período posterior, poderá ser realizado em outros locais. Esta exposição terá a participação dos seguintes artesãos contemporâneos: Carmen Molina; Susana Ornelas; Helena Alencastre; Luz Ornelas; Orlando Góis; Tânia Nóbrega; Auoa Handmade; Azul Desejo; Maria Jaime Freitas e Madalena Freitas. Cada artesão / projecto terá de criar 3 peças para a exposição, de acordo com o tema proposto. Todos estes artesãos aderiram com muito entusiasmo a este projecto e aplaudiram a iniciativa.

Para que esta exposição marque de alguma forma um novo ciclo no sector das artes e ofícios na Madeira, será criada uma peça de artesanato conjunta. Pedi a um designer para fazer o projecto da peça que será uma espécie de anel. Neste, serão depositados, “como pedras preciosas” as dez pequenas peças de cada participante na exposição. Será uma espécie de quebra-cabeças onde será embutido o cunho pessoal de cada um. Esta peça demonstrará que os artesãos são diferentes, no entanto juntos formam um todo. A heterogeneidade de cada um conduzirá, nesta exposição, a uma homogeneidade de valores, de crenças, de esperanças. Sozinhos não chegamos a lado nenhum, mas juntos somos mais. Nesta peça, a parceria entre designer e artesão será fundamental e provará que esta é possível, concretizável e inovadora.

---

<sup>195</sup> Entrevista realizada no dia 4 de Novembro de 2010, no Funchal.

No catálogo, a peça colectiva constituirá a capa. No conteúdo, um pequeno texto biográfico e as peças de cada artesão embelezarão o todo, sendo que a cara de cada artesão estará saliente no catálogo em marca de água, para que o visitante identifique mais facilmente os criadores.

Estes desafios foram muito bem aceites pelos artesãos que já começaram a trabalhar nos projectos. Esta exposição pretende ser uma compilação de tesouros que estavam num baú encantado. Pretende ser uma mão que ajuda os artesãos a atravessar o rio das dificuldades, com o desafio como vela.

Um gestor cultural deve saber organizar eventos, entre os quais, exposições. Este é um dos frutos práticos desta dissertação e espero que constitua uma das formas de dinamizar o artesanato contemporâneo na Região.

## CONCLUSÃO

“Tens um glorioso passado futurível, mas não fiques de colher suspensa que a sopa arrefece.”

Alexandre O’Neill

Colher suspensa é sinónimo de acomodação e, em momento algum, este deve ser o nosso propósito. As mudanças são constantes e, no sector das artes e ofícios, saber adaptar-se às novas concepções é uma vantagem competitiva. O artesanato sendo uma componente fundamental da cultura, uma realidade viva, está sujeito à evolução e à mudança. E esta evolução processa-se através do aparecimento de novos gostos, matérias-primas, tecnologias e formas de expressão estética e simbólica. Nesta perspectiva, a mudança passa por salvaguardar as raízes tradicionais explorando novas potencialidades, através dos caminhos da inovação, criatividade e sustentabilidade. Nesta investigação, várias são as conclusões apuradas, que constituem, no entanto, aberturas a novos estudos no futuro, porque o saber não é estanque, mas sim progressivo.

Primeiramente, não nos devemos prender com definições de conceitos, no que concerne ao artesanato, mas sim estar receptivos a novas ideias, experiências e formas de criar. Existem muitos termos, muitas formas de classificar o artesanato que confundem a generalidade das pessoas, o próprio artesão e as entidades envolvidas. Nesta investigação, sugere-se que existam apenas três tipos de artesanato: artesanato tradicional, artesanato contemporâneo e artesanato doméstico.

A Madeira apresenta um artesanato tradicional, em vias de desaparecer, se nada for feito para deter esta tendência. É necessário criar medidas de salvaguarda destes saberes ancestrais, de forma a preservá-los como são, sem alterações. Os conhecimentos dos artesãos tradicionais devem ser registados em livro, em gravações e através de planos de formação. Os ofícios tradicionais são uma herança cultural e é uma responsabilidade colectiva transmitir esse património às gerações vindouras. Para tal, é necessário inventariá-lo, documentá-lo, desenvolvê-lo e difundi-lo. Este tipo de artesanato deve ser considerado como património e deve ser mantido, independentemente do lucro.

O artesanato tradicional não pode ser, no entanto, a única actividade a ser estimulada. Devem ser criadas várias linhas de artesanato tradicional: o genuíno, autêntico, que sempre foi produzido daquela forma e outro tipo de artesanato que se adegue às

necessidades e preferências dos actuais consumidores. É neste ponto que o artesanato tradicional deve ser reinventado, através do design, da inovação e da sua refuncionalização. As parcerias interdisciplinares com designers revelam-se cruciais para o desenvolvimento do artesanato tradicional, isto porque tornam o produto inovador, adaptando-o, muitas vezes, a novas funcionalidades. Estes produtos têm na sua génese as raízes tradicionais, no entanto, são renovados. Reinventar o artesanato para modelar o futuro com inovação, porém com sustentabilidade. As tendências actuais revelam uma preocupação constante com o meio ambiente que nos circunda, pois dele depende o futuro da Humanidade. Nota-se, actualmente, no sector das artes e ofícios, um cuidado a este respeito, nas peças criadas que utilizam, muitas vezes, materiais reciclados. Hoje, mais do que nunca, a máxima de Lavoisier “Na natureza, nada se cria e nada se perde: tudo se transforma” faz sentido, fazendo parte integrante das acções dos cidadãos responsáveis e conscientes da realidade.

Nos últimos anos, surgiram, na Madeira, novos artesãos, cujo trabalho demonstra riqueza e diversidade, aspectos que devem ser fomentados e incentivados. Estes artesãos contemporâneos reinventam a tradição, os materiais, os valores, com muita criatividade e qualidade. São influenciados pela actual conjuntura, pela formação de base e pelas correntes artísticas que vigoram actualmente, que se localizam, por vezes, na fronteira entre o artesanato e a arte.

Comprar artesanato é um acto afectivo e este aspecto deve ser analisado pelo artesão quando cria e vende um produto. Os produtos artesanais têm de contar uma história simbólica e identitária, no sentido em que a reinterpretação criativa faz toda a diferença no olhar dos consumidores. Os cidadãos actuais procuram fugir à massificação que, muitas vezes, anula a individualidade e características de cada localidade. O consumo do artesanato deve ser incentivado e valorizado, promovendo, assim, a auto-suficiência dos artesãos e inserindo-os num mercado consumidor capitalista, sem desvirtuar seus trabalhos.

No sector das artes e ofícios, a internacionalização é muito importante. A presença de produtos artesanais no estrangeiro deve ser estimulada pelo Estado e pelas Associações. É uma forma de procurar novos mercados, de levar a nossa cultura e de reter outros conhecimentos. A Internet é a melhor forma de ir ao encontro do consumidor, através de sites, blogues e vendas online. Os artesãos devem apostar nas novas tecnologias, são as

melhores ferramentas de trabalho do século XXI. Neste ponto, as entidades competentes podiam apoiar os artesãos no que concerne à criação de sites de qualidade.

O diálogo entre as entidades competentes, artesãos e consumidores deve ser uma constante. Uma comunidade que sabe valorizar a sua riqueza cultural, o seu artesanato, está a potenciar novas possibilidades. As entidades têm de apostar cada vez mais em iniciativas empreendedoras que captem a atenção dos artesãos e os incentivem a ter mais qualidade na sua actividade. Estas devem, também, fornecer aos artesãos toda a informação necessária referente à Regulamentação Pública do Sector das Artes e Ofícios. A organização de Convenções, Encontros e Seminários são, igualmente, cruciais para o debate de questões que preocupam e afectam o sector. Estas entidades têm de apelar aos artesãos para que se inscrevam no Registo Nacional de Artesanato, porquanto os actuais números estatísticos não correspondem à realidade. Só assim, o sector terá o peso necessário para poder ser representativo e reivindicativo, junto das entidades competentes.

Uma palavra especial às instituições regionais e nacionais que directa e indirectamente tutelam o sector das artes e ofícios em Portugal. O IVBAM, apesar do excelente trabalho que está a levar a cabo no sector do vinho e do bordado, não obstante as actuais dificuldades de recursos financeiros e humanos, não consegue dar resposta ao artesanato. Este organismo tem de encontrar formas de mostrar ao mundo que a Madeira é mais do que bordado, vinho e sol. Relativamente ao Museu Etnográfico da Madeira, espero que continue o excelente trabalho que tem vindo a desenvolver em prol do artesanato na Região, e que continue a acolher todos os artesãos, com muito empenho e dedicação. Às restantes entidades nacionais (CRAT, AARN, CEARTE, FPAO...), é de louvar o trabalho que têm vindo a realizar pelo desenvolvimento do sector das artes e ofícios em Portugal.

As estratégias propostas neste trabalho são apenas algumas das formas de desenvolver o artesanato na Região, em especial o contemporâneo. A criação de uma base de dados actual de artesãos regionais é urgente, uma vez que não é possível estabelecer medidas de apoio ao artesanato se não se conhecem os intervenientes do sector. A Formação pode ser o motor impulsionador do sector das artes e ofícios, porque a formação é a base de sucesso em qualquer área profissional. Possuir noções de gestão, marketing, novas tecnologias, Internet, entre outras, possibilita aos artesãos novas oportunidades de venda e de divulgação dos seus trabalhos. Apesar de já existir a Marca “Produto da Madeira”, continuo a defender que as águas devem estar separadas e que deve existir a

Marca “Artesanato da Madeira” que terá a preocupação essencial e única de certificar o produto artesanal regional, tendo em atenção as peculiaridades de cada tipologia artesanal. Uma Associação de Artesãos seria fundamental para reunir todos os artesãos numa só entidade. O estabelecimento de espaços comerciais de valor onde se pudesse vender apenas o artesanato regional e não produtos falsificados com o nome “Madeira” seria muito importante para a divulgação e comercialização dos produtos. O artesanato é uma das formas de promoção de uma Região e a Madeira, como localidade turística por excelência, deve ter este aspecto em consideração e fomentar o sector das artes e ofícios em todos os meios turísticos possíveis. Neste sentido, a criação de um guia de artesanato da RAM seria uma das formas de promoção. A Exposição Colectiva de Artesãos Contemporâneos a realizar em Fevereiro de 2010 será o colmatar de um estudo de campo, de descoberta de criadores especiais e talentosos, e tem o objectivo ambicioso de revigorar o artesanato na Região.

Espero que esta minha humilde dissertação possa contribuir para despertar consciências, no sentido de promover o artesanato madeirense. Uma das formas de isso acontecer seria o IVBAM começar a participar activamente na Revista Mãos ou noutras publicações com visibilidade no exterior. Uma vez que, segundo dados fornecidos pelo IVBAM, este não possui os recursos humanos suficientes para participar na revista, sugiro que sejam convidadas personalidades regionais para escrever sobre o artesanato da Madeira. É uma das formas de colmatar esta lacuna, que pode revelar-se surpreendente e eficaz.

As palavras de ordem do futuro, no que concerne ao sector das artes e ofícios, na Madeira e em Portugal são: esperança; desafio; criatividade; diferenciação; revitalização; inovação; sustentabilidade; empreendedorismo; competitividade; parcerias; autenticidade; qualidade e alternativas criativas. O respeito pela diversidade, pluralidade de culturas e respeito pela natureza têm, igualmente, de estar sempre presentes. No horizonte, perspectivado um artesanato renovado, inovador, empreendedor e capaz de fazer face às dificuldades impostas pelo mercado.

## Índice de Ilustrações

Ilustração 1: Susana Ornelas a trabalhar numa peça de cerâmica.....	105
Ilustração 2: <i>Presépio</i> 2008 - Susana Ornelas .....	106
Ilustração 3: <i>A Realeza</i> Presépio Contemporâneo - Susana Ornelas .....	106
Ilustração 4: <i>Azulejo Bordado Ouro</i> - Susana Ornelas .....	107
Ilustração 5: <i>São rosas, Senhoras</i> - Susana Ornelas .....	108
Ilustração 6: Helena Alencastre a trabalhar a pasta acrílica .....	108
Ilustração 7: <i>Carinho</i> - Helena Alencastre .....	109
Ilustração 8: <i>A flor e o fruto</i> - Helena Alencastre .....	109
Ilustração 9: <i>Jogo Mé Mé</i> – Helena Alencastre .....	110
Ilustração 10 - <i>Olha o passarinho...!</i> - Helena Alencastre .....	110
Ilustração 11: A artesã Luz Ornelas na oficina do IVBAM.....	111
Ilustração 12: <i>Presépio</i> - Luz Ornelas .....	112
Ilustração 13: <i>Rosácea</i> - Luz Ornelas .....	112
Ilustração 14: <i>ioiopiaio</i> - peça candidata ao Prémio Nacional de Artesanato em 2007- Luz Ornelas .....	113
Ilustração 15: <i>Prima Hera</i> – peça candidata ao Prémio Nacional de Artesanato em 2005 - Luz Ornelas.....	113
Ilustração 16: <i>Presépio Bonecas de Massa</i> 2005 - Carmen Molina .....	115
Ilustração 17: <i>Presépio</i> 2000 - Carmen Molina.....	115
Ilustração 18: <i>Boneca de massa</i> 2005 - Carmen Molina .....	117
Ilustração 19: <i>Avanceiros</i> 2005 - Carmen Molina.....	117
Ilustração 20: <i>Escadinhas</i> - Maria Jaime Freitas .....	118
Ilustração 21: <i>Presépio Rochinha</i> - Maria Jaime Freitas .....	118
Ilustração 22: <i>Escadinha azul</i> - Maria Jaime Freitas .....	120
Ilustração 23: <i>Presépio Bonecas de Massa</i> – Maria Jaime Freitas .....	120
Ilustração 24: <i>Castiçal</i> - Madalena Freitas .....	121
Ilustração 25: <i>Candeeiro</i> - Madalena Freitas.....	121
Ilustração 26: <i>Frasco com presépio</i> – Madalena Freitas .....	122
Ilustração 27: <i>Íman presépio</i> - Madalena Freitas.....	122
Ilustração 28: O artesão Orlando Góis na sua oficina .....	123
Ilustração 29: <i>Presépio</i> - Orlando Góis .....	124
Ilustração 30: <i>Escultura em pedra</i> - Orlando Góis .....	124
Ilustração 31: Peça feita com raízes de eucalipto - Orlando Góis .....	126
Ilustração 32: <i>Presépio</i> - Orlando Góis .....	126
Ilustração 33: Azulejos feitos com a técnica da aresta - Azul Desejo .....	128
Ilustração 34: Quadro - Azul Desejo .....	128
Ilustração 35: Fontenário no Estreito da Calheta - Azul Desejo.....	129
Ilustração 36: Azulejo feito a partir de um desenho de Francisco Franco - Azul Desejo .....	129

Ilustração 37: <i>Colecção Bonecas de Massa - Auoa Handmade</i> .....	130
Ilustração 38: <i>Colecção Flores endémicas - Auoa Handmade</i> .....	131
Ilustração 39: Montagem de fotos dos vários produtos da Natureza Viva .....	132

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1: Base de dados de UPA's na RAM.....	82
Tabela 2: Base de dados de artesãos do IVBAM.....	83
Tabela 3: Feiras de artesanato na Madeira - 2005/2010 .....	91
Tabela 4: Feiras de artesanato na RAM - De 1997 a 2005 .....	92
Tabela 5 : Exemplos de artesãos inscritos no Registo Nacional de Artesanato .....	97
Tabela 6: Projecto de formação do IVBAM de 2006 a 2008 .....	135

## **Índice de Gráficos**

Gráfico 1: Artesãos por Concelho .....	93
Gráfico 2: Idade dos artesãos .....	93
Gráfico 3: Grau de escolaridade dos artesãos.....	93
Gráfico 4: Tipo de artesanato .....	94
Gráfico 5: Motivos .....	94
Gráfico 6: Locais de venda.....	95
Gráfico 7: Apoios ao artesanão .....	96
Gráfico 8: Artesãos reconhecidos por Região e por sexo .....	98
Gráfico 9: UPAs reconhecidas por Região .....	98

## Referências Bibliográficas

### *Monografias, Publicações em série e Catálogos*

ABREU, Paula; DANTAS, Marília - Uma artesã contemporânea. In *Jornal da Madeira*, 13 de Julho de 2009, p.12.

ALFAIA, Catarina - Marcas de artesanato contemporâneo. In **Revista Visão** nº 135 – Outubro 2007, pp. 82-85

ALMEIDA, Carlos A. Brochado (coordenador) - **Rendas de Bilros de Vila do Conde**. Vila do Conde: Edição da Associação para a Defesa do Artesanato e Património de Vila do Conde e Câmara Municipal de Vila do Conde, 1994, p.7. ISBN 972.9453.16.0

AMARO, Rogério Roque; MADELINO, Francisco - Economia solidária: contributos para um conceito. Aportaciones para un concepto. Instituto de Acção Social, 2004.

ANDRADE, Alexandra - I Simpósio de artes e ofícios dos Açores **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 12 (2000), pp. 26-27

ARAÚJO, Mário de – **Engenharia e Design do Produto**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. ISBN 972-674-142-4

ARIAS, Manuel González - O mundo diversificado das feiras de artesanato em Espanha. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 22 (2003), pp. 6-7

Artesanato na Expo 98. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 5 (1998), p. 30

ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃOS DA REGIÃO NORTE - **Guia de Boas Práticas “Velhos Saberes Novas Tendências” Artesanato da Região Norte**. Porto: AARN, 2007. ISBN 972-989-20-0546-1

AZEVEDO, Mário – **Teses, relatórios e trabalhos escolares: sugestões para estruturação da escrita**. 6ª Edição. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008. ISBN 978-972-54-0193-4

BRANCO, João – Artesanato e Design: Parcerias com futuro? In **A Alma do Design**. Centro Português de Design, 2003, pp. 12-15 ISBN 972-9445-22-2

BRANCO, João - Artesanato e Design: Parcerias com futuro? **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº duplo 27/28 (2005), pp. 8-13

BRUSATIN, Manlio – Artesanato. In **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 3. Artes - Tonal/atonal. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984, pp. 177-211. ISBN 972-27-0082-0

CAMPINHO, José - Mãos femininas no figurado da Madeira. In **Figuras e Figurado, Rostos, almas e máscaras no figurado tradicional e contemporâneo português**. Instituto do Emprego e Formação profissional, I.P., FIA 2008, pp. 94-99. ISBN 978-989-638-019-9

CASTRO, Mário Neves de - Artesanato: inovar, mantendo a tradição. **Mãos**. Porto. 0873-5964. Nº 7 (1999), pp. 4-5

CÉLULA DE ANIMAÇÃO DA REDE PORTUGUESA LEADER II – **Artesanato e Desenvolvimento Rural**. Lisboa: Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II, 2003, (Caderno Temático nº 14).

CHORÃO, João Bigotte. **Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura**, ed. Séc. XXI, 3, Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1998, pp. 518: 522. ISBN 972-22-1850-6

CORREIA, Susana – Das Relações entre Design e Artesanato. In **A Alma do Design**. Centro Português de Design, 2003b, pp. 16-21 ISBN 972-9445-22-2

CORREIA, Susana – Design e Artesanato. In **A Alma do Design**. Centro Português de Design, 2003a, pp. 9-10 ISBN 972-9445-22-2

CORREIA, Susana – Razão e Intuição. In **A Alma do Design**. Centro Português de Design, 2003c, pp. 22 ISBN 972-9445-22-2

CUNHA, Gabriel - Notas (contra a corrente) para um pensar formação (no artesanato). **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 24 (2004), pp. 16-17

DORMER, Peter – **Os Significados do Design Moderno: A Caminho do Século XXI**. Porto: Centro Português de Design, 1995. ISBN 972-9445-05-2

DURAND, Jean-Yves - O “artesanato”: fronteiras, limites e alguns imigrantes ilegais. **Mãos**. Porto. 0873-5964. Nº 29 (2006), pp. 28-33

FELGUEIRAS, Magda Manso Gigante – **Interacção design-artesano: criação de uma interface**. Braga: Universidade do Minho, 2006. Dissertação de Mestrado de Design e Marketing.

FERNANDES, Isabel Maria – Rosa Ramalho – As minhas mãos são o nosso mundo. In COSTA, Alexandra; FERNANDES, Isabel Maria. **Rosa Ramalho – a Colecção**. Barcelos: Município de Barcelos: Museu da Olaria, 2007, pp.17-23. ISBN 9789729138614

FERREIRA, Ângela Augusta de Sá – **Intervenção do design no artesanato: aplicação aos produtos do IMA**. Braga: Universidade do Minho, 2007. Dissertação de Mestrado de Design e Marketing, Opção Têxtil.

FERREIRA, Lúcia Góes. Artes e Ofícios Tradicionais – Que futuro? In: **Revista Folclore – 48 Horas a Bailar**, Casa do Povo de Santana, 2008, pp. 8-9

FERREIRA, Lúcia Góes. Artesanato Madeirense – Presépios. In: **Revista Margem**, Câmara Municipal do Funchal, Funchal, nº 10, Dezembro de 1998, pp-33-38.

FERREIRA, Lúcia Góes. Museu Etnográfico da Madeira. In: **Revista Margem**. Câmara Municipal do Funchal: Funchal, nº 6, Junho de 1997, pp-21-23.

Folheto informativo do Centro Regional de Artes Tradicionais

FRADA, João – **Novo Guia Prático: para pesquisa, elaboração e apresentação de trabalhos científicos e organização de currículos**. Lisboa: Edições Clifontur, 2009. ISBN 978-989-20-1066-3

GASPAR, Fernando; RAMOS, Graça - Certificar, proteger e promover o artesanato português: um futuro (muito) próximo. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 23 (2003), pp. 16-21

GIL, Vítor - Artesanato tem portaria de aprendizagem. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 24 (2004), pp. 22-23

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, 1, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa: Temas e Debates, 2003. ISBN 9727596614

HOWKINS, John – The Core Creative Industries. In **The Creative Economy – How people make money from ideas**. London: Penguin Books. 2007. ISBN 978-0-140-28794-3 pp. 82-124

MAKEPEACE, John - **Craft Galleries Guide: a selection of applied arts from British galleries**. 10th Edition. U.K.: BCF Books, 2009. ISBN 978-0-95500267-0

MANZINI, Ezio – **A Matéria da Invenção**. Lisboa: Centro Português de Design, 1993. ISBN 972-9445-01-X

**Mãos**. CRAT. Nº 9. Porto, 1999. ISSN 0873-5964

MUSEU DA PRESIDÊNCIA 2008. Natal em Português, pp.68-69, ISBN: 978-972-8971-41-0

MUSEU DA PRESIDÊNCIA 2009. O Presépio – Coleção de Maria Cavaco Silva. pp. 36-37. ISBN 978-972-8971-50-2

MUSEU ETNOGRÁFICO DA MADEIRA - Catálogo da Exposição “Palha de bananeira: aproveitar, criar, inovar”; coord. Lúcia Góes Ferreira Ribeira Brava. 2010.

MUSEU ETNOGRÁFICO DA MADEIRA - Catálogo da Exposição de Cerâmica “Linhas da Terra” – Jorge de Meco e Paula Gomes, Oficina Teracota; coord. Lúcia Góes Ferreira. Ribeira Brava. 1999.

MUSEU ETNOGRÁFICO DA MADEIRA - Catálogo da Exposição do Centro de Formação Agrária das Preces “Artesanato – Tradição e Inovação”; coord. Lúcia Góes Ferreira Ribeira Brava. 2007.

MUSEU ETNOGRÁFICO DA MADEIRA - Catálogo da Exposição do Projecto de Formação do Estabelecimento Prisional do Funchal. Arte e Devoção – Fachadas e Figurado em Barro; coord. Lúcia Góes Ferreira. Ribeira Brava. 2009.

MUSEU ETNOGRÁFICO DA MADEIRA - Homenagem a Salomé Teixeira: Um símbolo da Arte Popular Madeirense; coord. Lúcia Góes Ferreira. Ribeira Brava. 2006

OLIVEIRA, Miguel - Federação Portuguesa de Artes e Ofícios – O associativismo nas artes e ofícios. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 20 (2003), p. 14

PEREIRA, Alexandre; POUPA, Carlos – **Como escrever uma tese, monografia ou livro científico usando o Word**. 4ª Edição. Lisboa: Edições Sílabo, 2008. ISBN 978-972-618-511-6

PEREIRA, Maria João - Federação Nacional de Artesãos – Ser ou não ser profissional de artesanato. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 15 (2001), pp. 18-19

PEREIRA, Maria João – Filomeno Pereira de Sousa: a arte é mais preciosa que o ouro. **Mãos**. Porto. 0873-5964. Nº 8 (1999), pp. 8-9

PIRES, Ana - Bordar em Português nas Regiões Autónomas. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 23 (2003), pp. 8-11

PIRES, Ana - Editorial. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 13 (2001), pp. 2-3

PIRES, Ana - Editorial. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 5 (1998), pp. 4-5

PIRES, Ana - Especial Alfabeto. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº duplo 10/11 (2000), pp. 6-9

PIRES, Ana - O saber não ocupa lugar? **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 24 (2004), pp. 2-3

PIRES, Ana - Quem, como, quando - Bordar em Português (1ª Parte). **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 20 (2003), pp. 6-9

PIRES, Ana Christina - Frontear fronteiras e as suas artes. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 29 (2006), pp. 2-5

PIRES, Ana. Festa - Tempo de comunicação e de troca. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 18 (2002), pp. 2-3

Portaria n.º 62-A/2006. Jornal Oficial I Série Nº 64 - 31-05-2006

PORTELA, José – Inovação: Rasgo individual ou engenho colectivo? **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº duplo 27/28 (2005), pp. 50-53

PORTUGAL. Ministério do Trabalho e da Solidariedade. Instituto do Emprego e da Formação Profissional – **As Idades do futuro: formas e expressões de raiz contemporânea**. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2000, pp.6-18 ISBN 972-732-596-3.

PROVIDÊNCIA, Catarina – **Guia de Artesanato da Região Norte**. Porto: CRAT, 2003. ISBN 972-9419-44-2

RAMOS, Graça - Bienal de Artes e Ofícios CRAT 08'. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 32 (2008), pp. 23-24

RAMOS, Graça. CRAT – Centro Regional das Artes Tradicionais: 22 anos é muito tempo... **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 30 (2006), pp. 14-17

RAMOS, Graça. Iberiona – Encontros de Artesanato Ibérico. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 32 (2008), p. 11

ROCHA, Luís – 1ª Cimeira de artesãos da Europa e América Latina, Saragoça, 06 a 10 de Maio de 98'. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 5 (1998), pp. 23-25

ROCHA, Luís – CEARTE: Um percurso de 20 anos, a formação ontem, hoje e sempre. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 30 (2006), pp. 18-21

ROCHA, Luís – Para o artesanato e para o design. In **A Alma do Design**. Centro Português de Design, 2003, pp. 32-34 ISBN 972-9445-22-2

SANTOS, Bruno - Inovação, Design – 4ª Assembleia de Artes e Ofícios. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 13 (2001), pp. 16-21

SANTOS, Delfim - Quem não aparece esquece: Um olhar sobre a comunicação de empresa. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 17 (2002), pp. 18-21

SANTOS, Helena - Um exercício para pensar o artesanato. **Mãos**. Porto. 0873-5964. Nº 1 (1997), pp. 6-7

VALENTE, Ana Cláudia - Que estratégia para a formação no artesanato? O INOFOR responde. **Mãos**. Porto. ISSN 0873-5964. Nº 24 (2004), pp. 6-7

### *Fontes orais*

ALENCASTRE, Helena; ORNELAS, Maria da Luz. Artesãs. Entrevista realizada no dia 4 de Novembro de 2010, no Funchal.

CABAÇO, Paula. Presidente do IVBAM. Entrevista realizada no dia 2 de Junho de 2010, na Ponta do Sol.

FERREIRA, Lídia Góes. Directora do Museu Etnográfico da Madeira. Entrevista realizada no dia 28 de Setembro de 2010, na Ribeira Brava.

FERRO, Marita Setas, Estilista contemporânea. Entrevista realizada no dia 28 de Março de 2010, no Porto.

FREITAS, Maria Jaime; FREITAS, Madalena. Artesãs. Entrevista realizada no dia 11 de Novembro de 2010, no Caniço.

GOIS, Orlando. Artesão. Entrevista realizada no dia 12 de Novembro de 2010, no Caniço.

GOMES, Paula; GOMES, Duarte. Artesãos. Entrevista realizada no dia 11 de Novembro de 2010, no Paul do Mar.

MOLINA, Carmen. Artesã. Entrevista realizada no dia 6 de Novembro de 2010, no Caniço.

NÓBREGA, Tânia. Artesã. Entrevista realizada no dia 11 de Junho de 2010, no Caniço.

OLIVEIRA, Miguel. Presidente da AARN e da FPAO. Entrevista realizada no dia 28 de Março de 2010, no Porto.

ORNELAS, Susana. Artesã. Entrevista realizada no dia 11 de Junho de 2010, no Funchal.

PIRES, Ana. Conversa telefónica no dia 24 de Março de 2010.

RAMOS, Graça. Directora do Centro Regional de Artes Tradicionais. Entrevista realizada no dia 25 de Março de 2010, no Porto.

RIOS, Conceição. Artesã e Coordenadora do sector de formação e animação do CRAT – Entrevista realizada no dia 28 de Março de 2010, no Porto.

VIVEIROS, David. Conversa telefónica no dia 23 de Novembro de 2010.

#### *Documentos electrónicos e Websites*

AARN – Associação de Artesãos da Região Norte. [Consult. 24 de Janeiro de 2010]. Disponível em: <http://www.aarn.pt/gca/index.php?id=5>

Águas Furtadas. [Consult. 23 de Abril de 2010]. Disponível em WWW:<URL:<http://aguasfurtadasdesign.blogspot.com/>

ALFAIA, Catarina. A Vida Portuguesa num refresco. [Consult. 29 de Outubro de 2010]. Disponível em: <http://www.marketeer.pt/2009/07/22/802/>

ANDRADE, Sérgio C., Rosa Ramalho, a artesã de Barcelos. Público. 14.08.2008. [Consult. 19 de Novembro de 2010]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.snpcultura.org/vol\\_rosa\\_ramalho.html](http://www.snpcultura.org/vol_rosa_ramalho.html)

Área de Apoio à Investigação. Universidade do Porto. [Consult. 3 de Novembro de 2010] Disponível em: [http://sigarra.up.pt/fbaup/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=2459](http://sigarra.up.pt/fbaup/web_base.gera_pagina?p_pagina=2459)

Barros, Diana, “Artesanato contemporâneo: Reinventar é obrigatório”. Fora de Linha, Revista das cadeiras do atelier de jornalismo e cyberjornalismo da FCSH-UNL. [Consult. 01 Agosto 2010]. Disponível em WWW: <URL: <http://www2.fcsch.unl.pt/cadeiras/plataforma/foralinha/cyber/www/view.asp?edicao=00&artigo=708>

BARROS, Luiz António dos Santos. - Design e Artesanato: as trocas possíveis. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006. [Consult. 25 de Julho de 2010]. Disponível em WWW: <URL: [http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0410900\\_06\\_Indexe.html](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0410900_06_Indexe.html)

BARROSO, Eduardo - Design, identidade cultural e artesanato. Para Primeira Jornada Iberoamericana de Design no Artesanato, Fortaleza, Novembro de 1999 [Consult. 15 de Dezembro de 2010]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.eduardobarroso.com.br/artigos.htm>

Beatriz Sendin. [Consult. 15 de Dezembro de 2010]. Disponível em WWW: <URL:<http://beatrizsendin.com/>

CEARTE - Centro de Formação Profissional de Artesanato. [Consult. 23 Maio 2010]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.cearte.pt/>

CEIA, Carlos. “Como Fazer uma Tese de Doutoramento ou uma Dissertação de Mestrado”. [Consult. 01 Dezembro 2009]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.fcsch.unl.pt/docentes/cceia/guia-para-teses-7/guia-para-teses-1>

Centro Português e Design. [Consult. 10 de Dezembro de 2009]. Disponível em: <http://www.cpd.pt/>

CRAA - Centro Regional de Apoio ao Artesanato. [Consult. 23 Maio 2010]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/sre-craa/>

Decreto-Lei 110/2002, de 16 de Abril. Disponível em:  
[http://www.aarn.pt/fotos/gca/1124129243dl\\_110\\_2002.pdf](http://www.aarn.pt/fotos/gca/1124129243dl_110_2002.pdf)

Decreto-Lei nº 41/2001 de 9 de Fevereiro. [Consult. 14 Setembro 2010]. Disponível em  
WWW: <URL: <http://www.iapmei.pt/iapmei-leg-03.php?lei=4764>

Design Com Texto. [Consult. 3 de Maio de 2010]. Disponível em WWW:  
<URL:<http://www.design-com-texto.com/>

DRUMOND, Orlando. Presépios em palha de bananeira expostos na Ribeira Brava. Diário  
de Notícias. 20 Dezembro de 2009. [Consult. 15 Novembro 2010]. Disponível em:  
<http://www.dnoticias.pt/imprensa/revista/193796/197560-criatividade-e-talento>

Espaço Anthop, Portuguese Design and Craft. [Consult. 23 de Abril de 2010]. Disponível  
em WWW: <URL: <http://anthroploja.blogspot.com/>

GUERRA, Diana. Joana Vasconcelos Tradição e Modernidade. [Consult. 15 de Abril de  
2010]. Disponível em:  
[http://obviousmag.org/archives/2010/04/joana\\_vasconcelos\\_tradicao\\_e\\_modernidade.html](http://obviousmag.org/archives/2010/04/joana_vasconcelos_tradicao_e_modernidade.html)

Helena Alencastre. [Consult. 28 de Setembro de 2010]. Disponível em WWW: <URL:  
<http://www.helenaalencastre.com/Default.aspx>

Isilda Parente. [Consult. 20 de Novembro de 2010]. Disponível em WWW:  
<http://www.isildaparente.com/>

IVABM - Instituto do Vinho, do Bordado e Artesanato da Madeira. [Consult. 23 Maio  
2010]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.bordadomadeira.pt/pt/ivbam/menu-id-78.html>

IVBAM - Instituto do Vinho, do Bordado e Artesanato da Madeira. [Consult. 23 Maio  
2010, 11h00]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.vinhomadeira.pt/IVBAM-8.aspx>

Joana Vasconcelos. [Consult. 20 de Novembro de 2010, às 13h30]. Disponível em WWW: <http://www.joanavasconcelos.com/>

Just beg. [Consult. 19 de Novembro de 2010]. Disponível em WWW: [http://www.sushidesign.com.pt/justbeg\\_bag.swf](http://www.sushidesign.com.pt/justbeg_bag.swf)

KULLBERG, Carlos. Selos de Portugal - Álbum IX (1999/2003) Carlos Kullberg, Edições Húmus Lda 2006, ISBN: 972-99937-7-7978-972-99937-7-0. [Consult. 18 Novembro 2010]. Disponível em: [http://www.caleida.pt/filatelia/fp/ebook/bfd014\\_p.pdf](http://www.caleida.pt/filatelia/fp/ebook/bfd014_p.pdf)

Lei n.º 169/99, de 18 de Setembro. [Consult. 24 de Janeiro de 2010] Disponível em: [http://www.pgdlisboa.pt/pgdl/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=592&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/pgdl/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=592&tabela=leis)

Loja de Estar. [Consult. 3 de Julho de 2010]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.lojadestar.com/>

Madalena Freitas. [Consult. 28 de Setembro de 2010]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.madalenafreitas.blogspot.com/>

MANZINI, Ezio. [Consult. 20 Janeiro 2010, 18h40]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.sustainable-everyday.net/manzini/>

Marca “Produto da Madeira”. [Consult. 18 de Novembro de 2010]. Disponível em: [http://m.pgram.gov-madeira.pt/?p=template\\_artigo&aid=333](http://m.pgram.gov-madeira.pt/?p=template_artigo&aid=333)

Maria Jaime Freitas. [Consult. 28 de Setembro de 2010]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.mariajaime.blogspot.com/>

Naulila Luís. [Consult. 19 de Novembro de 2010]. Disponível em WWW: <http://naulilaluísdesign.blogspot.com/>

O Artesanato tradicional da Madeira presente na Feira de Artesanato da Covilhã – Junho 2009. [Consult. 23 Maio 2010]. Disponível em WWW: <URL:

<http://www.bordadomadeira.pt/pt/noticias/o-artisanato-tradicional-da-madeira-presente-na-feira-de-artisanato-da-covilha-de-4-a-7-de-junho-de-/menu-id-45.html>

PAZ, Octávio. O uso e a contemplação. **Raiz**. Nº 3. 2010. [Consult. 23 de Janeiro de 2010]. Disponível em WWW: <URL: [http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&task=view&id=102&Itemid=116](http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=102&Itemid=116)

PINTO, António Cerveira. Cultura e Terceiro Sector. 8 de Julho de 2010. [Consult. 20 de Novembro de 2010]. Disponível em WWW: [http://www.chroma-kai-symmetria.ws/artport\\_blog/](http://www.chroma-kai-symmetria.ws/artport_blog/)

PINTO, António Cerveira. Plataformas colaborativas e redes informais. 16 de Novembro de 2010. [Consult. 20 de Novembro de 2010]. Disponível em WWW: [http://www.chroma-kai-symmetria.ws/artport\\_blog/](http://www.chroma-kai-symmetria.ws/artport_blog/)

Pop Portugal: a tradição já não é o que era. Time Out Lisboa. 29 de Abril de 2008. [Consult. 03 de Novembro de 2010]. Disponível em WWW: <URL: [http://timeout.sapo.pt/news.asp?id\\_news=1469](http://timeout.sapo.pt/news.asp?id_news=1469)

PORBASE, Base Nacional de Dados Bibliográficos. [Consult. 01 Dezembro 2009]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.porbase.org/>

PPART - Programa para a Promoção dos ofícios e das Microempresas Artesanais. [Consult. 23 Maio 2010]. Disponível em WWW: <URL: <http://ppart.gov.pt/>

Prémio Nacional de Artesanato. [Consult. 15 Setembro 2010]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.aarn.pt/noticias/detalhes.php?id=88>

Projecto “Desenhar a Tradição”. [Consult. 20 de Novembro de 2010]. Disponível em WWW: <URL: <http://pedrita.net/projects/desenhar-a-tradicao/>

Projecto “Velhas técnicas novos conceitos”. [Consult. 20 de Novembro de 2010]. Disponível em WWW: <URL: <http://vtnc.net/>>

Projecto A2. [Consult. 15 de Dezembro de 2009]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.projectoa2.com/>>

Projecto CORES. [Consult. 10 de Abril de 2010]. Disponível em WWW: <http://www.economia-solidaria.org/>

Projecto Leveza – Reanimar a Filigrana. [Consult. 20 de Novembro de 2010]. Disponível em WWW: <http://www.esad.pt/v2/filigrana/> e <http://www.esad.pt/newsletter/almadafiligrana/>

Projecto Remade. [Consult. 3 de Novembro de 2010]. Disponível em: <http://www.remadeinportugal.pt/default/noticias/listar/ano/2010>

Registo Nacional do Artesanato. [Consult. 10 Junho 2010]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.ppart.gov.pt/principal.aspx?pagina=sub\\_menu&tipo=1&cod=13](http://www.ppart.gov.pt/principal.aspx?pagina=sub_menu&tipo=1&cod=13)>

SEBRAE. Tipologias e Categorias de Artesanato. [Consult. 19 Julho 2010]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.sebrae.com.br/setor/artesanato/sobre-artesanato/tipologias-e-categorias>>

SIMÕES, Ana Cristina Fernandes – “Da identidade à globalização: o artesanato de vidro da marinha grande”. Lisboa: Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia, 1999. (Conclusão 140 – 147) [Consult. 30 de Junho de 2010]. Disponível em WWW: <URL: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/9739/1/Sim%C3%B5es,%20Ana%20Cristina%20Fernandes.pdf>>

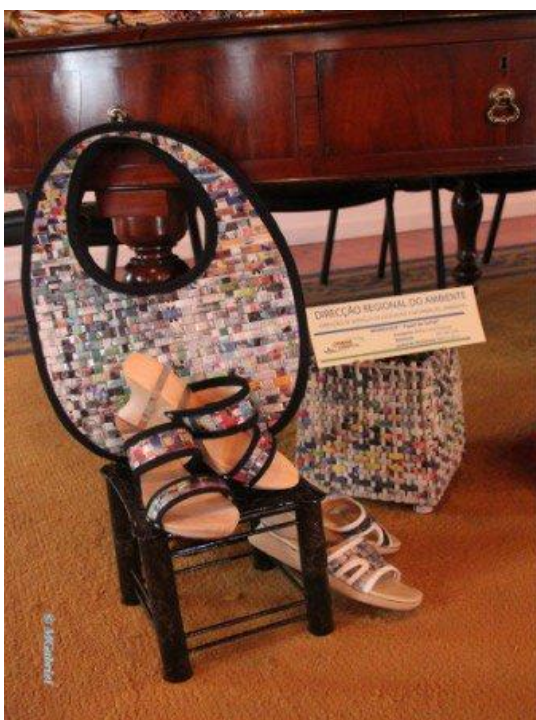
Subli+. [Consult. 20 de Novembro de 2010, às 16h51]. Disponível em WWW: <http://smaisdesign.blogspot.com/>

Vânia Kosta. [Consult. 15 de Dezembro de 2009]. Disponível em WWW: <URL:<http://vaniakosta.blogspot.com/>>

## Anexos

1	Projecto de reutilização de papel de jornal – Direcção Regional do Ambiente.....	168
2	Comunicação do IEFP, na I Convenção de Artes e Ofícios.....	169
3	Forno do IVBAM – com peças de Helena Alencastre.....	176
4	Feiras de Bordado Madeira – 2006 / 2009.....	177
5	Feira de artesanato Mercarte (06-11-10).....	181
6	Feira de artesanato Cores (2009 e 2010).....	182
7	Fotos de Feiras organizadas pelo Museu – entre 1997 e 2005.....	183
8	Capas da Revista Mãos.....	184
9	Artigo sobre Susana Ornelas na Revista Mãos.....	185
10	Fotos das peças de Susana Ornelas.....	186
11	Fotos das peças de Helena Alencastre.....	188
12	Fotos das peças de Maria da Luz Ornelas.....	189
13	Fotos de peças de Carmen Molina.....	190
14	Fotos de peças de Maria Jaime Freitas.....	191
15	Fotos de peças de Madalena Freitas.....	192
16	Fotos de peças de Orlando Noronha Góis.....	193
17	Fotos de peças de Azul Desejo – Paula e Duarte Gomes.....	194

# 1. Projecto de reutilização de papel de jornal – Direcção Regional do Ambiente



## 2. Comunicação do IEEP, na I Convenção de Artes e Ofícios



## Comunicação na I Convenção Nacional de Artes e Ofícios Porto, 27/03/2010

### “A intervenção do IEFP no domínio do apoio ao artesanato”

Fernando Gaspar, Coordenador do PPART

[em representação do Vice-Presidente do Conselho Directivo do IEFP, Dr. Alexandre Rosa]

#### 1. A integração do PPART no IEFP

- Através da Resolução de Conselho de Ministros n.º 39/2006, de 21 de Abril, o Governo aprovou as orientações gerais e especiais para a reestruturação dos ministérios, no âmbito do Programa para a Reestruturação da Administração Central do Estado (PRACE).
- Neste contexto, e no que ao Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social diz respeito, a alínea f) do n.º 21 da citada R.C.M. determinou a extinção da Comissão Nacional para a Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais, cujas atribuições transitaram, conforme estipulado na alínea xiii) da alínea c) do mesmo número 21, para o IEFP. Aliás, a mesma alínea estabelece a transição do Programa para a Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais (PPART), até então coordenado pela Comissão entretanto extinta, para a esfera de intervenção do IEFP.
- Posteriormente, a Lei Orgânica do MTSS, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 211/2006, de 27 de Outubro, refere também, e em sequência, a integração das funções da Comissão no IEFP, o que veio a ser concretizado em Abril de 2007.
- Refira-se que antes já cabia ao IEFP o apoio técnico-administrativo e financeiro ao funcionamento da Comissão e ao desenvolvimento do Programa.

#### 2. A criação da Comissão Consultiva

- Tendo em conta a pluridisciplinaridade de matérias e de atribuições relacionadas com o PPART (e sendo o Artesanato, igualmente, uma actividade pluridisciplinar e muito diversificada), o IEFP decidiu criar uma Comissão Consultiva que permita a participação dos diferentes parceiros e entidades relevantes no desenvolvimento deste Programa.
- Esta Comissão terá funções exclusivamente consultivas, tendo em vista aconselhar os órgãos do IEFP no desenvolvimento das suas competências.
- Composta um pouco à imagem da ex - Comissão Nacional para a Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais, com a representação do movimento associativo através da Federação e integrando, também, os parceiros sociais, a Comissão Consultiva terá a sua primeira reunião ainda no 1.º semestre de 2010.



### 3. Áreas específicas de intervenção do IEFP no Artesanato após a integração do PPART

#### 3.1 Implementação do Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal (DL 110/2002)

- Referência e comentário aos dados do Registo Nacional do Artesanato (RNA) à data actual (ver anexo)
- Fluxograma do processo de decisão (ver anexo)
- Importância do trabalho das associações de artesãos, ADL's, organizações de feiras e outras entidades para motivar os artesãos a apresentar o seu processo, reforçando e ampliando assim o RNA
- A participação da Federação, através de Protocolo de contratualização celebrado com o IEFP, no apoio à instrução de processos de artesãos e UPA, na emissão de pareceres técnicos e nas visitas de acompanhamento

#### 3.2 Acompanhamento da revisão / actualização do Catálogo Nacional de Qualificações

- O IEFP, através do PPART, integra o Conselho Sectorial para a Qualificação da ANQ, na área do Artesanato e Ourivesaria, cuja missão é acompanhar e dar parecer aos trabalhos de revisão e actualização do Catálogo Nacional de Qualificações neste domínio. Particularmente, o nosso contributo centra-se, sobretudo, no estabelecimento de pontes entre o Catálogo e o Estatuto do Artesão.

#### 3.3 Qualificação e Certificação de produtos artesanais tradicionais

- Aplica-se a produtos com referencial geográfico associado à origem histórica da respectiva produção ou ao centro difusor mais relevante
- O IEFP, através do PPART, emite parecer sobre as propostas de produtos a certificar, e respectivos cadernos de especificações, para que o INPI autorize o respectivo registo de Indicação Geográfica (IG)
- O IEFP, através do PPART, participa nas Comissões de Acompanhamento dos processos de certificação
- Situação actual dos vários projectos:

##### **a) Projecto com parecer positivo e que já tem o registo da IG:**

- Lenços de Namorados do Minho (ADERE MINHO)

##### **b) Projectos com parecer positivo e que aguardam o registo da IG:**

- Rendas de Bilros de Vila do Conde (Associação para a Defesa do Artesanato e Património de Vila do Conde)
- Bordado de Viana do Castelo (Município de Viana do Castelo)
- Bordado de Guimarães (A Oficina – Centro de Artes e Mesteres Tradicionais)
- Bordado a Branco de Terras de Sousa (Casa do Risco de Felgueiras)
- Figurado de Barcelos (Município de Barcelos)



- Olaria de Barcelos (Município de Barcelos)
- Olaria Negra de Bisalhães (NERVIR – Associação Empresarial de Vila Real)
- Olaria Negra de Vilar de Nantes (ADRAT – Associação de Desenvolvimento da Região do Alto Tâmega)
- Bordado de Castelo Branco (ADRACES – Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul)
- Olaria Negra de Olho Marinho (Município de V.N. de Poiares)

**c) Projectos cujos processos de certificação já iniciaram:**

- Lenços de Namorados do Minho
- Figurado de Barcelos
- Olaria de Barcelos
- Bordado de Guimarães

**d) Projecto actualmente em estudo:**

- Traje Tradicional da Nazaré (Município da Nazaré)

**3.4 Apoios à Promoção do Artesanato**

- Prémio Nacional do Artesanato (PNA), de realização bienal, temático, destinado a artesãos possuidores de carta, podendo também concorrer em parceria com designers. A última edição foi dedicada ao Têxtil, a próxima (2011) tem como tema **“As Artes da Casa”**. O PNA 2011 será lançado na FIA 2010 e divulgado via RNA, Delegações Regionais e Centros de Emprego.
- Participação na FIA – Feira Internacional de Artesanato, através da aquisição de 120 módulos destinados a artesãos nacionais possuidores de carta (apoio a divulgar através do RNA, Delegações regionais e Centros de Emprego) e, também, na produção e apresentação de uma exposição central que dá, justamente, o mote à própria Feira. Em 2010 a referida exposição e respectivo catálogo irá destacar a temática **“As Idades da Construção – Técnicas de construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea”**, seja na perspectiva do restauro e reabilitação de edificado, seja na área dos novos projectos de arquitectura.
- Apoio financeiro à realização de Feiras de Artesanato de âmbito nacional, regional e local, bem como a certames de outras actividades económicas com espaço próprio para o artesanato, com o objectivo de facilitar o escoamento dos produtos artesanais.
- Apoio à participação de artesãos em Feiras de Artesanato.

**3.5 IBERIONA – Jornadas do Artesanato Ibérico**

Realizada com periodicidade bienal desde 2001, em Barcelona, a IBERIONA constitui um importante fórum de discussão que envolve organismos públicos que intervêm no sector e organizações de artesãos e designers de Espanha e Portugal. Como pano de fundo destes encontros está sempre o debate e a procura de respostas “ibéricas” para algumas questões-



chave que se colocam de igual forma aos artesãos de ambos os países, e também a qualificação das actividades artesanais, designadamente pela sua ligação ao design e à arquitectura.

Refira-se que nas anteriores edições, em Barcelona, o IEFP apoiou financeiramente a realização de exposições integradas no Programa da IBERIONA, que contribuíram para a promoção das artes e ofícios portuguesas (Projecto “Leveza - Reanimar a Filigrana” – ESAD; Projecto “Velhos Saberes, Novas Tendências” – AARN; “Cerâmica Negra de Molelos” – CRAT e “Paradigmas - Ourivesaria e Joalheria” – FPAO)

2011 será o ano do início da itinerância deste evento, começando justamente por Portugal. E o IEFP, através do PPART e em parceria com os restantes membros portugueses do Conselho Científico destas Jornadas (Federação, CRAT e CEARTE), apoiará e participará activamente na sua realização.

### 3.6 Projecto EUROARTE – Rede de Intercâmbios Europeus no Domínio do Artesanato

O IEFP é a entidade portuguesa parceira deste projecto, financiado pelo Programa Europeu Cultura, que é liderado pela Fundación Española para la Innovación de la Artesanía, envolvendo também a SEMA - Societé d'Encouragement aux Métiers d'Art, de França, cujo objectivo central é a troca de experiências de boas práticas e a congregação dos esforços que cada entidade pública na Europa realiza para o benefício do sector artesanal.

Como acções principais, a desenvolver em 2010 e 2011, destacam-se as seguintes:

- Criação de uma base de dados das Instituições Europeias ligadas ao sector ;
- Realização de um Congresso Internacional para o lançamento da rede das instituições europeias, com o tema: « Artesanato, Inovação e Sustentabilidade das Actividades Artesanais : o papel da Administração Pública na Promoção do Sector »;
- Realização de uma exposição itinerante dos Prémios Nacionais de Artesanato dos 3 países (Espanha, França e Portugal), em 3 cidades europeias ;

### 3.7 Co-edição da revista “Mãos”

O IEFP, através do PPART, é co-editor da revista “Mãos” estando representado no conselho editorial daquela publicação, no âmbito da parceria estabelecida com o Centro Regional de Artes Tradicionais (CRAT), o Centro de Formação Profissional do Artesanato (CEARTE), o Centro Regional de Apoio ao Artesanato dos Açores (CRAA) e a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDRC).

Porto, 27 de Março de 2010



## Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal

Registo Nacional do Artesanato (RNA) a 26/03/2010

UPAs Reconhecidas	1686
Artesãos Reconhecidos	1874

## Artesãos deferidos por região e por sexo

Região	Sexo		Total
	M	F	
Norte	213	210	423
Centro	157	214	371
Lisboa	156	277	433
Alentejo	66	82	148
Algarve	39	58	97
Madeira	9	9	18
Açores	117	267	384
	<b>757</b>	<b>1117</b>	<b>1874</b>

## Nº de UPAs reconhecidas por região

Região	Total	%	Trab	T/Upa
Norte	361	21%	474	1,31
Centro	325	19%	439	1,35
LVT	417	25%	475	1,14
Alentejo	138	8%	195	1,41
Algarve	96	6%	100	1,04
Madeira	16	1%	18	1,13
Açores	334	20%	N/D	N/D
	<b>1687</b>	<b>100%</b>	<b>1701</b>	<b>1,01</b>

## Forma Jurídica das UPAs

Empresários em Nome Individual (ENI)	93%
Sociedades por quotas	4%
Sociedades Unipessoais	2%
Cooperativas	1%

Grupo 01 - Artes e Ofícios Têxteis	379
Grupo 02 - Artes e Ofícios da Cerâmica	332
Grupo 03 - Artes e Ofícios de Trabalhar Elementos Vegetais	71
Grupo 04 - Artes e Ofícios de Trabalhar Peles e Couros	82
Grupo 05 - Artes e Ofícios de Trabalhar a Madeira e a Cortiça	171
Grupo 06 - Artes e Ofícios de Trabalhar o Metal	104
Grupo 07 - Artes e Ofícios de Trabalhar a Pedra	39
Grupo 08 - Artes e Ofícios ligados ao Papel e Artes Gráficas	20
Grupo 09 - Artes e Ofícios ligados à Construção Tradicional	3
Grupo 10 - Restauro de Património, Móvel e Integrado	0
Grupo 11 - Restauro de Bens Comuns	33
Grupo 12 - Produção e Confeção Artesanal de Bens Alimentares	17
Grupo 13 - Outras Artes e Ofícios	385

**Actividades mais representativas (excepto Açores)**

**Ocorrências**

01.14 - Confeção de Bordados	124
02.06 - Pintura Cerâmica	124
02.01 - Cerâmica	100
01.02 - Tecelagem	98
13.36 - Fabrico de Bijuteria	98
01.09 - Confeção de Artigos Têxteis para o Lar	76
05.16 - Fabrico de Utensílios e outros objectos em Madeira	75
13.18 - Fabrico de Miniaturas	73
02.03 - Cerâmica Figurativa	69
01.13 - Confeção de Artigos de Renda	66
01.07 - Fabrico de Acessórios de Vestuário	63
04.02 - Arte de Trabalhar Couro	61

### 3. Forno do IVBAM – com peças de Helena Alencastre



#### 4. Feiras de Bordado Madeira – 2006 / 1009

Informações cedidas pelo IVBAM

2006	ACÇÃO	DESCRIÇÃO
<b>Projecto Valorização do Artesanato Regional</b>	<b>Feiras Regionais e Nacionais</b>	Apoio para deslocação empresa Bordado Madeira à Feira Ceranor, no Porto
	<b>Feiras e Eventos Internacionais</b>	Apoio a estilista com coordenados Bordado Madeira para desfile em Berlim
		Envio de peças Bordado para Exposição de Bordado Madeira no Museu de Perigueux em França
<b>Show Room NY</b>	<b>Show Room NY</b>	Exposição Permanente no Show Room de New York com Bordado Madeira de 5 empresas, durante 1 ano.
<b>Proj. Internacionalização</b>	<b>Feiras</b>	Participação na Feira New York Home Textiles Show. Deslocação IVBAM mais 5 empresas de Bordado Madeira.
		Visita Prospecção Feira Intergift Madrid.Deslocação IVBAM mais 5 empresas de Bordado Madeira.

2007	ACÇÃO	DESCRIÇÃO
<b>Projecto Valorização do Artesanato Regional</b>	<b>Feiras Regionais e Nacionais</b>	Participação na Expo Madeira com exposição de peças de Bordado Madeira
		Participação na Expo Porto Santo - Nautitur, com exposição de peças de Bordado Madeira
		Participação na Feira Agro Pecuaria Porto Moniz, com exposição de peças de Bordado Madeira
		Apoio para deslocação de uma empresa Bordado Madeira à Feira Ceranor, no Porto.
	<b>Feiras e Eventos Internacionais</b>	Visita prospecção Feira Maison et objet em Paris no mês de Janeiro. Deslocação IVBAM.
		Participação na Maison et Objet em Paris no mês de Setembro. Deslocação IVBAM e 3 empresas de Bordado Madeira.
		Participação na Feira Abitare il Tempo em Verona. Deslocação IVBAM e 3 empresas Bordado Madeira.
		Exposição de Bordado Madeira no Harrods em Londres, durante 1 semana do mês de Outubro com Bordado de 8 empresas. Deslocação IVBAM e 1 Bordadeira.
<b>Projecto Show Room</b>	<b>Feiras Internacionais e presença em NY</b>	Participação em Market Textile – Showroom NY Inverno. Deslocação IVBAM
		Feira Global Textile Show – Orlando Flórida. Deslocação IVBAM.
		Participação em Market Textile - Verão. Deslocação IVBAM
	<b>Show Room NY</b>	Exposição Permanente no Show Room de New York. Durante 1 ano.

2007 (Cont.)	ACÇÃO	DESCRIÇÃO
<b>Projecto Internacionalização do Bordado madeira</b>	<b>Feiras e Eventos Internacionais</b>	Participação na Feira New York Home Textiles Show, edição de Janeiro. Deslocação IVBAM mais 3 empresas de Bordado Madeira e 1 bordadeira.
		Participação na Feira New York Home Textiles Show, edição de Agosto. Deslocação IVBAM mais 3 empresas de Bordado Madeira e 1 bordadeira
		Missão Empresarial+Exposição Bordado Madeira na Casa Museu Manzoni em Milão. Deslocação IVBAM mais 5 empresas de Bordado Madeira e 1 bordadeira. Esta acção teve como objectivos revitalizar o mercado italiano que, durante muitos anos, ocupou a posição cimeira enquanto destino das exportações de Bordados da Madeira e, igualmente, atrair novos clientes nos segmentos de alta gama e luxo. Constatou-se de uma exposição de produtos de quatro empresas num Museu de prestígio, seguida de uma visita a lojas de decoração de alta gama. A exposição foi visitada por 340 pessoas, em apenas um dia, o que se considera um muito bom retorno da divulgação efectuada. Entre os visitantes, que declararam a sua actividade, contaram-se 52% lojas do sector noiva e 26 % de bordados e decoração. A mostra foi ainda visitada por 21 jornalistas. Parece-nos que esta acção foi do maior interesse pois o sucesso da exposição evidencia que a Itália continua a ter apetência para o produto.
		Missão Empresarial+Exposição Bordado Madeira na Embaixada de Portugal em Paris. Deslocação IVBAM mais 5 empresas de Bordado Madeira e 1 bordadeira. Esta acção incluiu uma exposição de Bordados da Madeira, com quatro empresas e um estilista madeirense, na Embaixada de Portugal em Paris e uma visita a lojas de decoração, “retail tour”, de topo de gama. A exposição para além da presença de jornalistas, contou com a visita de cerca de 150 convidados, muito bem posicionados no mercado. Além dos muitos contactos obtidos, dos quais já resultaram negócios para as empresas expositoras, o IVBAM, através da visita de representantes da organização da feira “Maison & Objet” à exposição, conseguiu a sua participação na citada feira no mês de Setembro, após duas anteriores tentativas infrutíferas, por falta de espaço.
		Participação na Feira Pulse/Londres. Deslocação IVBAM mais 3 empresas de Bordado Madeira e 1 bordadeira.

2008	ACÇÃO	DESCRIÇÃO
<b>Projecto Valorização do Artesanto Regional</b>	<b>Feiras Regionais</b>	Participação na Expo Madeira com exposição de peças de Bordado Madeira
		Participação na Expo Porto Santo - Nautitur, com exposição de peças de Bordado Madeira
		Participação na Feira Agro Pecuaria Porto Moniz, com exposição de peças de Bordado Madeira
	<b>Feiras Internacionais</b>	Participação na Feira Maison et Objet em Paris, edição de Janeiro. Deslocação IVBAM mais 1 empresas de Bordado Madeira.
		Participação na Feira Maison et Objet em Paris, edição de Setembro. Deslocação IVBAM mais 1 empresas de Bordado Madeira.
		Participação na Feira New York Home Textiles Show, edição de Janeiro. Deslocação IVBAM mais 3 empresas de Bordado Madeira e 1 Bordadeira.
		Participação na Feira New York Home Textiles Show, edição de Agosto. Deslocação IVBAM mais 3 empresas de Bordado Madeira.
		Participação na 1ªMostra da Macaronesia em Tenerife - exposição de Bordado Madeira de 2 empresas. Deslocação IVBAM.
		Visita Prospecção Feira Immagine Florença. Deslocação IVBAM.
		Visita Prospecção Feira Heimtextil Frankfurt. Deslocação IVBAM.
		Participação na Feira Index Dubai. Deslocação IVBAM e 2 empresas Bordado Madeira.

2009	ACÇÃO	DESCRIÇÃO
<b>Projecto INTERVIR+</b>	<b>Feiras Regionais e Nacionais</b>	Participação na Expo Madeira com exposição de peças de Bordado Madeira
		Participação na Expo Porto Santo - Nautitur, com exposição de peças de Bordado Madeira
		Participação na Feira Agro Pecuária Porto Moniz, com exposição de peças de Bordado Madeira
		Participação na Feira Immagine/Italia. Deslocação IVBAM e 1 empresa Bordado Madeira.
		Participação na Feira Ceranor - Porto. Deslocação IVBAM e 1 empresa Bordado Madeira
	<b>Feiras Internacionais e Exposições Internacionais</b>	Participação na Feira Immagine/Italia. Deslocação IVBAM e 3 empresas Bordado Madeira.
		Participação na Feira New York Gift Show, edição Agosto. Deslocação IVBAM e 3 empresas Bordado Madeira.
		Exposição Bordado Madeira em Zurique. Deslocação IVBAM e 2 empresas Bordado Madeira. No dia 25 de Junho realizou-se uma exposição de Bordado Madeira em Zurique, que teve lugar num edifício histórico – Zunfthaus zur Waag, situado na praça da Catedral, no coração da cidade de Zurique. Onde os convidados puderam conhecer e apreciar todo o requinte do Bordado Madeira que esteve exposto num dos salões do edifício. Com esta acção promocional pretendeu-se aproximar os empresários do mercado suíço, permitindo constatar as tendências do mesmo, atraindo novos clientes que se situem num segmento de luxo e consequentemente revitalizar as exportações de Bordado Madeira para este mercado.
		Exposição Bordado Madeira no Vaticano. Deslocação IVBAM e 3 empresas Bordado Madeira. No dia 22 de Junho, realizou-se, nos salões da Embaixada de Portugal junto da Santa Sé, uma exposição e Bordado Madeira, onde os convidados puderam visitar e conhecer melhor o Bordado Madeira, as suas potencialidades, design e qualidade, associado a um ambiente de grande requinte e distinção. Nesta acção específica, a exposição teve a particularidade de incluir uma mostra de Bordado Madeira com motivos eclesiásticos. Com esta acção promocional pretendeu-se aproximar os empresários do mercado italiano permitindo constatar as tendências do mesmo, atraindo novos clientes que se situem num segmento de luxo e consequentemente revitalizar as exportações de Bordado Madeira para este mercado.
		Exposição de Bordado Madeira num Centro Comercial em Tallin com Bordado de 6 empresas. Deslocação IVBAM e 1 Bordadeira.

5. Feira de artesanato Mercarte (06-11-10)



6. Feira de artesanato Cores (2009 e 2010)



7. Fotos de Feiras organizadas pelo Museu – entre 1997 e 2005



Ilustração 40: Feira de artesanato na Ribeira Brava – 1999



Ilustração 41: Feira de artesanato na Ribeira Brava - D. Salomé a vender as suas bonecas de massa - 1999



Ilustração 42: Feira de artesanato no Porto Santo - 2003

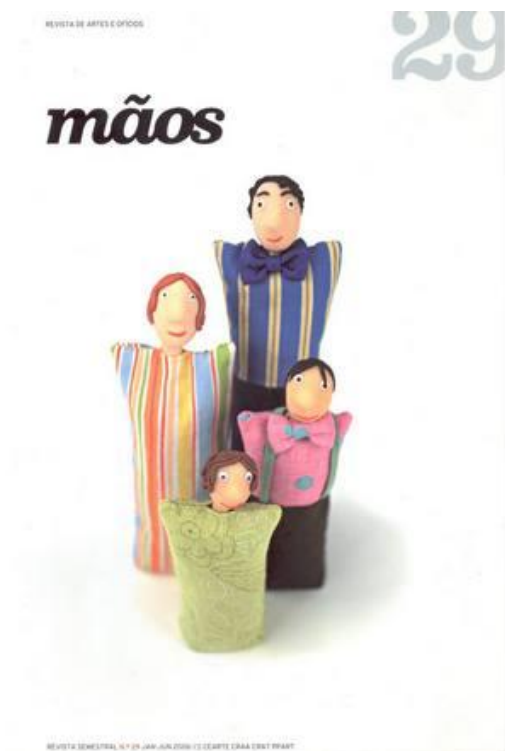
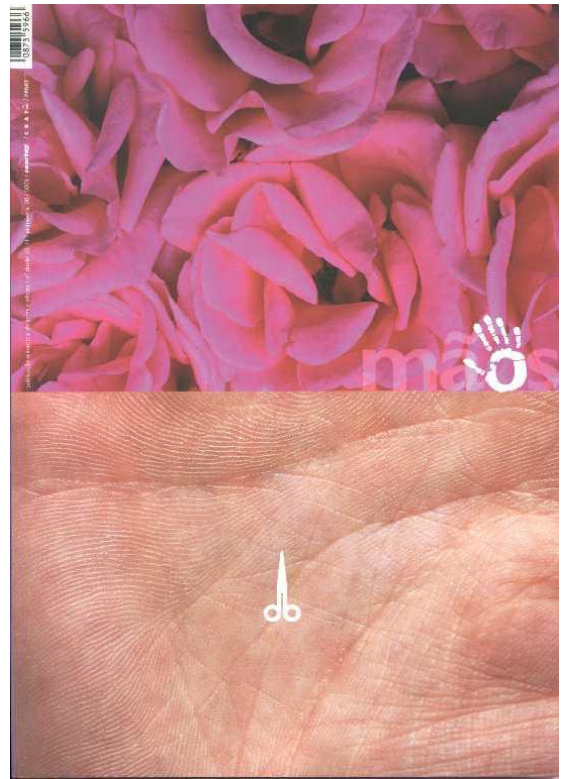
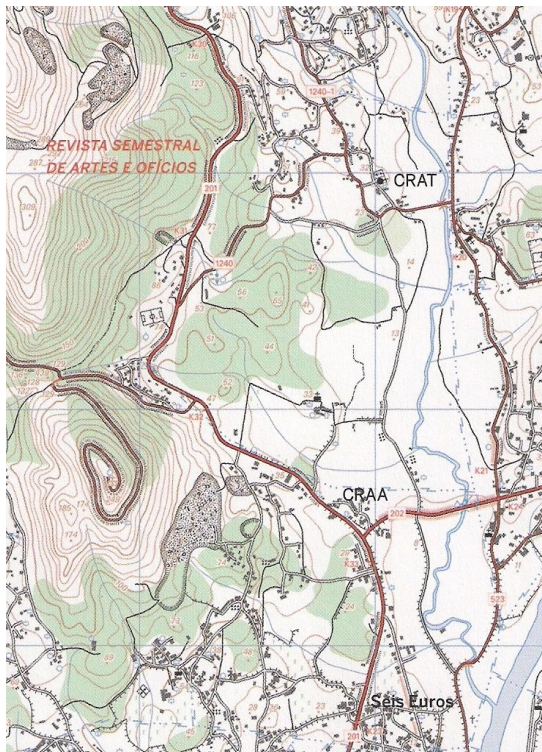


Ilustração 43: Feira de artesanato na Ponta do Sol - 1998

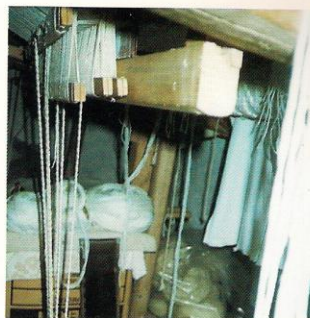
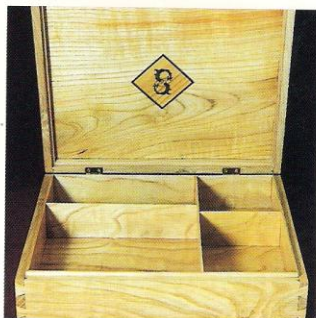


Ilustração 44: Feira de artesanato na Ponta do Sol. O Sr. João Andrade com as suas construções de fósforos - 1998

## 8. Capas da Revista Mãos



## 9. Artigo sobre Susana Ornelas na Revista Mãos



		19
<b>nome</b>	Susana Fernanda Silva Ornelas	Inês Carvalho Ferreira Fonseca
<b>idade</b>	23 anos	62 anos
<b>profissão</b>	Embutidora	artesã
<b>produção</b>	Objectos de madeira com embutidos	tapeçarias
<b>local de trabalho</b>	Caminho da Calçada, 13 Câmara de Lobos - Madeira	Almalaguês, Coimbra.
<b>onde vende os seus trabalhos</b>	Curso de Formação Profissional - Formas para Integrar - Módulo de Embutidos	Casa e algumas exposições em que participa.
<b>formação na arte</b>	no local de trabalho	É um saber que já vem da família.
<b>participação em estruturas associativas</b>	não participa	nunca esteve integrada em nenhuma estrutura.
<b>participação em feiras e concursos</b>	1º Prémio Nacional de Artesanato Tradicional (IEFP, 1999)	Feiras de Vila do Conde, Vila Franca de Xira, Estremoz e Abrantes. Mostras de artesanato na França e no Brasil.
<b>anseios / o que faz mais falta</b>	matérias primas	teme que a sua actividade esteja prestes a acabar por falta de continuadores e de jovens dispostos a obterem formação na área.

## 10. Fotos das peças de Susana Ornelas



Ilustração 45: Elefantes brancos - Susana Ornelas

Peça em barro branco, aplicado sob pedra de basalto. 2008.

Segundo a ceramista, a ideia é devolver ou dar ao seu comprador a sorte já que o elefante branco e os trevos estão associados a este tipo de crença. Para além de constituir uma crença, também pode ser considerado marketing inteligente em tempos de crise e austeridade.



Ilustração 46: Espelho de mão - Susana Ornelas



Ilustração 47: Pregadeiras "Coração de filigrana" - Susana Ornelas

Pregadeiras em madeira de til, azevinho e amoreira branca.

O seu design foi inspirado no formato do tradicional coração de filigrana da ourivesaria tradicional portuguesa, seguindo uma linha muito simples e estilizada. Estas peças acabam também por nos sugerir a forma de uma lágrima reluzente e enfeitada. (Material: madeira de til e azevinho e amoreira branca, Ano: 2009)



Ilustração 48: Candeeiros de mesa - Susana Ornelas



Ilustração 49: Caixas “Eu bordei” - Susana Ornelas

Pequenas caixas em madeira decoradas com motivos florais inspirados no desenho do tradicional bordado-madeira e nestas peças destacam-se o ponto redondo do "garanito", o ponto de "folhas fechadas" e o ondulado das bainhas a ponto de "caseado"

A técnica é “embutidos”, as madeiras utilizadas foram: til, amarelo cetim e cedro.



Ilustração 50: Queimadores de incenso - Susana Ornelas

São peças em cerâmica aplicadas sob uma base de madeira de mogno; a decoração ilustra as personagens do tradicional folclore da Ilha da madeira (o Bailinho da Madeira, "vilões e vilos"). Uma pequena aplicação ilustra a estética mais comum do desenho do bordado madeira e as flores da Madeira também não podiam deixar de estar presentes.

11. Fotos das peças de Helena Alencastre



Ilustração 51: A cor do amor



Ilustração 53: Gnome



Ilustração 52: O Beijo



Ilustração 54: Escadinha

12. Fotos das peças de Maria da Luz Ornelas



Ilustração 55: Antinomias 5

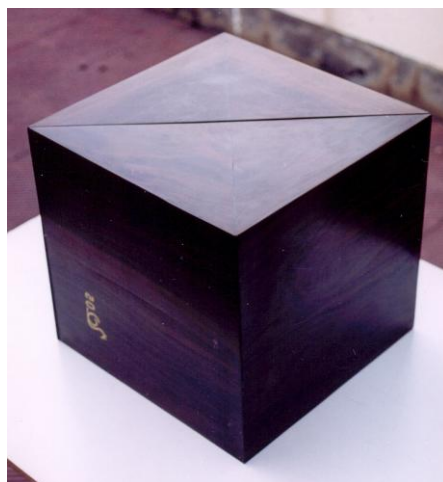


Ilustração 57: Antinomias 7 - Luz Ornelas



Ilustração 56: Rosácea - Luz Ornelas

### 13. Fotos de peças de Carmen Molina



Ilustração 58: *Bonecas* 2009 - Carmen Molina



Ilustração 59: *Troféu Sapatinho* 2008 - Carmen Molina  
Este troféu foi executado para ser entregue na Festa da Flor, sendo que a base em pedra não foi concretizada por esta artesã.

O material utilizado na realização das peças é maioritariamente barro vermelho e barro branco.



Ilustração 60: *Menino* 2010 – Carmen Molina



Ilustração 61: *Escadinha* 2009 - Carmen Molina

14. Fotos de peças de Maria Jaime Freitas



Ilustração 62: Caixa de presépio 1



Ilustração 65: Presépio na noz



Ilustração 63: Caixa de presépio 2



Ilustração 66: Presépio no coco



Ilustração 64: Menino Jesus na Lapa



Ilustração 67: Presépio pintado no frasco

15. Fotos de peças de Madalena Freitas



Ilustração 68: Mobile



Ilustração 71: Dezena



Ilustração 69: Escultura 2



Ilustração 72: Porta-chaves



Ilustração 70: Santo António



Ilustração 73: Presépio em cana-vieira - Madalena Freitas

16. Fotos de peças de Orlando  
Noronha Góis

Presépios em palha de bananeira



Esculturas em pedra



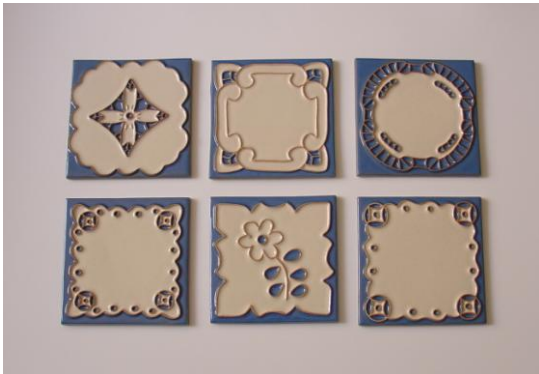


Ilustração 74: Azulejos com aresta 2



Ilustração 75: saboneteiras



Ilustração 76: Hispano-árabe 1



Ilustração 77: Espelho com barra – bordado



Ilustração 78: Casa da Sidra

